

OS GUARDIAES DA PEDRA DO DESTINO

HIGHLAND STEEL



TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO "NEW YORK TIMES"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HIGHLAND STEEL

OS GUARDIÃES DA PEDRA DO DESTINO



TANYA ANNE CROSBY

TÂNIA NEZIO



Highland Steel

Direitos Autorais

Dedicação

Elogios para Highland Steel

Epígrafe

Prefácio

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Dicionário Gaélico](#)

[Sobre a Autora](#)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser usada ou reproduzida ou transmitida de qualquer maneira, por via eletrônica, por via impressa, ou de qualquer outra forma, sem a permissão prévia e por escrito de Oliver-Heber Books e de Tanya Anne Crosby, exceto no caso de breves citações, comentários e críticas.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

“Highland Steel - Os Guardiões da Pedra do Destino”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2016 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

Traduzido por Tânia Nezio

 Created with **Vellum**

Para a minha filha, Alaina... meu anjo.

Como Lael, que você possa "arrebentar" e conquistar o mundo.

ELOGIOS PARA HIGHLAND STEEL

"Os personagens de Crosby mantêm os leitores envolvidos..."

— PUBLISHERS WEEKLY

"Tanya Anne Crosby nos mostra uma época boa e realiza isso com humor, com uma estória gostosa e a quantidade certa de romance."

— THE OAKLAND PRESS

"Um romance cheio de encanto, paixão e intriga..."

— AFFAIRE DE COEUR

"Ms. Crosby mistura a quantidade certa de humor e amor...
Fantástico, tentador!"

— RENDEZVOUS

"Tanya Anne Crosby escreveu um conto que tocará sua alma
e viverá para sempre em seu coração."

— SHERRILYN KENYON #1 NYT - AUTOR DE BEST-SELLERS

Com certeza não é um grande segredo para qualquer um dos meus fãs que eu sou fã das séries *Outlander* e *Game of Thrones*. Com o maior respeito por estes autores icônicos, você vai encontrar sinais sutis ao longo dos meus livros, mas eu queria o meu próprio Jaime. Jaime Lannister é provavelmente o maior responsável por isso. No início, pensei que ele era o mais vil dos personagens, sem qualquer chance de redenção. E então ele partiu em direção a sua estrada para a redenção. Eu sinto o mesmo sobre ele, como eu sinto o mesmo pelo Drácula de Bram Stoker. Eles são os derradeiros anti-heróis, completamente desprezíveis e mesmo assim... talvez o amor possa salvá-los no final?

Em contraste, Jamie Fraser é o herói ideal — de certa forma inocente, mas incrivelmente sexy e rude. Ele é um *homem* a procura do coração de uma mulher, certo? Mas eu me perguntei, "quem seria Jaime entre estes dois magistras personagens?" Não tão vil como um Lannister, mas dificilmente inocente também. Provavelmente não tão virtuoso quanto Jaime Fraser e talvez um pouco incompreendido. Tal como acontece com todas as histórias e personagens, tudo começa com um simples "e se?" E foi assim que nasceu Jaime Steorling. E sim, se você se lembrar do sobrenome do meu primeiro

livro, seu pai, Michel, apareceu em *Angel of Fire*. Ao que parece, meu Jaime não é nenhum Lannister, e ele nem espera ser um Jamie Fraser. Mas eu espero que você goste dele da mesma maneira.

PREFÁCIO

DUBHTOLARGG, VERÃO, 1125

"*Patriona se foi!*"

Essas foram as palavras mais difíceis que Lael já tinha ouvido ao acordar.

"O que é que você quer dizer com se foi?"

"*Foi embora,*" o irmão dela repetiu com uma calma mortal.

Lael pulou da cama, tirando as cobertas, e o véu do sono desapareceu completamente.

"*Ela foi levada*" ele esclareceu, para que ela o entendesse, e então ela aproveitou e pegou uma de suas lâminas recentemente afiadas que estava pendurada na parede, e deslizou o aço brilhante para a bainha do seu cinto. Ela pegou outra de suas facas, empurrando-a para a bota dele, preparando-se para a guerra. Foi assim que ela cumprimentou a manhã, com a notícia de que sua amada irmã tinha sido roubada pelo rei da Escócia.

Amante de Sassenachs ⁽¹⁾.

Ela foi correndo atrás de Aidan enquanto ele juntava alguns equipamentos e mantimentos. "Como? "Por quê? Ela exigiu saber, ao

mesmo tempo, juntando algum equipamento para ela mesma. Ela certamente pretendia ir a procura de Catriona, juntamente com Aidan. A comitiva de David não podia estar muito longe. No pior caso, talvez eles estivessem com meio dia de vantagem. As habilidades de Lael como rastreadora seriam úteis para eles; ela era a melhor de seu clã.

Além disso, não havia motivo suficiente para ela ficar. Apesar de ela ser o segundo filho mais velho de seus irmãos, ela não era uma mãe para eles como Cat era. Ela também não tinha o espírito exultante de Cailin, nem a doçura inata de Sorcha. Suas irmãs — todas as três — tinham nascido com virtudes muito maiores do que ela. Desde o dia que Lael respirou pela primeira vez, ela sabia que era diferente dos seus irmãos e ela achou o propósito de sua vida no dia em que seu pai morreu.

Ela era uma guerreira até o último dos seus ossos.

"Eu ainda não sei, mas pretendo descobrir," o irmão prometeu.

"Eu vou com você!" Lael anunciou.

"Não."

"Sim, Aidan, eu vou! Você não pode me obrigar a ficar. Cat é minha irmã também. Posso lutar tão bem quanto você!"

O irmão dela, seu laird ⁽²⁾, virou-se para perfurá-la com um olhar que ela conhecia muito bem. "Preciso que você permaneça *aqui*, Lael."

"Não!" Lael se recusou. "Você precisa de mim."

Seu maior medo era que Aidan tivesse necessidade dela e ela não estaria lá para defendê-lo. E não, não aliviava sua mente *de maneira alguma* que cada homem que estivesse na companhia de Aidan pudesse dar sua vida por ele, como ela daria. "Eu sou *muito* melhor com a minha espada do que qualquer homem que você levar e eu consigo atirar melhor do que você."

Seu rosto estava marcado por linhas sinistras, e ele permaneceu em silêncio, agora recolhendo alimentos da despensa — o suficiente para durar dias.

Sorcha, sua irmã mais nova, veio furtiva pelo corredor, esfregando os olhos vermelhos de sono. "Desculpe-me, Aidan," ela choramingou. "Eu não os ouvi."

Tanto Cailin quanto Keane chegaram sonolentos. "Não se preocupe querida" Cailin falou, apressando-se para o lado de Sorcha. "Não é sua culpa." Cailin bateu no ombro do Sorcha. "Aidan vai encontrá-la, você não se preocupe."

Lael mordida seu lábio inferior, considerando as opções. Aidan não ia esperar o tempo suficiente para ela se vestir, ela sabia. Mas ela estava determinada a ir, mesmo que ela tivesse que se trocar para cavalgar com ele — mesmo que ela tivesse que colocar o único traje feminino que ela já tinha possuído. Ela iria se sentir vulnerável e exposta, mas ela não se importava.

"Há quanto tempo você acha que eles foram embora?" Keane perguntou. Ele parecia um homem naquele instante, mais do que o Lael jamais poderia se recordar. E ainda assim ele e Cailin eram demasiado jovens para ser de qualquer utilidade para Aidan. Só Lael poderia ajudá-lo com sua habilidade e experiência — e ao contrário de Keane, ela não estava destinada a liderar o clã, se alguma coisa acontecesse com seu irmão mais velho. Não, *ela* era a pessoa certa para se juntar a seu irmão nessa missão. Se ela pudesse ir de volta para o quarto o tempo suficiente para mudar de roupa, ela poderia cavalgar atrás dele e rapidamente alcançá-lo.

Preocupado, seu maxilar e seus ombros estavam tensos, Aidan apertou o saco de mantimentos em sua mão e caminhou em direção a mesa onde seu *targe* estava colocado. Lael percebeu que ele se culpava. Após a morte de seu pai, o irmão tinha jurado não deixar

nenhum estranho dormir debaixo do seu telhado. Mas David mac Maíl Chaluim tinha chegado no dia anterior, alegando que ele e seus homens tinham sido atacados por bandidos perto de Dubhtolargg. Ele disse que estava quase sem suprimentos. Ele apenas procurava a ajuda de *amigos*. E então, como um ladrão, ele entrou no quarto de Cat e a seqüestrou.

Sorcha chorava inconsolável agora. "David é um homem horrível!" ela gritou. "Por que o deixamos ficar aqui, Aidan? Por quê?"

Nunca mais, Lael jurou.

Nunca mais ela iria confiar em alguém, se eles se autodenominassem amigos ou não. Quanto ao *Rei David*, ele não era rei dela e ela jurou arrancar seu coração ignóbil quando um dia o enfrentasse. "*Estou indo*," ela disse e seguiu Aidan quando ele se virou em direção à porta.

Ela viu ao olhar seu passo que ele era tinha fortes convicções, e estava pronto para soltar sua fúria em cima dela, mas ela insistiu. Pela primeira vez em sua vida, ela não ia ficar sentada sem fazer nada enquanto seu irmão colocava-se em perigo novamente. Ele não poderia sempre afastá-la do perigo. No dia em que o pai dela morreu, ela ainda era muito jovem para ajudar, mas agora ela não era mais uma criança, e era mais do que qualificada para proteger seu irmão. Determinada, ela seguiu Aidan para o cais. "Quem mais vai com você?"

"Lachlann, Fergus, o filho dele — eu não sei quem mais. Lachlann está reunindo os homens agora." Sua voz estava baixa e triste. Ela conhecia o irmão bem o suficiente para saber que sua calma não era verdadeira. Quando ele finalmente apanhasse David, o rei da Escócia podia acabar sem cabeça. Entretanto, Aidan *precisava* dela e Lael precisava ajudá-lo.

Escolha as palavras cuidadosamente Lael.

Quem perde a cabeça, perde tudo, a voz do pai dela soou como uma sombra em seus ouvidos, um eco vindo do passado.

Seu irmão podia não estar furioso, mas estava cego de raiva. Ela *precisava* ir para tomar conta dele. Ela *devia ir*. Aidan era tudo o que tinha sobrado. Se ele morresse, quem iria protegê-los? Quem iria proteger a pedra? Quem iria proteger o vale? Keane ainda era uma criança, não importava se ele podia parecer adulto.

"Aidan!" Lael gritou pelas suas costas, se sentindo tão inútil quanto o dia em que ela nasceu.

Ele se virou para enfrentá-la nas docas, finalmente perdendo a paciência — na frente de Lachlann, que esperava agora na praia com cavalos prontos para serem montados. "Eu disse não!" ele gritou furiosamente. "Preciso de você aqui, Lael."

O rosto de Lael se inflamou, aparentando desgosto, porque seu irmão nunca tinha gritado com ela desta forma. Ela congelou, e viu ele se virar novamente e ir embora, deixando-a muda de raiva.

Naquele instante ela jurou matar David mac Maíl Chaluim. Se somente ódio pudesse tirar a vida de um homem, ele já estaria morto milhares de vezes.

Ela viu seu irmão chegar ao fim do cais e montar na sua égua. O sol da manhã brilhava contra seu *targe* quando ele o colocou nas suas costas, e nesse instante, Lael jurou duas coisas: Nunca mais ela iria deixar de seguir seu coração... e em segundo lugar, se de alguma forma David mac Maíl Chaluim conseguisse sobreviver a ira do seu irmão, ela o mataria com suas próprias mãos.

(1) *Sassenach* - termo (escocês) ofensivo de referência a uma pessoa inglesa

(2) *Laird* - proprietário de terras na Escócia

CAPÍTULO 1



DUBHTOLARGG, FINAL DO VERÃO DE 1126

"Vou me juntar à luta por Keppenach."

O som da melodia do alaúde parou de repente.

A longa mesa ainda tinha que ser limpa, e neste momento ninguém se atrevia a fazer isso. As canecas se congelaram em pleno ar, enquanto a gordura amarela das velas em seus castiçais tremulava no silêncio que se seguiu após a declaração de Lael.

Rostos intrigados se indagavam através da mesa, e o rosto que parecia ter menos entendido a declaração pertencia a seu irmão. As características orgulhosas de Aidan estavam definidas em seu rosto de linhas graves e pelas tranças apertadas em sua testa. Ele podia não estar se sentindo ameaçado por estes convidados em particular, mesmo assim ele não tinha vindo para o jantar sem sua espada na cintura — um fato que não passava despercebido. A prata do cabo cintilava acima do topo da mesa, pois tinha sido polida até brilhar, como uma amante que tinha sido muito bem acariciada. Os nós dos seus dedos ficaram brancos por causa da força com que ele segurou a caneca de *uisge* em sua mão. Ele estava furioso, e ela percebeu...

mas ela também sabia que seu irmão não insultaria seus convidados com uma demonstração do seu temperamento, ou assustaria sua pequenina criança, que dormia pacificamente nos braços de Lìli.

A amada esposa de Aidan olhou para o rosto da filha e, em seguida, virou-se para se despedir de seu filho que saía em direção do corredor. Sorcha de quatorze anos de idade, amadurecendo a cada dia, sentiu que uma briga estava a caminho e se apressou para pegar Kellen pela mão, e sair com ele pelo corredor. Enquanto eles saíam, Lìli deu um olhar preocupado para Lael, mas então compreendeu intuitivamente que a presença dela na mesa não estava ajudando em nada, então se levantou e deu boa noite para os hóspedes. Foi uma surpresa para Lael ver que apesar do fato de Keppenach fazer parte do patrimônio do filho dela por lei, ela não iria fazer nenhum tipo de protesto sobre o assunto.

"Como sempre," Lìli tranquilizou os homens do clã MacKinnon, "vocês são sempre bem-vindos em nossa casa. Mas, por favor, perdoe-me se eu me despeço, mas tenho que colocar essa pequenina na cama antes de ela acordar e começar a chorar." Ela olhou para Aidan, um olhar de súplica em seus olhos violeta e voltou-se para Broc Ceannfhionn — Broc o Loiro como ele era normalmente chamado, e continuava a ser, mesmo agora que ele pretendia voltar a restabelecer o nome dos MacEanraig. Lìli sorriu cansada. "Ela tem um temperamento não muito diferente do seu pai," ela disse, como um aviso, mas não para Lael. Lael sabia melhor do que ninguém, melhor até do que Lìli, na verdade.

Lael ficou aliviada de vê-las sair. Apesar da nova esposa de Aidan ter que dar uma decisão final no que estava prestes a ser conversado aqui hoje à noite, o sono da criança iria mantê-la fora das discussões, e agora que Lael tinha se decidido, os convidados deveriam apenas partir, não importando o que seu irmão decretasse.

Lael era uma mulher adulta, capaz de tomar suas próprias decisões.

Ela não era mais uma criança para ser comandada.

Broc, o último *Highlander* ⁽³⁾ do clã MacEanraig, apresentou seu caso muito bem e Lael queria apoiar sua causa. Ela entendia muito bem o que significava ser a última esperança restante de um povo. Ele possuía a espada *Righ Art*, a espada do Rei e Chefe dos Chefes, a espada sagrada que tinha ficado perdida por séculos no meio dos *Sìol Ailpín* ⁽⁴⁾, o fraturado clã de *Highlanders*, uma vez que todos afirmavam vir da linhagem do primeiro Ailpín. A espada estava perdida, mas agora tinha sido encontrada... e aqui estava ela em cima da mesa. Seus olhos procuraram as marcas na lâmina, palavras gravadas em aço forjado no alvorecer dos tempos: *Cruic `is uilt `is Ailpeinich*.

Colinas e riachos e MacAilpín.

A máxima declarava uma linhagem tão antiga quanto às próprias *Highlands* ⁽⁵⁾. Queria dizer que nenhum pedaço de terra tinha existido antes do primeiro MacAilpín reinar.

A mandíbula de Aidan se apertou com raiva enquanto ele via a pressa com que sua mulher se afastou da mesa. Lael esperou pacientemente até que ela tivesse ido. Só depois que ele ouviu o barulho de uma porta pesada se fechando à distância, foi que ele abriu a boca para falar.

"Você *não vai* participar desta guerra," disse Aidan, falando baixo, mas com uma determinação inflexível em sua voz, que Lael tinha ouvido apenas uma vez antes. Não era normal de seu irmão dar ordens para seus irmãos... e ainda assim, não tinha nenhuma outra maneira dela ver a maneira que ele estava agindo. Ele estava proibindo ela de ir lutar. Mas Lael era uma mulher que tomava suas

próprias decisões, e ela não aceitava ordens de ninguém, nem mesmo de seu irmão e *laird*.

No centro do salão, o fogo da lareira crepitava — o único som que rompia o silêncio impenetrável.

Todos os três homens MacKinnon — Broc Ceannfhionn incluído — seguraram suas línguas, pois perceberam instintivamente que agora não era o momento de se colocar entre os dois irmãos. Há dois dias eles tinham voltado ao vale com um lance final para o apoio de Aidan, porque Keppenach situava-se no sopé da *Am Monadh Ruadh*, as colinas vermelhas, onde os parentes de Lael tinham feito seus lares. Durante todo o inverno, a fortaleza mantinha uma guarnição pequena, e o estandarte de leão do Rei David ficava voando sobre as suas torres de pedra. Mas agora havia chegado uma notícia anunciando a aproximação de um exército liderado por ninguém menos que Henry o Demônio Carniceiro.

Era agora ou nunca se eles desejassem aproveitar e voltar para a fortaleza a fim de garantir que quem a controlava era amigo do seu clã, e não inimigo.

Conhecendo bem o seu irmão, Lael pesava suas palavras com cuidado.

Ela olhou para o fogo da lareira, e para a fumaça que se enrolava para cima do fosso circular, imaginando quantas divergências este salão antigo já não tinha testemunhado desde a sua concepção. "Vou lutar," ela disse seu tom não menos inflexível do que o do irmão dela. "Você não pode me impedir. Tenho o direito de colocar minha espada a serviço de quem eu quiser."

"Não! Eu não vou permitir," o irmão dela gritou, batendo com a mão em cima da mesa. A força chegou a sacudir os copos. Seus olhos verdes brilhavam ferozmente. Ele não iria ceder quanto a este assunto, mas ela também não.

Lael colocou sua caneca de *uisge* de lado. "Eu vou ver Keppenach ser defendida, Aidan. E vou ter paz na minha mente."

"Não," ele persistiu e lançou-lhe um olhar, que ela compreendeu. Havia muitas coisas que ele não podia dizer com tantos ouvidos para ouvir o que eles não tinham o direito de saber. A pedra sagrada que estava escondida na barriga do *ben* estava em risco — a verdadeira Pedra do Destino que foi confiada a família deles há muito tempo. Era para a proteção de pedra sagrada que Aidan não queria chamar a atenção para este vale, e por essa razão ele precisava que Lael não desejasse lutar ao lado dos homens MacKinnon. O irmão dela *tinha* que se convencer, ele querendo ou não, que a guerra já estava no quintal deles. O Rei David não descansaria até que todos na Escócia estivessem subjugados, sob o seu reinado. Quanto tempo antes de eles ouvirem os gritos de batalha debaixo de seus narizes? Não, ele não era um homem para se confiar. Ele já tinha provado isto e muito, muito mais.

"Eu sou filha do meu pai," Lael persistiu. "Eu não posso acreditar que ele nos teria feito esperar até que a morte estivesse a nossa porta."

"E mesmo assim," seu irmão a lembrou laconicamente, porque o pai deles tinha, na verdade, morrido aqui neste mesmo salão... em prol da paz.

Mas isto era diferente, Lael pensou. Para quem vivia dentro deste vale, a história estava condenada a se repetir, e ela não queria ver essa repetição. Três vezes eles tinham se reunido para falar de paz e três vezes eles traíram a conversação de paz. Mas nunca mais — nem mesmo para proteger a pedra de Scone. Lael não estava disposta a perder um irmão solteiro por causa de uma laje de pedra; se a pedra era amaldiçoada ou não, sua descoberta significava que o

sangue dos reis fluiria pela terra, contanto que não fosse o sangue de seus parentes.

Ela e Aidan trocaram olhares.

A sombra do silêncio escureceu o salão. Todas as ripas de madeira, cada pedra, cada pedaço de mobília, cada homem, mulher e criança que permaneciam no salão foram envoltos por sua névoa.

Um triste peso encheu o coração de Lael. Toda a sua vida ela tinha acatado a cada um dos desejos de Aidan, mas neste caso ela não podia renunciar a seu direito de decidir.

Ela já tinha decidido, e ponto final.

Ele piscou, sua mandíbula trabalhando furiosamente e ele abaixou sua cabeça. Desde o instante que ela o tinha informado de suas intenções, ele tinha perdido seu apetite. Ela viu seu peito inflar com uma respiração proposital, e então ele levantou a cabeça, seus olhos verdes perfurando-a através da mesa com um olhar que parecia um punhal. Ele olhou para cada um dos homens MacKinnon, e depois voltou seu olhar brilhante para Lael. Só então ele falou. "Se você lutar, Lael, você vai lutar sem o meu consentimento. Eu não vou tentar te defender — nem tenho a certeza se vou lhe permitir retornar para o vale, e você sabe por que razão."

Claramente perturbado, Broc Ceannfhionn afastou sua cadeira e se preparou para se levantar. "Eu não quero causar discórdia," ele interrompeu.

Aidan deu-lhe um olhar furioso. "E mesmo assim você causou!" O irmão deu uma olhada para Lael, dispensando seus convidados de uma vez por todas.

Lael piscou os olhos e engoliu um caroço que subia na sua garganta, algo que ela não tinha previsto. Aidan sempre foi seu maior aliado, seu mentor, e em certo sentido seu pai e sua mãe também. Ele era seu *laird*, seu amigo querido, e suas palavras a

machucaram o suficiente para feri-la profundamente... ainda assim o seu orgulho não permitiria que ela voltasse atrás — porque neste assunto ela acreditava que tinha razão.

Sim, ela *lutaria* para que Keppenach voltasse para o seu herdeiro legal — para Broc Ceannfhionn. Talvez o patrimônio pudesse ficar perdido para o filho de Lili para sempre, mas era um destino muito melhor do que se tornar mais um reduto do Rei David — um homem que era mais inglês do que ele jamais tinha sido escocês.

O demônio Açogueiro era o assassino do rei Henry, nada mais do que um *Border Lord* ⁽⁶⁾ que abandonou suas terras para servir os caprichos da Inglaterra. Mediante a concessão de Keppenach para o Açogueiro, David da Escócia mostrou claramente sua lealdade para a Inglaterra.

Lael parou com as mãos apoiadas na mesa para sustentar seus joelhos enfraquecidos. Seus ombros se deslizaram para trás e seu queixo se levantou. "Assim seja."

E então ela saiu para o corredor, apenas vagamente ciente de que Broc e seus homens se levantaram da mesa para segui-la. Ninguém viu as lágrimas que apareceram nos cantos dos seus olhos — ninguém a não ser Una, sua amada sacerdotisa.

A velha acenou com a cabeça, mas somente depois que Lael passou — a sabedoria da idade olhando pelo seu único olho bom. "Que os deuses estejam com você, criança," ela disse com uma voz cansada.

Lael retornou o aceno. A garganta dela contraída sem poder falar, ela levantou seus ombros e saiu, abrindo as portas do *crannóg* e marchando para a escuridão, numa noite cheia de neblina.

(4) Siol Ailpín – é uma família formada por sete clãs escoceses capazes de traçar sua descendência desde Ailpín, pai de Cinéad mac Alpín, Rei dos Picts, que a tradição escocesa considera o primeiro Rei da Escócia.

(5) Highland – área montanhosa na Escócia. Moradia dos Highlanders

(6) Border Lord – Senhor (Lorde) da fronteira

CAPÍTULO 2



CASTELO DE KEPPENACH, FINAL DO INVERNO DE 1126

O conflito da guerra, o barulho das espadas, tudo chegou ao fim quando o sol nasceu sobre a muralha em chamas. Fitas pretas voavam nos telhados. Uma bigorna enegrecida que podia ter pertencido ao ferreiro encontrava-se jogada nos escombros de um edifício carbonizado.

A guerra era cruel, feia e cruel, mas o que mais surpreendia Lael era que parecia e cheirava igual a qualquer emboscada traiçoeira que tinha acontecido em seu vale, quando ela era uma criança de 10 anos de idade. A dor que ela agora sentia na barriga era mais do que simplesmente o conhecimento do que ela ainda ia passar. Ou melhor, não importava como ela escolhia ver tudo isso, ela tinha contribuído para esta destruição. Contra a vontade do irmão dela, ela tinha levantado sua espada contra homens, que na verdade não tinham feito nada contra ela... pelo menos, ainda não.

Somente quando o medo se vai é que a vida começa, avisou Una certa vez.

Se isso fosse verdade, então Lael verdadeiramente nunca tinha vivido um dia de vida... e agora ela morreria porque ela estava com medo — medo de esperar e permitir que seus inimigos tivessem oportunidade de fazer mal para seus parentes. Impulsionada por esse medo, ela levantou sua voz esta manhã e deu um grito de guerra, sem se importar se ela estava lutando no lado certo, a carnificina a enojava.

Como neve negra, a muralha estava coberta de cinzas, e o sol da manhã brilhava nos seus olhos. A morte a encontraria com um coração pesado quando ela a enfrentasse nas ruínas de Keppenach.

Construído sobre os restos de uma antiga fortaleza romana, o reduto agora era igualmente hediondo por dentro como era por fora. Todas as árvores do castelo tinham sido queimadas — não pelos subordinados de Lael, mas por aqueles que estavam defendendo Keppenach. Mesmo antes de a batalha começar, eles devastaram suas próprias terras, destruindo todas as estruturas que poderiam servir de esconderijo para seus opositores, incluindo as cabanas de telhado de palha que tinham uma vez decorado a paisagem de Keppenach. As casas foram todas queimadas até virarem cinzas.

Felizmente, a maioria dos moradores, tinha embalado seus parques pertences, rastejado antes dos primeiros mísseis voarem das muralhas e tinha fugido para as colinas. Tudo o que restava agora era a propriedade do *laird*, uma feia torre de pedra com dentes irregulares em direção ao céu e uma parede de pedra marcada e deformada.

O irmão de Lael havia chamado essa monstruosidade de pedras de "monumentos a temer", mas Lael via como manifestações de arrogância, construída por homens que se acreditavam melhores do que o resto. A prova estava no simples fato de que as cabanas da aldeia eram mantidas fora da proteção das portas, como se o *laird*

deste domínio não se preocupasse com o que pudesse acontecer com o seu povo em tempos de guerra.

Por outro lado, talvez ele dormisse com medo de que seus próprios parentes pudessem se revoltar contra ele no meio da noite e cortar sua garganta?

Era um cenário mais provável, no que dizia respeito à Lael, porque Keppenach mais recentemente tinha pertencido a Rogan MacLaren, um homem que havia assassinado seu irmão para ficar com seu patrimônio. E se os rumores fossem verdadeiros, seu ancestral tinha ganhado estas terras por meio de alianças, vistas pela maioria das pessoas como criminosas. Estes eram o tipo de pessoas que Lael tinha a esperança de manter longe de Dubhtolargg o máximo possível. Mas, infelizmente, não era para ser. Mesmo agora enquanto ela se preparava para seu último suspiro, o Açogueiro marchava em direção da mais recente propriedade que ele tinha ganhado, e ele era um inimigo muito mais perigoso do que qualquer um que já tinha governado estas terras antes.

Ao lado dela Broc e três outros homens que tiveram a sorte de sobreviver à noite estavam preparados para serem enforcados. Um já estava morto, tinha sido torturado enquanto Lael e seus amigos assistiam totalmente impotentes.

Em um canto da muralha os mortos foram empilhados ao acaso, alguns com roupas em chamas. Olhando para eles, ela não pôde deixar de considerar que estes soldados — alguns ainda bem jovens — tinham lutado simplesmente porque alguém lhes ordenou a fazê-lo — não era porque eles adoravam seu senhor, e como eles poderiam? Não, eles eram simplesmente os peões dos homens.

Ah, mas este não era um de seus melhores momentos. E ainda assim ela não conseguia encontrar qualquer remorso, porque o pensamento de manter esta fortaleza, tão perto de sua amada casa,

e que seria ocupada pelo o Açougueiro de Henry, enchia seu coração com um pavor terrível. Não por si mesma, porque em alguns momentos, ela estaria morta. Mas ela pensou em Sorcha, sua irmã mais nova, cuja doçura sempre tinha enchido seu coração de alegria. As crianças de Lili: Kellen com a sua disposição gentil assim como sua mãe e o mais novo bebê Ria, cujo nascimento tinha sido como o aparecimento de uma estrela brilhante, brilhando de esperança em cada canto escuro do vale. Um caroço apareceu no fundo da garganta dela, pois ela nunca iria vê-los novamente. E ainda assim, a única coisa que mais a deixava triste era que a última imagem que ela tinha de seu irmão era aquele olhar de repulsa total que ele tinha colocado em sua cara, antes dela ir embora. Ela tinha partido de Dubhtolargg naquela noite, na companhia dos homens MacKinnon, e nunca mais veria o irmão dela novamente.

Neste momento se ela ansiasse por qualquer coisa era simplesmente pelas palavras reconfortantes do seu irmão. De alguma forma, Aidan sempre fazia parecer que no final tudo ficaria bem. Ele tinha esse dom.

Enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas, ela se lembrou quando tinha dez anos, e Aidan não tinha mais do que treze anos... depois que o pai deles tinha sido assassinado por Padruig mac Caimbeul. Seu querido irmão a tinha envolvido em seus braços e a abraçado com carinho, e tinha dito, "Não se preocupe, pequenina," como se ele fosse muito mais velho que ela, "Eu vou manter você segura. Vou fazer tudo dar certo."

E ele assim fez.

Ele sempre fez.

Mas não desta vez.

"Eu sinto muito, minha jovem," Broc falou ao lado dela. Ela podia ouvir sinceridade na voz dele, e ela deu-lhe um aceno para consolá-

lo, pois ele, como seu irmão, era um bom homem.

Ela já estava ficando cansada de ficar na ponta dos pés, com a corda no pescoço, tentando não ser estrangulada antes da hora da execução, Lael tentava falar apesar do nó apertado em volta da sua garganta. "Não se preocupe comigo, Broc Ceannfhionn. Você é quem tem mais a perder, não eu." *Esposa e filhos*. Coisa que Lael nunca conheceria.

Nas muralhas, tinha alguns homens de David olhando os prisioneiros, esperando pelo carrasco. Lael e os outros ao lado dela descansavam primeiramente em cima de um pé e, em seguida, em cima do outro, deslocando-se para frente e para trás para aliviar a tensão nas panturrilhas e coxas.

"Bastardos arrogantes vão nos enforcar por exaustão," Broc queixou-se.

"Por que eles estão esperando?" perguntou um dos seus homens. "Se eles querem nos enforcar, que eles façam e acabem logo com isso!"

Lael sabia o que eles estavam esperando.

Mais do que qualquer coisa ela temia olhar a face do novo *laird*, porque ela podia imaginar os horrores que seus parentes teriam num futuro próximo com o Açougueiro tão perto.

"Eles aguardam o Açougueiro," Broc anunciou, falando o que Lael não conseguiu, pois ele também percebeu que as consequências futuras seriam muito maiores do que quatro homens e uma mulher serem enforcados. Eles queriam enforcar os cinco para que eles compreendessem que todos os seus esforços tinham sido em vão. Eles queriam cada um deles olhando para o semblante do Açougueiro antes deles fecharem os olhos, antes deles partirem desta vida. O Açougueiro vinha para admirar os estragos que seus

homens tinham feito em nome da Inglaterra e em nome de David mac Maíl Chaluim.

"É o Açogueiro!" ela ouviu um homem gritar das muralhas. "Eu vejo sua Águia!"

"A do rei também," outro adicionou. "Elas voam lado a lado."

Qual rei? Lael gostaria de saber, mas o que importava?

Tinha chegado o momento que ela temia. Medo percorreu sua coluna, joelhos, peito até apertar seu estômago e seu coração.

"Abra o portão!" ela ouviu alguém gritar. "Verifique as cordas!"

Os movimentos se tornaram um borrão, e logo alguém apareceu em suas costas, contorcendo suas cordas para se certificar de que elas estavam firmes.

Fora dos portões, a águia de Jaime chicoteava o vento.

Um som como trovão estourou na ponte levadiça, suas rolagens de metal soando em protesto contra o estranho peso do portão.

Depois de tudo que foi dito e feito, agora ele era senhor de Keppenach — um fato cheio de ambivalência. A simples verdade é que nenhum dos filhos de Donnal McClaren tinha vivido para herdar suas terras, mas ser empossado como o novo *laird* de Keppenach, quando seu próprio patrimônio encontrava-se em ruínas, invadidas por espinhos e mata: isso era algo difícil de engolir.

Até neste instante, ela não tinha percebido o quanto ela se importava.

Como uma avó ansiosa, os portões se abriram para recebê-lo, e ainda assim ele hesitou.

Vinte guerreiros esperavam um sinal para entrarem, outros setenta cavalgaram para a parte norte a fim de proteger a propriedade, mas Jaime ainda estava inspecionando o exterior da fortaleza de pedra, com sua única torre curta e feia, desintegrando-se de um lado — como um guerreiro que lutou muitas batalhas e

agora não podia estar preocupado se sua armadura estava marcada e com cicatrizes. A fumaça que saía insinuava a batalha que tinha acontecido na noite anterior. Um pouco queimada e voando descontroladamente contra o vento, o estandarte de leão do Rei proclamava os vencedores da noite.

Mas isto Jaime já sabia.

Durante a noite, os cavaleiros tinham sido dispersados para se encontrarem com ele ao longo da estrada do Norte. Aparentemente, os traidores estavam dentro da fortaleza, aguardando sua execução. E foi por esta razão que Jaime não correu pelos portões, apesar de sua reputação, porque era *isso* que ele odiava, acima de tudo. Era uma coisa tirar a vida de um homem durante o calor de uma batalha, mas era outra coisa julgar um homem e acabar com sua vida.

Ele não era o diabo que ele queria que seus homens acreditassem.

Seu pai tinha sido um cavaleiro a serviço de Henry, a mãe dele, a filha de um *Border Lord*. Os dois se apaixonaram, mas nunca se casaram. Logo após seu acasalamento, seu pai tinha sido mandado para a Normandia para lutar a guerra de Henry contra Curthose. Grávida, a mãe dele foi forçada a um casamento sem amor com um aliado do seu avô. Ela deu seu último suspiro, dando à luz a irmã de Jaime, e daí em diante, seu padrasto tinha colocado os dois de lado, enviando Jaime e sua jovem irmã para viver com seu avô no interior. Com doze anos, Jaime pensava que não tinha sido destinado a grandes feitos, pois o que poderia se tornar o filho de um cavaleiro sem-terra e da filha de um homem que jurou lealdade a ninguém?

Mas o destino era uma amante volúvel.

Ele entrou a serviço do rei David, enquanto o irmão de David, Edgar, governava as terras ao sul do Rio Forth e seu irmão Alasdair

mac Maíl Chaluim reinava como Rei do Norte. Apesar de magro e confuso como Jaime era, David, reconheceu seu valor. Ele afastou Jaime de seu avô e aos treze anos, enviou-o ao sul para ficar sob a proteção de Henry da Inglaterra. Jaime foi sendo promovido, provando ser muito bom no campo de batalha e fora dele, e quando chegou à hora de David reivindicar as terras que seu irmão Edgar tinha tomado dele, ele trouxe Jaime de volta. Foi um esforço brutal, com vitórias de homens que não tinham fidelidade nem à Inglaterra nem à Escócia, mas no final, David ganhou seu patrimônio e muito mais.

Quanto a terras de Jaime... a estória era muito mais cruel do que a de Keppenach. Após a morte de seu avô, Donnal MacLaren — um aliado do seu avô — pegou as terras que por direito eram de Jaime, dizendo que como ele era um mero rapaz nunca poderia desafiá-lo. Jaime lembrava-se claramente do homem desde a sua juventude, colocando os dedos gordurosos em cada saia que ele encontrava, disposta ou não. Quando Jaime chegou para recuperar seu patrimônio em nome de David mac Maíl Chaluim, o bastardo riu das muralhas, chamando Jaime de "*tailard*." (7). Ele jurou que Jaime tinha nascido com o rabo do diabo, porque seu pai era inglês. Na verdade seu pai tinha sido reverenciado pelos seus companheiros, porque ele tinha começado de baixo até ir lutar ao lado do Lobo de Prata em Tinchebray, e morreu tão honradamente como qualquer homem poderia — a serviço de seu Rei.

Com a bênção de David e para insultar o senhor da terra, Jaime incendiou toda a propriedade, queimando os silos que mantinham os cereais no inverno, juntamente com os campos quase todos vazios, e então finalmente a própria fortaleza. No final Jaime tentou negociar com este cara tolo e sisudo. Donnal se recusou. Cercado e com pouca opção, a não ser se render, Jaime suplicou para o

homem libertar os inocentes do seu jugo — sua irmã de três anos entre eles. O bastardo gordo fez um gesto sarcástico das muralhas.

"*Tailard!*" Ele ainda ouvia o bárbaro. "*Você acha que eu estou preocupado com seus parentes sarnentos? Ouça e veja!*" E então ele construiu uma fogueira no centro da fortaleza onde reuniu os inocentes — homens, mulheres e crianças, sua jovem irmã entre eles — exigindo que Jaime fosse embora. Mas Jaime não podia, porque ele estava ali por ordem do rei, e quando ele se recusou a ir, Donnal manteve sua palavra. Nessa noite os moribundos uivaram como *banshees* (8) através das *moorlands* (9), um som que assombrava Jaime todos os dias. Tomado por uma fúria negra que saía da sua alma, Jaime se encheu de ira. Com a prova da morte da sua irmã — os restos carbonizados de corpo dela foram jogados pela muralha de Dunloppe — ele incendiou a *fortaleza*, reduzindo-a a cinzas, queimando até a última pessoa que estava dentro. Quanto a Jaime isto não era suficiente justiça pelo assassinato de tantos inocentes.

Para seu espanto, até hoje o cheiro de carne queimada agarrava-se nas suas narinas, como um espectro. Assombrado por suas memórias, os olhos dele seguiram a fumaça preta que se enrolava em direção ao céu nublado. Uma lasca de luz solar esfaqueou seus olhos e ele se virou, lançando seu olhar em toda a terra circunvizinha.

Todas as cabanas estavam arrasadas. As árvores tinham sido queimadas até a raiz, seus troncos pretos estavam murchos com fumaça saindo como fogo nas chaminés. As árvores retorcidas, sem folhas, lhe lembravam o mau humor dos velhos, que com os membros magros, cheios de gota, se enfurecem contra seu destino. O final do inverno estava sobre eles. Esse era o local mais ao norte que ele já tinha se aventurado.

De dentro ele ouviu a declaração do magistrado, pronunciando uma sentença em nome do rei sem ter tido um julgamento. "Por crimes contra David mac Maíl Chaluim, Príncipe de Cumbrians..."

O nojo de Jaime sobre a falta de um verdadeiro julgamento guerreava contra seu senso de praticidade. Ele tinha vindo tarde para esta batalha... e não tinha idéia do que estes homens podiam ter feito. Por tudo o que ele sabia, eles podiam ter cometido tais atrocidades e eles mereciam precisamente o que eles iam receber. Relutantemente, ele entrou finalmente pelos portões, examinando os prisioneiros, um por um. Se um dia ele tivesse que responder por cada morte sob sua responsabilidade, ele ao menos deveria conhecer os rostos.

A luz do sol brilhava em cima da forca e o olhar dele fez uma pausa no último prisioneiro e lá permaneceu. Mas demorou um instante bem longo para que seu cérebro cansado da viagem filtrasse o que seus olhos viam.

Eles iam enforcar uma mulher?

Um bando de corvos voou pelas muralhas.

Ansioso para pendurá-los, o magistrado levantou a voz com alegria para que a multidão o ouvisse. "Por crimes contra David mac Maíl Chaluim, Príncipe de Cumbrians, Duque de Northhampton e Huntingdon, Alto Rei dos Escoceses e ancestral de Kenneth MacAilpín... Condeno vocês cinco à morte por enforcamento!"

Toda a esperança de indulto fugiu na proclamação. Um soluço sufocado ficou preso no fundo da garganta de Lael.

Ele era a causa de tudo!

David mac Maíl Chaluim.

Neste instante ela o detestou com cada fibra do seu ser. Um arrependimento terrível a atormentou — um sentimento de pesar tão feroz que ele se manifestou no seu seio como um peso de

chumbo. Arrependimento por não ter matado David depois que ele roubou sua irmã. Por tudo o que ela deveria ter dito e feito. Por cada vez que ela passou por suas irmãs sem parar para dar-lhes uma palavra gentil. Por nunca ter aberto seu coração para o amor.

Ah, por todas as bobagens que ela disse sobre amar, e agora ela morreria aqui ainda virgem! Ela engoliu convulsivamente.

Até este momento ela teve visões do seu irmão montado em sua égua, atravessando os portões, apesar de ele ter jurado que não viria salvá-la. Mas o tempo tinha acabado. Eles começaram a procissão do enforcamento, da esquerda para a direita.

Ah! Ela não estava preparada para morrer!

O que disse Una? Sua sacerdotisa alegou que o tempo aqui, neste reino, era uma ilusão, que todo o mundo era uma ilusão, e que a barreira entre a vida e a morte existia apenas para aqueles que se recusavam a ver a verdade. Se Lael alguma vez tivesse acreditado nas palavras de Una, agora era à hora de se apegar a elas, porque isto seria o fim de tudo que ela conhecia.

Ela de repente viu tudo com uma surpreendente clareza naquele instante de coração batendo mais forte. A batida do seu coração parecia uma bateria na cabeça dela. O cheiro metálico de seu próprio sangue chegando as suas narinas.

Seu olhar se fixou para frente.

Em vez de uma égua branca a entrar pelos portões, apareceu um cavalo castrado cujo brasão era negro como tinta. Cavalgando tinha um cavaleiro igualmente escuro. Com cabelos negros, o homem estava totalmente vestido em preto, de suas botas de couro oleada até sua armadura de couro. Em seu peito estava estampado em amarelo brilhante e vermelho o emblema real da Escócia, o leão de David.

Ele olhou para Lael a encarando. Eles podiam matá-la, mas eles não podiam tirar sua dignidade. Ela se recusou a mostrar *para ele* que estava com medo. Ele era a morte encarnada, trazendo seus anjos escuros sob a forma de guerreiros, prontos para colocar no chão tudo em seu caminho.

Os segundos passavam como horas.

O carrasco se aproximou e Lael ficou na ponta do seu pé, como se com esse esforço ela pudesse escapar do nó da forca.

Na extremidade do palanque, o primeiro dos painéis no chão caiu e medo alvejou suas veias enquanto ela escutava os sons estrangulados vindo do primeiro de seus homens cumprindo seu destino. O próximo foi enforcado e por longos momentos depois desse último — ou talvez apenas meros segundos — a corda rangeu, esticando-se sob o peso do homem. O seguinte caiu com um grito de surpresa, seu peso estrangulando seu pescoço instantaneamente.

Ela fechou os olhos, lágrimas quentes ameaçando a cair — mas não! Ela se recusava a chorar. Ela tinha escolhido esse caminho, e se Deus lhe desse outra chance, ela faria tudo de novo. Ela se forçou a abrir os olhos, para encontrar a morte com dignidade quando o carrasco ficou diante de Broc. A garganta dela se contraiu, ameaçando cortar sua respiração, antes que o laço pudesse fazer seu trabalho.

"Por favor," Broc falou ao lado dela. "Deixe a jovem viver. Peço-vos... deixe-a ir... De bom grado morrerei no lugar dela!"

"Como se você tivesse uma escolha," o capanga de David disse, rindo. Para o homem ao lado dele, ele se virou e brincou: "os dois vão estar se cagando em breve, hein?" E então ele bufou ironicamente. O outro homem fez um gesto sarcástico, um som horrível e distante. O som penetrou no cérebro enevoado do Lael.

As orelhas dela ouviam, mas os sons eram mais distintos e menores, mas eles se ampliavam na cabeça dela. Seu olhar procurou Broc Ceannfhionn, esperando emprestar para seu amigo o que restava de sua força para vê-lo no outro mundo.

Seus olhos azuis se encontraram com os dela por um instante, cheios de tristeza, e depois com um grito estrangulado ele caiu longe de seu campo de visão. Lágrimas inundaram os olhos dela e ela engasgou com outro soluço, mas seu olhar não o seguiu para baixo porque ela não queria ver seu rosto virar carmesim ou ver suas entranhas se libertarem no momento de sua morte.

Que os deuses tivessem piedade — qualquer Deus — todos os deuses — ela podia ficar até o fim com alguma dignidade.

O olhar dela se voltou para o Açougueiro, sentado como o anjo da morte em cima de seu corcel negro.

Seu coração batia. Riso encheu seus ouvidos. As conversas nas muralhas. "Perdoe-me, Aidan," ela sussurrou. E em seguida o capanga, parou diante dela puxando a viga sob seus pés. Ela mal estava ciente de que o corpo de Broc estava balançando ao seu lado, dando um último suspiro. De repente ela ouviu um som desconfortável e o demônio vestido de negro voou para o estrado, a espada levantada apontada para sua cabeça. Seus olhos cinza olharam fixamente para ela apenas um instante antes de ele balançar sua lâmina. Uma longa cicatriz brilhou em sua frente — a marca do diabo. E Lael engoliu seco. O destino queria seu rosto fosse a última coisa que ela visse antes de morrer, então ela fechou os olhos.

(7) tailard - (obsoleto) algo ou alguém que tem um rabo.

(8) Banshee - demônio ou diabo (feminino) da morte (personagem folclórica irlandesa)

(9) moorlands - extensão de terra recoberta de lamaçais ou pântanos

CAPÍTULO 3



Todos os pensamentos desapareceram da cabeça de Jaime quando ele correu em direção da fortaleza, com sua espada desembainhada, rumo ao estrado.

Se eles podiam enforcar uma mulher, que outras injustiças eles poderiam cometer em nome de David mac Maíl Chaluim?

Com um grito estrangulado, o carrasco arremessou para longe a forca e Jaime balançou sua espada furiosamente, cortando a corda do homem pendurado ao lado da jovem. Já era tarde demais para os outros, mas o gigante loiro corpulento despencou em direção ao chão.

Olhando diretamente para o rosto de Jaime, a garota parada diante dele, estava pronta para conhecer o destino que ele queria. Seu olhar esmeralda olhava para ele com ódio, mas para crédito dela ela não disse nem uma palavra. Ele cortou a corda, e uma vez cortada, ela caiu de joelhos. Ele se virou para cortar as cordas dos outros que já tinham morrido. Eles caíram sem vida ao lado do gigante loiro. Uma vez que ele tinha feito isso, ele procurou a muralha externa da fortaleza. O cavalo dele moveu-se abaixo dele, bufando. "Qual é o significado disto?" ele perguntou em voz alta o suficiente para todo mundo ouvir.

"A vadia dos *dún* Scoti é culpada de traição!" gritou alto um homem perto da parede.

O olhar de Jaime buscou quem tinha falado sabendo instintivamente que pertenceria a quem o rei David tinha nomeado para proteger esta propriedade até a chegada de Jaime.

Acusada de traição, a mulher mantinha-se ajoelhada, seu rosto se levantou para olhar para Jaime, aqueles olhos verdes brilhando com rancor e depois com os olhos arregalados ela se jogou, caindo para fora do estrado com a agilidade e a velocidade de um gato. Ela enterrou seu rosto contra o pescoço do gigante loiro, como um lobo faminto pronto para se alimentar. Foi só quando ela ergueu seu olhar mais uma vez que Jaime percebeu que ela tinha um nó da forca do homem entre os seus dentes, tentando deixá-lo livre.

Jaime saltou do cavalo. "Removam as cordas!" ele exigiu.

Ele foi ao auxílio da mulher, ajudando-a a libertar a corda do pescoço do homem, meio que esperando que ela o mordesse, enquanto ele tentava ajudar. Ele deslizou sua mão entre as cordas e puxou, soltando a que estava no pescoço do homem. Entretanto, o magistrado correu para frente a fim de ajudar a desfazer os nós em seus pulsos.

"*Lael*," o homem falou, se engasgando com a palavra, antes mesmo de clareza retornar aos seus olhos azuis nublados. Felizmente para ele, a corda não tinha tido tempo para fazer o pior. O ar voltou aos seus pulmões. Seus companheiros não tinham sido tão afortunados. Os outros tinham se cagado — ele podia sentir pelo cheiro de onde ele estava — mas Jaime viu seus pulsos, de qualquer forma, só para ter certeza.

"De que servem esses homens mortos? Eu explicitamente ordenei que vocês esperassem até que eu chegasse!"

"Nós *realmente* esperamos, *meu senhor*," o homem sustentou, pronunciando *meu senhor* à maneira inglesa, como se quisesse lembrar a Jaime que ele era forasteiro. "Aquela bruxa dos *dún* Scoti colocou um punhal no coração de um dos meus homens." Ele apontou para uma pilha de cadáveres que estavam amontoados miseravelmente sem respeito. De onde Jaime estava, era difícil dizer qual deles podia ser o inimigo.

O rosto da mulher ficou contorcido de raiva. "Eu fiz isso porque ele tentou abusar de mim," ela cuspiu. Mesmo de joelhos ela tinha o porte de uma rainha, apesar dos cabelos despenteados e da cara suja.

Jaime não podia dizer por que, mas acreditou nela.

Ele pensou em sua própria mãe e na sua irmã que ele mal tinha conhecido e pedia para Deus que se qualquer uma delas tivesse sofrido uma injustiça elas também tivessem sido corajosas o suficiente para matar o bastardo com uma lâmina. Mas ele tirou esse pensamento horrível de sua cabeça. Agora não era à hora certa ou o lugar.

Ele se virou para seu escudeiro, pedindo para ele vir para frente — um filho do suserano de seu pai, embora agora fosse o contrário, o filho de FitzStephen era vassalo de Jaime. Aos dezessete anos, Luc ainda era muito jovem para ser testado no campo de batalha, apesar de Jaime ter provado seu valor quando tinha dezesseis anos. Nem todos os homens tinham o espírito de guerra. Infelizmente, nestes dias de agitação, juventude e velhice eram luxos que nem todos os homens podiam pagar — nem todas as mulheres.

Seus olhos procuraram a garota de olhos verdes, mas ela se afastou.

Ele pretendia investigar este caso ainda mais, mas no momento ele estava cansado, sedento e sua bunda doía por estar muito tempo

na sela.

Colocando sua espada de novo na bainha, ele exigiu, "Veja que esses homens tenham um enterro decente e coloque-o—" ele olhou para o gigante loiro, que ainda estava engasgado com sua própria língua "— em uma cela adequada." Seu olhar percorreu o castelo para avaliar suas opções. "Deixe a garota em algum lugar na torre. Deixe-a com dois dos *meus* guardas, em seguida, se apresente para mim."

Uma vez que as ordens foram dadas Jaime se afastou, resistindo ao impulso de olhar para a loba que continuava de joelhos — pelo menos era o que ela aparentava ser. *A respiração de Deus!* Não era preciso olhar para trás para ter certeza de que suas exigências seriam atendidas, mas ele sucumbiu a curiosidade e se virou o tempo suficiente para ver que estavam cumprindo o que ele havia mandado, no entanto, ele se surpreendeu quando falou, "Primeiro," ele disse para Luc, "dê um banho nesta garota!"

Dar um banho nesta garota?

De todas as coisas que ele podia ter dito, esta era a última coisa que Lael esperava ouvir saindo da boca do Açougueiro.

Dar um banho nesta garota?

Trancado dentro de uma sala da torre, ela pensou em desafiar o Açougueiro e se recusar a tomar banho. No entanto, a banheira cheia transbordando de água quente, naquele momento para ela era um apelo muito maior do que vários sacos cheios de ouro — muito mais, até porque ela tinha pouco uso para ouro.

Após ter ficado em pé por horas na neblina gelada com uma corda enrolada no pescoço, ela sentiu uma febre intermitente em sua carne que ela não estava acostumada. Ainda assim, ela hesitou, testou a água com a mão, ainda em conflito.

Eles arrastaram Broc para a prisão, mas pelo menos ele ainda estava vivo.

Ainda assim deu-lhe uma pontada no estomago por saber que simplesmente porque ela era do sexo feminino deram a ela um banho morno e para Broc Ceannfhionn uma cela fria e úmida.

Meros segundos mais tarde e os dois poderiam estar debaixo da terra — ambos salvos pelo Açougueiro, embora gratidão assim como o nome do Açougueiro na mesma frase, de alguma forma deixava um gosto amargo na boca.

Franzindo a testa, Lael afastou-se do banho para inspecionar o quarto, imaginando de quem poderia ter sido. Não era grande, nem era elegante e o vento assobiava através das rachaduras nas pedras antiga.

O *laird* desta propriedade estava morto, morto em batalha por seu irmão. Rogan MacLaren tinha sido um homem cruel. Ele tinha torturado e ameaçado o próprio sobrinho — filho de Lìli. E então ele forçou Lìli a se casar com Aidan com a intenção de assassiná-lo. Era isto que ele aparentemente tinha inventado com as bênçãos de David. Da maneira que Lael pensava somente isto devia ter assegurado que Aidan pegaria sua espada em defesa de Keppenach. Mas o irmão dela tinha escolhido não fazê-lo, e pela primeira vez em mais de vinte anos, eles tinham se separado.

Nunca na vida de Lael ela tinha se sentido mais sozinha do que nesse instante.

Ao longo da parede norte, havia uma única janela estreita equipada com barras. As janelas agora estavam fechadas, mas as correntes de ar continuavam no quarto. O quarto em si era quase vazio e muito feio, com apenas uma cama estreita, feita de madeira. O colchão era muito velho e cheio de palha, mas pelo menos havia

um colchão. Ela espiou um baú em um canto — um que para sua surpresa ela conhecia.

Ela foi inspecioná-lo e descobriu que era, de fato, o mesmo baú ornamentado que Aveline de Teviotdale tinha levado para Dubhtolargg quando ela foi para lá como empregada de Lili — com toda a pompa de uma rainha e tendo mais baús do que Lili. Mais tarde, eles viram que Aveline era amante de Rogan, enviada para espionar Lili para o amante dela. Mas em vez de agradecer sua boa fortuna por ficar longe do tirano, a imbecil tinha chorado baldes até Aidan lhe permitir ir embora para ter o filho de Rogan aqui em Keppenach. E então ela tinha desaparecido — para onde ela foi era uma incógnita. Eles só sabiam que ela estava desaparecida porque o pai de Aveline enviou cavaleiros para inquirir sobre o paradeiro de sua filha. Infelizmente, a última vez que alguém em Dubhtolargg tinha visto Aveline foi no dia que eles a deixaram nos portões de Keppenach. E aqui estava mais uma prova de que ela tinha chegado em Keppenach — o baú que ela uma vez quase tinha batido na mão de Sorcha simplesmente por tocar nos desenhos. Felizmente para Aveline ela não o fez, porque Lael naquele dia estava de mau humor, e ela teria que cortar as mãos da jovem somente pelo insulto. Não podia ser um bom presságio todas as posses de Aveline estarem aqui e ela não.

Lael ficou parada, olhando para o quarto, examinando-o com novos olhos.

Aveline estaria na prisão?

Mas por quê? A jovem tinha sido uma escrava para Rogan. Ela faria qualquer coisa que o palhaço pedisse para ela. Ela não tinha cumplicidade com ele, afinal?

Mais curioso ainda é que Lael tinha aberto o baú e o encontrou cheio de roupas e bugigangas. Outro baú — ela acreditava também

pertencer a Aveline — estava cheio de mais bugigangas, fitas, uma escova, um pente e um espelho.

Os dedos do Lael passaram sobre as bordas do pente e do espelho, testando o metal. Despojada de todos os seus punhais, estes bem poderiam ser de uso caso fosse necessário. Ela levantou o espelho e ele balançou. Os músculos do seu antebraço se cerraram quando ela pensou como o golpe deveria ser forte a fim de perfurar a pele. As bordas eram demasiado duras para infligir muito dano, mas pelo menos, ela podia arrancar um olho.

Colocando as armas de volta no baú de Aveline, fechou a tampa e levantou-se para inspecionar o restante da sala, perscrutando cada canto e recanto. E porque ela não era do tipo que deixava pedra sobre pedra, ela olhou debaixo da cama e encontrou uma pequena caixa de madeira, escondida no canto. No entanto, como a cama era demasiado baixa ela teria que rastejar para pegar a caixa e decidiu deixar para fazer isso mais tarde. Ela saiu debaixo da cama, e limpou as palmas de suas mãos em suas roupas.

Enquanto isso, a água continuava a acenar para ela, enchendo o quarto frio de vapor. Claramente, eles não confiavam nela o suficiente para deixá-la com um braseiro. Homens inteligentes, porque Lael usaria todos os meios para recuperar a sua liberdade, incluindo queimar a torre da fortaleza.

Dar um banho nesta garota?

Humph!

Ela não era uma *bampot* ⁽¹⁰⁾. Ela tinha visto *aquela* olhar de aço nos olhos cinza do Açougueiro quando ele a tinha examinado. Por que outra razão ele teria pedido para dar um banho nela e para colocar Broc na prisão a menos que ele esperasse se beneficiar do seu corpo? Era muito pouco provável que ele tivesse ordenado o banho pela bondade do seu grande e bondoso coração.

Ah, ela devia admitir, que ele não era um homem desagradável. Na verdade, com aqueles olhos penetrantes, a face esculpida em cinzel e mandíbula feroz, ele nunca poderia ser confundido com um garoto. Ao vê-lo andando na direção dela com sua espada levantada e aquele olhar nos olhos cinza-azul tinha lhe dado um péssimo começo — e ainda assim por algum motivo estranho, ela verdadeiramente não teve medo dele, nem quando ele balançou a lâmina gigantesca em direção a sua cabeça. Era como se uma voz interior a tivesse tranquilizado dizendo que tudo ficaria bem.

No entanto, ela não se enganaria tentando acreditar que o homem tinha pelo menos um osso gentil em seu corpo. Se ele pensou por um instante que ele poderia encostar um dedo nela, sem a permissão dela, ele estava muito enganado.

Reconsiderando o seu propósito para colocá-la neste quarto da torre, ela pegou o espelho de prata no baú, e deslizou a pretensa arma embaixo do colchão onde ela poderia alcançá-lo se fosse necessário. Pelos deuses dos seus antepassados, ele não a encontraria como uma vítima voluntária, ela prometeu a si mesma.

Ignorando deliberadamente o banho, ela abriu as persianas, examinando as barras, medindo o espaço entre cada haste de metal. Infelizmente, fugir pela janela não seria possível — a não ser que ela de alguma forma pudesse se transformar no vapor que saía da sua banheira.

Se ela esperasse muito tempo, a água ficaria fria.

Ela fechou as persianas, olhou para a água do banho ansiosamente, mas não foi até ela pensar nos servos que tinham transportado balde após balde de água quente que ela finalmente se submeteu à tentação. Se ela não usasse esta banheira agora, ela raciocinou, seria um desperdício do tempo e dos esforços deles. Além disso, suas articulações estavam doloridas e o corpo dela se

sentia machucado. Tirando a roupa rapidamente, ela viu um corte ou dois enquanto se despia e que fazia aparecer sangue nas roupas dela. Ela suspirou e acenou com a cabeça pensando na bagunça que ela tinha se tornado, e então lançou ao chão suas roupas imundas e deslizou para a banheira, estremeando com a dor de suas feridas.

Pressionando-se duramente para manter seus pensamentos longe da mulher presa em sua torre, Jaime, no entanto, estava determinado a terminar uma rápida inspeção na propriedade. A segurança de seus homens era primordial. Ele não iria arriscar suas vidas desnecessariamente. Ele devia ver tudo antes de deitar sua cabeça, ele tinha que ter certeza de que Keppenach era segura.

Após uma inspeção superficial, ele ficou se perguntando quanto de dano era devido à batalha e quanto era devido à negligência. Os prédios queimados foram vítimas do cerco — se de fato se pudesse ser chamar assim — mas havia rachaduras nas paredes que possivelmente não foram feitas pelas armas usadas aqui na noite anterior — nada mais do que flechas incendiárias, espadas e machados.

Tanto quanto ele podia dizer, o dano do fogo dentro da fortaleza era muito menos generalizado do que os que estavam fora dos muros, fazendo Jamie acreditar que o fogo tinha vindo de dentro. Era estranhamente desproporcional. Uma seção de edifícios abaixo dos parapeitos tinha pegado fogo, mas o resto da fortaleza parecia intocada. Na sua experiência, mesmo as flechas incendiárias mais bem miradas não conseguiam discriminar um determinado ponto. Se os atacantes tinham atirado projéteis de fogo, a fortaleza inteira apresentaria sinais de incêndio. Mas esse não era o caso aqui. Na verdade, parecia que alguém descuidado tinha jogado fogo no parapeito, atirando uma flecha com fogo num telhado de palha.

Passando pelos portões, parecia haver pouca evidência de arrombamento, e com base no testemunho daqueles com quem ele falou, os atacantes tinham conseguido entrar através dos túneis que ficavam abaixo do calabouço — uma tentativa mal feita, que não tinha sido muito bem estudada, o que levou Jaime a acreditar que se apressar para entrar no castelo não tinha sido a intenção desde o começo. Parecia que eles tinham ouvido que Jaime estava se aproximando e tiveram que fazer um movimento. Claramente não eram guerreiros treinados. Eles eram simplesmente homens.

Quem era a garota?

Ele queria saber, mas forçou sua atenção sobre as questões mais urgentes, percebendo que estes Highlanders eram muito teimosos e irascíveis. Eles não *dariam* simplesmente este reduto para David, nem cederiam até seu último esforço. Mas Jaime não era estúpido para deixar Keppenach vulnerável. Tão logo ele tivesse oportunidade, ele iria inspecionar os túneis abaixo, e iria fortalecer a guarda com seus próprios homens.

Prevendo o trabalho considerável que teria que ser realizado, ele soltou um suspiro. A respiração dele voou pelo ar enquanto ele olhava o parapeito — e viu um velho com falta de dentes sorrindo para ele.

Pelos padrões, Keppenach era uma propriedade que não valia a pena lutar, e ainda assim Jaime compreendia o valor do castelo. Sentado na base dos *corries*, no topo de um outeiro aninhado contra a montanha, a terra se inclinava suavemente para baixo em um vale rodeado por pinheiros. Era um local ideal, proporcionando para seu *laird* a proteção das montanhas e dos bosques e os rendimentos de boas terras agrícolas abaixo.

Uma vez este tinha sido um reduto resistente, Jaime gostaria de vê-lo assim novamente.

Ele examinou a fundação, que, em alguns lugares tinha mais de seis pés de espessura. Com séculos de existência, a antiga pedra romana era muito superior a madeira bruta usada posteriormente e Jaime pretendia tirar partido desta descoberta. Pouco a pouco ele iria reconstruir a muralha e conservá-la. E havia um número de alterações cruciais, que ele pretendia fazer, como cavar um fosso na base da colina. As defesas de um castelo eram mais fracas nas entradas, e este não era exceção.

Seu escudeiro o encontrou examinando os portões, examinando a madeira e cada parafuso. "Meu senhor," ele disse. "Os prisioneiros estão seguros."

Jaime se dobrou para deslizar os dedos por toda a madeira podre ao longo do fundo. "Bom," ele disse distraidamente. A ponte levadiça em si era de ferro, mas o mecanismo estava velho e enferrujado e precisava ser lubrificado. Na verdade, o equipamento inteiro precisava de parafusos novos, e ele podia revestir as pranchas com um tratamento para preservar a madeira. Com o número certo de homens e tempo bom, ele acreditava que a tarefa não deveria levar mais de um dia. Como estava ele não acreditava que poderia suportar um aríete e graças a sua sorte o número de inimigo tinha sido pequeno. Se fosse um exército maior, o castelo poderia ter sido rapidamente invadido.

"Meu senhor," Luc insistiu. "Eu tomei a liberdade de requisitar o quarto do *laird* para você. Há mais alguma coisa que você quer que eu faça?"

Jaime percebeu que o rapaz estava trabalhando duro para provar ser capaz na ausência de seu primeiro em comando. Ele olhou para o jovem. "O que aconteceu com o criado do MacLaren?"

"Ele não se queixou, embora eu tenha visto em seu olhar que ele estava irritado até os ossos."

Jaime recordou-se da expressão arrogante do homem nas muralhas. "Que pena, mas nunca foi direito dele reivindicar a câmara do laird em primeiro lugar."

"Diga isso ao Maddog, meu senhor. Os escoceses são muito grosseiros e presunçosos."

Jaime ficou parado, limpando os dedos na sua calça. Ele levantou uma sobrancelha, mas não disse que ele também era um escocês de nascimento — só metade escocês. Era fácil para seus homens ignorarem, provavelmente porque ele não se sentia como um. "Maddog? É esse o nome dele?"

"Sim, meu senhor." Luc disse. "Assim, parece."

"E sobre as suas afiliações?"

"Nada que eu saiba. Nasceu aqui, serviu a Rogan e seu irmão e antes serviu ao pai deles, mas isso é tudo o que eu sei. Parece que ele tinha alguma esperança de ser promovido servindo ao Rei David, agora que os MacLaren estão todos mortos."

Jaime ignorou a punhalada de alegria que ele sentiu com esta simples verdade. Os netos de Donnal não podiam ser considerados responsáveis pelos pecados de seus antepassados. "Bom saber. Quantos homens dos MacLaren ainda estão aqui?" Seu olhar levantou-se automaticamente para as muralhas, onde um bando de guardas estava olhando para ele. Eles se mantinham afastados de suas tropas, reunidos em pequeno número para ver o que Jaime faria. Seus próprios reforços, liderados por Kieran, seu capitão de muitos anos, estavam pelo menos um dia atrás dele e então ele podia aconselhar seus homens a terem atenção, para que eles não fossem apunhalados pelas costas.

"EU CONTEI QUARENTA E TRÊS, embora isto incluía todos, desde crianças e empregadas e até o ferreiro, que parece ser coxo de uma perna."

"E quantos estão aptos a lutar?"

Luc deu de ombros. "Talvez uns trinta deste lote."

Jaime suspirou novamente. Sua respiração demorou-se no ar, deixando-o com a certeza de que as chuvas que haviam assolado eles durante todo o caminho para o norte logo virariam neve. Era muito frio nas *Highlands*! "Então temos trinta, mais vinte e setenta vindo para cá?"

Um brilho de admiração apareceu nos olhos azuis do jovem. "Sim, mas temos o açougueiro e alguns dizem que ele tem a força e a astúcia de dez." Ele sorriu por causa disso, e Jaime resistiu à vontade de alcançá-lo e despentear o cabelo do rapaz.

"Elogios não vão te levar a nenhum lugar, filhote de lobo."

Não era precisamente a verdade, e ambos sabiam disso. De muitas maneiras Luc era o irmão mais novo que Jaime nunca teve. Ao mesmo tempo, seus pais tinham sido como irmãos. O simples fato do pai de Luc estar velho e rodeado de muitas filhas e de seu próprio pai estar morto deveria ter dado a Jaime uma pontada de inveja. Weston FitzStephen tinha feito de tudo para ajudar Jamie a se sair muito bem a serviço de Henry como David tinha saído, e Jaime devolveria o favor para seu filho. O temperamento do rapaz apenas tornava tudo mais fácil: Luc era um rapaz orgulhoso, corajoso, leal e usava todas essas qualidades como uma segunda pele. Ocasionalmente ele fazia Jaime ficar orgulhoso dele. Ocasionalmente ele tentava sua paciência.

Muito parecido com a garota que estava na torre.

Ela nem piscou ao ver sua espada levantada e esse fato despertou a curiosidade de Jaime. Desde o instante em que ele a tinha mandado embora, tudo o que ele queria fazer era subir as

escadas da torre para descobrir quem ela era e o que ela fazia na companhia destes homens. Ela trouxe à mente Boadicea, da tribo dos Iceni, a rainha que há muitos anos atrás tinha liderado a revolta contra os romanos. Com o lindo rosto da jovem passando pela cabeça dele, ele parou de inspecionar os portões e começou a ir em direção da fortaleza, irritado com a sua súbita incapacidade para se concentrar em nada além do rosto dela.

Luc o seguiu.

"Onde você colocou o gigante de cabelo amarelo?" Jaime perguntou, não querendo que o rapaz percebesse como comodamente a jovem tinha penetrado em seus pensamentos.

"Na prisão, meu senhor, como pediu."

O olhar de Jaime vasculhou o pátio, ele viu dois homens dos McClaren com as cabeças juntas perto da prisão. "E a jovem?"

"Eu a coloquei onde você mandou... ao lado do quarto do *laird*." Houve uma sugestão de um sorriso em seu tom.

Jaime virou uma carranca em cima do rapaz, mas Luc piscou imperturbável. Deus sabia a verdade, o menino tinha sido abençoado com a irreverência de seu pai, mas Jaime recusou-se a ser uma isca para ele. Somente seus passos na lama congelada deram qualquer resposta.

Ele esperava que a inspeção fosse acalmar sua mente. Em vez disso, deu apenas uma pausa. O simples fato de o castelo permanecer não reclamado durante longos meses após a morte do MacLaren só serviu para provar como dilapidado ele se tornou. Quando tudo foi dito e feito, viram que não era muito melhor do que de seu patrimônio. Por toda sua conversa da antiga glória de Keppenach, David tinha lhe dado um lugar sem muito para recomendá-lo.

"Há mais alguma coisa que quer que eu faça, senhor?" Luc perguntou amavelmente por causa do presente humor de Jaime.

"Sim," Jaime surtou. "Vá ver os cavalos, ver se os estábulos são à prova do mal tempo e, em seguida, mande desmontar a forca."

"E depois?" o rapaz perguntou.

Jaime rosnou. "Então vá se enforcar," ele sugeriu, mas o rapaz apenas riu.

"Sim, meu senhor," ele aquiesceu gozando e saiu, indo para o que tinha restado dos estábulos, deixando Jaime sozinho lutando contra seus pensamentos indisciplinados.

(10) Bampot – (gíria escocesa) um idiota; um tolo

CAPÍTULO 4



Cameron MacKinnon levantou a cabeça, examinando o entorno através de seus cílios pegajosos com o seu próprio sangue.

Chreagach Mhor ainda estava muito longe, mas a égua não estava cansada. Firme dos pés e graciosa como uma dançarina, ela pertencia a Lael dos *dún* Scoti. Ele tinha pegado ela porque a sua tinha sido morta com um tiro no rosto. Se ele vivesse até a velhice — o que não era provável, considerando-se como ele se encontrava agora — ele nunca esqueceria o relincho horrível de dor que explodiu da boca do animal.

Com sede e cansado, ele caiu para frente, agarrando-se na crina encharcada de sangue enquanto lutava com outra onda de vertigem. Seu corpo queimava apesar da neve repentina. Seus ferimentos sangravam intensamente, drenando-lha a vida. Ele não tinha vontade de continuar. Felizmente para ele, a égua prateada sabia precisamente aonde ir, perseverando sobre a neve do *Am Monadh Ruadh...* como um fiel pombo voando para casa.

Com as forças minguando, ele olhou para cima para o céu nublado. O sol tinha fugido, assim como sua energia e sua determinação.

Ele dificilmente poderia entender o que tinha acontecido. Eles enviaram sete homens para o portal oculto para desbloquear os portões de Keppenach. Até então, parecia que ninguém tinha percebido que eles haviam entrado, mesmo com o cerco, porque com a chuva congelante que caía estas eram as horas que um homem devia ficar ocupado em engordar sua barriga para se preparar para um inverno magro. Na calada da noite, eles tinham enviado os aldeões restantes de Keppenach para as colinas e depois tinham virado as carroças, mantendo a guarnição de David pequena enquanto esperavam reforços que nunca vieram. Quando souberam da aproximação do Açogueiro, Broc comandou o ataque.

Mas de alguma forma a batalha tinha acabado antes de começar.

Após um único grito de aviso para atraí-los, flechas voaram das muralhas, todas para o lugar onde seus homens se escondiam — como se arqueiros dos MacLaren soubessem precisamente para onde mirar. Minutos depois, as cabanas da vila foram incendiadas. Aqueles que foram poupados se retiraram, deixando os feridos como uma barragem para os mísseis. Deixado para morrer, Cameron rastejou para fora da linha de fogo e correu para o bosque. Como uma gárgula vermelha, ele subiu na égua de Lael. Depois disso, ele não viu seus homens novamente, e então ele fugiu, sem ter tempo para cuidar de suas feridas. Isso foi um erro, ele percebeu, mas ele estava com medo. Ele devia ter ficado e lutado como um homem. Agora ele não estava certo o que estava por vir.

Será que ele merecia morrer?

Ele tinha falhado com seu primo.

"A guerra não é nenhum jogo," a voz de Broc ecoou na sua cabeça, um aviso que Cameron ainda não estava preparado para dar atenção... e então ele deixou Cameron sozinho com seu orgulho gigantesco.

Cameron não era um estranho para a morte. Seus pais morreram quando ele era ainda um rapaz. Mas ele não era um inocente. Ele tinha testemunhado homens maus, fazendo coisas horríveis com pessoas inocentes. Ele mesmo tinha feito parte disto, para seu desgosto. Mas ele nunca tinha visto a guerra de perto. E agora que ele tinha, e ele desejou que nunca tivesse. Toda a sua ostentação e orgulho pareciam uma blasfêmia para os seus próprios ouvidos.

"Broc," ele falou entre os lábios e em seguida caiu deitado na égua de Lael. Cada passo que o animal dava parecia como punhais atravessando seus ossos.

Em resposta, um trovão rolou pelos céus... um som furioso e cheio de condenação.

Negritude aguardava.

Misericordiosa e silenciosa.

Ainda assim, Cameron se recusava a aceitar, tinha medo de fechar os olhos e nunca mais abri-los, mas ao contrário do homem que ele uma vez tinha achado ser, ele não ficou envergonhado quando sua criança interior começou a chorar.

Cinco mortos conhecido, quantos mais?

Não importava qual seria a resposta, Broc percebeu que ele era o responsável por todos os homens que ele tinha perdido. Ele tinha travado esta guerra.

Com os olhos que ainda estavam inchados devido a pancada que ele tinha sofrido após o corte das cordas da forca, ele pesquisou o espaço onde estava sendo mantido.

A julgar pela aparência, o informante tinha falado a verdade. As prisões de Keppenach eram usadas raramente. Úmida, escura e cheio de detritos, as celas estavam vazias, exceto por aquela onde ele estava — tudo vazio, a menos que se considerasse a carcaça

inchada de um animal que tinha sido abatido e se encontrava na cela ao lado.

Conhecendo a reputação de MacLaren, era fácil acreditar que o homem tivesse enforcado os criminosos, ao invés de mantê-los aqui para julgamento. Seu administrador tinha sido rápido o suficiente para seguir seu exemplo, organizando suas execuções horas após a captura. Isolado, agora sob a torre da fortaleza, era mais torturante saber que a liberdade não estava a mais de cem metros através de túneis esquecidos.

Apesar de Broc ser apenas uma criança, quando pela última vez viu este lugar, em sonhos ele ainda se lembrava. Esta foi a maneira que Alma o tinha levado para longe de Keppenach após Donnal MacLaren e seus filhos de coração frio terem tomado o castelo pela força. Ele sabia que seus pais estavam mortos — tinha visto seus corpos deitados em cima da terra — mas nada mais lhe foi dito. Ele tinha sido levado embora para viver com parentes distantes, e ele tirou as imagens da cabeça, bloqueando-as. Mas apenas um único olhar para Keppenach de longe, trouxe todas as memórias dele de volta.

Em uma das extremidades dos túneis, desprotegida e escondida por anos da mata, havia uma porta exterior que levava aos túneis de Keppenach. A armadilha de madeira era cercada por carvalhos, cujas raízes cutucavam insistentemente à porta há muito negligenciada.

Pelo outro extremo, o túnel levava a uma capela cheia de teias de aranha, construída por seu pai para sossegar o pai de David, Malcolm mac Dhonnchaidh. Escondida, a pequena capela ficava na parte de trás da muralha, muito perto do poço, e foi facilmente negligenciada, exceto por aqueles que vinham encher seus baldes diariamente.

Supostamente, ambas as entradas dos túneis tinham sido fechadas desde a noite da partida de Broc, mas a madeira apodreceu e foi facilmente destruída. Três gerações inteiras de MacLaren tinham perecido em menos de dois anos, mas a traição sempre vinha de dentro, assim os túneis escondidos permaneceram negligenciados. Por todos esses anos, eles permaneceram sem ser utilizados e foram totalmente ignorados. Sob a liderança provisória de Maddog, deveria ser utilizada para uma fuga fácil. Mas alguém teve tempo para abrir a porta interna e em seguida, colocar um cadeado novo na porta dos túneis, bem como na porta da capela. Foi um grave erro, porque despertou a atenção dos guardas durante a tentativa de romper o cerco.

Agora ele estava acorrentado, atolado na lama que cheirava a infiltração de resíduos. Consumido pela culpa, ele abaixou sua cabeça. Depois de tudo que foi dito e feito, não só ele tinha acabado com a vida de bons homens — e com a liberdade tanto dele quanto a de Lael — como ele tinha perdido a espada dos reis.

Tinha valido a pena?

A resposta era certamente *não*.

O preço que ele estava pagando era muito alto.

Seu estomago se apertou quando ele pensou em seus amigos pendurados na forca: Lang Gil tinha uma mulher que precisava de seus braços fortes nos campos. O filho dele, Wee Glen — um garoto mais forte e maior do que a maioria — era ainda mais jovem do que Cameron. Pai e filho agora estavam mortos, e era o pesadelo de cada pai ver seu filho morrer antes dele.

Ele ousava considerar o destino de Cameron?

Se Broc tivesse uma oração de agradecimento seria para o Açougueiro que tinha parado os enforcamentos antes que chegasse a vez de pendurar Lael — não que alguma vez ele fosse enfrentar o

irmão dela para responder por sua falha em mantê-la segura. Mas será que eles seriam o resgate? Ele não acreditava que Aidan *dún* Scoti abandonaria seus parentes, não importando com quanta raiva ele estivesse.

Senhor Deus... ele tinha perdido a espada.

Agora é que o significado disto entrava em seu cérebro cansado. E com a perda da espada do pai — uma espada empunhada pelo primeiro rei Ailpín — ele havia abandonado a honra da sua família.

Sola Virtus Nobilitat.

Só a virtude enobrece.

Era o lema do seu clã. Quantas vezes seu pai tinha lhe dito que talvez nunca tivesse sido a mão legítima que governava? Em nome de Deus o que o tinha feito acreditar que ele poderia ser o líder dos homens? Ele nunca aprendeu uma lição com Mackinnon ou com seu pai? Nenhum desses grandes homens nunca tentou lutar.

"Olha agora. Ele agora vai chorar como uma criança pequena, um dos guardas falou e o empurrou contra a parede. Como se o odor da urina não fosse forte o suficiente na caverna mofada, o guarda passeou pela cela de Broc, levantou seu kilt, segurou seu pênis em suas mãos, então começou a urinar no chão na frente de Broc.

Ele podia estar derrotado, mas Broc nunca desistiria do seu orgulho ou da sua luta. Ele deu um sorriso apesar da dor em seu rosto. "Eu já vi pênis maiores em crianças," ele insultou o homem.

Sorrindo com um dente faltando na frente, o guarda apertou seu pênis com vigor. "Sim? Bem, vamos ver se você vai falar *isso novamente*," ele falou. "Garanto que você vai receber cântaros pelas suas pernas por um longo tempo." E sem parar para pensar, ele limpou a urina polvilhada de suas mãos sobre o seu manto.

Broc fechou a boca com desdém. *Pederasta sujo*. O *idiota* podia ser um companheiro *Highlander*, mas ele estava ajudando e encobrindo o inimigo. Droga, ele e o maldito David mac Maíl Chaluim! Com um rosnado, Broc tentou arrancar as correntes que o prendiam, estremeando com a dor que ele estava se auto-infligindo. Por Deus, as paredes aqui eram tão úmidas que os grilhões estavam enferrujados. Mas muito sólidos para minar, porque as correntes eram grossas como os seus braços. Cortavam a sua carne.

Com pouco a temer de um homem que estava acorrentado e trancado em uma cela, os dois guardas, começaram a rir.

Broc se recusou a lhes dar qualquer satisfação. Ele manteve a boca fechada, mas ele estava a fim de saber... o que tinha acontecido com seu primo? Como será que estava Cameron? Será que ele tinha sobrevivido à noite? O rapaz podia ter idade suficiente para lutar, mas ele era muito jovem para morrer. Em seguida, ele pensou em sua doce esposa, Elizabet, suas bonitas filhas e o filho... e fez suas lágrimas voltarem para os olhos uma vez que um verdadeiro homem não deveria chorar.

Elizabet carregava um bebê, ele nunca saberia... um menino? Outra menina?

Sentindo-se derrotado, ele caiu contra a parede, permitindo que o metal enferrujado cortasse seus pulsos com todo o seu peso. Mesmo grande como ele era, os grilhões estavam colocados demasiado altos na parede, tornando-se impossível para ele relaxar. Ele odiava pensar como podia se sentir qualquer homem, — ou mulher — de menor altura, e ele fez uma tranquila oração de agradecimento porque Lael tinha sido enviada para a torre em vez disso. Ela não era tão pequena como sua esposa, mas ela não poderia suportar as correntes.

UM DOS GUARDAS peidou depois riu, mas seu riso rude de repente foi cerceado pelo som de uma porta pesada ruidosa se abrindo. Quatro novos guardas entraram no túnel. "Vocês podem ir," anunciou um dos recém-chegados.

O olhar de Broc se dirigiu para cima, esperando que a dispensa pudesse ser para ele, mas suas esperanças foram frustradas rapidamente.

"Não!" um dos guardas dos MacLaren protestou. "Maddog disse —"

"Eu não me importo com o que disse Maddog! Vocês já não são mais comandados pelo administrador de Rogan. Vocês têm um novo *laird* em Keppenach."

"O *Açougueiro*?" o guarda dos McClaren cuspiu como se fosse um epíteto.

"Chame-o como você quiser, ele agora é seu novo *laird* e se você quiser fazer uma queixa, leve-a para o seu rei. Mas por agora, saia."

Resmungando sob sua respiração, os dois soldados dos MacLaren partiram enquanto outros dois homens do Açougueiro entravam pelo túnel e marchavam para a passagem escura em direção à entrada da floresta. Depois de um momento, mais dois homens passaram, ambos reclamando, e então desapareceram pela porta da capela. E então Broc mais uma vez foi deixado sozinho com dois guardas novos que nem o insultavam, nem se incomodavam em reconhecer sua existência.

Meio à espera que alguém entrasse no quarto, Lael se apressou a fazer tudo o que ela precisava. Dadas as circunstâncias, persistir em ficar na banheira — não importava quão maravilhoso ela podia se sentir — não parecia ser o certo.

Suas roupas estavam imundas, então depois que se banhou, ela foi procurar nos baús de Aveline para ver o que poderia encontrar para usar.

A maioria dos vestidos da mulher parecia demasiado... *delicados*.

Levantando uma sobrancelha, ela reservou as duas primeiras vestimentas sem se incomodar em desdobrá-las e pegou um vestido violeta de design modesto, feito de lã grossa, macia. Ela se lembrava que ela era mais alta que Aveline, e ficou evidenciado pelo simples fato de que o vestido dela ficou bem acima dos tornozelos de Lael. Mexendo os dedos dos pés frios, ela franziu a testa olhando para seus pés descalços.

Pelo olho de *Cailleach*, se ela fosse vaidosa o suficiente para se importar, ela podia ficar tentada a desfazer a bainha do vestido. Mas ela não se importava como o vestido estava e se ele cobria toda a sua perna?

Por outro lado, por mais que ela detestasse confessar, o cabelo dela era outra questão. Pegando o pente de Aveline, ela começou a desembaraçar seu espesso cabelo preto — sua "glória suprema," o pai dela costumava dizer. A memória de sua voz rouca a encheu de tristeza. Ela mal podia se lembrar do rosto dele, ou o de sua mãe. Afinal, ela estava com nove anos quando seu pai morreu e com dez quando a mãe dela o seguiu até o túmulo. Para todos os efeitos práticos, Aidan, seu irmão a tinha criado, e ela tinha criado suas irmãs e o irmão dela. Juntos, eles eram fortes. Divididos, ela veio a perceber que ela era fraca.

O que faria Aidan agora?

Ela não sabia. Ela apenas tinha certeza que ele nunca teria lutado no lugar dela, pois ele teria escolhido perdão sobre vingança.

Isso a fazia ser uma pessoa horrível, amarga, ela se perguntou?

Ela vivia com uma massa negra de ódio no seu coração que mal podia suportar. Mas agora ela se sentia rasgada, pois embora ainda não tivesse encontrado paz em seu coração para perdoar a traição que fizeram para seu pai, nem a vingança parecia acalmar sua alma.

Na verdade, ela se sentia cheia de remorsos.

E ainda... seu pai tinha sido um bom homem, mas o que aconteceu com ele no final? Ele convidou seus aliados escoceses para comemorar em Dubhtolargg. E então como Kenneth Mac Ailpín havia feito uma vez para os filhos das sete nações Pecht, os bastardos escoceses tinham assassinado seus parentes enquanto eles nem tinham terminado de comer. Sob seu próprio teto, não menos! Lael recordou o riso. Ela lembrou a folia. E então ela se lembrou aqueles gritos de gelar o sangue — alguns tinham sido dados por ela mesma.

Enxugando suas lágrimas, ela endureceu seu coração, lembrando-se de David mac Maíl Chaluim. Seguindo os exemplos dos seus antepassados Ailpín, ele também tinha dormido sob seu teto, só que em vez de cortar suas gargantas, ele tinha roubado sua irmã Catriona diretamente de sua cama, levando-a para o sul com a intenção de entregá-la para um inglês sob sua tutela. Assim ele tentaria forçar Aidan a aceitar a fazer uma aliança. E se isso não bastasse, também foi David que tinha apoiado o plano para casar Aidan com Lileas MacLaren, com a única intenção de forçar Lili a assassinar seu noivo, eliminando assim Aidan que era uma ameaça para a coroa da Escócia.

Sim, ela detestava David mac Maíl Chaluim... e se ela conseguisse pousar seus olhos nele novamente *ela* seria a pessoa para derramar *seu* sangue. Ela não precisava de facas para tirar a vida do homem. O ódio dela era tão afiado como qualquer lâmina. Mas se ela pudesse, ela arrancaria seu coração.

Acabando de trançar o cabelo dela, ela se sentou um momento, se perguntando como a fúria ardente em seu coração não conseguia aquecer o quarto da torre. Realmente! Sem um braseiro, o quarto era muito frio.

Levantando-se para pegar suas botas, ela escorregou seus pés limpos nos sapatos enlameados. Em seguida, voltou para a cama, imaginando quanto tempo levaria até o Açougueiro aparecer. Ela já o estava esperando há muito tempo.

Ele pretendia pedir um resgate?

Talvez sim; certamente fazia sentido, embora ela não tivesse certeza de que seu irmão pagaria pelo seu retorno, quando ele tinha avisado claramente para ela não intervir. Ela queria acreditar que ele pagaria, mas Lael nunca o tinha visto tão bravo. Seus olhos verdes, assim como os dela, tinham lanceado ela direto em seu coração. A mera possibilidade que ele nunca pudesse perdoá-la agora pesava fortemente sobre sua alma — mais agora, porque ela tinha falhado totalmente nessa empreitada. Sua tentativa de tomar Keppenach tinha sido um esforço inútil.

Do lado de fora, vinham gritos das muralhas e Lael pulou da cama, percebendo que alguém devia ter chegado. Ela rezou aos deuses que fosse Aidan.

Metade chuva e metade gelo, a garoa da tarde penetrava até o osso. Sentado no seu cavalo com sua armadura blindada, um dos cinco cavaleiros gritou até para o guarda abrir os portões.

"Quem vem lá?" o guardião do portão perguntou.

"Você é cego, rapaz? Este é o estandarte do seu rei!"

Ajustando a viseira em cima de seu elmo para manter o ar congelado fora dos seus olhos, o guardião do portão viu o estandarte com o leão com um olhar desconfiado. Embora, na verdade, pudesse ser o rei, o Açougueiro cortaria suas cabeças se

eles permitissem a qualquer um entrar agora que Keppenach estava segura. Qualquer homem poderia roubar um estandarte e afirmar ser outra pessoa. No final, o medo do Açougueiro compensava que ele permitisse que o soberano da Escócia esperasse debaixo da chuva, imerso até o osso, enquanto o novo *laird* era convocado. E enquanto os cavaleiros aguardavam a chegada do Açougueiro, o estandarte de ouro do rei dançava ao vento com muitos avanços e recuos, seu leão sangrando em vermelho.

Tendo ouvido a comoção, Jaime já estava a caminho da muralha, apenas para descobrir David mac Maíl Chaluim em sua sela, carregando seu próprio estandarte.

O rei tinha chegado com outros cavaleiros, muito mal vestidos, mas não havia como confundir o homem, nem seus longos cabelos escuros, seu semblante afiado — ou até mesmo a sua altura.

Se havia uma coisa que Jamie podia dizer sobre David, era que ele não era inclinado à arrogância. Henry teria cavalgado com uma comitiva completa, mas David preferia manter seu séquito de pequeno porte. O fato de que ele carregava seu próprio estandarte podia simplesmente ser um ardil para desviar suspeitas, embora pudesse igualmente ser uma forma de David desrespeitar a sua própria autoridade.

Jaime olhou para o guardião do portão com uma sobrelanceira levantada e ordenou que a ponte levadiça fosse levantada e os portões abertos. Balançando a cabeça, ele desceu as escadas e correu para saudar o rei da Escócia, antecipando uma longa reunião.

O portão ainda estava sendo aberto quando Jaime chegou, mas David, sempre impaciente, já foi se enfiando pelo caminho, seu cavalo passando através da barreira se movendo como um touro na arena. Jaime soltou um suspiro. Se o homem fosse abençoado com um pouco mais de paciência junto com sua antipatia pelo

derramamento de sangue, suas maquinações políticas podiam não ter ganhado o descontentamento das tribos de Highlanders. Como ele tinha ânsia em ter os assuntos resolvidos às pressas, às vezes ele fazia seus planos serem executados impetuosamente o que quase sempre o levava dois passos para trás para cada um que o levava para frente. Felizmente, por causa dos conselhos de Henry, David às vezes, pelo menos ouvia a voz da razão, e aqueles que o conheciam melhor eram leais a ele até a morte. No que dizia respeito a ele, Jaime sempre seria o primeiro a sair em defesa do seu Rei, e se fosse preciso, ele morreria por ele também.

"Por Deus!" David exclamou bastante irritado. "Para onde em nome de Deus, eu te enviei Steorling?"

Jaime sorriu. "Alguns diriam que para o inferno, onde pertença."

De sua montaria, David gargalhou, seu bom humor restaurado com muito pouco esforço, mas seu riso parou por causa de uma tosse que soou suspeita para Jaime como se ele pudesse ter ficado doente por causa deste clima adverso. "Meu Deus! Isto não é mais do que uma pilha de pedras miseráveis," o rei queixou-se. Ele olhou sobre a muralha. "Lembre-me de trazer a minha cama na próxima vez." Escorria chuva da barba dele e ele a torcia com um punho. "A julgar pela aparência dele, duvido que eu vá encontrar uma cama decente sem pulgas."

"Você não precisa nem se incomodar de vir armado," Jaime falou com um brilho nos olhos. "Como você vai fazer para você mesmo trazer uma cama, sua graça?"

David deu uma gargalhada enquanto desmontava, batendo suas botas em uma poça de lama. A terra preta molhada foi para todos os lados, sujando as pernas dele. Ele se encontrou com Jaime na metade do caminho, abraçando-o como um irmão perdido, e Jaime retornou o abraço, ignorando o frio da armadura do rei através de

sua túnica congelada — usada para esconder o seu hábito normando dos *Highlanders*. Dificilmente serviria para andar com uma escolta modesta, porque o trairia por causa do brilho de sua armadura.

"Muito bem, muito bem!" disse o rei, batendo forte nas costas de Jaime. O sorriso largo que aparecia em seus lábios era genuíno. David mac Maíl Chaluim estava com a mesma idade que o pai de Jaime tinha quando ele morreu. Seu cabelo era grisalho nas têmporas e ele usava um brilho na sua testa que fez Jaime franzir a testa.

"Eu não mereço nenhum elogio, sua graça. A batalha acabou antes de eu chegar," Jaime confessou. "Ontem os homens de MacLaren pegaram sete homens tentando abrir os portões."

Mais precisamente, seis homens e uma mulher.

"Onde estão os bastardos agora?"

"Um foi morto durante o combate. Outro quando foi torturado — nós vamos em breve falar sobre isso," Jaime disse. "Três morreram pelo laço do carrasco."

"Sobraram dois," David falou, lançando um olhar interrogativo de Jaime.

"Um deles eu coloquei nas prisões," Jaime continuou, e ele fez uma pausa, não para dar ênfase, mas para determinar qual seria a melhor forma de revelar a próxima notícia para David. "O outro... eu mandei para a torre."

A voz de David elevou-se com a sua pergunta. "Para a torre?" Ele parou na escada e virou o rosto para Jaime, mas isto era precisamente o que Jaime esperava evitar, porque ele não queria que ninguém mais ouvisse o que ele tinha a dizer.

"Peço a vossa indulgência, meu soberano," Jaime suplicou. "Eu tenho muito a lhe dizer, mas eu prefiro lhe falar uma vez que fiquemos sozinhos."

"Hmmm," disse Davi, sua voz baixa agora. "A questão parece-me grave." Seu bom humor parecia azedo com a perspectiva. "Espero que você tenha a situação sob controle."

"Sim, eu tenho" Jaime o tranquilizou e então inclinou a cabeça para sussurrar. "Muito melhor do que parece, sua graça. Você se sente bem?"

David sussurrou de volta. "Talvez, com um pouco de fome. Não tenha medo. Uma boa refeição e uma noite de sono vão me fazer bem. Eu vou seguir meu caminho amanhã de manhã."

"Você veio na hora certa. Estamos todos um pouco famintos após a longa jornada para o norte. Na verdade, nós mesmos acabamos de chegar. Venha," ele levou o rei em direção a torre.

"Onde está o Kieran? Ele chegou bem?"

"Não. Ele chega provavelmente amanhã, com mais setenta homens, incluindo alguns da casa de Moray e alguns de MacBeth."

David olhou para ele com uma sobrancelha levantada, enquanto eles entravam na torre. "Vamos ver. MacBeth — o patife — nunca manteve sua palavra. Infelizmente eu não posso acusá-lo de traição, porque eu agiria da mesma forma que ele agiu com meu avô."

Jaime estava bem ciente da má vontade entre David, Moray e MacBeth — e era justificável. Juntos os dois lideraram uma rebelião que pôs fim à vida de seu avô doente. Jaime tinha pensado que talvez por Moray ter oferecido uma quantidade boa de homens para proteger Keppenach poderia agradar ao rei, mas o rei parecia predisposto a rancor, então ele deixou para lá. "Eu vou ordenar um banho para você antes do jantar," Jaime prometeu quando entraram em um grande salão.

O sorriso de David retornou. "Bom homem! Eu juro que eu nunca vou me acostumar com o clima do Norte; coloca uma febre feroz e intermitente nos ossos."

Não era como se o rei pudesse ter seus pensamentos desviados tão facilmente, mas Jaime estava aliviado, sobre a suspensão temporária. Sabendo que agora Luc já teria arrumado o quarto do *laird*, ele mostrou o porquê certamente este seria o único quarto em todo o castelo que estaria limpo o suficiente para servir a seu rei. Por enquanto, ele ficaria em outra cama. E agora que ele tinha prometido para David uma refeição saudável, só esperava que ele pudesse conseguir algo apropriado nas despensas de Keppenach.

Enquanto eles passavam para sala ao lado, guardada por dois dos seus homens, o rei arqueou uma sobrancelha grossa, escura. Felizmente, no entanto, ele não disse nem uma palavra quando Jaime abriu a porta para o quarto do *laird* e entrou na frente para ter a certeza de que estava tudo bem. Keppenach podia ser seguro o suficiente no momento, mas ele sentia um câncer persistente dentro destas paredes e ele não iria correr riscos com seu senhor e rei.

Dentro do quarto, Jaime recuperou seu fôlego. O estado do quarto o pegou de surpresa. Depois de percorrer os corredores desordenados, ele ficou um pouco chocado ao encontrar este aposento, não apenas limpo, mas muito mais bem equipado do que qualquer outro aposento do castelo. Até o grande salão, onde eles entretinham os convidados, parecia modesto em comparação. O administrador do MacLaren não devia se preocupar em demasia com a manutenção dos demais aposentos do castelo além deste quarto, mas o quarto do *laird* era ricamente decorado com tapeçarias e uma cama grande e bem construída que parecia poder acomodar metade da aldeia. E meu Deus, se ele achou que o resto do castelo era desprovido de arte, este quarto estava transbordando, como se ele tivesse acumulado tudo dentro dele.

DAVID COÇOU SEU QUEIXO, claramente tão perplexo quanto Jaime.

"Vou mandar preparar seu banho agora mesmo," disse Jaime e absteve-se de explicar que seria algo rápido, uma vez que a banheira estava no quarto ao lado. Quem quer que fosse a garota, ela não era nenhuma moça tímida, e o coração de Jaime se apertou por colocar David tão perto de seu quarto. Ainda assim, ele demorou-se apenas um instante, para que David não decidisse fazer-lhe perguntas. Haveria tempo suficiente para respostas mais tarde — após Jaime determinar exatamente o que fazer com ela e saber quem era a garota.

Com a intenção de descobrir sua identidade, ele deixou o rei e procurou o administrador de Rogan. Neste momento, parecia que Maddog era o homem que possuía todas as respostas, e Jaime queria descobrir por que a metade do castelo estava sendo armazenada no quarto do *laird*.

CAPÍTULO 5



Ouvindo vozes no pátio Lael apressadamente abriu as janelas. Infelizmente, para seu espanto ela não podia ver nada do que estava acontecendo no pátio. A barra de metal na janela era muito perto uma da outra então era impossível ela ver alguma coisa.

Ela detestava se sentir tão indefesa, e a espera a estava enlouquecendo.

Com um pequeno gemido de nojo ela sacudiu as barras. A porta do quarto era resistente e estava trancada. Todavia, as paredes de cimento eram sólidas. Simplesmente não havia como sair desta prisão.

Mas tinha que haver!

Ela possuía artimanhas para enganar os homens... e ela não tinha medo de usá-las. Se ao menos ela pudesse de alguma forma conseguir tirar as barras — uma seria o bastante — ela poderia tentar fugir durante a noite, salvo que se ela desse um passo em falso ela teria seu crânio rachado cinqüenta pés abaixo. Ela bateu a janela contra o vento irritante, desejando para o Açougueiro uma sepultura precoce.

Como Aidan às vezes fazia sempre que ele estava tentando resolver um problema, ela passeou pelo quarto, de um lado para o

outro, desesperada para se ver livre.

Após algum tempo, ela ouviu vozes no corredor, em direção a porta. Vozes masculinas, ingleses pelo som. Mas o que eles estavam falando precisamente, ela não podia saber. Ela podia ouvir passos pesados ao longo do chão de madeira. Risos. Mais conversa, em seguida, ela ouviu a porta do quarto ao lado dela abrir e fechar. Por um momento, as vozes foram abafadas, mas depois ela ouviu as palavras mais claramente porque o som viajava através da pedra.

"Eu vou mandar preparar o seu banho sem demora," ela ouviu o Açougueiro dizer para seu convidado recém chegado, e ela olhou por cima do ombro para a banheira, percebendo que eles deveriam vir buscá-la. Não era provável que eles tivessem outra. Ela só queria que houvesse uma maneira de preenchê-la com ácido. O que ela não daria para ter o conhecimento de alquimia de Lili — ou de Una para esse assunto.

Assustada pela clareza da voz, e curiosa para saber quem era o ocupante do lado, ela foi inspecionar a parede oeste do quarto e encontrou um número de pequenos buracos na pedra que parecia ter tido antes uma proteção. Ficando na ponta dos pés, ela segurou a pedra deteriorada — que estava muito alta na parede para que ela conseguisse examinar mais de perto sem colocar algo debaixo dos seus pés para levantá-la. Ela começou a avaliar o peso da cama quando uma batida soou na porta. Lael mal teve tempo para se afastar da parede, antes que a porta se abrisse. Ela se virou para enfrentar o mesmo rapaz de cabelos dourados que a tinha trazido para este quarto. Com um rosto muito angelical para pertencer a um lacaio inglês, ele andou pela sala, seguido de dois guardas. Lael tinha certeza de que o jovem não era muito mais velho do que sua irmã Cailin e alguma parte dela queria repreendê-lo e mandá-lo para casa para jantar.

Que tolice, ela pensou. Ele é meu inimigo não é meu filho.

"Meu senhor deseja falar com você," o rapaz anunciou, reduzindo seu olhar timidamente, apesar do fato de Lael estar totalmente vestida e suas tranças arrumadas e penteadas. Ela não queria se enganar e acreditar que era por respeito. Ele era simplesmente um rapaz com pouca confiança para enfrentar uma mulher, que Lael era com vinte e três anos de idade, não importando o que o seu irmão tinha afirmado.

Ela levantou uma sobrancelha. "Onde está seu *laird*?" ela perguntou para ele. "Se ele deseja falar comigo, por que então ele envia um rapaz em vez dele mesmo vir? Será que ele pensa que eu vou dar uma olhada no seu rosto formoso e isso vai poupar a minha ira?"

As palavras saíram antes que ela pudesse detê-las.

Seu irmão estava certo; um dia sua boca seria a morte dela.

Na verdade, ela não gostava da idéia de conhecer o Açougueiro na privacidade deste aposento, onde ele poderia fazer com ela o que ele desejasse. Ela não se sentia fraca, mas também não estava preparada para o homem que a livrou da força.

A cara do jovem ficou vermelha e ele levantou um dedo a caminho da boca, aparentemente pedindo o silêncio dela. "Meu senhor nos pediu para levá-la até o salão."

Lael estreitou os olhos, desconfiada. Na sala ao lado, ela ouviu alguém cantando uma música obscena... uma voz que ela pensou que reconhecia, mas não era o Açougueiro. Ela não conseguiria esquecer a voz do Açougueiro, mas ela realmente *conhecia* aquela voz cadenciada — de onde ela ainda não podia dizer.

Lael abriu a boca para falar e o dedo do rapaz subiu mais uma vez, diante de sua boca. Ela teve a impressão imediata que ele queria que ela ficasse quieta. Quem quer que ele fosse, estava claro

que era alguém que não queria ser incomodado, e por essa razão, Lael queria perturbá-lo mais do que tudo. Se ela tivesse sorte, poderia ser alguém com o poder de libertá-la. Ela abriu a boca para soltar um grito, e embora o rapaz parecesse ter encolhido naquele instante, os guardas que o acompanhavam não. Eles se moveram em direção a ela, mais silenciosamente e rapidamente do que ela esperava de homens com suas larguras e alturas. Um deles colocou uma mão sobre sua boca. O outro pegou seus braços e torceu-os, puxando para lhe causar dor. Seu grito foi abafado pela mão calejada, e os pulsos foram rapidamente torcidos mais uma vez. Ela tentou morder o dedo do homem, mas ele puxou uma lâmina, que ele não precisou colocar no pescoço dela para que ela se calasse. Ela não era estúpida, afinal.

O jovem deu-lhe um sorriso triste. "Você vem conosco?" ele perguntou.

Lael deu-lhe um olhar irônico, ao mesmo tempo, sem nenhum respeito, olhando para a lâmina afiada na mão do guarda. De facas ela entendia muito bem, e não tinha a intenção de descobrir em primeira mão se o homem sabia como utilizá-la tão bem quanto ele a empunhava. "Eu tenho uma escolha?" ela perguntou.

O jovem sacudiu sua cabeça dizendo não.

Lael deu-lhe um sorriso falso e depois admitiu, "bem, então é claro que gentileza sua de perguntar." E ela deu a todos um olhar tão afiado quanto à lâmina do guarda.

Na sala ao lado, o homem cantou um refrão totalmente obscuro, completamente inconsciente de sua audiência, e Lael procurava em seu cérebro, tentando se lembrar onde ela tinha ouvido aquela voz antes.

Era a espada da *Righ Art*.

Ele tinha reconhecido o *claidheamh-mor* ⁽¹¹⁾ no instante em que ele a viu.

A lâmina era finamente afiada, e o aço com a inscrição dourada continuava intacta após tanto tempo. Era a espada mais importante do reino, que esteve perdida durante séculos entre os *Sìol Ailpín*. Alguns alegaram que ela tinha sido lançada no fogo do inferno depois da traição de MacAilpín. Mas aqui estava ela, em cima de sua mesa, envolvida em couro.

Com avidez, o homem bateu um dedo sobre o metal gravado. Feito de aço de Damasco, a antiga espada, forjada pelos mestres, diziam ter sido feita para conseguir a destruição do próprio diabo, através de qualquer homem que a empunhasse. O couro enrolado no punho da espada parecia ser original — enegrecido com a idade, mas bem conservado. Ela era mais pesada do que ele podia ter esperado — uma grande espada, batizada pela transpiração das mãos do primeiro rei da Escócia e consagrada pelo sangue de seus inimigos. *Esta* era a lâmina sagrada de Kenneth MacAilpín, a que ele tinha usado para matar os reis das sete nações Pecht. Com esta lâmina, ele tinha sacrificado seus filhos em nome da unidade, para que a Escócia pudesse se tornar uma nação mais forte.

Seus olhos varreram todo o comprimento da espada, do punho até a ponta da lâmina — quase quarenta polegadas de cor azul metal, ao estilo das velhas lâminas dos *Vikings* ⁽¹²⁾. Era uma arma magistral, com poder muito maior do que sua borda afiada, pois se dizia que qualquer chefe com sangue legítimo que empunhasse a espada e se sentasse sobre a Pedra de Scone governaria terras que não mais estariam divididas.

Cnuic ' is uillt ' is Ailpeinich.

Ele passou seu dedo indicador sobre a inscrição imponente, saboreando a sensação do metal contra sua carne. Nada tão artístico

e fino podia ser encontrado entre as espadas atuais. E agora a espada pertencia a ele... para fazer o que ele desejasse.

Um sorriso repentino amaciou seu rosto.

O que devo fazer com ela?

Talvez ele devesse de presente para David mac Maíl Chaluim? David saberia como recompensá-lo generosamente. Ou talvez ele pudesse vendê-la para alguém que não estivesse vinculado a um *tailard*? Afinal, era sua espada agora, seu tesouro que ele tinha recebido de presente, sua espada para ele ficar com ela se ele escolhesse fazer isso.

Seria remotamente possível que um homem como ele pudesse usar esta espada para melhorar a sua vida? Para sentar-se sobre a Pedra de Scone ele mesmo? Para levantar-se acima dos outros homens e governar uma nova nação? Uma nação formada por *Highlanders* como ele?

Ninguém gostava de David mac Maíl Chaluim. O homem tinha passado muitos anos com seus parentes ingleses. Sua esposa era uma inglesa sisuda e David tinha jurado fidelidade as terras e aos títulos do rei inglês. Como é que qualquer homem conseguia dobrar o joelho para um homem e ainda assim conseguir servir seu povo e deixá-los livres de deveres para o outro? Não, não era possível... pelo menos ele não achava que era possível. Então David não era nada mais o que uma marionete de Henry e a Escócia precisava de alguém melhor, alguém que conseguisse tirar sua problemática nação do jugo da Inglaterra.

Ponderando sobre o dilema, ele re-embrulhou a espada cuidadosamente para escondê-la de olhos curiosos.

A espada é preciosa.

Por enquanto, ele devia encontrar um lugar para escondê-la onde ninguém pudesse encontrá-la... até que ele pudesse decidir o seu

destino. Ele podia ser um cara comum, mas meu Deus, que sensação ótima era ter tal poder! Mas, para a glória da Escócia, pelo amor de seus parentes, ele faria o que era melhor para o seu povo, mesmo que isso significasse dar a espada para David mac Maíl Chaluim.

Colinas e riachos e MacAilpín. Humph! Ele tinha uma nova máxima para a espada: *Cha togar m' fhearg gun dìoladh. Ninguém pode ficar sem punição.* É como um espinho: a gente tenta arrancar um e deixa o homem com as mãos latejando.

Cha togar m' fhearg gun dìoladh.

Ele gostava da forma como soava.

Uma voz o assustou tirando-o de seu devaneio. "O *laird* pede para você se juntar a ele para jantar."

O ferreiro se apressou a cobrir a espada. "Estou sem fome," ele disse para o escudeiro que tinha aparecido na porta.

"Mas ele está te esperando," o menino disse com firmeza e mais arrogante do que uma *Sassenach* tinha o direito de ser. "A ceia desta noite é em honra do rei. Todos são obrigados a participar."

David mac Maíl Chaluim tinha chegado.

Talvez tenha sido apenas um presságio, e seus pensamentos eram meramente sonhos fantasiosos. "Muito bem," ele cedeu. Ele removeu seu avental manchado de fuligem, jogou-o rapidamente sobre a mesa bem em cima a espada

O jovem estava muito ocupado olhando para o arsenal arruinado para perceber que Afric estava tentando esconder alguma coisa — não que ele tivesse algo de muito de valor, salvo seu filho. Parte das paredes tinha caído e o telhado tinha sido queimado. "Você levou um golpe na sua perna?" o rapaz perguntou, quando Afric começou a mancar em direção à porta.

"Esta é uma ferida antiga," Afric respondeu rispidamente.

"Ah, eu pensei que talvez fosse nova." O escudeiro demorou-se na porta. Depois de um momento, ele bateu com a palma da mão aberta na parede. "Bem, não tenha medo, bom homem. Nós ajudaremos você a reconstruir," ele o tranquilizou, e saiu deixando o ferreiro sozinho.

Os pés de Lael vacilaram enquanto ela descia as escadas.

Parecendo que ele próprio era o rei, o Açougueiro estava sentado na cadeira do *laird*, emoldurada por tapeçarias desbotadas em suas costas. Ela ergueu os ombros, levantando seu queixo, ignorando o ar frio que subia sobre os tornozelos dela.

Eles estavam celebrando a sua vitória? A chegada do novo laird? Era uma pena eles não estarem tomando decisões sobre o funeral de David.

Todos os olhos se viraram em sua direção.

Nunca na vida ela tinha ficado cercada por tantos homens — gordo, careca, magro, desdentado, cabelo comprido, curto — todos com apenas um punhado de servidoras femininas para alimentar seus arrotos.

Brutamontes sem modos.

Não era a primeira vez, que ela desejava ter suas facas — uma pelo menos. Ela se sentia nua sem elas, indefesa e vulnerável.

Quase perdendo a coragem, ela parou no último degrau, odiando a maneira infeliz que ela estava se sentindo e totalmente desacostumada com a boca aberta destes homens. Em casa, raramente havia uma alma que vinha para jantar que ela não conhecesse desde o dia de seu nascimento — ou do nascimento da pessoa. Se por acaso um a admirava nunca era de uma maneira tão desrespeitosa.

Mas nem todos os olhares que ela foi forçada a suportar eram de apreciação. Na verdade, ela sentiu uma força maligna na sala que

não era inteiramente devido ao fato de que ela tinha quase sido enforcada nesta manhã. Ela se interrogava amargamente quantos destes homens tinham assistido das muralhas, na esperança de vê-la dar o último suspiro. Se qualquer um tinha pensado que o administrador de Rogan tinha a intenção de pendurá-los sem um julgamento, todos agora tinham suas bocas fechadas, dispostos a falar em sua defesa.

Só um homem interveio.

Os olhos dela o procuravam agora.

Ele levantou seu olhar por um instante e então voltou a olhar para o seu prato, dispensando-a com uma afetação de tédio, apesar de que ela tinha sido trazida aqui a seu pedido. Sem dúvida era sua maneira de mostrar a Lael que ela não era nada importante.

Um dos homens da sua escolta deu-lhe um pequeno empurrão impaciente e Lael tropeçou no último degrau para perto de dois guardas, caindo para o lado.

O salão silenciou-se quando ela se aproximou do estrado onde estava a mesa.

Ela desejou com toda sua força que suas mãos não estivessem atadas — para que ela pudesse bater nos rostos daqueles por quem ela passava. Como eles ousavam fazê-la desfilar através deste salão como se ela fosse um troféu do Açougueiro.

Então, novamente, será que eu sou?

O olhar dela voltou para o recém-nomeado senhor deste domínio: o *demônio do Açougueiro*. Foi-lhe dito que embora sua mãe fosse escocesa, ele tinha aberto mão do seu sangue escocês, seguindo seu *Sassenach* pai no serviço à coroa inglesa, um mercenário para seu verdadeiro soberano — alguns alegaram que era Henry da Inglaterra, outros diziam que era o próprio diabo, porque diziam que era para ele que ele tinha vendido sua alma e a

prova se via na sua frente — uma enorme e funda cicatriz recebida na batalha no dia em que ele queimou seu castelo. Ele devia ter morrido naquele dia, disseram para Lael que seu crânio foi dividido por uma pedra imensa, quando ele se arremessou das muralhas. Cheio de sangue, ele levantou-se como um monstro, seu rosto quebrado e jogou uma tocha para o castelo, queimando todo mundo que estava dentro. Outros diziam que ele tinha levado uma flechada na cabeça dele, atirada por Donnal MacLaren.

O simples fato dele agora servir a David mac Maíl Chaluim era de pouca importância para David, porque David era apenas um peão nas mãos de Henry. E ainda assim, pelo aspecto dele, seu soberano deveria ter mais cuidado, para que o Açougueiro não se levantasse como uma víbora para atacá-lo quando ele menos esperasse.

Ignorando deliberadamente sua aproximação, ele continuava sentado na cadeira do *laird* como se ele tivesse nascido para isso, sua juba preta longa e esvoaçante, seus olhos cinza-aço, ele se virou como para proteger todos os seus segredos. Mas de alguma forma, Lael sentiu seu olhar mesmo assim.

Sim, ela decidiu se havia uma coisa que ela sabia com certeza, apenas olhando para este homem, era que ele estava habituado a fazer o que ele tinha vontade. Bem, por Deus, não importava o que ele queria dela, Lael jurou que ia recusar.

(11) claidheamh-mor - quer dizer claymore em gaélico; claymore é uma espada, antigamente usada por Highlanders escoceses.

(12) Vikings - pessoas pertencentes à raça escandinava que viajavam por mar e atacaram as partes norte e sul da Europa entre os séculos 8 e 11, e muitas vezes ficaram vivendo nestes lugares.

CAPÍTULO 6



A jovem *dún* Scoti surpreendeu Jaime. Ele não esperava tanta fúria naqueles olhos verdes, que tentavam serem vencedores de uma forma... *justa*.

Vestida com uma roupa que era demasiado curta para a sua esbelta altura, o vestido acariciava sua figura delgada como um amante ganancioso, rodopiando sobre seus tornozelos e revelando seus graciosos membros que pareciam não vacilar. Ela parou por um instante ao pé da escada, mas não havia nenhum medo no olhar dela. Não, ela simplesmente levou um momento para avaliar o aposento como qualquer guerreiro experiente deveria fazer.

Ela veio para uma batalha?

O pensamento o divertiu.

Nervoso, seus membros inferiores se apertaram, pois ele teve uma visão súbita e rápida dela enrolada nos seus lençóis. Franzindo a testa, ele empurrou o pensamento indesejável à parte, assegurando-se que essa jovem não era para ele.

Ela era uma prisioneira de guerra, não uma noiva que estava à venda.

No entanto, ele se permitiu por um momento particular ter admiração pela garota que eles chamavam *dún* Scoti, porque, na

verdade, se ele não conhecesse — a reputação feroz do irmão dela — ele bem poderia acreditar que ela fosse a rainha dos *dún* Scoti, pois ela não se curvava claramente a nenhum homem.

Orgulhosa. Perigosa. Corajosa. Linda. Estas foram todas as palavras que vieram à mente dele enquanto ela andava pelo corredor, e ele teve um fugaz lamentar que uma vez que ela o visse de perto ela sem dúvida o olharia com horror. Algumas mulheres agiam assim, uma vez que viam o presente de despedida de Donnal MacLaren, embora ele normalmente não se importasse. Pelo contrário, ele era grato por isso, pois isso o mantinha focado. Impedia-o de desejar coisas que ele não podia ter.

Um silêncio varreu a sala, quando eles a levaram diante da mesa do *laird*, e lá ela parou, olhando para ele, com um olhar de total desafio.

Ela não desviou o olhar.

Um calor inesperado passou por suas veias, enquanto a cor rosada nas suas bochechas se intensificou. Ela estava claramente furiosa. Ele reconheceu sua ira na contração de seus ombros e no brilho dos seus olhos verdes. A sombra violeta de seu vestido incandescia a pele dela beijada pelo sol e seus cabelos, negros como uma noite sem lua, estava amarrado em uma trança única, caindo como seda sobre seu ombro delicado — delicado apenas no sentido de que ela tinha a graça e o comportamento de um anjo. Não havia nada frágil sobre esta mulher. Seus braços eram musculosos, magros e fortes. Os ombros dela se levantavam com uma arrogância que se rivalizava com o da Imperatriz filha de Henry, que aos quatorze anos, foi coroada na Basílica de São Pedro e se casou com o próprio Sagrado Imperador Romano. Como Matilda, esta mulher de pé diante dele, não era uma mulher cujo espírito alguma vez já tinha sido quebrado.

Ela já tinha conhecido um homem?

Jaime acreditava que não. Ele não conhecia muitos homens que poderiam amar uma beleza tão ardente sem sucumbir à necessidade de se curvar as vontades dela. Na verdade, ele não estava certo de que ele pudesse ser ele mesmo esse homem; ele apenas sabia que para vê-la como outra coisa do que ela parecia ser era um pecado maior do que qualquer um que ele já tinha cometido.

Ai de mim, mas seus pecados eram muitos.

Ela encontrou seu olhar sem falhar, piscando apenas quando ela devia.

Jaime tomou um gole de sua cerveja, limpando sua garganta.

Ao lado dela Luc tocou em seu braço — mais provavelmente para que ela se lembrasse dele, porque Luc compreendia alguma coisa que ela não podia. Não importava o que sentia o coração de Jaime, ele faria o trabalho, ele foi enviado aqui para fazê-lo: acima de tudo, dobrar os joelhos dos *Highlanders* para David mac Maíl Chaluim. Ele não podia permitir que um deslize da jovem minasse seus esforços. E ainda assim, ele sorriu quando ela encolheu os ombros para longe de Luc e deu ao rapaz um olhar funesto.

"Bem-vinda a Keppenach, Lael dos *dún Scoti*."

"Esse *não* é o meu nome," ela cuspiu. "Eu não sou *escocesa*, nem da colina nem do vale."

Ele se inclinou na cadeira, trazendo uma mão até o queixo, como se para considerá-la. "Não?"

"Não."

"Então como devo chamá-la?"

"Lael."

"Simplesmente Lael?"

Seus olhos eram como punhais cristalinos. "Sim, simplesmente Lael," ela respondeu. "Este é o meu nome e me dá grande prazer

ouvi-lo."

O salão irrompeu num riso nervoso.

Rapariga atrevida.

Jaime gostava dela, apesar dos alarmes que estavam tocando em sua cabeça, pois dificilmente seria bom para ele agora se unir a esta mulher. Ela não era para ele e dependendo de suas ações, ela podia voltar para o irmão dela, ou ainda ele podia ser forçado a tirar a cabeça dela. Ele preferia a primeira opção, mas ela estava disputando à última. Jaime olhou de volta para ela, recusando-se a liberar o olhar dela, e ela exibia um sorriso arrogante, empurrando os pulsos para frente para exibir suas amarras. Ela disse com doçura fingida, "Diga-me, *laird*, é esta a maneira que você dá boas-vindas aos seus *hóspedes*?"

O uso de seu título não era para honrá-lo; ela quase se engasgou com a palavra. Mas ele estava se divertindo pela maneira como ela se referia a si mesma. *Hóspede*? *Rapariga atrevida*. Ela entrou no castelo pela força com a intenção expressa de abrir os portões e conquistar a fortaleza, e ela tinha a audácia de se intitular uma hóspede?

"Não frequentemente," Jaime disse depois de um momento. Mas esta era a primeira vez que ele se sentava na cadeira de um *laird*. Além disso, era a primeira vez que ele tinha ganhado uma propriedade como pagamento. No entanto, considerando que ela era sua primeira convidada — homem ou mulher — esta era uma resposta justa o suficiente para uma pergunta tão insolente.

Em resposta, ela inclinou um pouco a cabeça como uma rainha benevolente. "Oh, como você é bondoso." Ela sorriu lindamente e o coração de Jaime deu um pulo de alegria por causa do gesto. Não foi um sorriso genuíno, mas foi um sorriso lindo. *Caramba*, ele tinha visto suas facas — todas elas — armas mortais feitas para cortar o

coração de um homem, mas nenhuma cortaria tão facilmente como esse sorriso.

Lael tinha se preparado para o temperamento do Açougueiro.

Ela não tinha noção do que estava por vir. Seu irmão não tinha criado uma tola, mas aparentemente ela tinha se esquecido de todas as suas aulas bem aqui, hoje. No momento ela estava cercada por homens que eram leais somente ao Açougueiro — ou pior, a Rogan MacLaren, e mesmo assim ela não conseguia segurar a língua dela.

O jovem ao seu lado tossiu. Lael ouviu sobre o crescente silêncio. Daí em diante, nem um som rompeu o silêncio — nenhum copo pousou em cima da mesa, nenhum punhal foi desembainhado, nem mesmo se ouviu um sutil barulho de garganta.

Use sua inteligência, Lael, ela lembrou a si mesma. *Use sua inteligência.*

Tinha um tempo para músculos e um tempo para a razão, e ela compreendeu instintivamente que com a força ela não ganharia nada aqui — muito menos com uma língua atrevida. De longe, ela viu que ganharia muito mais simplesmente usando sua astúcia, embora o silêncio agora durasse tanto tempo que ela sentiu um frisson de medo.

E ainda assim... ela encontrou-se fascinada pelo seu rosto. A cicatriz enaltecida nos contos era um pouco mais que uma linha fina, branca, que viajava por sua escura sobrancelha esquerda, dividindo-a pela metade acima dos seus olhos cinzentos de aço até a parte superior do nariz.

"Agradeço por sua gratidão," o Açougueiro disse com amargura. "Eu pensei que você iria se sentir grata depois de ficar de pé por horas com uma corda sobre o seu pescoço?"

Sua voz de tenor era gentil, mas Lael conhecia as pessoas. O homem era um mercenário para o seu rei. A profundidade do

silêncio no salão era um testemunho do medo que ele incutia nos homens.

E que homem não responde bem a uma bajulação?

"Peço perdão," ela disse docemente, moderando o mau-humor e rangendo os dentes por detrás de um sorriso — um sorriso imitando sorrisos que ela tinha testemunhado em outras mulheres, porque simpatia não vinha tão facilmente para Lael. No entanto, dupla personalidade também não. Seu tom melado lhe deu azia. "Você tem minha gratidão," ela disse e bateu seus longos cílios pretos. "Mas certamente você não está com medo de uma jovem?" Ela desafiou. "Já ouvi tantos contos sobre as suas habilidades, mesmo estando longe, lá em Dubhtolargg. Na verdade, ouvi dizer que você pode rasgar um homem ao meio apenas com as mãos?"

Ele olhou para ela, um pequeno sorriso nos cantos de seus lábios carnudos. "E quando eu peido, eu faço subir um vento feroz no Norte," acrescentou ele, presumivelmente zombando dela.

Lael piscou surpresa, de alguma forma tentando não rir. "Bem, é claro," ela disse, recuperando-se rapidamente. "O que mais os homens devem falar enquanto levantam seus copos, mas o sopro do vento?"

O Açougueiro deu uma gargalhada, surpreendendo-a com o seu bom humor. "Sim, bem... reconheço isso." Seus olhos cinzentos brilharam com alegria "parece que temos uma preocupação inata com a alegria — homens e mulheres."

Lael resistiu ao impulso de se olhar, de repente sentindo-se consciente sobre seu vestido bobo. Seu bom humor parecia genuíno, mesmo assim ela franziu a testa; ela não queria gostar dele.

Infelizmente, era tarde demais: seu rosto se transformava diante dos seus olhos, de demônio para homem... agraciado com olhares mais justos do que a maioria. Ele tinha uma pequena verruga

embaixo do canto de seu olho direito que parecia levantar toda vez que ele sorria — algo que ela não apreciava. E a cicatriz do demônio quase desapareceu diante dos seus olhos. Agora era muito menos perceptível.

Mesmo assim, se ela pudesse ganhar a sua liberdade, ela piscaria seus cílios para o próprio diabo. Ela empurrou suas mãos. "O que você está dizendo? Você tem uma sala cheia de guerreiros e eu sou apenas uma moça simples, sem nenhuma arma ao meu alcance." Ela não podia evitar. "A menos que, claro... você esteja com *medo... de mim?*"

Ela deixou a pergunta no ar.

Era um desafio flagrante, declarado numa sala cheia de homens, algum deles Jaime não tinha como saber se era leal. Todos eles assistiam a cena para ver o que ele faria. Seus olhos verdes brilhavam com uma animosidade inconfundível, apesar do tom doce dela.

Moça simples, hein?

Com apenas uma arma?

Nenhuma dessas coisas era verdade. Jaime não podia saber do intelecto por trás do par de olhos verdes. Por Cristo, ela tinha afiado suas armas e sabia muito bem como usá-las. Tudo sobre esta garota trazia uma feroz inteligência e sensualidade. Ela sabia do seu valor e sabia precisamente como exercer os dons que Deus tinha lhe dado. Sim e apesar de tê-la encontrado com a cabeça em um laço nesta manhã, ela não era uma mulher derrotada. Nem ela parecia excessivamente grata por ele a ter salvado da forca, apesar de sua reivindicação ao contrário. No entanto, ela falava a verdade: ela *estava* cercada nesta sala, e Jaime iria atacar por cima da mesa mais rápido do que ela pudesse piscar se ela se atrevesse a fazer um movimento errado. Com toda a sua astúcia, ele sentiu que ela tinha

uma mente perspicaz e ele sabia instintivamente que ela não iria agir precipitadamente. Esta mulher diante dele não iria perder seu caráter sem provocação. Mas isso não significava que ele não permaneceria pisando em ovos, pois ele estava certo que ela agarraria qualquer oportunidade que ele permitisse; ela não podia ser precipitada, mas ela também não era estúpida. No entanto, tudo isso era desnecessário no momento.

Ele fez um gesto para Luc. "Remova-as."

Ele não tentou reparar a cintura minúscula revelada pelo seu vestido modesto — uma cintura que ele facilmente podia segurar com suas duas mãos. Ele poderia facilmente levantá-la e colocá-la em cima dele e então vê-la amando-o totalmente abandonada em seus braços. O homem que ganhasse sua confiança e seu coração iria encontrar uma amante apaixonada na cama dele. Isso ele sabia instintivamente.

Luc levantou uma sobrancelha, quase imperceptivelmente, mas Jaime ignorou sua consulta feita em silêncio, voltando-se mais uma vez para abordar sua adorável *convidada*.

Luc apressou-se para frente para remover suas amarras.

"Obrigada," ela disse, presenteando-o com outro dos seus belos sorrisos após os pulsos serem libertados. A reação de seu coração foi imediata; ele bateu mais rapidamente, e por um momento, Jaime se esqueceu de si mesmo. Por apenas uma fração de segundo, ele poderia quase acreditar que ela era uma hóspede que ele tinha convidado para cear. Na verdade, ele estava muito perto de convidá-la a tomar o assento ao seu lado, então ela poderia compartilhar de sua companhia, por mais ridículo que pudesse parecer — particularmente tendo em fato de que a cadeira já tinha sido ocupada por seu Senhor e rei.

"Você está com fome?" ele perguntou para ela. As palavras saíram da boca de Jaime antes que ele pudesse parar. Mas era uma pergunta perfeitamente natural, ele tranquilizou-se. Até mesmo para um prisioneiro condenado deve se oferecer uma última refeição.

Em vão ele tentou imaginar a garota em pé diante dele como a amante de adagas retratada por Maddog. Ela parecia uma senhora obediente, com graça apesar de sua idade.

"Faminta," ela respondeu de uma só vez. "Não como há quase dois dias — nem eu nem Broc," ela adicionou rapidamente, e por um breve instante, Jaime pegou uma nova centelha de raiva nos olhos de esmeralda. Era a primeira vez que ela mencionava seu amigo loiro, mas ele não podia esquecer o olhar frenético nos olhos dela quando ela tinha tentado libertar o homem da sua corda.

Eles eram amantes?

O que mais faria uma mulher arriscar sua própria vida para lutar ao lado de um homem? Ela lutou por ele. Ela estava mais do que disposta a morrer por ele também.

"Traga comida para a senhora," Jaime exigiu.

Duas servas correram para satisfazer sua vontade sem olhar para ele. "Seu *amigo*... Broc... está sendo alimentado," ele assegurou para a jovem. E era verdade. Apenas momentos antes de sua chegada no corredor, ele tinha ordenado a entrega de uma refeição saudável para o prisioneiro — bem como a remoção de suas correntes. Jaime tinha passado alguns momentos nos túneis, e isso foi muito tempo. Culpado ou não, Jaime não conseguia achar que era certo segurar um homem em tal miséria. Assim que ele tivesse outra cela preparada, ele pretendia mudar o prisioneiro para outro lugar. Os túneis que ficavam embaixo da torre não estavam aptos para um homem ou para um animal.

Lael olhou para o Açougueiro com dúvida.

Ele realmente mandou uma refeição para Broc?

Ela estava preparada para responder de forma gentil a qualquer insulto que ele pudesse oferecer, porque desde o instante que ela tinha entrado no salão, ele tinha sido apenas civilizado com ela. Invariavelmente, suas ações não combinavam com a sua reputação.

Ele realmente estava convidando-a para cear?

Confusa, ela olhou para o assento vazio ao lado dele, considerando a possibilidade. Ela não podia imaginar que ele fosse convidá-la para jantar como convidada de honra, quando eles tinham decidido enforcá-la apenas horas antes. No entanto, dizem que o homem pode dar ao luxo de exibir certa benevolência aqui hoje, pois não havia muita chance que sua generosidade poderia ser interpretada como fraqueza. Era verdade; mesmo longe em Dubhtolargg, a reputação do Açougueiro o precedia. Afinal, ele era o Açougueiro.

"Ho!" um vozeirão rude interrompeu a paz do corredor — como vidro se quebrando. Lael ficou visivelmente tensa com o som. "O que um bom banho não faz para acalmar a alma de um homem, hein?"

Era a mesma voz que ela tinha ouvido quando estava no quarto, mas desta vez ela a reconheceu imediatamente. O tempo parou, e a voz se distorceu na cabeça dela como o rugido de uma fera. Por todos os deuses dos seus antepassados! Sua calma fugiu inteiramente. *Essa voz* pertencia a ninguém menos do que David Rei da Escócia. Ela a reconheceria até em sonhos. Quantas vezes ela tinha sonhado em se deparar com ele cara a cara, então ela podia cravar uma lâmina no seu frio e calculado o coração?

Era por causa de David que ela estava de pé aqui agora!

Ele era o pai de sua miséria!

Ele era a razão pela qual tantos homens foram mortos!

Sua família tinha sido preparada para viver em paz, mas ele tinha reaberto velhas feridas, lembrando a Lael daquele dia terrível, que ela temia nunca esquecer. Se houvesse *um* homem que merecia sua inimizade, apenas um homem, era ele que tinha se saudado como *mac na h-Alba'*— *o último verdadeiro filho da Escócia*. Este homem não se preocupava a mínima com as consequências de suas ações. Lael jurou matá-lo com as próprias mãos!

Ela não pensou, simplesmente agiu. Ela girou sem aviso, atingindo o jovem ao lado dela com o punho direto na garganta dele. Ele cambaleou para trás, tentando respirar. Pegando os outros guardas desprevenidos, ela passou pelos três, pulando no homem alto barrigudo, que estava entrando na sala. "Você!" Ela uivou.

Os olhos de David mac Maíl Chaluim se alargaram. "Você!" ele disse. Ele se segurou no chão enquanto Lael se jogava em cima dele, usando as únicas armas que tinha à sua disposição — suas mãos.

Jaime não podia acreditar em seus olhos.

Nenhum homem sensato — ou mulher — ousaria atacar o rei. Ele nunca poderia ter antecipado a reação da garota.

Impulsionando-se sobre a mesa, ele atirou-se sobre a cabeça da mulher. E mesmo antes de ter visto o que tinha acontecido, Jaime estava nas costas da jovem, segurando-a antes que ela pudesse infligir mais danos — mas não antes de ela ter dado um soco na bochecha de David. O barulho ressoou através do corredor e a marca de seus longos, dedos estavam impressos inchados em seu rosto corado.

Por sua parte, David nunca bateria numa mulher, assim ele simplesmente tentou contê-la e empurrou-a na direção de Jaime, fazendo com que Jaime a segurasse junto com os guardas que tardiamente vieram em seu resgate.

"Por Deus!" o rei explodiu. E então, "Que inferno!" Seu rosto vermelho, ficando totalmente roxo com raiva.

Jaime percebeu que seus dedos estavam segurando o braço da garota, mas sua raiva a fazia parecer como uma besta uivando. Ele precisava dela fora de sua vista — agora — antes que ele pudesse ser tentado a cortar a cabeça dela aqui e agora. Com um rosnado de nojo, ele empurrou-a com firmeza em direção a seu escudeiro. "Leve-a para a prisão. Deixe-a presa e se você deixá-la sair, eu vou cortar a sua cabeça também".

Qualquer bom humor que tinha sido compartilhado entre eles tinha ido embora. Com o rosto branco, o rapaz disse, "Sim, meu senhor."

Atordoada pela sua própria reação, Lael permitiu-lhes contê-la, enquanto David tentava se arrumar. O salão, que apenas alguns momentos antes parecia silencioso como uma pedra, começou a rugir com conversas horrorizadas.

Lael piscou os olhos. Ela nunca tinha reagido tão impulsivamente em toda a sua vida. Ela não podia explicar exceto que ela tinha sido invadida por uma fúria negra diferente de todas que ela jamais tinha experimentado. *Mas eles não perguntaram nada.* Eles amarraram as mãos dela mais uma vez com a corda, firmemente, quase cortando sua circulação.

Toda a sua raiva, seu medo, todos estes muitos meses de fúria tinham sido dirigidos para David, e aqui estava ele em carne e osso — a ruína de sua existência — o flagelo de seu povo.

"Eu tentei lhe dizer que ela era uma ameaça!" gritou uma voz que ela reconheceu como a de Maddog — o vira-lata sarnento. "Ela mergulhou uma faca na barriga do meu homem, tal como eu lhe contei. Um instante, ela era doce como mel —"

"Cala a boca," rosnou o Açougueiro, mas Lael não pôde ouvir o que foi dito, porque neste momento a arrastaram pelo corredor.

CAPÍTULO 7



Escondida embaixo do braço de Una, o *keek stane* brilhava com uma luz tênue verde, e foi com essa luz que ela desceu a escada da gruta. Em algum lugar ao fundo, ela procurou o chão através da névoa com o seu cajado.

Nunca se podia ter certeza, ela pensou com um sorriso.

Realidade é apenas uma questão de percepção e o tempo nada mais é do que uma ilusão. Ontem pode parecer cem anos atrás e amanhã pode passar num piscar de olhos. Apesar do corpo dela estar dobrado e a carne enrugada como uma ameixa seca, ela possuía a energia de uma criança recém-nascida. *Mas não hoje, hoje não*. No instante ela sentia cada segundo de cada dia que ela tinha passado sobre a terra — longe demais para uma alma antiga contar, apesar de ela não ser vaidosa.

Ela fez um gesto sarcástico suave para ela mesma. Como pode alguém pensar em ser vaidoso usando este rosto antigo? Era um lembrete, mesmo quando ela tomava o lugar de *Bhrighde* — que governava com benevolência a luz solar, cujo belo sorriso podia levantar mudas de árvores do chão com o seu calor glorioso.

Sim, apesar de ela amar mais o inverno, porque o inverno falava em versos atados com a verdade, despojado das fachadas que

escondia todas as mentiras. Era a época que a paisagem revelava ramos intrincados e a terra nua se ajoelhava sob a lua — e as pessoas se apeavam uma a outra porque elas precisavam. Na verdade, elas sempre precisavam, ela pensou com um resmungar para dentro, mas de alguma forma as pessoas pareciam não perceber, não enquanto o verão sorria para elas e os seduzia.

Tudo isso ela sabia por que, infelizmente, era verdade; ela era *Cailleach* — a mãe do inverno, protetora de todas as *Highlands*. Mas no verão ela também era conhecida como *Bhrìghde*, e por algum tempo eles a tinham chamado também de *Biera*. Agora aqueles que a amavam chamavam-na simplesmente de Una, e era este nome obscuro que ela mais gostava, porque permitia que ela esquecesse seus fardos.

A névoa fria se dividiu diante dela, enquanto ela entrava no aposento, seus ossos rangendo como portas velhas.

Ah, como ela queria dormir, talvez sonhar com o dia que ela não mais seria forçada a manter uma segunda cara... Esta época estava prestes a vir, e muito rápida para aqueles que mediam as horas pelas estações do ano em vez dos grãos de uma ampulheta.

Hoje, ela se sentia cansada, e mais velha até d que o *Am Monadh Ruadh*. Antes de o dia acabar, ela se sentiria mais velha ainda.

Ela raramente entrava na parte mais funda da gruta, mas para a tarefa que ela deveria executar, ela precisava ficar mais perto da *Clach-na-cinneamhain* — a *Pedra do Destino*.

Imbuída de poderes, a pedra de basalto escura estava sobre um altar de pedra no centro da caverna, cercada por uma névoa que subia como fumaça. E embaixo da pedra, pregada ao altar, tinha uma placa de metal esculpida, as letras gastas com o tempo, mas

claramente visíveis, mesmo para os velhos olhos de Una. E estava escrito:

*A menos que o destino cresça defeituoso
E a voz do Profeta seja falsa
Onde se encontrar esta pedra sagrada
O sangue de Alba reina.*

Infelizmente, não era mais assim. Para o bem da humanidade, Una tinha trazido a Pedra do Destino para esta tumba, para nunca mais ser aquecida pelo sorriso do verão. Pelo poder investido nesta pedra, os homens foram condenados a cometer os atos mais vis em nome de Alba. Isto ela sabia muito bem porque tinha testemunhado o pior. Infelizmente, era verdade; ela viu muito mais com um só olho do que a maioria pode ver com os dois — era uma pena.

Pousando o cristal cautelosamente sobre a Pedra do destino, ela respirou profundamente, preparando-se para o ritual. Só de pensar ela se sentia fatigada, porque cada vislumbre no cristal drenava a vida dela, e ainda assim ela estava ciente de que momentos como esse podia mudar o destino dos homens.

Ela posicionou o cristal com cuidado de uma maneira que somente ela podia vê-lo, para que o lado mais côncavo ficasse afastado da entrada. Para algumas pessoas, o *keek stane* podia parecer apenas um cristal bonito, mas para os abençoados com a visão ele revelava muito — coisas que ainda iam acontecer, coisas que já tinham acontecido, coisas que iam demorar a acontecer. Sim e foi essa visão nebulosa que Una buscava acima de todas as outras, porque elas revelavam caminhos que ainda podiam ser alterados. O truque era distinguir essa do resto, e para isso ela precisava de duas grandes pedras com poderes divergentes.

"Una!" ela ouviu Sorcha chamá-la, presumivelmente de seu quarto, mas Una não respondeu.

Ela sabia instintivamente que Sorcha não arriscaria vir aqui, pois era proibido a todos salvo Una e Aidan como líder do seu clã. Um dia, haveria descanso para os ossos cansados de Una, e um dia antes que isso acontecesse, ela iria escolher um discípulo para continuar seu trabalho da Maneira Antiga. Até lá, esta sala era sagrada. Ninguém ousaria perturbá-la aqui — nem mesmo a precoce Sorcha. Então ela esperou um tempo até Sorcha se afastar, fixando seu único olho bom no seu *keek stane*, se transportando momentaneamente para outro tempo. Infelizmente, ela não precisava do cristal para espionar o passado, porque para ela parecia que eram como sonhos recorrentes.

Sangue. Traição. Morte.

Aqui neste lugar, há muito, muito tempo atrás — mas não há muito tempo para Una — Kenneth MacAilpín convocou os reis das sete nações Pecht: Cat, Fidach, Ce, Fotla, Circinn, Fortriu e Fib, representado pelos grandes homens da Black Tolargg e Drust. Cada um vinha de linhas nobres, mas todos os sete estavam preparados para dobrar o joelho para Kenneth MacAilpín. Por isto Una se culpava porque foi ela que os convenceu. A esposa de MacAilpín tinha sido uma princesa Pecht, enquanto seu pai vinha de uma longa linhagem de reis Dalriadic. Só parecia para ela que, como uma filha de duas nações, ele deveria ser a pessoa certa para unir os clãs. Mas ela tinha ficado cega pela esperança.

Sangue. Traição. Morte.

Colocando suavemente uma mão enrugada sobre a Pedra do Destino, ela se lembrou...

Com um coração esperançoso ela tinha abençoado *Lia Fàil* — a Pedra do Destino, proclamando-a como o assento dos futuros reis —

não apenas para aqueles que Gaels trouxesse por meio de Erin, mas para todos os clãs de sua amada Alba. Em uma cerimônia com a presença de uma nação esperançosa, eles tinham coroado MacAilpín sobre esta mesma pedra, e que festa eles tinham feito! Nesse dia MacAilpín fez um juramento sob a espada da *Righ Art* e os clãs ficaram felizes, e finalmente durante uma semana celebraram a paz.

Mas, Una tinha esquecido como os corações dos homens poderiam ser inconstantes. Tão logo os homens ficaram sóbrios, e a carne dos assados foram comidas, deixando apenas ossos torcidos, então retornaram as vaidades e os caprichos humanos.

MacAilpín, com medo de ser desafiado pelo seu trono, reuniu os pais e os filhos de todas as sete nações — aqui... em Dubhtolargg — convidando-os para cear, presumivelmente para discutir os limites dos feudos. No entanto, assim que eles chegaram, ele esperou até que eles pegassem seus copos, rindo ruidosamente e brincando e só então ele revelou sua traição, mergulhando todos em poços que tinham sido esculpidos por baixo de seus assentos e continham lâminas mortais. Todo aquele que não morreu pela lâmina ele mesmo matou, assassinando cada um. Ele saqueou seus corpos e roubou seus tesouros. Essa foi a traição de MacAilpín e Una não pôde detê-lo. Afinal, o que poderia fazer uma velha mulher contra um exército de homens?

Ou melhor, se ela tivesse chorado... e mesmo que ela tivesse chorado, ela tinha ido para presidir a Pedra do Destino, e a amaldiçoou naquele mesmo dia — qualquer homem que se sentasse em cima dela sem direito seria destinado a guerrear contra a sua própria família. Assim como MacAilpín tinha feito com os Pechts, assim também seus descendentes sofreriam no final. *Justiça*. Ou assim parecia, na época. Mas foi um ato de luto, não menos, não mais. Agora a maldição não podia ser desfeita. E a verdadeira

tragédia era que a Escócia estava condenada com a pedra e sem ela também e tudo o que Una podia fazer agora era tentar minimizar os danos causados. Então aqui estava a Pedra do Destino e aqui ela permaneceria para sempre. E o que aconteceria com Aidan e seu clã? Esses pobres destinados a reviver a mesma traição de novo e de novo até que eles não mais existissem?

Seu coração se encheu de uma tristeza milenar quando ela se recordou do ato de traição de Padruig mac Caimbeul — em grande parte realizada da mesma maneira como a traição de MacAilpín. Ela não podia saber ao certo se ele queria gozar com a cara dessas pessoas com a sua traição, mas Padruig também tinha vindo como amigo e partiu com sangue em suas mãos — o sangue do pai de Aidan e muitos dos seus parentes. Muito, muito tempo depois que eles se foram, Una descobriu a pobre Lael debaixo da mesa agarrada ao corpo do pai morto, suja de sangue e chorando como um bebê. Nem mesmo a suavidade de sua mãe, conseguiu tirar a criança agarrada ao corpo rígido do pai.

Lágrimas encheram os olhos de Una e ela piscou para fora essas lembranças, admirando a pedra, infelizmente. Ah, mas mesmo o mais benevolente mágico às vezes errava no serviço dos homens.

Mas bastava de devaneios por um dia.

Uma vez que ela ficou certa de que Sorcha tinha ido embora, ela pegou seu cajado, apoiando-o sobre a Pedra do Destino para colocar suas mãos sobre seu *keek stane*, pronta finalmente para começar. A voz dela começou como um sussurro e em seguida se alastrou pela caverna.

Através do vidro, as areias devem ir,

E assim por diante o tempo deve fluir,

Revele-me agora outro lugar

Mas na mente dos outros não deixe nenhum rastro!

Toda a névoa do quarto se uniu, como uma nuvem de tempestade diante do altar. A pedra verde do *keek stane* brilhava, projetando sua luz pálida sobre a massa nebulosa. Rostos se formaram na nuvem, espiando Una de um tempo passado.

Olhos verdes austeros. O rosto de Lael. A espada da *Righ Art*. Erguida por uma mão suja de sangue. Um monte de mortos. Ela engasgou em voz alta.

Sangue. Traição. Morte.

Com o coração batendo mais rápido, a sacerdotisa acenou uma mão trêmula e varreu a névoa afastando-a por uma torrente de vento invisível. Seus dedos magros se apertavam em suas mãos. "Poupe a criança," ela implorou e então fechou os olhos, vendo Lael pequenina como uma criança de onze anos.

Elas ficaram juntas no túmulo da mãe dela debaixo da árvore. "Una," a criança da memória dela sussurrou. "Eu mato *todos* eles um dia."

Una sentiu a presença do espectro ao lado dela como se ela estivesse aqui e agora. Lágrimas apareceram em seus olhos — ela sentiu-os nebulosos. O sol brilhava no punhal na mão fantasmagórica — o punhal de seu pai — e Una se sentiu obrigada a avisar, "Tome cuidado, minha criança. A vingança é uma lâmina de dois gumes."

"Ah, Lael, o que você fez, minha filha?"

Fiel à palavra do Açougueiro, Broc estava sentado engolindo sua comida quando eles arrastaram Lael pelos túneis da torre. Com a expressão cheia de preocupação, ele colocou seu prato de lado, chegando até a grade para olhar para ela.

Ela não conseguia falar nada — ainda não.

Ela nem tinha certeza do que ela estava sentindo no momento, mas não era triunfo, nem mesmo justificção. Se ela tivesse mantido

a boca fechada e as mãos para si mesmo, ela podia ter de alguma forma negociado não só sua própria libertação, mas a de Broc também. Agora, em vez disso, ela tinha sido enviada para as prisões com Broc... e os dois iriam apodrecer aqui para o resto de seus dias. David nunca obrigaria seu vassalo a lhes mostrar misericórdia, não depois do que ela tinha feito.

O irmão dela tinha sempre dito que ela era uma megera, mas ela nunca tinha se comportado tão irracionalmente em toda a sua vida. Por tudo o que ela tinha acusado David de ser calculista, ela tinha sido muito mais proposital em suas ações do que ela jamais poderia imaginar ser. No entanto, ao contrário de David, ela pelo menos tinha sido guiada pela honra. Até agora ela não tinha nenhuma palavra gentil para o rei da Escócia, mas apesar do que ela sabia sobre ele — apesar de todas as atrocidades que ele tinha cometido contra as pessoas que ela amava — David tinha ficado lá, simplesmente olhando para ela, sem se defender, e alguma parte dela se sentiu terrível por esse fato — para não mencionar o olhar horrorizado que o Açougueiro lhe deu, como se achasse ela uma louca.

E talvez eu seja.

Os homens que a arrastavam passaram pela cela de Broc, até a cela ao lado da dele, e enquanto um abria a porta, os outros dois tentavam contê-la. Ela já não conseguia mais lutar, mas isso eles não poderiam saber.

"Oh!" ela reclamou. "Vocês estão me machucando!"

"Você devia ter pensado nisso antes de atacar seu rei!"

Ouvindo essa notícia, Broc deixou sua testa cair contra as barras. "Ah, não Lael," ele disse novamente, mas ele poupou-lhe quaisquer mais palavras enquanto os homens do Açougueiro estavam em sua companhia.

"Ele *não* é meu rei," Lael persistiu descobrindo um pouco de coragem. "Meu povo não dobra o joelho para os filhos de MacAilpín. Eu não venho da Escócia!"

"Sim?" A porta da cela se abriu e um dos guardas empurrou-a para dentro. "E que diabo você é afinal?" ele perguntou, fechando a porta da cela atrás dela. "Por acaso você vem da terra das fadas?"

Os outros guardas gargalharam.

"Porque se você não vem," o homem falou, "se você nasceu nas *Highlands*, você é tão escocesa como eu — puta louca."

Com estas palavras Lael podia ter se jogado ela mesma na porta da cela, exceto que ela estava se comportando com raiva e irracionalmente. "Não. Eu *não* sou."

Ela queria que eles soubessem: ela vinha de uma linhagem tão antiga quanto às montanhas das *Highlands*. Seu povo tinha fugido há muito tempo para manter-se livre. Eles tinham sobrevivido dia após dia de roubos do Norte e da politicagem sem fim das tribos dos filhos de Aed e Constantine quando voltaram de Erin dois séculos atrás. Seu povo era o último dos pintados — aqueles que os romanos chamaram Pechts. Eles não reconheciam a Escócia, nem qualquer de seus reis. Eles eram sobreviventes, e eles *nunca* abandonariam as maneiras antigas. Ela iria manter sua fé até seu último suspiro, porque ela era uma pessoa da velha Alba, uma irmã do vento, uma filha da floresta. Além disso, seu clã era o guardião da verdadeira Pedra do Destino escondida nas profundezas das montanhas *Red Hills*. Ela não era uma puta louca!

"Lael," interrompeu Broc, tentando acalmá-la.

Ela virou-se para enfrentar seu amigo, sentindo uma amarga solidão, longe de sua família. Os olhos dele, suplicando para ela se acalmar. Mas ele não a conhecia também. Lágrimas chegaram aos seus olhos. Ela ansiava ser consolada por seu irmão e queria a sua

proteção. Broc, grande como ele era, não poderia ajudá-la agora — ele não podia ajudar a si mesmo! Ou melhor, ela tinha falhado com ele e com ela.

"Eles não sabem quem eu sou, Broc Ceannfhionn," ela sussurrou.
"E nem você."

CAPÍTULO 8



*A*parentemente, não havia sido suficiente eles a terem quase enforcado esta manhã; a jovem tola tinha atacado o único homem que poderia perdoá-la.

Seu rosto estava vermelho de raiva — ou talvez fosse febre — David saiu para o corredor, resmungando algo sobre túnicas arruinadas.

Havia pouco o que Jaime pudesse fazer agora pela jovem.

Seu destino estava nas mãos de David.

Jaime tinha feito um juramento em defender a lei de David. Mas poderia fazer diferença se ele enviasse jantar para o quarto do laird. Uma refeição saudável que acalmasse a ira do rei, e quanto mais cedo ele recebesse melhor, mas Jamie desconfiava que ele não se sentisse compelido a salvar a “raposa” quando ela claramente tinha um desejo de morte para si mesma. Ela podia ser sua prisioneira, mas a idéia de decorar a borda da sua lâmina com o sangue dela fez sua ceia azedar na barriga.

Uma vez que o salão voltou a ficar calmo, ele foi até o quarto para ver David. Felizmente para a jovem, ele sabia que o rei era um homem justo. Se Jaime lhe desse um pouco de tempo, não muito, e enchesse sua barriga com cerveja e comida, talvez ele acalmasse

sua ira o suficiente para ver a jovem resgatada pela família dela, talvez com uma promessa de fidelidade. Felizmente, quando Jaime chegou e bateu na porta, a voz do rei estava muito mais suave. "Entre," ele disse.

Jaime empurrou a pesada porta de carvalho e encontrou o rei sentado diante do braseiro aceso ao lado uma pequena mesa repleta de alimentos. Uma caneca de cerveja se encontrava a meio caminho para seus lábios finos e ele a segurava no ar, à espera de Jaime entrar. Ele parecia cansado, aflito e muito mais velho que seus quarenta e dois anos. Parecia para Jaime que nos dois últimos anos ele tinha envelhecido muito mais do que nos dez anos anteriores. Uma vez que o rei teve certeza de que Jaime tinha vindo sozinho, ele disse, "ela está totalmente fora de si!

Jaime deu-lhe um aceno e um sorriso sinistro. "Ela certamente é uma *madbit* ⁽¹³⁾," ele concordou, e então temendo a próxima discussão, ele foi até a cama do *laird*, examinando as peles pesadas enquanto o olhar de David o seguia pelo aposento.

Além de uma espiada da porta, esta era a primeira vez que Jaime realmente via o quarto do *laird* e achou-o opulento para a maioria dos padrões. As cobertas eram luxuosas e caras. Sem dúvida, elas iriam mantê-lo quente durante todo o inverno — ao contrário de seus prisioneiros nas celas. O frio iria entrar em seus ossos.

Fora a cabeça dela — ela devia ter motivos para estar zangada com David e Jaime considerou isto por um momento.

Certamente ela parecia conhecer David, e David parecia conhecê-la também. Jaime não estava a par de cada interação que David tinha com os homens que ele buscava governar.

"O quarto é bem equipado," observou o rei, confundindo os pensamentos de Jaime. "Suspeito que MacLaren se entregava aos prazeres às minhas custas."

Jaime deu de ombros. "Não conheci o homem." Na verdade ele nunca conhecera o neto caçula de Donnal McClaren. Ele o conhecia por sua reputação, mas com relação a reputações, Jaime não podia ser o primeiro a atirar uma pedra.

O rei deu um suspiro pesado. A intensidade pareceu extinguir o oxigênio da sala. As velas em seus candelabros cintilavam desesperadamente, engasgadas nos seus pavios. "Quem me dera eu também não o tivesse conhecido," confessou o rei.

Jaime arrumou as peles em cima da cama, imaginando o quanto o Rei David conhecia Rogan MacLaren. O rei tinha um grande esquema, embora ele não estivesse particularmente inclinado a compartilhá-lo. No entanto, conhecendo seu caráter, ele há muito tempo tinha colocado sua fé em seu rei; ele não apenas servia David, ele confiava, respeitava, e sim, ele amava o homem.

No final ele percebeu que, ao contrário de alguns, tudo o que David fazia, ele fazia porque acreditava que isso traria a paz àqueles que ele governava. De fato, algum dia, Jaime estava certo de que o chamariam de Santo, pela sua paciência e benevolência. Entretanto, o neto de Malcolm mac Dhonnchaidh sempre ganhava animosidade de aqueles que não o entendiam.

Fora da janela da torre, a neve se reunia no peitoril, com a entrada no quarto barrado por vidro em estilo romano — um luxo raro em qualquer domínio, mas certamente diferente de tudo o que Jaime já tinha visto fora os aposentos do rei em Londres... ou nos antigos mosteiros romanos. O vidro era certamente algo inesperado tão longe no norte e com certeza numa fortaleza como essa. Por um instante, ele tentou lembrar se as outras janelas eram adornadas da mesma forma.

"Venha," David convidou-o. "Sente-se e beba comigo." Ele mostrou uma cadeira vazia perto dele e deu uma tosse discreta, não

tão profundamente como antes.

Preocupado com a jovem, Jaime foi e sentou-se e David empurrou uma caneca vazia em direção a ele e, em seguida, encheu-a com o que Jaime presumiu fosse cerveja.

"Eu dei ao cretino, sacos cheios de ouro," David disse. "E foi assim que ele usou meu dinheiro." Ele acenou com a mão sobre toda a extensão do aposento, claramente desgostoso. "O resto da fortaleza é tão nua quanto o rabo de um burro," ele resmungou. "Isto deixa bem claro que o homem não se preocupava a mínima com ninguém além de si mesmo."

Um pequeno sorriso apareceu nos cantos dos lábios de Jaime. "Pelo menos ele tinha suas prioridades," ele disse.

"Bastardo ganancioso," David respondeu, e então ele bebeu toda a cerveja de sua taça e a encheu de novo. "Seu avô mereceu o que você deu a ele, nunca duvide disso."

Jaime estremeceu, olhando para baixo para seu copo.

"Eu espero que o irmão de Lael tenha espetado toda a carne de Rogan e o tenha deixado apodrecer."

Lael.

Ele sabia o nome dela, Jaime observou, mas David não estava presente quando ela tinha revelado isso a ele. "Presumo que você a conheça?"

David olhou para ele, levantando uma sobrancelha escura. "Beba," ele comandou, evitando a pergunta.

Difícilmente a fim de libações, Jaime, no entanto, alcançou seu copo, percebendo que David tinha algo difícil para dizer. Acima de tudo em seus pensamentos, ele queria que de alguma forma ele tivesse uma maneira para salvar da corda o pescoço da jovem. De novo... por que ele deveria se importar com o que poderia acontecer com a jovem? A "raposa" não era da sua conta.

"Eu confio em você," anunciou David. "Mais do que a maior parte das pessoas que eu conheço — certamente mais do que Montgomerie, o maldito traidor!"

Jaime assentiu sobriamente. Piers de Montgomerie foi um dos primeiros barões que David enviou ao norte para controlar a terra dos *dún* Scoti. Ainda era incerto onde jazia a lealdade do homem. Aparentemente ele tinha se casado com uma jovem Brodie, e então ele ficou contra David, se aliando com seus irmãos. Infelizmente, este era um risco que David tinha que ter sempre que ele mandasse um líder forte, ao norte; nenhum homem poderia controlar estas terras se não colocasse seu povo em primeiro lugar.

"Agrada-me muito vê-lo receber sua cota", disse o rei depois de um tempo.

Jaime levantou sua caneca. "Por isso eu lhe agradeço, Sua Graça."

David acenou com uma mão, dispensando a sua gratidão. "Não há necessidade de formalidades entre nós aqui," ele insistiu. "Lá fora, talvez, mas aqui meus peidos não são menos fedidos," ele disse e colocou uma mão à barriga. "Particularmente após comer um pouco de *haggis*⁽¹⁴⁾."

Jaime riu, lembrando as palavras de Lael. "Um brinde para o sopro do vento," ele ofereceu, levantando sua caneca.

Ele tomou um gole generoso, sufocando o fogo que acendeu na parte traseira de sua garganta. Amaldiçoando-se, cuspiu o líquido rançoso de volta no copo.

David gargalhou. "Por todos os deuses!" ele exclamou. "Eu já vi você limpar sangue dos seus lábios e você não consegue deixar a bebida passar pela sua garganta." Ele bufou rindo, e em seguida, tossiu discretamente.

Estava na ponta da língua de Jaime perguntar o que afligia o homem, embora ele estivesse totalmente distraído pelo líquido dentro da sua caneca. Agora ele podia ver espumando debaixo de seu nariz. "Que diabo é isso? Poção de bruxa?"

O rei sorriu. "*Uisge* — a água da vida. Uma mulher velha ao sul de Dundee disse que iria extirpar minha febre intermitente, mas você é tão escocês como eu, Jaime. Não se lembra desta bebida?"

Jaime estava certo que ele nunca tinha experimentado um único gole desta bebida ou ele podia ter cabelo na língua. "Os Lordes da fronteira não se consideram escoceses," ele lembrou ao seu rei.

E era verdade. Ao lado de Donnal MacLaren, seu avô tinha invadido tanto as terras dos escoceses como as terras dos ingleses, e Jaime se considerava inglês também, mas ele não estava preparado para discutir este ponto agora.

David levantou sua taça. "Todos salteadores das fronteiras!" ele exclamou. "E ainda assim fracos, e foram os Lordes das fronteiras que primeiro vieram em meu auxílio."

"Sempre que lhes convinha," Jaime sustentou.

Na sua humilde opinião, se alguém não estivesse a favor do rei é porque ele era contra e os Lordes das fronteiras tendiam a dar sua lealdade ao homem que tivesse o maior saco de ouro. A maior parte deles era de reis, sem dever obrigação a ninguém — nem mesmo a seus amigos. No instante em que seu avô pisou no seu calo, Donnal MacLaren rapidamente cavalgou contra ele — só levou o tempo para reunir homens e cavalos.

"Meu pai era inglês, como sua mãe," Jaime argumentou, preferindo se alinhar com as relações que significavam lealdade.

David colocou sua caneca sobre a mesa. "Ah! E sua mãe era escocesa," ele afirmou, e então, ele bebeu outro gole. Eu escolhi

você para esta tarefa, Jaime, porque você é um maldito escocês. Desta vez você tem que se lembrar como ser escocês!"

Mesmo se Jaime estivesse inclinado a argumentar, ele não poderia. Ele tinha tido um único encontro com o homem que o tinha procriado... com a idade de seis anos — um encontro estranho depois que sua mãe lhe confessou a verdade. De muitas maneiras, David era muito mais pai de Jaime do que o próprio tinha sido. Independente disso, ele não se sentia como um escocês. Qualquer memória agradável que ele tinha era sob a tutela de David e Henry.

David bebeu sofregamente seu *uisge*, olhando para o copo cheio de Jaime. "Beba," ele exigiu mais uma vez.

"O sopro de Deus," Jaime jurou. Ele temia o sabor do *uisge* rançoso, embora não tanto quanto ele temia o retorno inevitável da discussão sobre a jovem agora sentada na sua prisão. No seu íntimo, ele percebeu que David estava pensando sobre o que fazer com ela desde o instante em que ela o atacou no corredor. Relutantemente, ele tomou um gole, e felizmente, desta vez foi mais fácil.

David sorriu. "Esse é o meu garoto," ele disse.

Jaime sorriu e foi forçado a confessar, se não para ele mesmo, que o calor em suas entranhas não era inteiramente devido a libação. Com algum desgosto, ele devia confessar que o carinho de David o fazia se sentir como uma criança... uma noção quase esquecida porque ele já era um homem.

David parecia pressentir a volta de seus pensamentos. "Seu pai teria ficado orgulhoso, Jamie, sua mãe também." Ele olhou para Jaime sobre a borda do copo dele. "Ela era amiga da minha Maude, eu já lhe disse?"

Jaime assentiu com a cabeça, tomando outro gole. Não era tão ruim, afinal. Na verdade, o *uisge* deixava um gosto bastante

agradável na língua.

"Ela esteve no nosso casamento," disse David, recontando a história mais uma vez, apesar do fato de que Jaime já tinha ouvido mais vezes do que ele poderia contar. Os olhos do rei se enrugaram nos cantos, quando ele puxou pela memória. "Tínhamos a sua idade," ele falou. "Vinte e nove anos precisamente. Por Deus, não é uma tarefa fácil ser marido de uma jovem de temperamento forte. Ai de mim, mas como ela não podia ser? Ela era herdeira de Huntingdon e de Northampton também."

Jaime levantou um brinde à rainha de David. "E não se esqueça... sobrinha neta do Conquistador. Com uma linhagem de sangue assim, ela tinha que ser a consorte de um grande rei."

A sobrancelha de David se levantou. Não tente me bajular, Steorling. "Este não é o seu jeito e na minha vida eu já tive mais do que o suficiente de bajuladores para durar uma vida inteira." Ele tossiu discretamente, limpando a garganta. "Você sabe o que eu prefiro?"

Jaime abriu a boca para responder, mas o rei continuou sem esperar por sua resposta. "Eu prefiro os homens — e as mulheres — que vivem por seus corações. É o que eu prefiro." Ele arrotou e pousou sua caneca, sua expressão agora estava sóbria. "Na verdade, aquela garota que você colocou na sua cadeia é uma..."

Os pêlos na parte de trás do pescoço de Jaime se arrepiaram com a menção de Lael.

"Ela é uma *madbit* como você, diz," David continuou alheio à batalha travada na cabeça de Jaime. "Ela e seu irmão ambos vêm de um clã com laços com MacAilpín. Eles são o destino apenas ligeiramente alterado. Aidan *dún* Scoti poderia ter carregado o meu estandarte de leão em meu lugar. Não é de admirar que a jovem tenha a arrogância de uma rainha."

De repente, um pensamento ocorreu a Jaime. Se isso fosse verdade — que ela era descendente de sangue real — então Lael era um risco para David maior do que Jaime poderia ter imaginado. E percebendo que David não estava, na verdade, divagando, que ele já tinha tomado uma decisão e não estava inclinado a vacilar — não quando ele estava demorando tanto sobre sua explicação — ele ergueu a caneca à boca, bebendo profundamente do seu copo, antecipando a decisão do rei.

Se ele decretasse a morte da garota, Jaime não teria nenhum argumento razoável para salvá-la. Evidentemente, ela tinha lutado ao lado de um traidor da coroa, então ela tinha usado o próprio rei como um *quintain* ⁽¹⁵⁾. O mínimo que ele podia fazer era cortar a cabeça dela ele mesmo. Ele não conseguiria deixá-la sofrer sob a lâmina de outra pessoa. O *uisge* ardia como inferno, lambendo sua garganta — um calor bem-vindo, a mera possibilidade de derramar o sangue da garota o deixava gelado.

David deu outro olhar sobre sua caneca. "Sim... É por isso que decidi que você vai se casar com a moça," ele anunciou.

Jaime se sufocou pela segunda vez com o seu *uisge*. A caneca voou para longe de seus lábios. "O que você disse?"

A expressão de David permanecia perfeitamente sóbria. "Eu disse, que eu decidi que você vai se casar com a moça," ele repetiu calmamente.

O cérebro de Jaime tinha dificuldade de formar um pensamento racional, mas tinha pouco a ver com a bebida fermentada na sua mão. "Sua Graça?" ele argumentou. "Os escoceses têm uma maneira diferente... ela tem o direito de recusar."

"Sim, apesar disso, ela não vai — ela pode no começo tentar, mas ela vai aceitar por causa de Broc Ceannfhionn. Não tenha medo, os dún Scoti respeitam muito a honra."

David queria que ele se casasse com a garota, uma traidora, ao invés de matá-la. Seu alívio rapidamente sumiu com a confusão na sua cabeça. "Mesmo assim, Sua Graça, se a forcarmos, ela pode repudiar a união a qualquer momento. No final o que possivelmente podemos ganhar?"

David acenou com uma mão, dispensando o protesto de Jaime. "Sim. Porque nós vamos deixar Broc Ceannfhionn preso até que você coloque um bebê na barriga dela. Ela lutou para o tolo. Ela vai abrir as pernas para salvá-lo também. E então pelo que eu acho que eu conheço dela, ela vai pensar duas vezes antes de abandonar seu filho."

"Deus!" Jaime cuspiu. Ele queria salvar a vida dela, ele realmente queria, mas *casar* com a jovem? Ele tinha visto suas facas — todas elas — ela *não* era o tipo de mulher que ele pudesse confiar na cama dele, ou onde quer que fosse referente a essa matéria!

Seu rosto empalideceu com o pensamento que veio à cabeça dele, pois ele gostava do pau dele o suficiente e não queria perdê-lo.

David divagava. "Já mandei chamar o meu padre, eu o deixei acampado nas proximidades." E então ele já estava em outro discurso. "Deus sabe a verdade, sei da importância da missão do homem para Deus, mas eu não consigo suportar o sermão interminável dele. Às vezes, eu fantasio sobre entregá-lo de volta para Roma. Eu acho que com certeza ele perderia a cabeça em Dubhtolargg." Ele resmungou.

Mas Jaime não ouviu uma palavra do que David estava dizendo. Ele estava amedrontado, ainda remoendo sobre Lael e suas facas. "E se ela recusar?"

O olhar do rei estava sombrio. Seu olhar se estreitou. Mais uma vez ele pôs sua caneca sobre a mesa, abandonando-a desta vez completamente. "Não se engane, Jaime, eu não aceito essa opção,"

ele tranquilizou. "Embora se Lael recusar, nós cortaremos *ambas* as cabeças no dia seguinte. Cortaremos a de Broc primeiro para que ela tenha certeza de que eu tenho palavra. E então cortaremos a dela também."

Jaime bebeu o resto de seu *uisge* e, em seguida, colocou seu copo sobre a mesa, deglutindo não só a bebida, mas a proposta em geral.

David viu a reação dele. "Você tem alguma objeção a isso?"

Jaime levantou uma sobrancelha. "E se eu tiver?"

O rei estreitou os olhos e disse, "Então afie sua lâmina."

David conhecia Jaime bem o suficiente para saber que ele insistiria em ser o carrasco. E ele era esperto o suficiente para dar uma escolha para Jamie. Mas na verdade não havia nenhuma escolha, e a decisão de Jaime já tinha sido tomada.

"Muito bem. Eu vou casar com a jovem," Jaime concordou.

O sorriso de David retornou ao seu rosto. "Bom homem!" ele exclamou e pegou sua taça na mão dele. "Deixe-a na prisão durante uma noite para pensar nas conseqüências de suas ações, então a traga para mim amanhã de manhã. Se eu não conseguir um pouco de paz por meus termos, vou enviar uma mensagem para Aidan *dún* Scoti que ele não vai poder descartar."

(13) madbit - uma pessoa que é louca

(14) haggis - prato escocês de miúdos de carneiro

(15) quintain - História (época medieval) quintana, manequim que outrora servia para adestramento dos que se exercitavam com armas

CAPÍTULO 9



"Coma, Lael. Se você não comer vai terminar como esse animal morto."

"Estou sem fome," Lael persistiu.

Seu humor estava melancólico, ela se sentou no chão, úmido e sujo, de costas contra a parede, encarando a carcaça do pobre animal magro que tinha rastejado para a cela e morrido há mais de uma semana, a julgar pelo fedor.

"O mínimo que eles podiam ter feito era ter removido essa coisa da minha cela. Como você pode comer com esse fedor?" ela perguntou para Broc, embora ele não estivesse comendo. Depois de saber que ela ainda não tinha comido nada, ele pegou seu prato, passando-o entre as barras para que Lael pudesse alcançá-lo. Por razões óbvias Lael estava com pouco apetite e ela não podia suportar a idéia de colocar alguma coisa na sua boca — principalmente com esse maldito cheiro no ar. De vez em quando Broc inclinava-se para arrancar um pedaço de alguma coisa não identificável do prato e Lael estremecia, pensando que parecia suspeito ter um animal morto assustadoramente perto de seus pés. Ah! Ele podia comer se dependesse dela.

"Conte suas bênçãos, eles não te colocaram em grilhões," ele disse, mostrando-lhe os pulsos ensangüentados e machucados. Ainda mais evidente era a queimadura da corda no pescoço dele, um colar vermelho-sangue que lembrou a Lael quão perto eles viram a morte.

"Bastardos," Lael disse. Ela sentiu uma dor no coração que implorava por lágrimas, mas ela não podia chorar, e talvez fosse uma coisa boa, porque essas paredes amaldiçoadas choravam mais que Aveline de Teviotdale.

Broc mostrou um dedo torto para ela. Gordura de carne brilhava nas pontas dos dedos mesmo na penumbra. "Eu nunca tinha visto você com um vestido antes. Você fica muito bem," ele disse, mudando de assunto e conversando como se eles estivessem num salão bebendo *uisge* e comendo torta.

Lael deu de ombros.

Ela usava o que usava por razões que Broc não podia compreender — para que os homens nunca pudessem se aproveitar dela porque ela estava usando um vestido, ou por seus cabelos. Na sua mente ela ainda se lembrava da maneira que os homens de Padruig trataram as mulheres. Tendo visto tais atrocidades, ela tinha treinado para ser uma guerreira toda a sua vida. Na verdade, ela não conseguia se lembrar da última vez que ela tinha usado seu cabelo solto ou um vestido esvoaçante. Ainda assim, era um prazer ouvi-lo dizer isso. Ela se perguntava o que o Açougueiro tinha pensado sobre o vestido dela e tentou enxotar o pensamento assim que ele entrou na cabeça dela. *O que importava o que o homem tinha pensado?* "Infelizmente, talvez eu o use para o meu enforcamento," e ofereceu-lhe alegremente um sorriso.

Brock abanou a cabeça. "Coragem, jovem. Meu palpite é que se ele quisesse nos enforcar, ele já teria feito isso."

Lael deu-lhe um olhar aguçado. "Ele pode ter mudado de idéia," ela sustentou.

"Sim?" Broc olhou para ela com uma sobrancelha levantada. "Então... você sabe por que eles trouxeram você aqui? Eu gostaria de saber."

O olhar de Lael se deslocou para o bigode de Broc. Na penumbra, a barba de ouro parecia um pouco com pó de fada. Ela encolheu os ombros, envergonhada. "Eu bati em alguém."

"Alguém?"

"David."

Seu rosto se contorceu, embora ele ainda não compreendesse. "David?"

"Mac Maíl Chaluim," ela esclareceu, para que ele não ficasse confuso.

Por um instante, ele pareceu muito chocado para falar e depois atirou suas sobrancelhas para cima e deu uma gargalhada, ganhando maus olhares dos guardas. "Ah!" ele gritou, caindo para o lado segurando a barriga. Ele riu tanto que ele bufou. "Ah, não, Lael, diga-me você não fez isso!"

"Mas eu fiz," Lael insistiu.

Ela escolheu uma pequena pedrinha de lama, jogando-a no animal morto. Mãe do inverno me salve! Porque ela não conseguia ver o humor que Broc parecia ter encontrado nesta ocasião. No entanto, se os dois partissem para o outro lado, pelo menos ela teria dado, antes de morrer, um tapa num homem que merecia. E ainda assim, apesar do fato de David agora ter a última palavra ela ainda continuava com o prazer de ter feito o que tinha feito.

Os ombros de Broc continuaram a tremer com uma alegria incontida. Em qualquer outro momento, Lael poderia ter se juntado a ele. Não demorava muito para ela rir. Ouvir outra pessoa dar uma

gargalhada era mais do que suficiente para ela começar a rir. Mas não desta vez.

"Ah, bom Deus!" ele declarou. "Esta é uma história para os nossos netos!" Então ele sentou-se e encostou a cabeça sobre a parede úmida para recuperar o fôlego. "É uma grande pena que eu nunca vou ser capaz de contar," ele disse mais sobriamente e bateu no peito dele.

Como se aquela revelação devesse trazer hilaridade por si só, mais uma vez ele teve um ataque de riso, e Lael fez uma careta para ele. "Eles vão cortar nossas cabeças," ela disse, caso ele não se lembrasse.

"Eu sei, moça, eu sei." Seu riso persistiu e ele fez alguns sons que parecia, ela achou — como um porco chafurdando na lama.

"Isto não é engraçado," ela respondeu.

"Sim," ele argumentou. "É engraçado sim. Por Deus, Lael, você deve achar algum maldito humor em tudo o que aconteceu."

Lael, teimosamente, abanou a cabeça. "Não."

Até onde dizia respeito a ela, *engraçados* eram seus irmãos Keane e sua irmã Cailin. Aqueles dois estavam sempre fazendo travessuras. Durante o casamento de seu irmão Aidan com Lili eles quase tinham explodido os barris de bebidas. Ver onde o padre idiota de David estava sentado e o mergulho que os homens MacLaren faziam para se cobrir, *isso* podia ter sido engraçado. Por outro lado, dividir uma cela de prisão com um animal podre enquanto aguardava sua própria sentença de morte essa *não* era sua idéia de bom humor. "Você é um homem estranho, Broc Ceannfhionn."

Finalmente, o riso dele diminuiu. "já me disseram isso, minha jovem. Assim me disseram. E eu daria a minha última refeição para

ver você bater em David mac Maíl Chaluim com os meus próprios olhos. "

Ela olhou o prato de comida que ele tinha colocado perto das barras. "Você não estaria desistindo de muita coisa," ela assegurou e relutantemente deu-lhe um sorriso. "Mas eu me senti bem," ela confessou. "Mesmo por um instante."

"Garanto que sim."

Os dois ficaram em silêncio e Lael decidiu que era hora de enterrar o pobre animal com quem ela relutantemente estava dividindo a cela. Com um suspiro, ela pegou um pouco de lama com a mão, fazendo careta quando o cheiro aumentou enquanto ela deslocava o animal no solo. "Diabhul! ⁽¹⁶⁾" ela exclamou. "Acho que as paredes estão vazando." Ela observou as manchas marrons nas paredes e estremeceu.

Broc olhou para cima, para o teto encharcado. "Há um vazamento bem ruim lá em cima, em algum lugar." E então, ele perguntou, "Você se arrepende, moça?"

Lael deu-lhe um olhar interrogativo, fazendo uma careta. "De ter batido em David?"

"Não," Broc disse mais sobriamente, embora seus olhos ainda brilhassem de alegria, "Eu quis dizer... lutar ao meu lado."

Lael abanou a cabeça, mas desviou o olhar. Ela não poderia lamentar sua decisão simplesmente porque eles tinham perdido a batalha, mas *tinha* uma parte dela que se arrependia de *ter* desafiado seu irmão. Como as coisas estavam, era provável que ela nunca mais visse Aidan e ela não teria nenhuma oportunidade para implorar seu perdão.

Ou melhor, parecia que ela levaria suas desculpas para o seu túmulo e a última memória que ela teria de seu irmão seria daquele dia horrível em sua sala, os dois se encarando com olhares de raiva.

Isso ela lamentava muito, embora estes pensamentos pertencessem somente a ela. Não era nenhum fardo para Broc suportar.

"Eu faria tudo de novo," ela confessou, esperando que suas palavras fizessem seu amigo ficar mais à vontade. "Eu acredito em você, Broc," ela disse com sinceridade e olhou para o gigante loiro, lendo a ansiedade nos olhos azuis claros — ansiedade em parte por causa dela, ela percebeu, porque ele estava se sentindo culpado por ter permitido que ela se juntasse a ele em sua luta. "Eu *ainda* acredito em você," ela disse novamente.

Ele virou a cabeça, o riso agora tinha sumido completamente. Ele suspirou pesadamente. "Bem... Eu não posso dizer que *eu* faria de novo."

Lael não precisava perguntar por que. Ela percebeu que ele devia estar sentindo as mesmas coisas que ela, exceto que ele se sentia inteiramente responsável por todos aqueles que ele tinha levado para essa cruzada. Não havia maneira de saber como o resto de seus companheiros tinham se saído, mas ela também sabia — e Broc também sabia — que tinham torturado um dos seus homens e assim, tinham descoberto onde os outros estavam escondidos. E ontem à noite ela e Broc tinham assistidos indefesos as flechas serem lançadas, iluminando com chamas o céu. Entre aqueles que eles tinham deixado do lado de fora dos portões estava o jovem primo e o parente mais próximo de Broc, Cameron. Apesar de sua impetuosidade, Cameron nunca tinha lutado em qualquer batalha antes e ele mal sabia o que fazer com sua espada.

Aidan nunca teria permitido Keane se colocar em risco assim, especialmente se ele fosse tão inexperiente ou sem o equipamento necessário. Bastava ver como ele tinha lutado para manter Lael fora da batalha, e ela era muito mais apta com suas lâminas do que Aidan jamais foi. Mas também ele nunca tinha gastado cada minuto

de cada dia praticando como ela tinha. Como líder de seu clã, ele não podia manter vingança em seu coração, então Lael sempre achou que esse dever era dela.

Ela não sabia o que mais ela poderia dizer para Broc, então ficou calada.

Ela cavou um poço pequeno antes que percebesse como tinha se perdido profundamente em seus pensamentos, e ela esperava que seu silêncio não deixasse seu amigo se sentindo ainda mais culpado. Se ela pudesse encontrar uma maneira de fazê-lo sentir-se melhor, ela *deveria* fazê-lo — apesar de que ela tinha problemas para acreditar em suas próprias palavras. "Estou certa de que o resto dos homens se saiu melhor do que nós, Broc."

Broc assentiu com a cabeça, e ela insistiu. "Eu acredito que eles sobreviveram à noite."

Ela olhou os guardas — um meio dormindo e o outro olhando estupidamente uma goteira no teto acima de sua cabeça. Ela se perguntou por que ele não mudava de lugar, e continuou a cavar, espiando o animal morto e pensando como ela deveria movê-lo para dentro do buraco, uma vez que seu túmulo estava pronto. Ela certamente não tinha a intenção de tocar na criatura, não importando o quanto ela não queria mais vê-la — ou cheirá-la — mais tempo.

Olhando para os guardas mais uma vez, ela começou a se apressar, porque também lhe ocorreu que assim que os guardas vissem o que ela estava fazendo eles iriam acabar com a sua escavação para impedi-la de fazer um túnel para fora da cela. Na verdade, se ela pudesse fazer, e se eles não a espionassem, se o outro guarda adormecesse também... talvez ela pudesse encontrar uma maneira de cavar por baixo da barras e sair através dos túneis longos que rodeavam a fortaleza. Certamente era possível.

Com a testa franzida, Broc observava ela cavar o buraco, possivelmente pensando a mesma coisa que ela estava pensando. Seu olhar se deslocou com cautela para os guardas, e ele falou sussurrando, para que eles não ouvissem. "Você acredita?"

Lael olhou para ele, os nervos dela tensos. "Que eles sobreviveram? Sim, Broc, eu acredito." E então ela sorriu — para o bem dele. "De qualquer forma, seu primo é demasiado magro para ser um alvo digno. As flechas sempre passam zunindo por suas orelhas."

Broc riu baixinho. "Sim, embora ele não gostasse de saber que você disse tal coisa. Acho que ele gosta de você."

"Não, ele gosta de Cailin. Ele mesmo me disse."

"Sua irmã?"

Lael assentiu com a cabeça e cavou um pouco mais rápido, se perguntando se era remotamente possível ela realmente poder fazer um buraco para fora de sua cela. Mas então seus dedos encontraram de repente algo sólido, algo enterrado debaixo da lama. Seu coração bateu mais rápido, achando que devia ser uma laje construída com a finalidade de impedir os prisioneiros de escaparem — como ela estava pensando em fazer. Ela raspou mais a lama e passou os dedos sobre a borda do que parecia ser uma caixa de madeira.

"O que é?"

Lael deu de ombros. Ela bateu com os dedos sobre a madeira. Voltou um som oco. "Eu não sei," ela sussurrou, e seus dedos trabalharam habilmente para encontrar o outro canto da caixa. Em silêncio ela continuou a retirar a sujeira, deslizando os dedos nas bordas da madeira, expondo uma seção cada vez maior, antes que os guardas por acaso a espiassem.

Broc permaneceu em silêncio, assistindo com antecipação óbvia. Ele se mudou de lugar, reposicionando seu corpo para escondê-la da

vista dos guardas, e Lael susteve a respiração, enquanto ela continuava a trabalhar com um sentimento de horror tomando conta dela... Porque ela estava começando a perceber o que ela ia descobrir, apesar do fato de seus parentes só terem enterrado uma única mulher assim... A mãe dela. Quando ela tinha onze anos. Com esta lembrança ela se sentiu tonta, mas ela continuou trabalhando, afastando a lama.

Um silêncio permeou o túnel úmido, um silêncio cheio de expectativa e temor...

Na mente de Lael, ela viu o rosto de sua doce mãe dentro do caixão e ela sugou uma respiração.

Ela começou a cavar, agora a sério, não se importando com o barulho que ela fizesse com o esforço. Um pequeno buraco apareceu na caixa e ela colocou dedo dela, empurrando a sujeira para fora da caixa, em seguida, ela olhou para o buraco. Ela sentiu o fedor horrível que vinha da caixa — um cheiro mais podre do que o do animal morto. Ela ficou de joelhos, trabalhando febrilmente.

"Lael," Broc assobiou, e a palavra soou como um aviso.

"Tem alguém aqui dentro," ela sussurrou de volta.

"Ei!" um dos guardas gritou ao mesmo tempo. Finalmente percebendo o movimento na cela dela, o homem saltou de sua cadeira bamba e correu para a porta da cela, acordando o outro guarda. "Ei! O que o diabo você está fazendo?"

É um caixão.

Lael tinha certeza desse fato.

Ela estava demasiada frenética agora parar.

Seus dedos se ergueram nas bordas molhadas da caixa de madeira, tentando abrir espaço para deslizar seus dedos entre a tampa e a borda inferior. Ela se reposicionou no topo da caixa, lançando-se para trás, percebendo que ela agora estava estendida

abaixo dela. Molhada e podre, ela podia sentir a caixa ceder sob seu peso.

O outro guarda correu com as chaves na mão, quase as deixando cair no chão. Ele falou. "Mas que diabos?"

Neste instante, Lael enfiou os dedos por baixo da tampa e puxou com toda sua força, gemendo por causa do seu esforço, percebendo que ela não tinha muito tempo. A chave estava girando na fechadura. *Clique. Clique.* Um dos joelhos de Lael quebrou a madeira, porque a tampa estava molhada e cheia de buracos, vermes apareceram inesperadamente. O esforço impulsionou-a para trás e ela bateu a cabeça contra as barras de metal. O som metálico foi tão alto que ficou parado em seus ouvidos por um instante, atordoada.

"Que o Diabo me enforque!" exclamou a guarda.

"Mãe de Cristo," disse o outro.

Broc gemeu, e então inesperadamente, ele vomitou.

Lael momentaneamente confusa com a batida na sua cabeça sentou-se e olhou para o caixão de madeira. E então ela fez uma coisa que ela nunca tinha feito em toda a sua vida: gritou como uma criança.

Quando tudo tinha acabado, dezenove corpos jaziam em cima de pira, incluindo aqueles que tinham sido mortos fora dos portões. Cada homem merecia um fim adequado e para Jaime mesmo aqueles que haviam lutado para Broc Ceannfhionn estavam simplesmente fazendo o que eles tinham sido ordenados a fazer.

Todos os homens que restaram agora estavam reunidos na muralha — os seus homens e os homens de MacLaren. Amigos e inimigos dispostos a homenagear seus mortos, mas alguns pensamentos controversos passavam na cabeça de Jaime.

A seu comando, Luc acendeu uma tocha e colocou-a sob a pilha de madeira no centro da fortaleza. Demorou um instante antes das chamas se alastrarem, mas elas varreram a pilha de madeira como um incêndio. A madeira fria, molhada murmurou algo em protesto, cuspidando cinzas brilhantes contra o vento.

Enquanto David dormia, preparando-se para partir cedo, pela manhã — imperturbável pela notícia inquietante que ele simplesmente tinha colocado no colo de Jaime — Jaime ficou observando as chamas lamberem a parte superior da pilha de corpos. Em algum lugar acima nas muralhas alguém assoviou uma melodia melancólica. O refrão triste caiu sobre a brisa. Ele não queria ficar para sentir o fedor que estava para vir. Fazia seu estomago virar e seu peito doer.

Mas esta foi a primeira vez em sua história militar, que ele já não estava pensando em uma estratégia para uma retirada iminente. Normalmente, era sua tarefa recuperar fortalezas para David, proteger o local e, em seguida, ter a certeza de que a pessoa a ser beneficiada por David receberia tudo, quem quer que fosse — provavelmente um senhor gordo e nojento, cujos dias no campo de batalha eram escassos, mas cujos bolsos estavam cheios de ouro para reunir homens para a causa de David. Mas não desta vez. Desta vez foi Jaime quem ficou com o espólio. Desta vez, ele tinha motivos para querer ganhar a confiança destes homens, não apenas sua rendição, porque acima de tudo ele precisava encontrar uma maneira de unir todos os homens sob seu comando. Para começar, ele estava determinado a remover todos os restos da batalha travada aqui antes que o sol voltasse a nascer novamente sobre Keppenach.

Alguns de seus homens foram incumbidos de desmontar o cadafalso — aparentemente uma estrutura permanente,

elaboradamente construída e que enviava uma mensagem que Jaime não pretendia transmitir. Ele encarregou algumas pessoas da remoção dos restos carbonizados. Já era tarde no ano para reunir palha nova para os telhados então ele instruiu os homens a usarem a madeira da força para reparar os telhados destruídos. O restante dos edifícios danificados devia ser esvaziado. A loja do ferreiro seria a primeira a ser reconstruída. Nenhum bom exército era sustentável sem um ferreiro decente e ele tinha visto em primeira mão o excelente trabalho que o homem podia fazer. Jaime queria mantê-lo dentro das muralhas e mantê-lo satisfeito. A primeira tarefa que ele tinha definido para ele era fabricar novos parafusos para os portões.

Do outro lado da muralha Maddog estava com os braços cruzados. Jaime sentiu o calor do olhar do homem, mas se esforçou para ignorá-lo. No entanto, Jaime decidiu que a mãe dele tinha lhe colocado um nome adequado, pois ele parecia um pouco com um mastim com uma espessa papada e olhos pretos e brilhantes.

Quanto ao trabalho ainda a ser feito, a inclinação de Jaime era de arregaçar as mangas e ajudar, mas ele estava muito consciente da importância de se estabelecer aqui como *laird*. Desacostumado a colocar-se de lado, ele percebeu que estes homens entendiam seu lugar entre eles e ele não podia baixar sua guarda.

FELIZMENTE, no decorrer do dia, a maioria dos homens MacLaren já tinham se juntado a ele sem protestar. Maddog com apenas alguns de seus companheiros permanecia relutante, levantando suas mãos para fazer alguma tarefa somente quando era ordenado. Se necessário Jaime sabia como dobrar seus joelhos também, mas por enquanto ele iria exercer uma pressão, sabendo muito bem que ganharia muito mais sendo clemente. Se havia uma coisa que ele

entendia bem sobre homens derrotados era que esse orgulho não era tão facilmente quebrado e esses *Highlanders* tinham nascido com muito mais orgulho do que a maioria dos homens.

"Eu escolhi você para esta tarefa... porque você é um maldito escocês. Já é tempo de você se lembrar como ser um."

Até mesmo a pronúncia de Jaime era agora inglesa. Seu sotaque escocês estava quase esquecido... como o Pechts que uma vez tinham percorrido este terreno acidentado. Às vezes, ele ouvia no seu sotaque uma melodia escocesa quando falava — principalmente quando ele bebia — mas era raro. Para todos os efeitos, ele era inglês, nascido e criado como um inglês, promovido por homens que eram mais ingleses do que escoceses, David incluído. E embora o rei não tivesse razão para retornar às suas raízes, Jaime tinha razão igual á dele para esquecer suas próprias raízes.

Finalmente, o cheiro de carne queimada agrediu suas narinas. Trouxe-lhe flashes de um passado que ele odiava recordar. O simples fato de que desta vez não tinha gritos para encher a noite pouco mudava seu humor, nem mesmo mudava sua percepção de que ele estava deixando sua futura noiva presa numa cela suja — uma sucessão de eventos que ele nunca poderia ter previsto.

Por Deus. Houve tempos que ele questionou a sabedoria de David. Algumas vezes ele não podia entender os motivos do rei, embora no final, Jaime concordando ou não, compreendia o que levava David a tomar cada decisão e era algo que Jaime não podia ficar contra: *o bem maior*. Apesar de tudo, David mac Maíl Chaluim era um bom homem, tentando quase em vão unir um povo que não conseguia coordenar as duas mãos para se vestir. Talvez fosse por isso que eles usassem saias.

O que o diabo ela estava fazendo no meio de homens que lutavam?

Esta pergunta o atormentava mais do que deveria — especialmente agora que ele percebeu que ela estava para se tornar sua esposa. Que homem digno permitiria uma mulher pegar em armas? Embora no mesmo instante em que ele fez a pergunta, ele próprio se repreendeu porque apesar dela ser tão linda quanto uma flor, não havia quase nada gentil sobre a jovem.

Lael.

O nome dela é Lael.

Simplesmente Lael.

Por decreto do rei, ela já não era mais uma prisioneira para ser esquecida. Nem tinha mais o nome *simplesmente Lael*. Não, mas, independente de tudo ele nunca poderia esquecê-la, com aqueles olhos verdes inquietantes, tão brilhantes na cor que trazia para sua mente as primeiras cores pálidas da Primavera.

Ele olhou para as chamas que subiam e teve uma visão de Lael encabeçando um exército, orgulhosamente montada num cavalo branco — uma princesa guerreira com cabelo da cor do ébano e olhos tão convincentes que um homem morreria para lutar ao seu lado.

Ele tinha que se lembrar que ela tinha lutado para assentar Broc Ceannfhionn no seu domínio, não o contrário, mas em ambos os casos era traição. Por todos os seus leais serviços David o tinha alinhado com uma megera traiçoeira. *Que o Diabo o enforcasse!* Se Davi desejava vê-lo morto, ele devia pedir uma decapitação rápida ao invés de mandá-lo dormir noite após noite se preocupando se ia acordar — ou não — com uma lâmina no pescoço.

"HÁ ESPAÇO PARA MAIS UM?" Luc perguntou, aparecendo ao lado dele.

Jaime estava muito distraído. "Mais um?"

O rapaz sorriu para ele. "Na pira," ele disse e acenou com a cabeça na direção das labaredas.

Jaime atirou um olhar irritado para o rapaz, e ele teve o bom senso de parecer repreendido. Havia um tempo e lugar para brincadeiras e não era agora. Ele arqueou uma sobrancelha. "Você por acaso quer se juntar a eles?"

"Não, senhor," Luc respondeu, nervosamente e desconfortavelmente. Jaime lhe permitiu um breve momento para ele pensar, com a intenção de ajudá-lo a aprender a ver onde era seu lugar. Afinal de contas agora esta era a sua *casa* — em meio a homens que um dia iriam vê-los mortos. Simplesmente porque seus pais tinham sido companheiros e porque Jaime gostava do rapaz não era motivo suficiente para permitir-lhe se pôr em perigo ou outros com falta de sobriedade. "Não é isso... bem, eles descobriram... um corpo nas prisões," o rapaz gaguejou.

Jaime assumiu que talvez um dos atacantes tivesse caído depois da batalha de ontem à noite e só agora tivesse sido encontrado. "Traga-o. Coloque- na pira," ele ordenou, em seguida, voltou-se para avaliar o fogo. Lentamente, o fogo estava lambendo seu caminho sobre o monte de mortos. "Ainda há tempo," ele disse.

"Uh... não é nenhum homem," Luc respondeu.

O olhar de Jaime se voltou para o seu escudeiro. Um sentimento de terror atravessou suas veias. Ele temia por Lael e teve uma súbita visão dela espetada por uma lança de um dos seus guardas — sem dúvida por causa de sua língua ferina.

Ele não esperou para ouvir mais. Ele deixou o escudeiro de boca aberta ao lado da pira e correu em direção à prisão.

CAPÍTULO 10



O corpo pertencia a Aveline de Teviotdale.

Foi a descoberta mais horrenda que Lael jamais tinha feito em sua vida. Apenas alguns momentos antes ela tinha pensado na garota, e era quase como se ela tivesse percebido sua presença antes mesmo de eles descobrirem o corpo dela.

Apesar de estar manchado de sangue, o brasão de Teviotdale estava estampado sobre o manto no qual a garota estava embrulhada. O corpo muito decomposto para determinar precisamente como ou quando ela tinha morrido, sua boca estava congelada em um grito medonho, e sua boca estava recheada com um chumaço de pano. As mãos dela estavam retorcidas, os dedos dobrados como garras, como se ela estivesse tentando sair da caixa. Na verdade, tinha marcas de unhas ao longo do teto de seu caixão, com manchas de sangue marcando a madeira.

Rogan enterrou a garota viva?

A possibilidade horrorizou Lael.

Antes de eles cavarem para retirar a caixa do buraco, eles tiraram Lael da sua cela e a colocaram na de Broc, mas não importava o quanto ela não quisesse assistir a esta exumação macabra... ela não tinha muita escolha. Ninguém, a não ser os escavadores tinha uma

visão melhor e ela agarrou-se a Broc, nos confins de sua cela. Mesmo assim apesar de estar chocada e horrorizada, ela não conseguia desviar seu olhar. Até mesmo quando Broc tentou fazê-la virar a cabeça dela, ela se recusou.

"Agora nós sabemos por que as portas da capela estavam trancadas," comentou um dos dois escavadores. Outra meia dúzia de espectadores estava amontoados no túnel, observando o desdobramento da escavação.

Apenas alguns meses atrás — quanto tempo? — Aveline tinha sido uma convidada deles em Dubhtolargg. E embora Lael não tivesse gostado muito da lamuriante jovem, e, na verdade, tivesse desejado que ela se fosse, ela nunca, *nunca* desejou um final tão terrível para a pobre garota. Aveline implorou a Aidan para enviá-la de volta para Rogan. Ela pediu para ele, chorando — ou melhor, implorando — para ser liberada de suas funções como empregada de Lili, porque ela queria desesperadamente ter o seu bebê aqui em Keppenach... perto do pai da criança. Lael mal podia suportar a idéia de que ela podia ter desempenhado um papel na morte horrível da jovem, porque Lael tinha quase implorado a Aidan para deixar a garota voltar para casa.

Só agora ela percebeu que Rogan era um monstro muito maior do que as pessoas imaginavam. Ah, eles sabiam que ele não era um homem particularmente bom, mas isto — *isto* — era um pecado maior do que qualquer pecado que Lael poderia colocar sobre ele.

Ela se lembrava da noite que ele tinha morrido pelas mãos do irmão dela e ficou feliz de Aidan ter deixado seus ossos para serem limpos pelos lobos. O filho da puta arrogante quase matou Lili e seu filho, e foi nesse instante, quando Lael espiou o medo nos olhos do jovem Kellen enquanto ele fugia de Rogan, que ela tinha abraçado totalmente a nova família do seu irmão.

Mas ela não soube nada sobre Aveline naquele dia.

Aparentemente Rogan a assassinou um dia antes daquela noite e depois a enterrou viva onde ninguém podia ouvir seus gritos angustiados. E só para ter certeza de que ninguém ia tropeçar em seu crime, ele tinha fechado a cadeado as portas da capela para impedir que alguém entrasse na igreja e nos túneis.

Com efeito, não era de se admirar que as portas estivessem trancadas.

"Cristo... ela tem um bebê," anunciou um dos escavadores e Lael começou a chorar — mesmo sabendo que a jovem tinha dito que ela estava grávida. Por fim, incapaz de suportar, ela enterrou a cabeça no ombro de Broc e tentou bloquear os sons. E foi precisamente neste momento que o Açougueiro fez sua aparição. Ela sentiu-o antes que ela o tivesse visto. Sua presença era inconfundível desde o instante em que ele entrou pela porta. Tão alto como era — quase tão alto quanto Broc — o topo da cabeça roçava o teto do túnel. Seus homens se separaram diante dele como árvores inclinando-se ante ao vento, mas ele não disse nem uma palavra. Ele somente lançou um olhar para ela, irritado com ela.

LAEL INSPIROU com força e abraçou Broc como apoio, tonta e com seu estomago doendo. O Açougueiro passou por eles, olhando para a cela adjacente, e por um momento, Lael ficou olhando para ele sem que ele percebesse, incapaz de parar de olhar para ele. A garganta dele ficou seca com o que ele viu pela porta aberta e ele se aproximou para examinar o túmulo. Só então voltou seu olhar para Lael.

O corpo dela ficou todo arrepiado, como se ele tivesse tocado nela.

"Quem a encontrou?" ele perguntou aos homens em geral.

"A jovem *dún Scoti*," respondeu um dos seus lacaios. "William disse que a cadela estava tentando escapar."

Seu braço se mexeu tão rápido que Lael mal o viu se mover, mas ele de repente estava segurando o braço dela. Ele murmurou algo sob sua respiração que ela não conseguiu ouvir, e ela se afastou de Broc. "Eu só estava tentando enterrar o animal morto. Deixaram-no na minha cela." Ela apontou para o animal que os escavadores tinham chutado para o lado para evitar pisar nele.

Jaime encontrou-se irritado em nome de Lael.

Uma coisa era prendê-la, outra era abusar dela e chamá-la de cadela. Ele já tinha advertido a seus homens contra o tratamento dado a Broc Ceannfhionn. No que dizia respeito a ele, o homem podia ser muitas coisas, mas ele ainda era um homem e nem mesmo David que tinha muito a perder neste conflito, gostaria de ver outro ser humano ser maltratado em nome da paz.

Por Deus! Metade da razão deles se envolverem nesta campanha foi porque David preferiu política ao invés de guerra.

Infelizmente, ele achava que o senso de política de David podia também ser responsável pela jovem que agora jazia morta na terra e era quase simplesmente ossos.

Enquanto seu homem expunha o corpo da jovem morta, os olhos de Lael falaram com Jaime numa língua que ele entendia muito bem. Ela era o inimigo, logo seria sua esposa, mas no momento ela era nada mais do que uma moça assustada, com uma vulnerabilidade em seu olhar que nem ela mesma parecia inteiramente ciente do fato. Ao seu lado o gigante loiro continuava em silêncio.

Então eles são amantes?

Isso certamente explicaria muitas coisas.

Se pressionando duramente para manter sua mente sobre a descoberta macabra na cela adjacente, Jaime, no entanto, sentiu uma onda de alívio por encontrá-la não apenas viva, mas viva e bem. Ele temia o pior, pensando que ela finalmente tinha infernizado muito um dos seus guardas. O olhar dele percorreu todo o seu corpo, querendo ter certeza de que ela não estava ferida. E graças a Deus, ela não estava, embora estivesse mais uma vez tão suja como um órfão de Londres.

Ficou lá, ouvindo seu homem explicar como tudo tinha acontecido e tudo o que ele conseguia pensar era que ele estava aliviado por encontrar sua noiva ileso.

"Basta!"

"Meu senhor?"

"Abra a cela," Jaime falou. "Coloque *Lael* de volta na torre.

Quando eles não se moveram rápido o bastante, como se não tivessem o ouvido corretamente, ele reduziu o seu olhar.

"*Agora*," ele exigiu.

Dois homens saltaram imediatamente para atender a sua ordem e outro perguntou, "o que fazemos com o corpo, *laird*?"

Forçando-se a esquecer *Lael* no momento, Jaime deu mais um olhar para a cela adjacente, examinando as provas que eles tinham descoberto.

Um corpo, enrugado e preto, estava colocado em uma posição ímpia, como se a pobre garota estivesse lutando para se espremer para caber na caixa. Sua boca estava aberta, o pescoço torcido para trás para que seus olhos olhassem para o canto do seu túmulo pequeno e escuro. Seu vestido verde pálido estava manchado com o que Jaime achava ser o seu próprio sangue. Uma pá descansava ao lado da cintura dela, e o material de seu vestido estava rasgado, revelando ainda outra pessoa — pequena, mas distinta.

INESPERADAMENTE, bile levantou-se na sua garganta. Ele já tinha visto muito mais sangue coagulado no campo de batalha do que a maioria das pessoas, mas a morte nem sempre era tão grotesca como esta. Quem tinha sepultado essa garota tinha uma mente doentia e distorcida.

Por algum motivo estranho, ele pensou no assistente de Rogan, mas a jovem estava muito decomposta para ter um enterro recente. No entanto, ainda havia muita coisa que Maddog ainda tinha que responder, por exemplo, sua apropriação do quarto do *laird*. Felizmente para ele, a presunção era de assassinato e havia pouca dúvida na mente de Jaime: alguém intencionalmente tinha enterrado a garota ainda viva.

Ele suspirou pesadamente, pensando em Teviotdale. Seu pai era um porco saqueador, mas nenhum homem merecia ver sua filha ter este fim. Melhor era oferecer para a garota a dignidade de uma pira funerária. "Tenha a certeza de não deixar nada na caixa. Remova a capa para que possamos devolvê-lo ao seu pai, em seguida, pegue a caixa e coloque-a sobre a pira."

"Sim, meu laird."

Seus homens voltaram a escavar e Jaime fixou seu olhar em Broc Ceannfhionn. "O que você é da Lael?"

Os dois homens ficaram se encarando por um momento desconfortável, e o maxilar de Broc se apertou visivelmente. Seus olhos azuis estavam avaliando. "Se você colocar um dedo em um fio de cabelo dela, Açogueiro, eu vou te matar — neste mundo ou no próximo."

"Não tenho intenção de machucá-la, embora eu aguarde uma resposta à minha pergunta."

Silêncio pairou no ar.

"Por que você está preocupado?" o homem perguntou seus olhos azuis brilhando com astúcia. "O que você quer saber, *Açougueiro*?"

Uma inexplicável onda de ciúme cercou Jaime com o pensamento das mãos de Broc ou de qualquer outro homem em cima da mulher que logo seria sua esposa. Alguma parte dele entendia que o maior impulso de Broc era proteger a jovem, mas ele não iria explicar a um prisioneiro de guerra e particularmente não a este. Ele teve sorte que Jaime tinha-lhe poupado da força.

Os dois se fitavam como touros em uma arena.

No entanto, felizmente para Broc, Jaime não vivia por sua espada. Ele viu como seria fútil engajar Broc em uma batalha de vontades. Ele reconheceu a força no olhar do homem. O fim inevitável seria sua morte e Jaime não estava preparado para tomar essa decisão. Ainda não.

Filho da puta arrogante.

Jaime olhou para ele mais momento. "Melhor você esperar que ela compartilhe a sua devoção," ele avisou, e então ele se virou e deixou o loiro sem palavras.

Deixou o homem mastigando em cima de sua ameaça e se perguntar o que ele quis dizer.

Por parte de Jaime, ele estava totalmente irado porque com o decreto simples e inesperado de David agora de repente ele se encontrava lidando com emoções que ele achava inteiramente indesejável — não que fossem específicos para sua noiva *dún* Scoti.

De repente, ele queria muito mais do que uma mulher subjugada.

Ele queria uma casa.

Ele queria o que seu pai nunca teve.

Ele queria, na verdade, ser o novo *laird* de Keppenach.

"Eu sou o rei!"

"Não você não é!"

"Argh! Tome isso! Eu sou rei pelo direito que me dá esta espada! Agora toma!"

Fingindo fazer batalha com seu inimigo inglês, o filho do ferreiro levantou o pesado *claidheamh-mor* dourado no ar, satisfeito porque ele podia empunhar a lâmina com as duas mãos enorme.

Ele não era tão alto como a maioria dos rapazes, mas seus músculos eram fortes depois de ajudar o pai com um trabalho tão importante. Um ferreiro era um comerciante muito respeitado e um dia ele se tornaria um também.

Agora ele estava cansado de segurar o *claidheamh-mor*, e ele carregava a espada antiga de volta para a mesa de trabalho, com a intenção de limpar as impressões digitais e toda a sujeira antes de seu pai poder descobrir que ele tinha tocado a espada sem a sua autorização. .

Com um grunhido que emanava de seu estomago, ele levantou e enfiou a espada de ferro sobre a mesa de trabalho, empurrando para o copo da espada o pano oleado. Seu pai tinha ido recuperar sua pedra de amolar Viking que ele tinha herdado de seu pai, para que ele pudesse afiar melhor a espada dos reis. Isso seria adequado, ele disse, porque a pedra de amolar tinha pertencido a um poderoso rei guerreiro que havia navegado para longe com seus guerreiros Vikings através do congelado Mar do Norte.

Colocando-a sobre a mesa, o rapaz começou a polir a lâmina e ela ficou limpa bem a tempo, porque seu pai provavelmente já estava voltando para casa.

"O que é isso, Baird?"

Assustado, o menino saltou da mesa de trabalho do seu pai.

O administrador de Rogan apareceu na soleira da porta, sua forma escurecendo a sala que era cinza. O telhado da oficina de seu pai tinha quase desaparecido. As madeiras do teto estavam enegrecidas do fogo da noite anterior e o quarto ainda cheirava a queimado muito tempo depois que as teimosas chamas já tinham sido extintas. No canto mais distante, o céu do crepúsculo estava visível, derramando luz sobre um chão coberto de cinzas. Mas este lado da sala tinha sido poupado, e seu pai já tinha movido suas ferramentas e todas as armas e armaduras que poderiam ser reaproveitadas. O resto agora estava empilhado sob a parte sem teto da cabana, à espera de ser derretido e transformado em aço. Atrás dele a nova espada estava exposta, brilhando sob os últimos raios do crepúsculo. "Não é nada," respondeu o rapaz.

Dando-lhe um olhar sombrio, e com seus olhos brilhando com suspeita, Maddog entrou no quarto meio-carbonizado. "Não me diga que não é nada, Baird. Eu posso ver muito bem que você está escondendo algo. O que é que está atrás de você?"

Baird não gostava de Maddog. Ele falava alto e seus dentes eram tão sujos quanto sua barba. Para Baird parecia que Maddog sempre tinha comida pendurada em seus cabelos longos. Alguns diziam que ele e Rogan eram irmãos e Baird podia acreditar nisso, pois os dois eram muito parecidos.

Infelizmente, um menino sozinho não era páreo para Maddog — ninguém era — assim ele saiu de perto da mesa de trabalho, esperando que seu pai não voltasse agora e não tentasse parar Maddog. O pai dele era tudo o que ele tinha no mundo, e ele já tinha visto Maddog matar outras pessoas por muito menos do que este tesouro que agora estava deitado no banco de seu pai.

Olhando para ele estranhamente, Maddog foi pela sala em direção a mesa de trabalho.

Os ombros de Baird tombaram em derrota.

Desde a morte de MacLaren, Maddog governava Keppenach com punho de ferro, pegando o dinheiro das lojas tão avidamente que a maioria deles estava secretamente feliz do Açougueiro e David terem vindo salvá-los. Esperava-se um longo inverno e Maddog era bem mais malvado do que MacLaren jamais tinha sido. Uma vez Maddog esbofeteou Baird na cabeça porque ele simplesmente estava passando. Para a maioria, nunca tinha havido nenhuma surpresa de porque MacLaren o colocava no comando sempre que deixava Keppenach, porque Maddog era um fiscal impiedoso e alguns diziam que haviam prometido a ele uma parcela da terra dos MacLaren como recompensa por seus serviços leais. Era uma pena para Maddog, que todos os MacLaren agora estavam mortos.

"Meu pai disse para não tocá-la," o rapaz ousou dizer.

Assim como ele próprio tinha ignorado o comando de seu pai, assim também o fez Maddog. O homem colocou seus dedos gordurosos na espada brilhante, examinando-a mais de perto, deixando suas impressões sobre o metal brilhante, cor azul, que Baird tinha acabado de limpar. E então ele lançou um olhar acusador por cima do ombro para Baird. "Nada, hein?"

Baird levantou um ombro ligeiramente. "Meu pai disse para não tocá-la," ele reiterou e Maddog de repente virou-se para enfrentá-lo.

Reconhecendo o olhar nos olhos frios e escuros, Baird deu um passo em direção à porta e em seguida tentou fugir em direção a liberdade.

Maddog arrebatou-o do limiar a porta. "Não se preocupe," disse rispidamente, colocando a mão suja contra a boca da Baird. "' Não vamos dizer para seu pai." E então ele reprimiu um riso enquanto Baird tentava em vão chutar seu caminho para a liberdade.

Pela segunda vez em dois dias a banheira foi trazida para a torre. Servos chegaram trazendo ânforas com água quente. Encheram a banheira e saíram. Mas desta vez deixaram panos brancos limpos.

Lael mal sabia o que pensar. Os guardas ela esperava, claro, mas o simples fato dela ter sido trazida novamente à torre e desta vez não meramente para um segundo banho, mas ter os panos brancos macios para secar-se — para não mencionar a privacidade que tinham dado para ela. Ela era uma prisioneira, não era uma hóspede, certo?

Apesar do fato do Açougueiro parecer olhar para ela sempre com um olhar mais ou menos de rancor, suas ações não correspondia à inimizade que ela via em seus olhos.

Quanto a Aveline... esta devia ter sido a prisão final da jovem — pelo menos até Rogan não querê-la mais. Provavelmente ele tinha escondido ela aqui para esconder sua barriga crescendo, e no final, o destino dela foi o pior que Lael já tinha visto — enterrada viva com seu filho na barriga. Isso dava um tremor em Lael e uma pontada em seu coração. Ela não conseguia parar de imaginar a pobre Aveline confinada naquele minúsculo caixão, tentando em vão respirar e totalmente aterrorizada e fora de si. Lili sem dúvida ficaria aflita ao saber, apesar da preguiça e do temperamento de Aveline, parecia que a esposa do irmão dela tinha verdadeiramente sempre se preocupado com a jovem.

Melancolicamente, ela se perguntou se teria oportunidade de confortar a querida e doce mulher do seu irmão. Às vezes os prisioneiros recebiam uma *última refeição*, talvez este fosse o seu *último banho*?

Incapaz de tirar esses terríveis pensamentos da cabeça dela, ela foi correndo para a banheira, banhando-se rapidamente e em seguida foi até baú de Aveline.

Lágrimas inesperadamente vieram até os seus olhos — não porque ela chorava Aveline como amiga, mas porque nenhuma mulher merecia um fim tão horrível. E agora, todos os seus pertences, coisas que a jovem tinha estimado... todas essas bugigangas que nada significavam para Lael, pois eram símbolos de uma vida que ela não compreendia...

Com um suspiro, ela afastou o primeiro vestido do baú — que estava no topo — o mesmo que ela tinha descartado anteriormente porque o material parecia muito fino. Mas desta vez ela o tirou para fora e inspecionou-o mais de perto. Parecia ser um vestido de casamento, pois ela era muito bonito e nunca tinha sido usado. Feito de seda, ela acreditava, o rico material parecia ter sido tecido com desenhos geométricos — brilhantes e quadrados. As mangas eram adoráveis e amplas, feitas para flutuar sob os braços um pouco como asas de fadas. Ela tentou imaginar Aveline com o vestido e tinha certeza de que ela teria ficado encantadora nele.

Seu humor ficou sombrio agora, quando ela colocou o vestido de noiva de lado, dobrando-o cuidadosamente e colocando-o em cima da cama. Esse ela não ia usar, ela decidiu e pegou outro vestido, mais uma vez o primeiro que seus dedos encontraram. De alguma forma parecia de mau gosto mexer nos bens materiais de uma mulher morta.

Este vestido era feito de lã macia, semelhante ao que ela tinha usado, exceto que era verde e estava limpo — uma cor que parecia ser a favorita de Aveline. Então em honra da jovem, que ela mal tinha conhecido e agora nunca conheceria, ela escolheu o vestido verde para usar, sem se importar que este também ficasse bem acima de seus tornozelos. Ela estava puxando o vestido para baixo quando ouviu passos do lado de fora da sua porta...

CAPÍTULO 11



Mais do que qualquer coisa, a preocupação levou Jaime a subir os degraus em direção da torre, mas assim que ele chegou à porta do quarto de Lael ele hesitou, sentindo-se tão estranho quanto um jovem imberbe na presença de sua primeira namorada.

Ele deu um olhar considerável para o quarto do *laird*. Havia pouca razão para perturbar David no momento. Nada mais podia ser feito que já não estivesse sido feito. A manhã logo chegaria e ele poderia contar para o rei sobre sua descoberta macabra nas prisões.

Na verdade, ele não sabia por que tinha vindo até aqui.

Talvez para se tranquilizar que sua *futura esposa* não estava angustiada? Mas isso era um absurdo — claro que ela estava angustiada. Ela era uma prisioneira, tinha acabado de sair da forca e direto para uma briga com David antes de assistir a uma das mais macabras exumações que Jaime jamais tinha visto. Ela era susceptível a ser defensiva e raivosa, e deveria estar aflita porque ela conhecia a garota morta também.

E ainda assim, sabendo o que ele sabia, ele devia encontrar um caminho para superar a discórdia entre eles. Se ele pudesse encontrar uma maneira de fazer com que ela o visse como um homem — não o conquistador, ou seu inimigo... Mas Jaime não era

um bruto, e também não era suave com sua língua, e ninguém jamais o tinha acusado de ser bondoso. Ele era um comandante de homens. Um soldado. E antes disso... ele simplesmente não se lembrava. O rapaz que ele tinha sido estava perdido para sempre — desde o dia que eles tinham arremessado o corpo da sua irmã sobre a muralha de Dunloppe.

Kenna estaria com dezenove anos se ela estivesse viva.

Ele colocou sua mão sobre a porta, preparado para bater, mas hesitou.

Depois de todos estes anos por deixar sua irmã desprotegida a culpa ainda queimava seu íntimo. Ele tinha falhado com ela, e depois disso, ele tinha jurado nunca permitir-se a responsabilidade de cuidar de outro ser humano.

Certamente não era que lhe faltava senso de dever. Seu dever para com seu rei e com seu país era inabalável. Mas suas obrigações simplesmente não se alinhavam em cuidar de uma mulher e uma criança. E ainda assim, em algumas horas desde que ele tinha descoberto o plano de David, ele já tinha tido inúmeras emoções. Ele nunca tinha pretendido se casar, nem sabia o que fazer com uma esposa, mas no fundo do seu coração ele estava grato porque a vida de Lael tinha sido poupada, mesmo que isso significasse que ela devia agora ser sua.

Ela vai sentir o mesmo?

Ou ela vai preferir morrer em vez de tornar-se esposa do Açougueiro?

Ele descobriria em breve.

Resolvido finalmente, ele bateu na porta pesada. Para sua surpresa, ela a abriu rapidamente. Olhando para ele com desconfiança, ela ficou barrando sua entrada, o olhar no rosto dela

cheio de veneno. "Que prazer," ela disse. "Você veio para me dar um banho você mesmo, *Açougueiro*?"

Jaime sentiu um rubor estranho, por causa da sua pergunta. "Minha senhora... uma palavra?"

Seus olhos verdes se estreitaram. "Eu não sou uma *senhora*, nem eu sou sua," ela respondeu. "No entanto, *Açougueiro*, não desejo falar com você — agora ou nunca."

O epíteto estava começando a dar nos nervos de Jaime.

Uma coisa era ouvi-la sussurrar pelas suas costas e outra era ouvir sua noiva cuspiendo em seu rosto a cada momento. Ele abriu a porta. "Não obstante," ele disse. "Eu gostaria de ter com você uma palavra em *particular*, e como posso claramente ver que você já não está mais indisposta, você *deve* me satisfazer."

"Eu devo?" Ela fechou a porta antes que ele pudesse responder, e se ele não fosse rápido, ele podia ter caído esparramado no chão do quarto. Ele vacilou um pouco... e freou o seu temperamento, sabendo que ele não ganharia nada ficando nervoso. Mais uma vez, lembrando-se da proximidade de David, ele entrou no quarto e fechou a porta, um pouco surpreso por notar como o aposento era mal equipado.

Este quarto, tão próximo ao quarto do *laird*, quase não tinha mobília, salvo uma cama e vários baús. Luc devia tê-lo inspecionado e removido qualquer item que ela pudesse usar ofensivamente, mas o quarto estava quase vazio — tinha estado sempre assim pelo que parecia. Os cantos eram cheios de teias de aranha e a única fenda de uma janela estava fechada grosseiramente contra a noite. "Não estou aqui para lhe fazer mal," ele garantiu.

Ela levantou seu queixo, recuando para o quarto, o vestido muito curto escovando os tornozelos dela.

Jaime seguiu-a para dentro.

"Eu não estou com medo de você," Lael disse.

Somente uma vez na vida dela ela tinha se acovardado diante de homens — nunca mais.

Ele podia tirar a vida dela, mas ele nunca poderia tirar a vontade dela, nem quebrar o seu orgulho. Ela era filha de reis Pecht; ele não era nada além de um Açougueiro irresponsável.

Ele arqueou a sobrelanceira do diabo para ela. A cicatriz fina, branca desapareceu em sua testa, mas um pequeno sorriso puxava os cantos de sua boca. Confusa, Lael deu-lhe um olhar severo.

Este era o homem que tinha queimado sua própria fortaleza, seu salvador, seu captor. Ele olhava para ela com fúria, de uma maneira que ela não conseguia decifrar. Por um instante pareceu que ele tinha consideração por ela, e então ele olhou curiosamente para o quarto, seu olhar parou na janela fechada. Ele abriu a boca para falar, e depois a fechou e foi até a janela. Oferecendo-lhe as costas, ele abriu as persianas. A neve caiu quando ele apertou cada uma das barras, verificando algumas duas vezes.

Lembrando-se sutilmente que ela ainda era sua prisioneira — não era sua hóspede, não importava quantos banhos ele tinha lhe enviado — Lael assegurou-lhe, "Eu tentei todas elas. Então não precisa perder seu tempo. As barras estão seguras." Ele tinha que entender que ela voluntariamente nunca iria aceitar seu destino. Se houvesse uma chance dela escapar, ela planejava fazê-lo sem reservas.

Ele lançou um olhar sobre seu ombro e Lael viu o brilho prateado nos seus olhos. Apesar da calma que ele demonstrava, ela sentiu uma tensão nele que era inconfundível. O olhar no rosto dele a fez se sentir como se ela fosse uma refeição, esperando para ser devorada.

Ele se virou novamente para chegar perto da janela e Lael olhou para o colchão, considerando o quão rapidamente ela poderia pegar o espelho que tinha escondido lá, mas ela não se mexeu. Havia algo sobre o conjunto de seus ombros que a fez sentir que ele tinha olhos na nuca. E de qualquer forma, mesmo que ela pudesse encontrar o espelho antes que ele conseguisse detê-la, ela percebeu que havia guardas postados à sua porta. E mesmo se não tivesse, para onde ela iria? As entradas estavam provavelmente guardadas e ela não podia abandonar Broc Ceannfhionn.

Não era precisamente o medo que a manteve presa no chão, e não tinha nada a ver com curiosidade. Ela não desejava saber o que o homem poderia querer dela, e ainda assim o silêncio dele, muito mais do que a sua presença, a enervava. Ela olhava para ele com cautela, imaginando o que ele queria. Ele era um homem — disso ela não tinha dúvida — e eles estavam sozinhos em um quarto *com uma cama*. E ainda, inexplicavelmente, apesar de todos os problemas que ela tinha causado desde a sua chegada, e apesar da situação que a tinha trazido aqui, ela não sentia nele qualquer ameaça imediata. Mesmo assim...

Ele ficou em silêncio, olhando pela janela e Lael ousou dar um passo para mais perto do colchão...

Ele a subestimou e ela quase não se opôs de tomar vantagem desse fato. Se ele achava que ela era um oponente menos astuto simplesmente porque era mulher, este seria seu último erro. Ele ficaria deitado ali com um espelho espetado nas suas costas, se perguntando o que poderia ter acontecido. Ela acharia uma maneira de lidar com os guardas depois.

Antes de ela chegar até o espelho ele fechou as persianas e se virou para encará-la. Lael congelou onde estava, a alguns passos da cama. Seu olhar prata se deslocou para a cama e ela ficou com

medo por um instante, que ele pudesse ler seus pensamentos... mas talvez simplesmente seus olhos tinham ido para *outro lugar*.

Ele era um homem, afinal de contas; seus instintos mais básicos eram sua própria natureza.

O coração dela disparou dolorosamente. Em casa, nenhum homem ousava encostar um dedo nela. O irmão dela podia acabar com qualquer pessoa. Mas este homem era o senhor de seu próprio domínio. Ele respondia somente a David — se ele respondesse a alguém, e ela não acreditava que ele fosse um homem que se conformasse com a vontade dos outros. Independente disso, o rei da Escócia nunca ficaria do seu lado contra seu precioso Açougueiro, disso Lael tinha certeza.

"O que você quer?" ela finalmente perguntou.

Ele respondeu-lhe com o silêncio, e mais uma vez seu olhar pousou em cima da cama.

Uma imagem atacou sua mente, sem ser convidada, pois ela viu os dois se abraçando — naquela cama. E apesar de que ele já tinha fechado as persianas, ela estremeceu, dizendo-se que era apenas o ar fresco da noite. Tirando para fora de sua mente essas imagens carnis, ela encontrou diretamente seu olhar.

O banho há muito tinha ficado frio, mas a banheira mantinha-se no centro da sala, à espera de ser esvaziada — um lembrete de que não importava o que os outros diriam sobre o temperamento do Açougueiro, ele ainda a incomodava de alguma forma. Nem ele tinha prejudicado Broc. Na verdade, desde sua chegada a Keppenach, o tratamento deles tinha melhorado muito, principalmente porque parecia que eles já não estavam em perigo imediato de serem enforcados. "Você vai exigir resgate?"

Ele balançou sua cabeça para dizer que não.

Pânico a atacou. "Por que não?" ela pressionou.

Ele olhou para ela como se ela fosse uma curiosidade mórbida e então respondeu a pergunta dela com uma pergunta. "Diga-me, Lael... O que obriga a uma moça adorável a arriscar sua vida e a sua integridade física para lutar ao lado de um traidor... a trair seu país e parentes?"

Lael num piscar de olhos. *Ele me acha adorável?*

Não importava. *Ele é seu inimigo!* Ela colocou uma mão no peito, completamente confusa com a pergunta. "Você está perguntando para *mim?*"

Ele levantou suas sobrancelhas. "Por acaso você vê alguém mais nesta sala?"

"Você está exigindo uma resposta?" ela perguntou, horrorizada. "É isso que os ingleses fazem com os prisioneiros? Dá banho e tortura sem razão?"

Ele riu, mais uma vez surpreendendo-a com o som rouco.

Mãe do inverno tenha piedade! Ela realmente estava aqui discutindo com o Açougueiro... e ele riu? Este era o homem que eles alegavam que tinha queimado sua própria fortaleza?

Não mais vestido com seu *hauberk* ⁽¹⁷⁾ preto, ele não tinha armas visíveis — felizmente para ele porque Lael já tinha desarmado homens de estatura bem maior. O que ele poderia saber dela? Parecia que David já tinha enchido seus ouvidos.

"Se você está se referindo a mim," ela disse depois de um momento. "Eu não tenho país para trair como eu já disse. Não tenho amor pela Escócia, nem a reivindico para mim. "Mas ela não podia dizer que ela não tinha traído seus parentes, porque ela tinha. Seu irmão certamente acreditava que era assim. "Já disse para você... Eu não me ajoelho para David, se ele se achar Deus ou rei."

Ele estudou seu rosto, à procura de algo. "E por Broc? Você se ajoelha para ele?" ele perguntou depois de um momento.

A pergunta pegou Lael completamente de surpresa. "Claro que não!"

"E mesmo assim você lutou por ele?"

"Keppenach é dele por direito," sustentou Lael, não se importando se ela podia insultá-lo. Esta terra não pertencia a ele, muito menos a David para conceder a terra para alguém — não tanto quanto ela estava preocupada.

"Sim? Que direito é esse?"

"O direito da espada!"

O Açougueiro inclinou sua cabeça. "Que espada?"

Mais uma vez a pergunta surpreendeu Lael, e ocorreu-lhe naquele instante que ele não tinha ainda colocado os olhos sobre a espada do rei. Ela não sabia o que fazer com a informação, mas ela não pretendia ser a pessoa a revelá-lo. A espada pertencia a Broc, não pertencia a David, nem ao Açougueiro. "A espada dele," ela respondeu rapidamente. Não era a verdade, mas também não era uma mentira.

O semblante do Açougueiro escureceu diante dos seus olhos. Seu rosto de repente se transformou na cara do demônio que ela tinha visto quando ele primeiro tinha entrado pelos portões. "*Sua* espada?" ele perguntou. "Por acaso você se refere a que está entre as pernas dele?"

Lael piscou os olhos, e então começou a compreender e ela deu mais um passo para mais perto da cama, os dedos coçando para encontrar o aço frio que ela tinha colocado lá.

"Eu luto pelo o que é certo," ela informou-o com os dentes cerrados, enquanto seus dedos mexiam nos lençóis.

Ele deu um passo inesperado em direção a ela, e ela deu um passo para trás. "O Broc é um traidor," ele disse com fúria. "Na

verdade, você não pode reclamar a Escócia, mas *ele sim* e David na verdade é *seu* legítimo Rei."

Encontrando a coragem novamente, Lael recusou-se a recuar mais um passo. Se ele se atrevesse a tocá-la, ela iria encontrar a lâmina e colocá-la entre os dentes. "Keppenach pertence à Broc Ceannfhionn. Donnal MacLaren roubou a terra dos MacEanraig!"

Ele sorriu novamente, mas desta vez foi horrível. "*Minha senhora*, está enganada. Keppenach é *minha*," ele anunciou. "*E você também é.*"

Os ombros de Lael se levantaram e ela lhe disse com certeza, "Eu não pertencço a nenhum homem!"

Ele não avançou, mas Lael estava preparada para mergulhar na cama e recuperar sua arma. Ele simplesmente ficou parado, olhando para ela, sua expressão furiosa. Seus lábios carnudos estavam finos com desagrado e seus olhos com ira. De repente ele se virou e andou em direção à porta. Para os guardas e gritou, "Não deixem que ela destrua esta porta." Para ela, ele disse, "de manhã veremos para quem você vai se curvar, *minha senhora*." E então ele bateu a porta atrás dele, deixando Lael sem entender o significado das palavras dele.

Os prados abaixo da colina estavam camuflados com um cobertor branco bem fino. Tufos de heather ⁽¹⁸⁾ golpeavam a neve recém caída. Desta altura eles pareciam homens da neve com cabecinhas marrons, erguendo-se acima da geada.

Quase todos os dias desde que sua irmã mais velha tinha ido embora, Cailin e seu irmão Keane subiam no alto da colina, espiando a passagem que levava para Dubhtolargg na esperança de verem o seu retorno. Agora a primeira neve já estava caindo e o caminho logo se tornaria intransponível até a primavera. Seu irmão Keane

parecia não acreditar neste fato, pois ele achava Lael invencível, ele se esquecia de suas preocupações e corria até as cataratas.

"Nem o vento nem a neve me impedem de nadar!" ele alegou e bateu no peito como uma besta. Ele fez uma pausa na borda e jogou a cabeça para trás para dar o uivo de um lobo e, em seguida, mergulhou em *Caoineag Pool*.

Cailin não tinha nenhuma escolha a não ser segui-lo.

Meia polegada de neve no chão não era o suficiente para mantê-la de provar-se tão intrépida quanto o seu irmão mais velho.

Um após o outro eles mergulharam na piscina com um poderoso splash ⁽¹⁹⁾, e eles quase se esqueceram do acidente de Keane tempos atrás.

O acidente tinha deixado seu irmão sem sentido e quase o tinha matado, e isso não tinha acontecido por causa dos doces cuidados de Lili. Eles tiveram a sorte de tê-la, e Cailin nunca tinha visto seu irmão Aidan tão satisfeito, mas agora o problema era Lael.

E ainda assim, embora Cailin detestasse confessá-lo, ela secretamente invejava ambas as suas irmãs, porque Cailin nunca tinha colocado os pés para fora do vale.

Keane levantou-se da piscina, tirando a água gelada do rosto. "Você não deu um salto tão alto quanto o meu," ele disse e Cailin franziu a testa.

Cada vez mais, suas competições provavam serem menos favoráveis para ela. Durante o verão, Keane tinha crescido e estava quase tão alto quanto Aidan, mas com metade dos músculos. Ela olhou para ele, preparada para argumentar, mas o ponto de onde ela tinha saltado não era tão bom quanto o dele. "Você roubou," ela o enfrentou, e ela acreditava no que tinha dito, porque Keane nunca caía tão longe dela. Talvez as pernas dela não fossem tão longas quanto às do seu irmão, mas seu peso mais leve sempre trabalhou

em favor dela. Ele devia ter caído e então ter nadado rapidamente para o local onde ele estava agora. "Você é trapaceiro," ela disse para ele.

Keane abriu a boca para argumentar, mas ele foi rapidamente silenciado pelo som da trombeta de um pastor.

Encharcados do mergulho, Cailin e Keane correram para pegar suas capas e foram pela encosta para ver quem tinha chegado. Dois toques representavam intrusos, mas o segundo parou pelo meio.

Os irmãos congelaram ao ver uma égua solitária trotando pela colina. De onde eles estavam à égua branca parecia estar sem cavaleiro.

Mais acima da colina, Fergus correu de seu posto para segurar a égua. Pegando as rédeas, ele se virou para levá-la para baixo, segurando as rédeas apertadas e com firmeza na mão dele, gritando por Aidan. Permanecendo em seus postos, o resto dos guardas ficou parado aguardando ordens.

Cailin reconheceu os arreios da montaria de sua irmã na mesma hora. "É a Loba!" Ela exclamou.

Não fazia sentido chamar a égua com o nome de outro animal, mas Lael tinha insistido por causa da cor amarela dos olhos de seu cavalo. Não havia mistério na sua marcha, mesmo com o cansaço que o animal aparentava. Quando Loba estava a meio caminho da colina foi que Cailin viu a forma escura caída sobre a sela.

Keane e Cailin se olharam com medo e em seguida correram em direção ao local onde Fergus estava rebocando a égua.

Eles chegaram, quase ao mesmo tempo. Sem fôlego e quase coxa, Loba veio tropeçando, mas Lael claramente não a estava cavalgando.

Os flancos da égua estavam manchados de sangue, mas o cavaleiro estava com o rosto virado para baixo, o cabelo dourado e

as roupas cobertas de sangue seco.

Sem esperar ser convidado, Keane apressou-se para frente para ajudar Fergus a remover o corpo fraco deitado sobre o cavalo.

"Ela está ferida?" Cailin perguntou, preocupada com a égua.

"Não," disse Fergus. "Este é o sangue do cavaleiro."

O corpulento capitão de seu irmão arrastou o rapaz da sela e colocou-o rapidamente deitado no chão.

De repente, reconhecendo seu rosto, Cailin caiu de joelhos ao lado dele. "Cameron," ela sussurrou, seu coração pulando dentro da garganta.

Eles se encontraram apenas duas vezes, mas apesar dos hematomas, do inchaço, de toda a sujeira e sangue, ela nunca poderia confundir-lo. Ele tinha feito charminho para ela, e ela o tinha achado um jovem bonito e musculoso. Embora no momento ele parecesse frágil e pouco mais do que um garoto.

O que tinha acontecido com a irmã dela? Cailin se preocupou. Ela olhou para a égua que Fergus estava ocupado inspecionando - do casco à cabeça - e então conheceu o olhar de horror que apareceu no rosto de seu irmão. "O que aconteceu com a Lael?" ela se atreveu a perguntar.

Ninguém respondeu porque quem poderia saber? O animal voltou sem ela, instintivamente, apenas encontrou o caminho de casa.

"Ele está morto?" Keane perguntou.

Cailin colocou seu ouvido contra o peito de Cameron e segurou a mão dela firmemente contra o peito dele, ouvindo atentamente a batida de seu coração. Ela mal podia ouvir alguma coisa por causa das vozes ao redor quando Sorcha veio correndo junto com o resto das crianças. Ela acenou com a cabeça em resposta à pergunta do Keane e olhou para sua irmã mais nova. "Vá buscar Lìli e Una!"

"Ambas?" Sorcha perguntou.

"Sim, ambas," Cailin afirmou. Se Cameron tinha qualquer chance de sobreviver a esta noite, ele precisaria de toda a sabedoria de cura das duas. E talvez Una pudesse saber o que tinha acontecido com a irmã dela.

Sorcha assentiu com a cabeça. "O que digo?"

O tom de Cailin foi terrível. "Diga-lhes para trazer a mágica das faes ⁽²⁰⁾," ela falou e Sorcha imediatamente saiu.

Pelo menos para Cailin isso era o que a medicina parecia ser, pois ela tinha pouco conhecimento de ervas. Ela não tinha o calor inato e a doçura de Sorcha, nem a inclinação de Lael para a guerra. Também não tinha o temperamento dócil de sua irmã Catriona— e ela mal podia aguentar a visão de sangue. Por que neste instante, ela não estava correndo e gritando com a visão ela não podia precisamente compreender.

"Ajuda-me!" ela falou para o irmão dela. "Vamos levá-lo para o meu quarto".

"Não," argumentou Keane. "Vamos esperar por Aidan."

"Não discuta comigo enquanto este rapaz está quase morrendo, Keane!" Agora não era o momento para seu irmão ter senso de decoro. Se ele não ajudasse, ela faria isso sozinha. Ela mudou-se para a parte detrás da cabeça de Cameron e segurou o rapaz pelos braços, preparada para carregá-lo sozinha, se fosse necessário.

Aidan, de repente, apareceu ao lado dela, pairando acima dela, seu rosto uma máscara. "Pelos pecados de *Sluag!*"

"Ele veio cavalgando a Loba," disse Fergus com uma voz sisuda.

"O que aconteceu com Lael?" Aidan perguntou e Fergus abanou a cabeça.

Uma expressão de dor apareceu no rosto de seu irmão mais velho, e rapidamente desapareceu e sem mais uma palavra ele

pegou as armas de Cameron MacKinnon e levou-as para longe de Cailin, em seguida, ele mesmo levou Cameron para o *crannóg*.

Cailin ficou de pé e saiu correndo atrás deles.

Arrogante patife amante de Sassenach.

Muito tempo depois que o Açougueiro tinha deixado seus aposentos, Lael deitou-se na cama meditando no escuro, olhando pela janela fechada.

Eles mais uma vez não tinham deixado um braseiro para ela, nem eles tinham dado para ela uma simples vela para afugentar as sombras da noite. Raios de luar deslizavam através das janelas, iluminando o chão de madeira em frente a sua cama. Ela sentia saudade das suas facas. Na medida em que elas eram suas companheiras, elas teriam certamente oferecido uma saída para essa bagunça.

Mas para crédito deles, pelo menos, eles tinham deixado um pesado cobertor, um cobertor particularmente grande que parecia poder aquecer mais de meia dúzia de homens de uma só vez. Grosso e feito de pele, ela se perguntou quantos animais tinham morrido para aquecer o *laird* de Keppenach — o *laird* anterior, ela pensou, embora ela sentisse a mesma raiva pelo novo *laird*.

Pelo menos ela se saiu melhor do que Broc. Ela detestava pensar em seu amigo na prisão fria, tremendo na lama ao lado do túmulo de Aveline.

Keppenach é minha.

E você também.

Suas palavras ainda a enfureciam.

O que poderia ele possivelmente quis dizer com isso? Ele planejava mantê-la como escrava? Uma prisioneira na sua odiosa torre? E assim que ele falou isso, ele simplesmente se afastou, sem

revelar mais nada. Ele a deixou com uma simples ameaça: *de manhã, veremos para quem você vai se curvar.*

Na verdade. "Nós veremos," Lael sussurrou para si mesma — embora, quem mais poderia ouvir? O rei dormindo ao lado? Ela podia ouvir o ronco através das paredes de pedra grossa. *Gordo enjoado.*

No entanto, o sono a iludia, e a solidão era uma estranha.

Em casa, ela raramente tinha tempo para si mesmo. Ela freqüentemente se escondia atrás da cachoeira em *Caoineag Pool*, onde ninguém podia encontrá-la. Ela sentava-se lá por horas, afiando suas facas. Havia algo reconfortante em se instalar lá com uma pedra de amolar, e deslizar o comprimento das lâminas perfeitamente afiadas que sempre trouxe para ela paz de espírito.

Ela se perguntava se veria de novo aquela piscina, se ouviria *Caoineag* chorando. Alguns alegavam que quando ele gemia, a morte vinha visitar o clã. Será que o Chorão estava chorando agora? Ou será que não haveria nenhum choro por Lael agora que Aidan a tinha renegado?

Não importava.

O Chorão não existia de qualquer forma. Os ventos eram inconstantes, nesta época do ano e Lael nunca na verdade o tinha espiado em todos os seus anos no vale.

Nem Una era verdadeiramente a mãe do inverno. Na medida em que ela parecia ter cem anos quando Lael era apenas uma criança e certamente ela continuava parecendo muito velha agora, a velha sacerdotisa era meramente carne e sangue — com todos os problemas de um corpo normal. E como tal, um dia ela ia morrer.

Todos morrem.

Para alguns acontecia antes do tempo.

Talvez o Açougueiro tivesse mudado de idéia... e de manhã ele a colocaria de volta na forca? Com esse pensamento mórbido, Lael puxou o cobertor sobre a cabeça, e isso lhe trouxe uma inesperada onda de tristeza.

"O que eu faço?" ela perguntou para Una de longe e desejou com toda a força que os rumores fossem verdadeiros — que Una fosse de fato a *Cailleach Bheur* ⁽²¹⁾, guardiã do seu povo. Talvez a velha sacerdotisa astuta pudesse exercer qualquer poder que ela possuísse e pudesse colocar Lael livre. Mas ela não podia realizar a tarefa sozinha. Tremendo debaixo do cobertor, ela ouviu por um momento o som da sua própria respiração... e então, finalmente, ela adormeceu.

(17) hauberk – armadura de escamas

(18) heather - Urze é o nome comum de diversas plantas da família das Ericáceas. São bastante comuns em terrenos pobres de cal.

(19) splash - barulho da batida na água; som de uma pessoa ou objeto caindo na água

(20) fae – uma fada, também conhecida como fay ou fae, é um ser mítico, uma criatura lendária no folclore europeu, uma forma de espírito, muitas vezes descrita como metafísico ou sobrenatural.

(21) Cailleach Bheur - Na mitologia gaélica Cailleach é uma bruxa divina, uma divindade criadora e do tempo. Ela também é conhecida como Cailleach Bhéara(ch) ou Bheur(ach). A palavra cailleach significa "bruxa" no moderno gaélico escocês, e é aplicada a diversas figuras mitológicas na Irlanda, Escócia e Ilha de Man.

CAPÍTULO 12



O rei estava sentado na cabeceira da mesa na cadeira do *laird*, brincando com o pano sujo que recentemente tinha envolvido o corpo de Aveline de Teviotdale. O manto de lã manchado de sangue estava dobrado ordenadamente em cima da mesa, o unicórnio branco todo sujo aparecendo contra o fundo verde de lã.

"Eu conheci o pai dela no verão passado," revelou David. "Ele participou de um dos meus conselhos. Pareceu-me muito estranho ele enviar sua única filha *solteira* para compartilhar a cama do MacLaren, como uma prostituta suja."

Jaime escutou. Ele tinha decidido há muito tempo que ele usufruía muito mais da companhia de David quando ele simplesmente segurava a língua dele, e uma vez que David gostava de conversar e Jamie não, o arranjo lhe convinha bem.

"Pobre garota burra," David lamentou. "Seu pai é um tolo sangrento — agora ele é um tolo sem herdeiros, uma vez que seu filho gosta de homens." Ele suspirou. "Há quanto tempo ela foi morta?"

Jaime deu de ombros. "Um ano, talvez mais."

Eles tinham lavado o manto, mas as manchas de sangue continuavam lá. No entanto, David decidiu devolver a capa para o

pai de Aveline. Tão infeliz como o rumo dos acontecimentos podia parecer, se Teviotdale nutria alguma esperança de encontrar a filha viva... Pelo menos isso terminaria com as suas esperanças.

Quanto a quem colocou a pobre jovem na caixa... não havia simplesmente nenhuma maneira de saber. Mesmo da sepultura, Rogan MacLaren lançava uma longa sombra sobre sua guarnição. Em toda a sua vida, Jaime não tinha conhecido homens mais rebeldes. Apesar de eles terem ficado do lado de Jaime e do rei também, eles mantinham suas bocas fechadas, não revelavam nada. Era como se eles tivessem alguma crença de que MacLaren não estava morto, ou que ele podia se levantar da sua sepultura e cortar suas línguas afiadas. Jaime raciocinou que era porque ninguém tinha realmente visto o corpo de MacLaren.

David, por outro lado, tinha certeza da morte do velho *laird*. Ele podia ter desavenças com o chefe dos *dún* Scoti, mas ele parecia confiar na palavra de Aidan, sem sombra de dúvidas.

Da parte de Jaime, ele gostaria de saber por que um homem deixava sua irmã se envolver em uma batalha que não podia ser vencida — não importava quão bem versada ela podia ser com suas armas. Se ele tivesse tido oportunidade, ele teria feito de tudo ao seu alcance para proteger Kenna. Homens como Broc estavam fadados a perder e mesmo que seu pequeno grupo de rebeldes conseguisse arrancar a fortaleza de Maddog seria impossível para eles conservá-la. Aparentemente Broc nem mesmo tinha apoio de MacKinnon, enquanto David tinha o apoio da Inglaterra, e tinha a lealdade e as terras ao sul do Rio Forth, com inúmeros apoiadores ricos no norte. Pouco a pouco, a Escócia estava caindo sob seu domínio, com relutância ou não.

Jaime pensou em sua futura esposa, trancada em sua torre e queria saber se ela também viria a ficar de joelhos diante de David...

ou se ela lutaria até seu último suspiro.

Com os braços cruzados, ele olhou para a multidão que estava reunida além das grandes portas do corredor. A maioria dos requerentes provavelmente esperava que Jaime ouvisse suas queixas, enquanto o rei David ainda estivesse na residência. Infelizmente para eles, David parecia ter pouco interesse em qualquer coisa além da jovem Teviotdale e do casamento ainda a ser falado entre Jaime e sua *rainha dún* Scoti. Para esse fim, eles pareciam estar em marcha lenta toda a manhã esperando pelo padre preguiçoso de David. Ansioso para ir embora, tudo o que estava mantendo o rei na residência era o simples fato de que ele queria certificar-se de que Jaime seguiria adiante com seu édito. Aparentemente, ele podia confiar a Jaime metade da Escócia, mas não podia deixar Keppenach sem os votos serem falados.

"O filho dela era inocente," lamentou David. "Ambos deviam ter sido enterrados em solo sagrado. Acredito que o meu padre vai ter muito a dizer sobre isso." Ele sacudiu o dedo para Jaime.

Jaime não estava disposto a preocupar-se com o padre fofoqueiro de David. "Aqui no norte, o terreno é quase congelado," ele disse, oferecendo a David uma desculpa pronta. Não era bem verdade, claro, mas seria em breve, e já era muito ruim Jaime ser forçado a tomar como esposa uma mulher escolhida por David; ele não estava a fim de suportar o sermão do padre. "De qualquer forma, Sua Graça, ele tem assuntos mais urgentes para resolver, não?"

Um pequeno sorriso virou o canto dos lábios de David — o primeiro sinal de bom humor, desde que Jaime o tinha acordado para informá-lo da descoberta nas prisões. "Eu acredito que não," ele disse, "eu acredito que estamos ansiosos para ver esse assunto resolvido?"

Jaime franziu a testa. A afirmação irritou-o principalmente porque era verdade. "Foi uma longa viagem até o norte," ele proferiu. "Sim, é melhor resolver logo esse assunto para que eu possa me focar e reconstruir esta fortaleza." Se ele sentisse qualquer emoção, ele disse para si mesmo, era só porque ele não teria que limpar o sangue da garota de sua boa espada.

David olhou para ele por um longo momento, então apontou outro dedo para ele. "Não subestime a jovem," ele advertiu. "Cometi esse erro com a irmã dela Catriona. Isso azedou a minha posição com Iain MacKinnon e os Brodies também. Você pode bem imaginar, e ela não tinha menos astúcia do que esta."

"Sua Graça, você pode ter certeza que eu não vou —"

Uma briga virou a atenção deles em direção à porta. Lá, dois dos guardas de Jaime estavam segurando um homem pesado impedindo-o de entrar. Jaime reconheceu o ferreiro. Ele tinha conversado com o homem na noite anterior depois de inspecionar os portões a fim de arrumar novos parafusos. O portão era a sua principal preocupação no momento. Se MacKinnon viesse atacar a fortaleza, não havia como aqueles portões, na presente condição, o segurassem do lado de fora. Mas Jaime não sabia do temperamento do ferreiro. Claramente, algo tinha acontecido.

"Espere a sua vez!" rugiram os guardas no rosto do homem.

"Não!" gritou o ferreiro. "Eu preciso vê-lo." Mais uma vez ele tentou forçar sua entrada no salão, e forte como era ele quase conseguiu.

Jaime levava a sério a sua responsabilidade para com essas pessoas. Ele queria resolver seus problemas, e colocar Keppenach de volta a ordem. Ele olhou para David para ter a certeza de que ele ficaria até o julgamento. Preocupado com o manto e o padre e os votos de casamento, David apenas deu de ombros, então Jaime

acenou para o homem entrar. "Deixe-o entrar," ele ordenou a seus guardas. "Venha," ele chamou o homem.

O ferreiro deu ao guarda que o tinha segurado um olhar de raiva e deu de ombros, deslizando por ele no corredor. Ele veio em linha reta na direção a mesa, seu passo firme, mas Jaime viu apenas preocupação sobre o rosto do homem. "Meu filho," ele declarou. "Baird desapareceu!"

David inclinou-se sobre a mesa, de repente emocionado. "Por *isso* interrompeu seu *laird* e seu rei?"

Recordando-se com a visão da carranca de David, o homem deu a Jaime um olhar de súplica.

"Talvez seu filho simplesmente tenha ido para as prisões?" perguntou o rei. "Os jovens amam a intriga."

O pai preocupado abanou a cabeça. "Não," ele disse, negligenciando olhar para David da maneira correta e a fúria de David apenas se aprofundou. Estava escrito em seu rosto, mas o ferreiro parecia não notar. "Eu disse a meu filho para ficar em casa — e eu conheço o meu filho," ele disse mais freneticamente enquanto o rei se levantava do seu lugar.

"Por minha vida!" David explodiu. Ele colocou a palma da mão em cima da mesa de madeira. O som reverberou ao longo do corredor. Na medida em que David tinha insistido para Jaime nunca usar formalidades enquanto eles estavam sozinhos, ele sabia que o rei não admitia a falta de respeito desses brutos *Highlanders*. Ele passou sua infância submetendo-se a falta de respeito do irmão de Henry, William Rufus, e assistiu seu irmão Edgar suportar ainda mais embora ele fosse rei como Rufus.

"Se não é uma coisa é outra," o Rei proclamou e começou a tossir. "Steorling, por favor!" ele suplicou.

Jaime deslizou para fora da mesa, percebendo que David não tinha descansado o suficiente e estava muito irritado para lidar com qualquer coisa. Ele foi em direção ao ferreiro, na esperança de tirar o homem para fora do salão antes que David o mandasse para a prisão.

"Meu *laird*, o padre do rei chegou."

"Finalmente!" Davi declarou: "Tragam-no. Tragam-no." Olhando totalmente aliviado, e o rei sentou-se novamente.

Jaime puxou o pai preocupado à parte. "Venha," ele falou para o homem. "Diga-me onde é que você viu seu menino pela última vez."

Aparecendo ainda mais nervoso, o pai se embaralhou em seus próprios pés. Ele abriu a boca para falar e parecia lutar com as palavras. Pendurou a cabeça, olhando para o chão. "Veja bem ... Eu... eu... bem, eu... encontrei algo," ele disse, e então ele olhou para Jaime e pareceu relutante em continuar.

Jaime esperou pacientemente para ouvir o que mais o homem tinha para dizer, mas nesse mesmo instante o padre passou por eles, cheio de pompa e em toda a sua glória divina. O ferreiro de repente foi esquecido quando os pensamentos de Jaime retornaram para Lael.

Para seu alívio, o administrador de Rogan se aproximou, sua maneira quase tão rude como antes. "Não se preocupe, *laird*," ele disse. "Eu vou ajudar Afric a encontrar seu filho." Grato pela disponibilidade de Maddog em ajudar, Jaime se afastou. "Obrigado," ele disse e lançou o ferreiro para Maddog tomar conta.

"Venha," o guarda exigiu, mandando Lael para fora do quarto.

Foi uma sorte ela ter dormido com suas roupas. Impassível, com olhares que a atravessavam, eles a levaram pelo corredor, para baixo por escadas e mais escadas, ignorando-a sem se importar quantas vezes ela perguntou.

"Onde você está me levando?"

Apenas o som de seus passos ao longo dos corredores vazios rompia o silêncio. "Ah!" ela exclamou. "Que sua língua apodreça na sua boca."

Keppenach era um lugar muito sombrio, ela estava começando a ver.

Apesar de a torre ser pequena como os túneis do calabouço, ela emanava ruindade. Ao longo dos corredores não havia tapeçarias, ou peles. O chão não tinha juncos, nem sujos nem limpos. O mobiliário era escasso e havia poucas janelas e muito pouca luz. Ela olhou em volta com desagrado, imaginando como sua querida cunhada podia ter vivido aqui.

Para alguns Dubhtolargg podia parecer rude em comparação, com seu salão de madeira antiga e as cabanas circundantes, mas em cada espaço, onde havia um quarto ou uma casa de campo, carinho e amor enchiam o ambiente.

"Para onde você está me levando?" ela perguntou novamente.

Mais uma vez, um teimoso silêncio encontrou a pergunta feita por ela, e ela deu de ombros enquanto o guarda pressionava o ombro dela na tentativa de guiá-la para descer as escadas.

"*Sassenach* burro," ela murmurou.

A torre estava quieta demais, fazendo-a ficar nervosa. Neste instante ela aceitaria até ouvir a voz altiva de David.

Foi só depois que eles chegaram ao grande salão que ela entendeu porque o castelo parecia tão quieto: quase toda a população de Keppenach estava esperando do lado de fora — provavelmente para testemunhar a sua sentença.

Não obstante, Lael levantou a cabeça e segurou a língua quando a levaram para o grande salão, e ela notou que o duvidoso rei da Escócia já estava sentado na cadeira do *laird* enquanto o Açougueiro

estava ao lado do padre de David — o mesmo padre trapalhão que ele tinha enviado no verão passado para fazer o casamento de Lili e do irmão dela. Ela reconheceu o simplório careca. Em suas mãos, ele tinha a Cruz Sagrada e uma tira de fita

Os pêlos na parte de trás da sua nuca ficaram arrepiados.

O coração de Jaime pulou ao ver sua noiva.

Ele sentiu o olhar de David em cima dele, mas cuidadosamente ignorou o rei. Ele também se recusou a reconhecer a emoção minúscula que se acelerou dentro dele. Não importava que ele mesmo dissesse que estava apenas fazendo seu dever, em algum lugar lá no fundo ele percebeu que esta não era inteiramente a verdade. Tudo o que ele precisava fazer era dizer "não." David não poderia forçá-lo. O rei era sábio o suficiente para perceber que ele devia apaziguar seus barões — especialmente aqueles com quem ele contava para domar o norte tempestuoso.

Ele a observava caminhar com orgulho em seu salão, e naquele instante, ele experimentou um desejo irresistível no seu selvagem coração mole. Apenas o pensamento de segurá-la nos braços dele fez seu sangue cantar em suas veias.

Com um vestido de lã verde que só ia até acima de seus tornozelos, mas ela, no entanto o usava como uma rainha. Sua longa trança da cor do ébano caía nas suas costas. Seus olhos verdes brilhantes formavam um conjunto perfeito em um rosto finamente esculpido que poderia ser considerado como uma efígie aos deuses. Ela era mais bonita do que qualquer mulher que ele jamais tinha visto... mesmo quando seus olhos verdes o fitavam e lançavam raios de despeito

O rei se dirigiu a ela primeiro. "Eu acredito que você saiba por que eu não me levanto para cumprimentá-la, Lael querida."

Ela tirou seu olhar de Jamie e olhou para David da Escócia, e foi só então que Jaime percebeu como ela o afetava.

Ela sorriu serenamente para o rei — um gesto que desmentia o vicioso brilho em seus olhos — e então ela olhou para baixo para as mãos que estavam mais uma vez atadas, como se ela estivesse em oração. "Acredito que você saiba por que eu não cortei seu coração *Sassenach*," ela respondeu com graça.

Jaime tentou não sorrir por causa de sua coragem, mas seus lábios o traíram e ele se virou, limpando a garganta para esconder uma risada inesperada. Ela era linda como uma rosa e duas vezes mais espinhosa. Por Deus, um quase enforcamento e dois dias na prisão não a tinham amolecido nem um pouquinho. Ainda mais do que Keppenach, ela era um desafio que ele enfrentaria com imenso prazer.

Com a sua resposta, o rosto de David ficou vermelho de raiva, mas ele permaneceu sentado, afastando o manto de Aveline com um olhar de nojo. "Basta com as delicadezas," ele exclamou. "Você está *viva* por uma razão e somente uma razão." Ele perfurou-lhe com um brilho de raiva e disse incisivamente, "na verdade, você está viva por um motivo e uma única razão — por causa de minhas boas graças."

Simplesmente como efeito Lael se balançou para trás sobre os calcanhares.

"Sua?" ela perguntou, e em seguida, olhou de relance para o Açougueiro.

Inconcebivelmente, o demônio estava sorrindo, mas não com seus lábios. Seus olhos brilhavam com divertimento.

"Acho que não," ela disse, voltando o olhar para David. Se os meus olhos não me enganaram, não foi você que passou como um anjo-demoníaco por aqueles portões. "Foi o seu Açougueiro." Ela se

recusou a olhar para ele novamente, enervada por aquele sorriso em seus olhos esfumaçados. Era melhor deixá-lo se divertir se isso lhe dava satisfação. Lael recusava-se a se comunicar com ele. Ele não era amigo dela, nem era seu aliado. E ela não queria compartilhar seus sorrisos.

A mandíbula de David estava visivelmente apertada. "Não obstante, como você disse, ele é o *meu* Açougueiro — meu campeão — e então ele cavalga em *meu* nome," ele argumentou ridiculamente. "Assim, eu fui a pessoa, na verdade, que te poupou daquela força, não se engane, Lael *dún* Scoti." Seu olhar era presunçoso e ele olhou para ela de uma forma oficiosa que sempre conseguia irritá-la. Em seguida, ele bateu um dedo em cima da mesa. "Se eu pedir para ele te enforcar aqui e agora, o que você supõe que ele faria?"

Apesar de esta possibilidade enviar um frisson de medo pela sua espinha, Lael deu de ombros e deu-lhe o olhar que ela sabia que o irmão dela odiava porque ele o achava beligerante. "Eu não sei," ela respondeu docemente. "Por que não lhe perguntamos?" E então ela olhou para o Açougueiro para ver o que ele diria.

Para sua total contrariedade, o homem simplesmente ficou ali, parado, olhando para ela com um novo brilho naqueles olhos de aço.

Quando ela olhou de volta para David, ele também estava sorrindo. "Claramente, você não tem amor por mim como eu não tenho nenhum amor por você," ele disse, "Deixe-me ir direto ao assunto. Você é uma jovem inteligente," ele disse. "Então eis o que eu proponho: case com o anjo-demoníaco e eu liberto Broc Ceannfhionn."

Por um instante, Lael não sabia se ela tinha ouvido o homem corretamente. No entanto, um olhar para o Açougueiro assegurou-

lhe que ela tinha. Ele estava parado olhando para ela, sorrindo por trás daqueles lábios pecaminosamente lindos.

"Você quer que eu me case com o Açougueiro?" ela perguntou, para ter certeza.

O rei deu de ombros. "Existem alguns que o chamam por esse nome, sim."

A boca de Lael se abriu em total surpresa. Ela olhou de repente para o padre com uma compreensão inteiramente nova. O olhar do sacerdote estava surpreso também. Ele ficou se balançando para frente e para trás em seus calcanhares como se ele próprio estivesse se restringindo a fazer uma dança da vitória. E agora a sensação de formigueiro que ela sentiu ao entrar no salão tornou-se muito clara. Eles a trouxeram algemada para o seu próprio casamento!

"Não vou me casar!" ela declarou.

"Sim, você vai," disse David, e então ele acenou para alguém de pé atrás dela. Lael virou-se e viu quatro homens bem armados marchando ao lado de Broc Ceannfhionn no corredor. Ele estava imundo e algemado, e assim que eles entraram no salão, eles o forçaram a se ajoelhar, e colocaram suas mãos em cima dos punhos de suas espadas. A boca de Broc estava amordaçada, mas ele abanou a cabeça veementemente, dizendo para ela sem palavras para não aceitar a ordem. Misericórdia, mas ele não podia saber o que tinham pedido a ela, ou ele iria perceber que ela nunca poderia viver com ela mesma se permitisse que ele morresse para salvar seu orgulho. Lamentavelmente, isso era tudo o que estava em jogo aqui, desde que ela não precisasse permanecer casada com o Açougueiro depois que os votos fossem falados. Pela lei, ela tinha o direito de deixá-lo quando ela quisesse.

"Sim, você vai," David reiterou, "ou eu vou cortar a cabeça de Broc." Ele balançou a cabeça uma vez para afirmar a sua posição. "E

logo depois... eu vou cortar a sua e enviá-la para seu irmão em uma bandeja."

Atrás dela, ela podia ouvir Broc lutando contra seus captores, mas os sons eram abafados na mesma hora.

Descrente do rumo dos acontecimentos, Lael deu ao novo *laird* de Keppenach um olhar descrente. "Você quer se casar com uma mulher que não te quer?"

O rosto do Açogueiro era uma máscara. Por um longo instante ele não respondeu, e então ele disse. "Na verdade, não," surpreendendo-a. "Mas minha senhora, você tem uma escolha, não acha?"

A expressão do rei David se tornou ainda mais satisfeita, se isso fosse possível. "Então qual é a sua resposta?" ele pressionou.

Atrás dela, Broc Ceannfhionn continuou a protestar. Ela podia ouvi-lo tentando se levantar e ela se virou e viu um dos guardas batendo na sua cabeça para forçá-lo para baixo novamente. Esse mesmo homem desembainhou a espada e colocou-a no pescoço do Broc. O outro guarda segurou Broc por seus cabelos dourados.

O CORAÇÃO de Lael se apertou. Ela se refugiou na sua raiva. As cordas no seu pescoço ficaram mais apertadas. Ela não podia em sua consciência dizer: "não," mas ela ainda iria vê-los se arrepender deste dia.

"Se eu concordar em desposá-lo—" ela nem conseguia falar o nome dele — "você vai deixar Broc livre? Aqui e agora?"

O rei sorriu. "Não é assim tão fácil, minha querida. Primeiro você deve se casar com o novo senhor de Keppenach, e ter um filho dele... e *então* libertarei Broc. Então o que vai ser?"

Casar com o demônio do Açougueiro, ou ver Broc morrer diante de seus olhos — e acompanhá-lo também para ser executada. *Essa era a escolha dela.*

Toda a sua vida ela tinha treinado para lutar como lutou contra os homens, para manter-se acima de seu sexo... e era isso que ia acontecer?

Ela não conseguia olhar para ele, recusava-se a olhar para aquele olhar. "Eu posso desafiar *e/le* pela minha liberdade," ela insistiu. "Se de fato ele é o seu campeão, deixe-o escolher uma arma e eu posso enfrentá-lo aqui e agora."

O salão irrompeu com riso e Lael se sentiu desanimada. Apesar de todas as lutas que ela já tinha combatido com estes homens, eles a viam como pouco mais do que *nada*. Na verdade, eles já se sentiam ingleses, e a Escócia não era nada além de um nome, porque todos eles se esqueceram de onde tinham vindo. Seus antepassados eram homens e mulheres fortes — todos com valores que podiam ser adicionados aos seus clãs. Ela nunca esqueceria o seu próprio povo, e o irmão dela nunca a tinha desvalorizado desta forma.

O sorriso de David desvaneceu-se. "Será que a vida de Broc vale tão pouco?"

Raiva impregnou seu corpo. "O que faz você pensar que eu perderia a luta? Por acaso você gostaria de apostar no seu campeão, e *não* na sua boca? Desamarre as minhas mãos e me dê uma espada e eu ganharei a minha liberdade e *a de* Broc Ceannfhionn!" Ela lançou um olhar sobre o Açougueiro — jogando um desafio com os olhos dela. "A menos que ele tenha medo?"

Silêncio mortal — um silêncio tão profundo que Lael imediatamente podia detectar a respiração de cada homem no salão... exceto um.

O Açougueiro permanecia num silêncio, imperturbável.

David batia os dedos sobre a mesa, enquanto o salão permanecia em silêncio, imaginando também como ele responderia.

David lançou um olhar cuidadoso para o Açougueiro, mas os olhos dele permaneciam fixos sobre Lael. Depois de um momento, ele disse, "não vou desembainhar minha espada contra uma mulher." A alegria de sua voz agora tinha ido embora e só por isso Lael sentiu um pingo de vitória.

Ela levantou o queixo. "Já derrotei homens melhores do que você," ela ousou dizer e viu a fúria que apareceu nos olhos dele. Para a maioria ele podia parecer calmo, mas ela viu os músculos retesados de seu antebraço.

"Sim? E quantos homens você matou?" ele perguntou incisivamente, sua voz um pouco mais do que um sussurro que parecia ecoar por todo o salão. "Quantos homens você enfrentou, olho no olho e então enfiou sua espada no seu coração?"

Se fosse possível, parecia que o salão tinha ficado ainda mais silencioso, e até mesmo David parou de tamborilar os dedos sobre a mesa.

A resposta, na verdade, era rápida e concisa. Desde a noite que MacLaren tinha entrado no vale, ela tinha tido pouca oportunidade para derramar o sangue de qualquer homem, porque o irmão dela sempre os manteve seguros.

Mas ela podia, e ela tinha...

E ainda assim, ela não perdeu o ponto que ele levantou: ele, por outro lado, não podia contar o número de homens que ele já havia matado.

Isso era tudo o que ele tinha dito, mas era uma ameaça feita e que acabava com a sua proposta.

O salão permaneceu quieto e a expressão feroz do Açougueiro minou seu silêncio, pois havia pouco para ela ser complacente sobre o homem e ela sentiu naquele instante que tudo o que ela desse para ele, ele iria pegar, e ele nunca, *jámais* iria libertá-la.

David deu um aceno aos guardas que estavam atrás dele e eles trouxeram Broc Ceannfhionn até um banco ao lado da mesa onde ela podia vê-lo melhor. Lael viu que desta vez Broc não lutou. Ela sabia que ele não lutaria. Com uma simples palavra o homem que ela veio a respeitar não sofreria mais nas mãos destes homens. Ele morreria como um mártir e menestréis iriam cantar sua coragem e em seguida, o colocariam como um símbolo da luta da Escócia pela a liberdade.

Mas então ele iria deixar uma esposa e filhos sozinhos, com campos que iriam crescer sem sua mão forte. Qualquer chance de um levante com a espada legítima iria acabar com um golpe rápido. Até o momento David não sabia sobre a espada do rei. Mas se Broc fosse embora... se ele voltasse com uma grande quantidade de homens... ele ainda poderia tomar seu legítimo lugar... exatamente no local onde David mac Maíl Chaluim estava sentado agora.

"O que você decide?" David persistiu.

Sim, ou não.

Na verdade, a escolha era somente dela. "Preciso somente dizer as palavras?"

"E ter um bebê," o rei lembrou-a.

Mais do que qualquer coisa, Lael queria golpeá-lo no rosto. Quanto ao homem que seria seu marido, ela ainda não conseguia nem olhar para ele — agora não, ainda não.

Realmente eles a tinham subestimado; estava tudo muito claro. Então sim, ela diria as odiosas palavras... mas depois ela tinha

truques que podia usar e ela iria usá-los e encontrar um modo de se libertar e a Broc também.

Isto não era o fim.

"Muito bem. Aceito seus termos, mas sob uma condição. Se esta vai ser a minha casa e eu, na verdade, vou me tornar a senhora de Keppenach, eu não vou ficar aprisionada em uma cela do pavilhão. Devo ter a rédea solta."

"Você não está em posição para demandar condições," argumentou o rei.

"Não obstante," Lael persistiu, "estas são as minhas condições."

Algo sobre o olhar nos olhos dele fez Lael sentir que ele tinha previsto o que iria fazer. "Devo lembrá-la de que recusar significará que posso cortar as suas cabeças, aqui e agora?"

O irmão dela tinha sempre lhe dito que ela era teimosa. "Se você quer tomar a minha liberdade... você pode me matar agora."

O rei deu um suspiro portentoso. "Muito bem. É a sua cabeça. Leve-os embora," ele exigiu. Ele acenou para os guardas levarem os dois.

"Eu aceito seus termos," o Açougueiro disse, sua voz mais alta que a do rei.

O olhar de David passou para o Açougueiro, mas o olhar do Açougueiro nunca deixou Lael. "O que você está dizendo, Steorling?"

"Eu disse, que eu aceito estes termos." Seus olhos cinzentos estavam tempestuosos. "Mas se ela se atrever a deixar essas paredes, não hesitarei em cortar a cabeça do seu amante."

"Ele *não* é meu amante."

Jaime já imaginava isso, mas ele precisava ouvir de seus próprios lábios. Se havia uma coisa que pudesse impedi-lo de se casar com ela era que ele jamais aceitaria a amante de outro homem como sua noiva.

David ainda tinha que falar, mas o rei cederia, ele sabia, pois ele tinha oferecido um bálsamo para o orgulho de David — tal como ele queria. O rei como Jaime não mais desejava ver a cabeça de Lael desanexada do corpo dela.

Depois de um momento desconfortável, David voltou a bater seus dedos sobre a mesa, claramente perturbado, mas preparado para dar seu consentimento, pois ele era sábio o suficiente para perceber que Jaime nunca voltaria atrás agora que sua decisão estava tomada. Nenhum dos barões do rei era flexível. Nem David os queria flexíveis, pois ele era inteligente o suficiente para entender que a força sempre vinha com um preço. Esse preço para o rei da Escócia era que seus barões falavam o que eles tinham em suas mentes e seguiam seus corações. Mas Jaime tinha maior consideração por David do que por ele próprio.

Parada perto da mesa, Lael olhou primeiro para Jaime e depois para David, claramente, avaliando-os. Quando ela falou novamente, foi para Jaime, e não para David, porque ela tinha visto que o silêncio de Jaime não era um ponto de fraqueza.

Garota esperta.

"Após o período de um ano, se nossa União não gerar uma criança também exigirei minha liberdade," ela ousou dizer.

"Acredito que a lei prevê um ano e um dia," ele respondeu, antes de David poder ter a chance de responder.

"Muito bem. Um ano e um dia."

"Assim seja," Jaime decretou. O tratado servia-lhe bem o suficiente. Ele não tinha a intenção de manter uma noiva relutante. Nem ele pretendia dar-lhe tempo para mudar de idéia — tanto para o bem dela quanto para o bem de Broc Ceannfhionn.

Ele desceu do estrado onde ficava a mesa, ignorando a voz interior que insistia em lhe dizer que seus motivos eram

completamente egoístas. "Minha senhora?" ele falou com um sorriso, e ele segurou a respiração enquanto ela pensava na sua resposta.

Ainda assim, ela hesitou.

"Um ano," ele afirmou e estendeu a mão novamente.

Parecia que a respiração do mundo fazia uma pausa enquanto ela se decidia... e então ela esticou sua mão para ele.

CAPÍTULO 13



David mac Maíl Chaluim partiu de Keppenach com um pouco de raiva. Ele tinha conseguido o que ele queria, embora não precisamente em seus termos.

Jaime e Lael falaram seus votos rapidamente, com um punhado de testemunhas — incluindo Broc Ceannfhionn — e então saíram para o pátio para que Jaime pudesse apresentar sua esposa para todos da sua fortaleza recentemente conquistada. "A nova senhora de Keppenach," ele declarou e segurou sua mão para mostrar a todos a fita do *hand-fasting* ⁽²²⁾.

Broc Ceannfhionn foi retirado do salão, ainda algemado e foi direto para a prisão e tudo o que fez foi olhar para trás.

Ouviu-se um clamor de júbilo através do pátio.

Lael deu um olhar entediado para Jaime, permitindo-lhe exibir os laços por algum tempo, mas então ela deixou sua mão cair, deixando-a mole e assim Jaime foi forçado a apoiá-la. Ela virou o rosto para ver Broc desaparecer na direção da prisão.

As palavras que eles tinham falado não era a verdade, nem eles tinham se cortado para fundir o sangue deles. Não foi nada mais do que um show — tudo foi um show.

"Sorria," Jaime ordenou-lhe. "Agora eles são seu povo também."

Ela virou rapidamente seus lábios, e se inclinou para sussurrar em seu ouvido, "Nem seu, nem meu," e sustentou um olhar para ele. "Seria melhor você se lembrar disso."

Ele pegou a mão dela e a apertou, colocando-a mais próxima dele. "Você não pode se esquecer que a maioria destes homens faz parte do *meu* exército," ele lhe disse. "E, ao contrário dos idiotas dos homens do MacLaren, eles respondem somente a mim, mesmo acima do rei."

Jaime tratava seus homens como irmãos e sabia que eles o amavam. Nenhum deles iria tolerar traição contra ele. Ele tinha escolhido a dedo cada um e cuidava do seu bem-estar como se eles fossem seus parentes — e agora eles eram no que dizia respeito a Jaime.

"Nós veremos," ela disse e em seguida ampliou seu sorriso.

Apesar de o seu sorriso ser falso, seu brilho competia com o sol do meio-dia, e Jaime se esqueceu de tudo por um momento. Ele acariciou as costas da mão dela com o polegar, e viu que sua pele era macia como o veludo.

E essa foi toda a celebração. David reuniu sua pequena comitiva e despediu-se deles.

Mantendo seus pulsos juntos, Jaime levou sua esposa para se despedir do rei, e com tão pouca privacidade, David se recusou a dizer o que pensava. Seus lábios finos em desagrado, no entanto desejou-lhes felicidades.

"Lembre-se dos meus conselhos," ele cobrou a Jaime, e com cara de mau, liderou sua comitiva para fora dos portões de Keppenach.

Jaime não tinha intenção de subestimar sua noiva. Somente depois que David foi embora e as portas mais uma vez estavam fechadas, ele tirou as fitas que juntavam suas mãos, e em seguida

mandou Luc permanecer ao lado dela. "Não a deixe sozinha nem por um instante," ele falou para o rapaz desconcertado.

Se olhar pudesse matar, Jaime tinha certeza de que ele podia cair morto. "Não," ela se recusou, sacudindo a cabeça. "você jurou me dar rédea livre em Keppenach," ela lhe lembrou, como se Jaime pudesse esquecer.

"Sim, e rédea livre você terá, minha adorável esposa, embora eu nunca tenha lhe dito que você poderia ficar sozinha."

Ela colocou as duas mãos sobre seus quadris, parecendo magnificamente atrapalhada, e isso era tudo que Jaime precisava para levantá-la em seus braços e levá-la para a cama dele neste mesmo instante.

Ele ansiava em desfazer suas brilhantes tranças e sentir seu cabelo fluir como seda contra sua carne nua, mas agora ele tinha outros assuntos a tratar, e Deus como testemunha, se ele permanecesse na presença dela um instante mais, ele ia ser incapaz de manter os votos que tinha feito, para ele mesmo. Ela podia ser sua esposa, mas ele não iria forçá-la a agradá-lo; essa decisão deveria ser dela e somente dela. Sem mais uma palavra, ele a abandonou nas mãos capazes de Luc.

Mais para o alto nas colinas, uma tempestade assolou a noite toda e depois toda a parte da manhã, deixando o vale inteiro com mais de dois pés de neve cintilante sobre o chão e então começou uma chuva forte, até que não havia mais nenhuma chance para se atravessar o desfiladeiro.

Aidan passeava pelo hall do *crannóg*, amaldiçoando Broc Ceannfhionn e até mesmo o *laird* MacKinnon por permitir seu vassalo a desafiar o direito do rei David por Keppenach. Por mais de duzentos e cinquenta anos a fortaleza tinha pertencido a homens

que tinham jurado fidelidade à coroa da Escócia, e apenas algumas vezes durante essa história isso tinha se tornado preocupação deles.

Os *dún Scoti*, como eles eram saudados pelos forasteiros, era o único clã que tinha restado das sete tribos Pecht. Eles se esforçavam para preservar o legado que tinham recebido, e a maior parte do tempo, seu povo evitava a politicagem da Escócia, e por sua vez a Escócia se mantinha afastada do seu vale. Não era bom chamar atenção para Dubhtolargg... e não era por várias razões, a principal era a pedra escondida no fundo da caverna.

Após o assassinato do rei Aed no ano de 878 — por seu amigo e conselheiro mais confiável — os parentes de Aidan tinham recuado aqui para este refúgio, a fim de salvaguardar a relíquia amaldiçoada que ninguém sequer parecia perceber que tinha desaparecido. Em seu lugar, seus antepassados deixaram uma réplica que nem mesmo os sacerdotes em Scone pareciam capazes de diferenciar. E era dito que somente quando um verdadeiro filho de ambas as nações surgisse, só então a maldição seria quebrada. E desde que quase todos os seus parentes agora estavam mortos, qualquer esperança de uma nação pacífica estava perdida. Lael, mais que ninguém, entendia o que estava em jogo aqui, e ainda assim ela o tinha desafiado.

Agora o que ele deveria fazer?

O rapaz dos MacKinnon entrou no vale montado sobre o cavalo dela, e Aidan conhecia muito bem o animal. Loba jamais abandonaria Lael... a menos que ela... tivesse ido *embora*.

Ela estava morta?

A possibilidade dava-lhe uma dor que era como um peso em cima do seu peito.

Alguns achavam que Aidan era um homem paciente, mas ele mal podia esperar Cameron MacKinnon acordar para contar para ele o

que precisamente tinha acontecido durante a batalha em Keppenach — se na verdade o rapaz fosse acordar, porque ele dormia como um morto.

Apesar de o frio ter aumentado o chão sob seus pés parecia quente, e ele continuou a andar, porque ele sentia em seus ossos que sua irmã precisava dele agora. Se sentindo acuado, ele se arrependia da sua decisão de ter permitido Lael ir com Broc. Ele tinha mais vivência do que ela, e apesar dele não querer estabelecer sua palavra como lei, como se fosse Deus, ele deveria tê-la obrigado a ficar e deixar Keppenach para aqueles que lucrariam mais com o seu retorno.

Sua esposa Lili estava sentada à mesa, embalando sua filha nos braços, mas ela o deixava sozinho com seus pensamentos, porque ela entendia mais do que ninguém o quanto ele se culpava.

Una, por outro lado, andava em frente dele, com passos lentos, ao mesmo tempo repreendendo-o por seu temperamento. "Não há nada que você possa fazer" sua sacerdotisa garantiu-lhe. "Isto estava determinado para ela fazer."

Aidan não disse nada, porque ele percebeu que ela estava falando a verdade, ele gostando ou não. Mas também as palavras dela não aplacavam sua ira. Keane estava ao lado da fogueira. Sorcha e Cailin já tinham saído e agora as duas estavam no quarto com o rapaz MacKinnon.

Se o sol sair, ainda vou poder cavalgar pela manhã...

"Que bem vai lhe fazer?" Una o pressionou, como se ela lesse seus pensamentos.

Aidan lançou um olhar descontente, desejando que ela fosse para *Netherworld* ⁽²³⁾, ou onde quer que fosse que os duendes ficavam quando eles não estavam nesta terra para assediar as pessoas boas.

Finalmente a velha parou de andar e ficou no centro do salão, cansada, descansando sobre o seu cajado. Suas juntas se branquearam ainda mais para combinar com as cinzas na mão dela. "Aidan," ela sussurrou, e o som caiu como um bálsamo. Ele sentiu sua tensão se derreter um pouco quando sua voz de tenor acariciou sua alma. Magia das fadas, talvez — mas o mais provável era simplesmente porque ela o tinha criado desde bebê. Sua voz suave falava com a criança que ainda morava dentro dele. Com um suspiro, ele se acalmou e encontrou uma cadeira.

Una levantou seu queixo em direção a Keane e seu irmão rapidamente pegou uma caneca e, em seguida, uma cerveja e trouxe para a mesa, despejando um bom trago na caneca de Aidan. Agradecendo-lhe, Aidan levantou e bebeu sofregamente o conteúdo e pediu outro.

"Ela fala a verdade," Lili disse agora que ele estava um pouco mais calmo. "Não há nada que você possa fazer até as neves derreterem. Que bem você poderá fazer para qualquer pessoa se você morrer pelo frio ou pelo vento?"

Aidan assentiu com a cabeça. Ele se inclinou com o seu queixo em suas mãos, empurrando o copo na direção de Keane para outra dose. Seu irmão encheu o copo, em seguida, sentou-se ao lado dele, enquanto atrás deles, o fogo crepitava e cuspia.

Una caminhou na direção dele. Ele assistiu sua aproximação, mas não se voltou. "Eu vi o rosto dela no meu *keek stane*," ela assegurou-lhe. "Ela está viva, Aidan. Além do mais a questão é quando você se encontrar com ela, você vai perdoar o seu próprio sangue?"

Aidan franziu a testa. Claro que ele iria perdoá-la! Ele já a tinha perdoado. No instante em que ele viu o rapaz MacKinnon coberto com seu próprio sangue, deitando e respirando com dificuldade, ele

já tinha perdoado Lael quase que instantaneamente... e talvez até antes. Mas ele era reconhecidamente teimoso e ainda não conseguia dizer que a tinha perdoado.

Lìli olhou para ele, sua sobrancelha levantou com preocupação. Kellen, felizmente estava dormindo, assim como o bebê que Lìli embalava nos braços — uma criança de seu sangue. *Uma criança das duas nações*, ele pensou distraidamente e em seguida empurrou o pensamento para fora da sua cabeça. Pelos deuses, ele ia trancar Ria no quarto dela — ou colocá-la presa na gruta com a maldita pedra — muito antes que ele permitisse que ela se sentasse no trono da Escócia, ou se casasse num ninho de víboras. Edgar o irmão de David mac Maíl Chaluim tinha arrancado os olhos de seu próprio tio para que ele não pudesse tentar roubar seu trono. E David mac Maíl Chaluim não era muito melhor, alinhando-se com a Inglaterra e forçando sua vontade sobre homens que seriam capazes de arrancar seus próprios olhos, ao invés de se ver preso sob o jugo de David.

Mas claro que Aidan nunca prenderia Ria, porque ele, como todos os chefes antes dele, acreditava que cada homem tinha um destino para seguir, e acontecesse o que acontecesse, eles deveriam suportar todas as conseqüências. Lael agora estava simplesmente pagando as conseqüências de suas próprias escolhas.

Agora a sala estava em silêncio e Aidan percebeu que ele estava perdido em seus pensamentos, quando Una falou novamente. "*Cha d'dhùin doras nach d'fhosgail doras,*" ela disse para ele. *Nenhuma porta se fecha, sem outra se abrir*, ela falou.

Franzindo a testa, Aidan olhou para ela. "Tem alguma coisa que você saiba que você não tenha revelado mulher?" Ele sabia que ela tinha uma inexplicável sensação de coisas que estavam por vir, mas guardava esse conhecimento principalmente para si mesmo. O dia

todo ela ficou sentada estudando sua pedra mágica, e ela raramente compartilhava alguma coisa com outra pessoa.

O fogo na lareira parecia crescer e mesmo assim a luz do salão parecia escurecer. A sombra de Una penetrou através da mesa e caiu sobre a parede distante. "O que eu posso ver você já sabe," ela disse enigmaticamente, "O que eu posso ver você não permite."

Aidan estava cansado, e estava sem tempo para os enigmas cansativos de Una e disse-lhe então. "Continue mulher!"

Ela acenou com a cabeça para ele. "Você fez uma pergunta, Aidan. Eu simplesmente respondi o que você perguntou."

"Ah, continue!" Aidan comandou novamente. "Vá ver o rapaz MacKinnon. Aqui você não está fazendo nada além de me atormentar."

Ela suspirou portentosamente em suas costas, não dizendo nada, mas depois fez o que Aidan tinha pedido e se afastou. "*An làmb a bheir, 's i a gheibh,*" ela resmungou enquanto batia com o seu cajado contra o chão. *A mão que dá é a mão que recebe,* ela disse.

No instante em que ela saiu para o corredor, o fogo diminuiu e Aidan teve uma terrível sensação de desgraça iminente. Ele colocou uma mão sobre os ombros do irmão e ficou pensando.

A compleição corporal de Keane era pequena, ele não era um homem ainda, mas também não era um menino. Uma vez que as neves terminassem, um deles devia ficar e outro devia ir encontrar Lael. Mas estes eram tempos incertos, e Keane ainda não estava preparado para governar no lugar de Aidan. E se algo acontecesse a Aidan? Então, nenhum dos seus irmãos tinha idade suficiente para ir para a guerra. Pouco mais novo do que Cameron, bem podia ser Keane deitado além daquelas portas... um rapaz que mal tinha vivido e que talvez não pudesse ver outro nascer do sol.

Sua garganta se apertou com emoção, e Aidan apertou o ombro do irmão. "Vá ver se suas irmãs estão bem," ele disse suavemente. "Tenha certeza de que Cailin e Sorcha se revezem para dormir e para descansar e não deixe nenhuma das duas sozinhas com aquele rapaz."

Keane assentiu com a cabeça. "Você vai descansar também?" seu irmão perguntou, com uma expressão grave no seu rosto jovem e Aidan sorriu. Ele deu um aceno e, em seguida, lançou um olhar cansado para sua amada esposa, que agora também estava sorrindo.

Keane sorriu e se levantou. "não se preocupe, irmão," ele disse rapidamente. "Você pode contar comigo."

Aidan assentiu com a cabeça e pediu aos deuses que fosse verdade, porque assim que a neve derretesse, assim que isso acontecesse... um deles devia ficar, e outro devia ir.

(22) *Hand fasting* - tradição da época medieval utilizada pelas tribos celtas, que envolve unir as mãos de um casal com fitas ou corda, simbolizando os votos do casamento.

(23) *Netherworld* - o mundo dos mortos, mundo subterrâneo, submundo

CAPÍTULO 14



Olhando sobre a muralha se sentindo renovada — sem se sentir como a castelã — Lael pegou todas as chaves da fortaleza, para desespero de Luc.

O rapaz não era páreo para Lael, e infelizmente o arrogante *laird* tinha colocado seu escudeiro à sua mercê.

"Não estou certo se o meu *laird* vai aprovar," Luc falou, quando ela lhe pediu as chaves. Tendo ele tirado as chaves do administrador anterior, ele usava-as presa na sua cintura no lugar de uma espada. Na verdade ela estava preocupada porque ele era demasiado bonito para ser um guerreiro, mas enfim.

"*Seu laird?*" ela perguntou docemente. "Ele agora também é o *meu laird*, além dele também ser meu marido e você acha que ele não vai me dar acesso livre a nossa propriedade?"

Luc pensou por um longo momento, mordiscando o lábio inferior até que Lael temeu que ele pudesse mordiscar até chegar aos seus dentes caninos. Os dedos dela coçaram ao tocar o metal frio das chaves, pobres substitutas para suas fieis lâminas. "Claro, minha senhora," ele cedeu. "Acho que ele lhe daria." Ele removeu as chaves do cinto e Lael tirou da mão dele no mesmo instante.

"Pronto, minha senhora," ele disse.

Lael sorriu, para ela mesma. Na medida em que ela disse para si mesma que ela detestava o som do título inglês saindo da sua boca, deu-lhe um senso de satisfação saber que agora lhe proporcionava alguma medida de autoridade. Em um dia, ela tinha ido de prisioneira desta fortaleza para esposa do *laird* e senhora da propriedade, e ela realmente pretendia tirar proveito desse fato e procurar maneiras de livrar-se desta paródia que era seu casamento e tirar Broc Ceannfhionn de sua cela.

Seu irmão ficaria horrorizado — e ela também! *Uma criança?* Ela pensou. *Uma criança?* Pelos pecados de *Sluag*! Ela não ia trazer uma criança inocente a este mundo com um demônio como pai assim como ela não abandonaria seus próprios parentes. Esta não era a casa dela, nem nunca seria, mas seria bom seu marido o Açougueiro acreditar que ela tinha abraçado seu papel.

Entretanto, devia haver uma maneira melhor para usar melhor sua posição nesta propriedade, e ela tinha a intenção de descobrir como.

Com essa decisão tomada, ela começou a andar pela fortaleza, balançando as chaves ao lado dela e bem no alto para que todos ouvissem o tilintar. Enquanto isso, o escudeiro do Açougueiro a seguia, fazendo mil perguntas e tornando-se um incômodo.

"Não acho que ele gostaria," ele disse novamente, quando ela parou para inspecionar as prateleiras da cozinha e então começou a mover as coisas. "Ele ainda não fez o inventário," o rapaz disse.

Isso é problema dele, Lael pensou. Tudo com o que ela estava preocupada no momento, depois de semanas sem ter uma refeição saudável, era se alimentar e encontrar uma maneira de enviar uma boa refeição para Broc.

Fazendo um balanço do que havia, ela enfiou um pedaço de pão na boca, quase não percebendo como estava com fome.

Luc apenas a assistiu com um olhar de consternação que quase a fez rir. *Quase*. Só que ela não estava a fim de botar lenha na fogueira.

Quase não havia grãos suficientes para durar o longo inverno, ela observou. Nada defumado. Tinha pouca carne e o *uisge* tinha acabado. Que *Cailleach* tivesse piedade, porque eles não durariam o inverno sem ela!

Quanto às empregadas que tinham permanecido, havia apenas três — imagina: apenas três. Todas estavam de lado, encarando Lael com expressões repletas tanto de preocupação quanto de alegria — uma combinação estranha, ela pensou.

Mairi, Ailis e Kenna ela aprendeu seus nomes. Todas as três aparentemente tinham permanecido apenas porque elas não tinham mais para onde ir. Mairi, a mais velha, estava trabalhando lá desde quando ela podia se recordar. Ailis também era mais velha que Lael, mas Kenna parecia ser mais jovem, apesar da garota não precisamente aparentar a idade dela. Lael pensou que talvez ela pudesse ter a idade de sua irmã *Catrìona*.

Sua irmã *Catrìona* tinha se casado com um Brodie perto de *Chreagach Mhor* — um pecado grave no que dizia respeito à Aidan, mas não tão grave que ele tenha renegado Cat como o fez com Lael.

Ela suspirou, chegando a um acordo com a verdade. O irmão dela não iria salvá-la, então era melhor que ela descobrisse uma maneira de escapar. Mas estava tudo bem. Neste meio tempo, ela se esforçaria em fazer alguns aliados.

No decorrer do dia, ela entendeu que muitos dos moradores de Keppenach deixaram a fortaleza assim que souberam que MacLaren tinha morrido. Alguns ficaram na esperança de lucrar de alguma forma sob a regência de um novo *laird*, porque Rogan MacLaren tinha sido um terrível avarento, dando pouco e tomando muito.

Alguns acreditavam que um novo *laird* poderia agir pior, mas havia outros que simplesmente estavam inclinados a começar de novo, e então levaram suas famílias para outros lugares, onde tinham parentes distantes. Outro êxodo teve lugar quando souberam da chegada do Açougueiro, e quando Lael e seus companheiros chegaram, poucas casas permaneciam ocupadas além das muralhas de Keppenach. Broc secretamente tinha encorajado até o último dos aldeões a buscar abrigo em outro lugar, pelo menos até que o assunto em Keppenach estivesse resolvido. E agora a aldeia estava arrasada — embora não tivesse sido arrasada por eles — e quem não tinha nenhum lugar permanente para dormir dentro das muralhas foi embora. Na verdade, um grande número de pessoas que permaneceu fora das muralhas quando Lael se casou, estava esperando para pedir ao novo laird permissão para ir embora agora que as portas estavam muito bem guardadas.

Ela era a senhora aqui, na verdade, ela podia prometer-lhes circunstâncias melhores se eles permanecessem, mas ela não faria isso, até porque ela planejava ir embora logo que fosse possível. Embora, quando ela pensasse sobre isso...

Talvez ela pudesse ajudar a si mesma e a essas pessoas também? No final, ela decidiu que, com a ajuda de Mairi, Ailis e Kenna, ela poderia restaurar Keppenach e colocar a fortaleza em ordem — mesmo que isso significasse trabalhar em objetivos opostos do marido. Na verdade, se fosse esse o caso, ela teria um grande prazer, então ela passou o dia colocando a cozinha em ordem e fazendo o inventário da despensa.

Lael não tinha tanto conhecimento de ervas como Una ou Lili, mas ela conhecia um pouco, e ela administrava a casa do irmão dela desde o dia que sua mãe morreu. Ela deu instruções as mulheres da limpeza e em seguida fez notas mentais de todas as coisas que

planejava fazer antes de ir embora: reunir o rebanho restante e ver se ele estava protegido, ampliar e adaptar para o inverno o galinheiro, limpar o jardim das ervas daninhas, checar o celeiro, limpar os *guarderobes* ⁽²⁴⁾ e verificar o poço de água. Esta tinha sido uma coisa que eles aprenderam da maneira mais difícil em Dubhtolargg, e antes de eles perceberem eles tinham perdido meia dúzia de bons homens, mulheres e crianças que tinham morrido de uma doença misteriosa. Só mais tarde eles descobriram que era porque havia resíduos de dejetos humanos em seus poços, e foi a esposa de seu irmão que descobriu.

E já que ela estava lá, ela ia planejar a refeição da noite — uma celebração de casamento, ela pensou, mesmo que não houvesse qualquer motivo para uma verdadeira festa. No entanto, esta boa gente merecia uma boa refeição. Broc incluído. Então eles que tentassem impedi-la de entregar uma boa refeição nas prisões. Ela não precisava de suas facas para colocar os *Sassenachs* em seus lugares.

Por falar nisso, ela se recusava deixar Broc chafurdar na lama. Ela não podia libertá-lo de sua cela, mas ela poderia forçá-los a limpá-la. Ela ordenou a entrega de juncos para revestir o chão sujo e cobertores para impedi-lo de morrer de frio.

"Não acho que meu *laird* Jaime vai gostar disso," Luc disse quando ela entregou a coberta de pele macia que tinham lhe dado para usar na noite anterior.

Então esse é o nome dele? *Jaime*? Ela preferia *demônio*. Ou *Açougueiro*.

"Não?" ela perguntou e desejou que o garoto a deixasse sozinha. "Por que você não vai contar para ele?" Ela sugeriu.

O rapaz abanou a cabeça, franziu os lábios e manteve-se ao lado dela como um cachorrinho mal-humorado. Ela quase sentiu pena por

ele, mas não muito.

Broc arqueou uma sobrancelha loira e balançou a cabeça. "Algo me diz que o Açougueiro vai se arrepender da decisão de ter se casado com você," ele previu.

"Bom," Lael disse enquanto Luc rapidamente trancou a porta atrás dela, quando ela saiu da célula de Broc. Havia muito mais que ela queria dizer, mas ali havia muitos ouvidos para ouvir — os guardas e seu pequeno cão de guarda incluído. "Vou te enviar o jantar daqui a pouco," ela assegurou-lhe, o animal morto ainda caído num canto enchendo com um terrível odor o nariz dela. "Não encha sua barriga com ratos."

"Tome cuidado, Lael," advertiu Broc. "Você pode voltar para cá ou pode acontecer algo pior."

"Humph!" ela respondeu. Se ele pensou por um instante que ele pudesse assustá-la como se ela fosse alguma moça tímida, então Broc verdadeiramente não a conhecia.

O primeiro erro do Açougueiro foi deixá-la viver. Seu segundo erro foi tê-la subestimado. O terceiro erro — e provavelmente seu último — foi dar-lhe o poder de administrar a sua propriedade, porque ela podia tentar virar a maré, e talvez no final ela pudesse encontrar uma maneira de entregar as chaves para o legítimo dono.

"*Tenha fé,*" ela disse para Broc enquanto saía. Dois guardas abriram a porta para a capela e ela entrou, evitando as inúmeras teias de aranha que de alguma forma haviam sobrevivido à enorme quantidade de invasores desde os últimos dois dias.

"Então você é cristã?" Luc perguntou enquanto eles passavam para o pequeno vestíbulo do sombrio túnel. Lael ignorou sua pergunta, irritada.

Fé não era meramente um dogma cristão. Na verdade, não era um traço piedoso. Com efeito, *a fé* vinha de muitas formas

diferentes. Por exemplo, ela tinha fé em si mesma, e ela quase não conseguia se imaginar de joelhos rezando para si mesma.

O rapaz a seguia de perto através da nave. "David carrega seu padre onde quer que ele vá. Dizem que ele tem uma dispensa especial para realizar a obra de Deus."

Com a simples menção do nome de David, Lael começou a fantasiar ela, enfiando a cara de Luc na lama gelada.

"É uma coisa boa, termos uma capela," ele disse enquanto afastava uma teia de aranha. "Deus, aqui está imundo como as prisões!" ele exclamou, batendo as mãos para se libertar da teia.

Seria preciso algum trabalho para colocar esta capela em ordem, ela pensou. Era uma pena ela não ser cristã, porque assim ela teria uma desculpa para passar mais tempo perto dos túneis... Na verdade, alguém, em algum lugar, em algum momento estava prestes a cometer um erro e então ela iria aproveitar e libertar Broc. Ela piscou e parou de repente, voltando-se para olhar para o rapaz.

O padre já tinha ido embora, juntamente com David e não tinha sobrado ninguém em Keppenach que pudesse saber como ela ainda permanecia ligada aos velhos costumes — nem mesmo Broc. "E o Açougueiro é piedoso?" ela perguntou.

"Não e ele não gosta *desse* nome," Luc disse para ela. "Apesar de ele clamar que a alma dele está condenada."

"É pode ser," ela respondeu mais para si mesma. Lael não tinha o conceito do Deus cristão ou de suas regras, ou de qualquer Deus que pudesse queimar uma fortaleza cheia de pessoas.

"Minha senhora?"

Ela esticou a mão para alcançar o ombro de Luc como ela teria feito com Keane. "Não importa. Vamos limpar a capela," ela propôs, e o rapaz franziu as sobrancelhas enquanto ele considerava essa proposta por um longo tempo.

"Por quê?" ele perguntou. "Me desculpe, minha senhora, mas é improvável que meu senhor Jaime vá usá-la salvo como uma passagem para as prisões."

Lael sorriu. "Pela vontade de Deus, talvez ele possa mudar de idéia," ela falou. "Vamos começar amanhã?"

"Muito bem, então, sim," ele concordou, e Lael sorriu com mais humor do que ela tinha tido em semanas.

Dois corpos representam um problema.

Maddog tinha realizado seus deveres para MacLaren bem demais, e por seus esforços, ele tinha ganhado apenas uma cama quentinha e a desconfiança de seus parentes. Agora ele não tinha nem a cama, porque o Açougueiro o tinha expulsado, mandando-o procurar outra como um idiota comum. Infelizmente, ele não tinha tido sequer a oportunidade de esvaziar o quarto do *laird* de alguns itens especiais que ele pretendia manter. Agora ele estava sem dinheiro, sem bens e após quase vinte e três anos de serviço, ele era forçado a dormir num colchão de palha no corredor, juntamente com o resto dos amaldiçoados desta fortaleza.

Pelo menos ele estava com a espada.

Ele não sabia precisamente porque a espada era tão valiosa. O metal estava lascado e mal afiado, mas lá no fundo ele sabia que a espada devia ser preciosa. Afric tinha percebido isso também e o ferreiro estava preparado para mantê-la para si mesmo — ou seja, até que seu filho desapareceu junto com sua espada preciosa, e Maddog estava certo que Afric pretendia contar para o novo *laird*. Ele não podia permitir isso.

Pensando sobre o que fazer com a espada, ele a escondeu com cuidado, para que ninguém pudesse espiar seu brilho, e nas sombras do armazém, ele escondeu-a sob um pano oleado ao lado de um enorme saco onde ele tinha colocado o filho do ferreiro. O ferreiro...

bem, ele agora estava no fundo do poço. "Um acidente," a maioria iria dizer se por acaso o corpo do homem fosse encontrado. Para desviar as suspeitas Maddog já havia espalhado que ele tinha visto o filho do ferreiro descer pelo eixo do poço, como ele sempre fazia. Claro, Baird não estava lá, mas o ferreiro não podia saber e quem podia dizer que o caroço na cabeça do Afric não tinha sido feito por causa da queda?

O som cômico que Afric fez ao cair pelo poço o fez rir.

Se os deuses fossem bons, demoraria algum tempo até alguém encontrar o corpo do ferreiro. A última vez que alguém o tinha visto ele estava saindo sozinho do salão, e ele tinha feito algumas pessoas o virem após ele sair pelo corredor, mas não antes de encher a cabeça do Afric de preocupação sobre o menino e o poço. E então, enquanto todo mundo estava preocupado com os acontecimentos no hall, ele veio por trás enquanto Afric ficou olhando para o poço.

O poço agora era quase inútil de qualquer forma. A água tinha que ser filtrada e depois fervida ou então não podia ser usada.

Mas... dois corpos representam um problema.

Inicialmente, ele tinha a intenção de deixar a criança lá em baixo também, mas ele não podia fazê-lo agora e então ter os dois no final de um balde, será que ele poderia? Quais eram as chances? Não... Mas devia haver outra maneira, e ele precisava pensar sobre isso.

Entretanto, havia alguns empregados restantes e por isso a espada devia permanecer escondida com segurança aqui no armazém até que ele pudesse pegar seu prêmio de volta. Ele não sabia o que deveria fazer com ela, mas ele sabia que uma oportunidade iria surgir.

Talvez o rei retornasse e ele pudesse dá-la como um presente? E talvez ele finalmente ganhasse Keppenach? Ele era o último herdeiro remanescente de Donnal MacLaren, afinal. Ele era o irmão bastardo

de Dougal, embora ninguém se lembrasse. Mas ele podia provar... Kenna sabia a verdade.

Kenna não era mais que um bebê quando seu irmão saiu de Dunloppe. Ela não mais se lembrava do rosto dele ou do seu próprio nome. Depois que Donnal pegou a força a fortaleza do avô dela, a jovem roubou o coração de Donnal com seus cachos brilhantes e seu nariz arrebitado, e então ele silenciosamente a mandou morar em Keppenach enquanto ocupava Dunloppe contra o retorno do irmão dela. A criança que Donnal jogou por cima do muro aquele dia era filha de uma camponesa inútil, mas ele não contava com a fúria do Açougueiro assim que ele viu o corpo da criança caído no chão.

Maddog não tinha testemunhado, mas disseram que o berro do Açougueiro ecoou através dos pântanos. Um por um ele tinha queimado os edifícios que ficavam do lado de fora da muralha, e mesmo seu mais habilidoso arqueiro não tinha sido capaz de pará-lo. As flechas voavam, e todas, menos uma, quase arrancou o olho dele. Essa era a cicatriz que ele agora tinha através de sua sobrancelha.

Felizmente para Maddog, ele tinha sido escolhido para acompanhar a jovem Kenna para casa naquele dia e embora a garota não se lembrasse de seu irmão ou de sua mãe, e nem soubesse de onde vinha, Maddog nunca a deixou se esquecer quem foi que a salvou do destino de Dunloppe — um inferno na terra, que os bardos afirmavam ter brilhado por quase três dias.

Quanto ao seu sangue MacLaren, ele não tinha nenhuma prova, não precisamente, mas ele sabia que o antigo *laird* mantinha um livro onde ele escrevia tudo sobre sua linhagem que chegava até Domnall Mac Ailpín — irmão de Kenneth — incluindo os filhas e filhos bastardos. Então Maddog, também, tinha o sangue dos reis em suas veias e de certa forma ele tinha tanto direito a Keppenach

como qualquer outra pessoa. Em algum lugar da fortaleza tinha uma pequena caixa contendo documentos do seu ancestral — escondido em algum lugar. E uma vez que ele a encontrasse, ele iria pegar o que lhe era devido de uma forma ou de outra, se não fosse pela lei e razão... então pela sua espada — *a espada do rei*.

Sorrindo com os seus pensamentos, ele arrastou um pesado saco de cereais para frente do pano oleado, colocando-o ligeiramente à frente de outro e depois outro, então eles pareciam ser simplesmente três enormes sacos com grão, um ao lado do outro. Então ele próprio rebateu e chutou o saco onde o rapaz estava para suavizar um caroço e foi embora.

(24) guardarobe – como era chamada a privada na época Medieval

CAPÍTULO 15



*M*assageando sua têmpora, Jaime se debruçou sobre os livros — todos ainda estavam com as páginas em branco, mas no decorrer das semanas seguintes ele encheria cada página.

Ele aprendeu sua lição do Conquistador, que nunca tomou uma fortaleza onde ele não catalogasse cada saco de cereais, todas as cabeças de gado, cada galinha e até o último item de valor antes de se estabelecer para administrar seus bens.

Mas as coisas mais importantes em primeiro lugar: ouvir as queixas daqueles que ele pretendia governar. Assim, ele passou a maior parte do dia ouvindo as queixas e resolvendo os problemas dos descontentes. Salvo por duas pessoas especiais sob seu teto, ele não tinha nenhum interesse em manter ninguém contra a sua vontade. Não era a maneira de começar a direção de seu feudo. E ele ainda tinha muito a fazer para mudar o ar doente que MacLaren tinha colocado sobre o lugar.

Aparentemente, alguns dos moradores se refugiaram dentro dos portões, mas muitos tinham fugido. Até a primavera a aldeia devia ser reconstruída a partir do zero — até a última cabana. Se necessário Jaime ia recrutar mais homens, mas o próximo inverno ia ser difícil como este, e ele devia comprar comida e suprimentos.

Ele estava ciente que se alguma coisa tivesse sido diferente talvez ele não estivesse agora aqui sentado como *laird* em seu próprio salão. David queria Keppenach sob seu governo, mas se eles tivessem demorado uma semana mais, eles talvez fossem obrigados a marchar sobre o castelo com um número muito maior de homens.

Quanto a MacKinnon, Jaime tinha esperança que o chefe ficasse do lado dele e permitisse que Jaime ficasse centrado sobre as necessidades de seu povo.

Finalmente, o último homem deixou a sala. Agora eles estavam com menos de cem homens, mulheres e crianças, quando há um ano tinha havido uma próspera vila com mais de mil habitantes.

No momento, as portas estavam abertas e a sala estava vazia, exceto por uma única jovem com cabelos cor de cobre que estava ocupada varrendo o chão. Ela era linda, e tinha um rosto doce. Mas havia algo sobre ela que fazia Jaime se lembrar de Lael, apesar do fato de que não havia nada sobre Lael que pudesse ser descrito como doce. E a verdade era que sua esposa o intrigava pela sua maneira de ser. Ela era uma raposa com fogo nos olhos e um temperamento para se rivalizar com os deuses.

Ela guardaria essa paixão para sua cama?

Ele tinha ouvido que os *dún* Scoti amavam livremente... Isso significava que ele tinha se casado com uma mulher experiente? Ele particularmente não apreciava esse pensamento, mas se por acaso ela soubesse como empunhar *as suas armas* da mesma maneira como empunhava suas facas... O pensamento deu-lhe um arrepio agradável. Embora não estivesse certo de que ele fosse descobrir esta noite, mas esta possibilidade aquecia o sangue em suas veias.

De repente, qualquer idéia de voltar para os livros se tornou desagradável. Ele não mais podia se concentrar em números nem mais podia tentar ignorar o monstro se mexendo debaixo da mesa.

Droga.

O soar de uma trombeta nas muralhas salvou-o de continuar tentando. Ele sorriu, pois ele sabia que devia ser Kieran. Apesar de Luc ter boas intenções, o rapaz não o conseguia ajudar da maneira que Kieran podia. Seu capitão ajudaria a manter a guarnição em ordem enquanto Jaime resolveria os problemas... *em outro lugar.*

Com a intenção de cumprimentar Kieran e parar com a contabilidade, ele ficou se alongando e massageando a tensão do pescoço, e então ele passou a espionar sua *esposa* discutindo no corredor.

"Mas, minha senhora," Luc estava dizendo enquanto a perseguia através do pátio.

Eles desapareceram da vista de Jaime, e ele começou a pensar se deveria se preocupar em persegui-la quando ele tinha muito para conversar com Kieran.

"Não tenho rédea livre como senhora desta fortaleza?" Lael perguntou pela milésima vez.

"Sim, minha senhora, mas —"

"Sim, mas nada," ela argumentou. "Hoje eu sou recém-casada e é o costume do meu povo celebrar uma ocasião *feliz.*"

"Sim, mas —"

"Você não quer que a sua nova senhora tenha uma celebração adequada? Ou até mesmo seu *laird?*"

"Sim," o rapaz respondeu parecendo oprimido.

Mais uma vez, Lael quase sentiu pena dele. *Quase.* O marido o tinha nomeado seu guardião e ele sabia desde o início que ela não precisava de um — e nem ela aceitaria um. Ela pretendia ter a sua festa, embora modesta. Se ela tivesse se casado na sua terra, ela teria tido um casamento muito parecido como o do irmão dela e até mesmo Lael tinha sonhos. Ela pretendia guardar a lembrança desta

ocasião de uma maneira ou de outra. Afinal, uma garota devia se casar apenas uma vez.

Luc simplesmente ficou ali, piscando para ela. Ele desconsiderou os tufos de cabelo que caíam no seu rosto e ela colocou suas mãos sobre as ancas. "Quantos anos você tem, Luc?"

"Dezessete em dezembro."

"O que vai chegar ou o que passou?"

"O que vai chegar," ele disse.

"Ah!" ela exclamou. "Você é apenas um garoto."

"Não, minha senhora, não sou!"

Na verdade, ele era apenas cinco anos mais jovem que Lael, mas ela não pretendia contar-lhe isso. Ela se sentia muito mais velha do que a idade que tinha. "Ah," ela disse novamente, frustrada, porque ela não queria gostar do rapaz. Seu rosto cativante escondia muito pouco e ela também podia facilmente ler seus pensamentos.

"O que se passa aqui?" indagou uma voz rouca.

Lael não precisou olhar para saber precisamente quem era.

Meu marido o Açougueiro.

Eles deviam se encontrar mais cedo ou mais tarde e a noite estava quase chegando.

Claramente confuso com os acontecimentos, Luc não disse nada — nem para contestar nem para defendê-la. Ele simplesmente ficou parado, olhando para Lael com um olhar perdido.

Lael virou-se para enfrentar o *marido*. "Eu não como uma boa refeição em semanas," ela exagerou, "e já que agora sou a *senhora* desta fortaleza, quero desfrutar de um jantar saudável. É o mínimo que você pode fazer para honrar-me no dia do nosso casamento, desde que você me obrigou a esta paródia de união e em seguida, jogou-me para o lado, como se eu nada fosse além de miudezas no seu prato!"

Jaime piscou os olhos.

Ele olhou primeiro para Luc e depois para Lael.

Luc mexia ansiosamente com suas mãos. "*Laird*, eu disse para ela que você ainda não tinha tido a oportunidade de fazer o inventário, mas ela quer planejar uma festa para comemorar o casamento."

Surpresa foi a primeira reação de Jaime, seguida de perto por suspeita. Ele encontrou o olhar de sua mulher e arqueou uma sobrancelha.

Ela inclinou a cabeça como se para desafiá-lo. "Você me deu rédea solta," ela lhe lembrou. "Nós fizemos um trato. Se você quer a devoção de sua esposa, melhor você se comportar como um marido dedicado, e pode começar mantendo a sua palavra."

Atrás dele as portas se abriram para admitir Kieran e Jaime tentou em vão determinar qual esquema ela estava inventando. Não havia nada que ele pudesse discernir no rosto dela. Talvez fosse verdade que ela estava necessitada de uma boa refeição. Quem sabe quanto tempo Broc e ela esperaram antes de eles tentarem entrar na fortaleza. Tanto quanto ele sabia, eles tinham muito pouco para comer desde que tinham chegado.

No momento seus cabelos estavam despenteados e seu rosto sujo. Ela tinha graxa manchando seu queixo, mas ele não ousava estender a mão e tocá-la para que ela o rejeitasse aqui na frente de Luc. Mas ela estava linda. Será que ela pretendia levar os votos a sério? Ela pretendia ser uma esposa obediente?

Em algum lugar dentro de suas entranhas, esta noção o emocionava, e ele se regozijava com este pensamento. Mas ele não era estúpido. Ela estava tramando alguma coisa... E ainda assim, ele não poderia recusar para ela uma boa refeição no dia do seu casamento.

Será que ele poderia?

As conversas aumentaram perto dos portões enquanto Jaime ficou olhando para sua linda noiva. Kieran trouxe com ele outros setenta homens, e todos pareciam estar com fome como Lael. Amanhã ele teria que fazer um inventário da despensa.

"Desobedientes sobressalentes," ele falou com um sorriso. "Veja que meus homens sejam bem alimentados e certifique-se de enviar um prato para as prisões".

A cor saiu do rosto dela. O olhar que ela deu-lhe foi uma surpresa. Seus lábios adoráveis se separaram, mas ela parecia incapaz de falar. Jaime sofreu o mais incrível desejo de beijá-la, pois ela estava maravilhosamente estupefata — e dócil apenas por um momento. As linhas afiadas do seu rosto se amaciaram... e ela o olhou com carinho. "Obrigada... *Açougueiro*," ela disse gentilmente.

Jaime quase engasgou. Pela primeira vez, o epíteto meramente o divertiu porque ele sentiu que ela não queria ser desrespeitosa, mas ela estava bem confusa sobre como chamá-lo agora que eles estavam casados.

Era um começo, Jaime decidiu.

Em pouco tempo, ele iria ouvi-la chamar o nome dele enquanto ele a acariciava. Este pensamento fez aparecer um sorriso em seus lábios.

"De nada," ele disse. E então saiu e foi direto em direção ao portão para cumprimentar seu capitão e amigo.

CAPÍTULO 16



Desobedientes sobressalentes? *Verdade?*

Lael não sabia o que pensar do seu marido açougueiro.

Em pé na sua prisão — porque era assim que ela pensava sobre a fortaleza — ela examinou o vestido de noiva que Aveline tinha colocado em seu baú. Era adorável, com certeza, mas o simples fato dela ter o desejo de usá-lo somente definia como ela se sentia.

Desobedientes sobressalentes, ele disse.

Era algo que ela não esperava o Açougueiro dizer.

Mas por que ela gostaria de usar um vestido lindo para ele?

E era lindo, ela decidiu — diferente de tudo o que ela podia ter usado alguma vez em sua vida. Era delicado e feminino — um vestido digno de uma noiva.

Não tinha sido mais nada do que uma cerimônia rápida com uma espada sobre sua cabeça, mas, no entanto tinha sido o dia de seu casamento.

Tentando como ela podia, ela não parava de pensar no casamento do irmão dela. Era um assunto tão adorável. Glenna deu a Lili um manto de *tartan* (25) novinho em folha para ela vestir, e quando Aidan espiou sua noiva subindo a colina, em companhia de

todas as mulheres do clã, adornadas com fitas, sua respiração tinha parado. Nesse instante, Lael estava com inveja do irmão com todo o seu coração, porque ela nunca tinha pensado em se casar. E agora, apesar de toda a suspeita e toda a fúria, Aidan e Lili estavam muito felizes casados, e talvez o mesmo pudesse acontecer com Lael?

Lael nunca sequer tinha imaginado se casar. Ela nunca tinha conhecido um homem que ela desejasse amar. Nem ela jamais tinha pensado em se tornar esposa de alguém — e nem pensava nisso agora. Mas o que isso importa? Já estava feito. Ela era não menos mulher do Açougueiro simplesmente porque ela não queria ser.

Um ano, ele disse. Um ano. E um dia.

Isso podia ser o céu, mas podia ser o inferno.

Suspirando, melancolicamente, ela pensou de novo no bebê de Aidan e pensou num bebê dela própria. Ela poderia ser uma mãe amorosa? Ela saberia como ser? Ela tinha passado tanto tempo pensando em vingança e tentando ser uma guerreira digna que ela não estava totalmente certa se ela entendia o que significava ser uma moça gentil.

Seu marido açougueiro queria uma coisa dela, mas se ela desse a ele, ela ficaria ligada a ele, para sempre, porque ela nunca poderia dar-lhe um filho e depois simplesmente ir embora. Ou melhor, se ela lhe desse o filho tão desejado — indo direto ao ponto, o filho que David desejava — havia apenas uma coisa que ela sabia com certeza: ela nunca poderia deixar este lugar e na verdade, ela nunca mais voltaria para casa.

Esse pensamento fez seu coração doer.

Ponderando no dilema, ela tirou o espelho debaixo do colchão, onde ela tinha deixado e colocou-o no parapeito, inclinándolo precariamente para que ela pudesse se espiar melhor.

Por que ela deveria se importar como ela estava? O Açougueiro certamente não se importava. Lael não se enganava acreditando que isto não era algo mais do que um jogo político — um jogo que o marido apreciava não mais do que ela. Ele tinha falado os votos e a tinha colocado de lado, e apenas uma vez ele se incomodou em vir ver o que ela podia estar fazendo. E então ele apenas se encontrou com ela, porque ela estava andando em direção aos portões — e ela notou que ele não se preocupou em pedir-lhe para vir e cumprimentar seus convidados como sua esposa. Mas ele a defendeu de Luc... e ele lhe disse para levar uma refeição para Broc, pelo menos agora ela não precisaria se esgueirar.

Apesar de tudo, algo como gratidão passou por sua mente — se não fosse gratidão, certamente era *algo* que minava sua animosidade. Na verdade, como ela poderia odiar um homem que tinha salvado seu pescoço da forca, e prontamente se casou com ela e lhe deu as chaves da sua fortaleza?

Ou se ele não tivesse precisamente entregado as chaves, pelo menos ele não tinha colocada elas longe. Luc sem dúvida já teria lhe contado tudo até agora — o pequeno tagarela.

Por causa disso, ela também não queria gostar de Luc!

Todo este *apreço* era suficiente para azedar perpetuamente seu humor — e se não fosse suficiente o mero pensamento de David, forçando-a a casar-se contra sua vontade a deixava azeda. E agora, parecia o casamento mais lamentável do mundo. Ela não tinha nenhum parente. Não tinha mulheres para ajudá-la a se vestir. Não havia música e dança. Não tinha *uisge*. Nenhum riso.

Infelizmente, considerando as circunstâncias, o que mais poderia ela esperar?

Algo melhor, ela decidiu.

Contentando-se com sua própria companhia, e não estando familiarizada com os rituais femininos, ela mesma se despiu. Ela não precisava de uma empregada boba. Sozinha, ela preparou a roupa que ela usaria. Sozinha, ela se lavou. Sozinha, ela penteou os cabelos dela. E então em paz, ela contemplou a noite que estava chegando, pois certamente ele iria se lembrar dos seus votos ao anoitecer. Ele era um homem, afinal.

E então ele faria jus ao seu nome? Ele ia estuprar e saquear seu corpo? Provavelmente, ela decidiu, pois ele era metade inglês — e esta metade parecia a melhor parte dele por tudo o que ela podia ver. Ele andava e falava como um inglês, e provavelmente fazia amor como um também. E se isso fosse verdade, ele encontraria em Lael uma correspondente a altura, porque ela não era do tipo de ficar sentada sem fazer nada e deixar um homem fazer o que quisesse. Ela nunca tinha estado com um homem antes, mas ela certamente sabia como estripar um.

Sorrindo enquanto colocava o vestido marfim sobre a cabeça, ela se encolheu nele. Ela queria que seu marido visse o que ele *nunca* possuiria, na verdade ela tinha feito uma barganha com o corpo dela, mas ela não tinha lhe prometido seu coração.

Ela estava muito feliz de ver que este vestido era mais comprido do que os outros, porque a bainha não tinha sido costurada. Com certeza Aveline ainda iria terminá-lo. "Pobre garota," ela disse mais uma vez, lamentando o destino da jovem, e então ela ficou na frente do espelho pequeno, olhando para ver como o vestido lhe caía bem.

O vidro do espelho estava embaçado e a imagem dela aparecia deformada. Tudo o que ela via era uma *brollachan* (26) — uma horrível criatura da noite — com os olhos arregalados e um nariz largo com narinas enormes. "Pobre marido!" ela pensou. Ele estava provavelmente acostumado a mulheres que usavam sedas do

Oriente, com cabelo sedoso como o mel e características delicadas e adoráveis. As maçãs do seu rosto eram muito proeminentes, os olhos demasiado profundos, o cabelo muito preto. Franzindo a testa, Lael arrancou o espelho para fora do peitoril e jogou-o em cima da cama, em seguida, com outra rodada de maldições, ela correu para se juntar a seu marido na festa que ela tinha planejado.

Kieran removeu suas luvas, lançando-as sobre a mesa. "Não é de se admirar que você tenha ganhado esta fortaleza. Estava praticamente abandonada. Os homens do MacLaren deviam mijar em suas botas." Ele ajustou sua espada na cintura, e em seguida, tomou um lugar à mesa.

Era uma relação complicada. Ele e Kieran tinham sido promovidos por Henry, sendo que ambos tinham igual força e habilidade, mas Jaime recebeu elogios de David mac Maíl Chaluim e de Weston FitzStephen; e isso mostrava claramente que era mais importante quem você conhecia do que a forma como você lutava.

No entanto, Jaime confiava em Kieran sem sombra de dúvida. Na verdade, ele era o único homem em quem ele confiava. Eles eram como irmãos.

"O estandarte do rei, nunca deixou as torres," Jaime argumentou.

"Como sempre, meu amigo, você é a modéstia em pessoa," Kieran ofereceu um sorriso. "Nós o encontramos na rota para Teviotdale. Ele nos garantiu que você tinha tudo sob controle. Assim, oferecemos a ele três cavaleiros para acompanhá-lo até o sul." Ele empurrou as luvas para o lado, olhando o salão com interesse. "Ele não aceitou, mas mandamos os cavaleiros acompanhá-lo de qualquer modo. Outros seis voltaram para Londres para retransmitir a notícia para Henry. Estou certo que o Rei Henry gostará de saber que seu *protegido* fez outra incursão vitoriosa para o norte

amotinado." Ele assentiu com aprovação. "Este é um belo feudo que você ganhou, apesar de estar em ruínas. Se você puder manter os vermes do lado de fora, você vai ter um inverno quentinho aqui."

Jaime levantou uma sobrancelha. "Os vermes podem muito bem ajudar a nos manter aquecidos com todos os ventos fortes que têm aqui," ele disse. "Quantos homens vieram com você?"

Kieran passou a mão por seu rosto, contando. "Quarenta e nove," ele disse depois de um momento. "Nós esperamos por MacBeth, que disse que se juntaria a nós com mais vinte homens, mas ele ficou doente."

"Você acredita nele?"

Kieran deu de ombros. "Não importa. David vai prevalecer, não tenho dúvida."

Jaime leu o que ele não disse no brilho dos seus olhos preto. "Não foi isso que eu perguntei."

Kieran sorriu. "' É uma coisa boa, um de nós é igual a vinte deles, hein?"

"A sorte favorece os mais fortes," Jaime sustentou, reconsiderando seus números.

Era verdade que seus guerreiros eram muito mais hábeis do que a maioria, mas cem homens e mulheres não iriam conseguir segurar a fortaleza contra um exército de mil ou mais. Eles conseguiram salvar Keppenach de mudar de mãos, mas foi uma questão de rapidez, não de força. Ele tinha cavalgado como um demônio em direção ao norte, deixando metade da sua comitiva para se encontrar com ele mais tarde, porque ele ficou sabendo que o castelo estava com uma guarnição pequena. Se ele não conseguisse manter MacKinnon do lado de fora dos portões de Keppenach, a batalha para tirá-lo de lá iria derramar mais sangue do que David estava preparado a aceitar. Como ele era um homem de sorte, os

homens de MacKinnon ainda não tinham chegado e o tempo ruim iria fazê-los se atrasar ainda mais, mas Jaime conhecia a reputação dele e sabia que MacKinnon ia manter a sua palavra. Mais cedo ou mais tarde, ele viria. Mas ele continuava a se perguntar: *Quando? E com quantos homens?*

No entanto, a guerra não era iminente, e a paz nunca foi devido à ausência de conflito, preferencialmente a guerra era vencida por resoluções pacíficas entre as partes. Agora, o dilema era decidir quais termos deveriam ser apresentados para MacKinnon para que uma guerra não começasse. E se eles tivessem que levantar armas para proteger Keppenach, será que Aidan *dún* Scoti agora se uniria a luta para salvar sua irmã? Jaime sabia muito bem que tendo forçado Lael a esta união não iria fazer com que os *dún* Scoti abraçassem essa causa.

No entanto, o que mais intrigava Jaime era uma simples pergunta: por que um chefe respeitado como MacKinnon, que na maior parte de sua vida tinha se mantido longe de conflitos políticos e que, até agora nunca tinha se colocado do lado oposto a David... Por que ele colocaria sua espada a disposição para ajudar um humilde vassalo que não tinha nada para recomendá-lo? Isso era o que Jaime gostaria de saber.

E mais... Porque Lael se sentiria compelida a pegar em armas e lutar ao lado de Broc, quando seu irmão claramente tinha se recusado?

Broc Ceannfhionn uma vez foi herdeiro de Keppenach, era tudo o que Jaime sabia. Mais de trinta anos antes o feudo fazia parte do seu patrimônio, que de fato foi roubado por Donnal e Dougal MacLaren — pai e filho, que lutavam sob a bandeira de Alasdair mac Maíl Chaluim, irmão de David e Rei do Norte, antes de sua morte. Juntos Donnal e Dougal arrasaram Keppenach, assassinaram o chefe

MacEanraig e deixaram seus filhos e filhas a morte. Na época, David governava apenas as terras ao sul do Rio Forth, e os dois irmãos lutavam para manter suas fronteiras. Tanto quanto Jaime tinha compreendido os fatos, havia muito poucos MacEanraigs remanescentes após a morte do antigo chefe. Broc aparentemente tinha passado a totalidade de sua vida sob a tutela de MacKinnon, contente com a sua sorte até ele se casar com uma moça inglesa — uma prima distante de Piers de Montgomerie, que também tinha recebido terras de David e cuja lealdade agora era questionada.

Para o desgosto de David, há alguns anos atrás ele tinha enviado Montgomerie para o norte para manter as terras adjacentes a *Chreagach Mhor*, a sede do feudo de MacKinnon. Será que Montgomerie tinha uma mão na traição feita a Broc? Será que Montgomerie tinha planejado se juntar a MacKinnon também? Estas todas eram perguntas que estavam ainda sem respostas, e qualquer uma delas podia desempenhar um papel na solução do problema: será que Keppenach permanecerá sob o domínio de David — e mais incisivamente, sob o domínio de Jaime? Mas agora que era dele, Jaime morreria para mantê-lo — particularmente agora que havia muito mais em jogo.

Eu tenho uma esposa.

Ele pensou em Lael e seus lábios se curvaram num sorriso.

Ela era adorável e cheia de coragem, ao contrário de qualquer moça que ele já tinha conhecido. Sem sua licença, ela tinha pegado as chaves de Luc e começado a administrar o seu domínio, como se ela tivesse nascido para esta tarefa.

"Pelo menos," disse Kieran, "estou feliz porque você aceitou este feudo, Jaime. É melhor ficar com você do que ir outra pessoa. Muitas vezes a penitência de um homem por se recusar a jogar o jogo da política é que ele acaba sendo governado por inferiores."

Foi um comentário estranho vindo de Kieran. "Você tem arrependimentos em me servir, velho amigo?"

Kieran piscou os olhos e balançou a cabeça, como se apenas percebesse como ele podia ter soado aos ouvidos de Jaime. "Não," ele jurou. "Eu falava de você, meu amigo. Por duas vezes Henry quis te recompensar com um título de baronete, mas você sempre declinou, e então eles foram para homens como Ros e Mowbray, e ambos já tinham recebido seu quinhão — e nem são leais como você."

"Eram feudos ingleses," Jaime argumentou.

Havia um brilho nos olhos do Kieran. "Mas você reivindicou ser outra coisa?"

Jaime deu um olhar interrogativo para Kieran. Esta era a única diferença entre eles, porque tanto o pai quanto a mãe de Kieran eram ingleses, mas ele entendeu que Kieran disse isso apenas como uma brincadeira. "É *menos* ser um escocês, meu amigo?"

Kieran sorriu. "Então, é verdade? David afirma que ele vai fazer um escocês de você ainda se for a última coisa que ele faça." Ele deu um aceno conciliador com a cabeça. "E pelo que este lugar parece, ele já percorreu um longo caminho já que você aceitou Keppenach."

Jaime riu. "Tão escocês quanto Davi," ele disse, em seguida, mais sobriamente, acrescentou, "se uma oportunidade surgir, eu vou fazer com que você também receba um feudo."

Kieran assentiu com a cabeça. "Se a oportunidade aparecer, eu vou lhe agradecer," ele disse. "Mesmo sendo uma ruína como essa."

Jaime riu. Ele conhecia muito bem seu amigo e sabia pelo olhar de seus olhos negros, que ele já tinha visto que as possibilidades eram maiores aqui no norte. Na medida em que havia trabalho a ser feito, Jaime sentiu uma sensação de regresso a casa. E Kieran o

conhecia bem o suficiente para sentir isso também. No entanto, ele não ia agora explorar esse tipo de pensamento, embora ele se perguntasse o quanto de seu novo sentido de triunfo era devido a terra... ou a sua bonita esposa.

Jaime suspeitava que era um pouco de ambos.

Enquanto eles continuavam falando, o salão pareceu se transformar, e ele gostou de ver que Lael tinha orquestrado toda a refeição dessa noite. Ele viu passar uma variedade de pratos, incluindo *mylates* de carne de porco — uma torta usando sobra de assado — *mortrews*, um patê também usando carne de porco e arroz, e *blancmanger*, um pudim feito de gelatina, leite de amêndoa e temperado com *uisge*. O cardápio mostrava criatividade e era totalmente inesperado. Ele decidiu que tinha muita coisa que ele não sabia sobre sua noiva *dún Scoti* e sua família.

As histórias sobre o seu clã eram freqüentemente o início dos pesadelos infantis. Apenas homens que fossem selvagens e implacáveis como os *Highlanders* poderiam sobreviver tanto tempo nas profundezas do *Mounth*. Foi-lhe dito que a tribo de sua mulher era descendente dos Pechts e dos Nórdicos, que uma vez viajaram para o norte indomável, mas do que Jaime podia ver, a moça conhecia as artimanhas de um castelo muito melhor do que algumas mulheres exigentes do Sul.

Mas nem mesmo a comida distraía Kieran da sua discussão. "Você está preocupado com a vinda do MacKinnon?"

Jaime cheirou o ar enquanto duas empregadas passavam com uma torta ainda quente vinda do forno. Ele não tinha percebido como estava com fome até aquele instante. "Preocupo-me mais com

a união dos clãs," ele respondeu honestamente. "E quando ele vier temos Broc Ceannfhionn."

Kieran olhou para ele. "Então o Broc, pelo que ouvi dizer, é o refém que David deixou para você? Ele parecia tão certo que MacKinnon não fosse fazer nada."

Aparentemente ninguém tinha falado para Kieran sobre as núpcias de Jaime. Jaime estava prestes a fazê-lo, quando de repente Lael apareceu na escada e o queixo dele quase caiu.

Um pouco incerta Lael veio descendo as escadas.

O salão estava cheio de homens estranhos, havia bastantes mesas para acomodar o grande fluxo de convidados.

Para ter a certeza de que todos ficariam bem alimentados com a celebração da noite — a celebração do casamento — Lael ordenou duas vezes a quantidade de comida necessária. Era o certo a fazer uma vez que ela não tinha idéia quantas bocas haveria para alimentar. Quando ela desceu as escadas, olhou para as mesas, para ver se a comida tinha sido servida equitativamente, sem privilegiar o *laird*. Em Dubhtolargg, todos os homens eram tratados da mesma forma, O irmão dela era o primeiro a aplicar essa lei, um fato que aparentemente revoltava o Rei David, quando ele era um convidado em sua casa. Mas agora que enfim ele tinha ido embora, eles não precisavam agradar David mac Maíl Chaluim!

As mesas tinham sido posicionadas para quantas pessoas pudessem aparecer, e as cadeiras estavam sendo arrastadas para lá e para cá. No instante que Lael apareceu, as vozes cessaram, e todos pararam o que eles estavam fazendo ao mesmo tempo.

Envergonhada pela atenção, ela verificou a bainha do seu vestido e viu que o vestido tinha subido um pouco, então ela o puxou um pouco para baixo e levantou a cabeça, entrando no salão com tanta coragem como qualquer homem.

No silêncio ensurdecido, o convidado de seu marido — um guerreiro com o cabelo parecido com a juba de um leão e com uns trinta e poucos anos — parou abruptamente, empurrando sua cadeira para trás contra o chão de madeira. Sua mão voou para o punho de sua espada.

Instintivamente, Lael tentou alcançar a sua espada, e nada encontrou além de vazio onde sua amada espada devia estar. Vestido em sua armadura, ele aparentava imponência, mas uma única flecha bem atirada o faria cair mais rápido do que ele pudesse piscar. Esse fato fez Lael sorrir, pois na medida em que estes homens acreditavam-se invulneráveis envoltos em suas armaduras prateadas, com seus elmos e suas túnicas, ela poderia facilmente provar que eles não eram.

Os votos que se danassem, mas ela ia encontrar uma oportunidade para se libertar deste seu casamento. Pena se qualquer homem ficasse no seu caminho.

Com relação a *seu marido o laird...* O olhar que ele lhe enviou lhe deu um arrepio e ela amaldiçoou Broc Ceannfhionn por aconselhá-la a usar um vestido bobo — que *Cailleach* flagelasse o homem! Ela se sentia como uma estranha usando este traje, e quanto mais o marido a olhava, mais quente as bochechas dela queimavam — e ficou mais quente ainda, depois que ela percebeu que todos estavam olhando para ela também. Por um momento desconfortante ela se perguntou se ela realmente estava usando um vestido, porque os olhares nos rostos dos convidados a faziam se sentir nua e exposta.

(26) Brollachans - uma das criaturas mais assustadoras no folclore escocês, que normalmente ataca em lugares solitários na periferia da civilização

CAPÍTULO 17



"*P*or Deus quem é esse anjo?"

"*Essa é garantia de David,*" Jaime respondeu para Kieran enquanto ele segurava sua respiração por causa da beleza de sua esposa. Ele sentiu os olhos de Kieran se voltarem para ele, mas ele não conseguia tirar os olhos de sua noiva.

Ela fez uma pausa em seu caminho para a mesa, e Jaime não deixou de perceber onde ela tinha colocado sua mão, buscando conforto. Um sorriso apareceu em seus lábios, apesar do lindo vestido que ela usava, ela era uma guerreira no coração.

"Meu Deus!" Kieran assobiou de pé ao seu lado.

Só então Jaime se lembrou de respirar.

Vestida em marfim pálido, Lael realmente parecia uma noiva, e não uma raposa, nem a empregada de um guerreiro. Ela era um desafio, na verdade... uma visão de pureza... um anjo com cabelos de ébano e uma pele beijada pelo sol. Os olhos dela, de um verde cintilante, estavam fixados exclusivamente nele e ele teve a incrível sensação de que ela tinha se vestido assim para ele... embora pudesse parecer inconcebível.

O vestido em si era feito de uma seda marfim cintilante, com mangas drapeadas que quase iam até o chão como asas diáfanas.

Uma veste de veludo debruada com arminho abraçava suas curvas deliciosas e ela tinha ajustado o casaco sobre sua cintura com um cinto de ouro, que combinava com a argola que ela usava no cabelo dela. Em toda a sua vida, ele nunca tinha visto uma mulher tão linda — e pensar que ela era dele... encheu-o com... admiração... apesar dele saber que tudo não passava de atuação, saber que ela estava desempenhando um papel.

Neste instante, sem sombra de dúvida, ele percebeu que ele queria muito mais do que uma esposa somente no nome. Ele queria ter seu coração... sua alma... ou ele iria mandá-la embora. Ela viria a ele por vontade própria ou ele preferia que ela não viesse, ele jurou.

"Mova-se," ele comandou para Kieran. Tudo o que pudesse vir a acontecer, hoje o assento ao lado dele pertencia a sua noiva. Esse fato deu-lhe uma emoção inesperada. Quando Kieran não se moveu rápido o suficiente, Jaime deu-lhe um rápido golpe com o cotovelo.

Perturbado com a atitude de Jaime, Kieran quase tropeçou enquanto deslocava um homem que estava sentado ao lado dele, e cada homem depois dele teve que mudar de assento, começando uma onda humana, levantando-se e deslocando-se ao longo da mesa.

Surpreso ao encontrar-se de repente perdidamente apaixonado por sua esposa, Jaime puxou a cadeira para ela, e seu coração dançava enquanto seus pés começaram a se mover.

"Minha senhora," Kieran cumprimentou-a enquanto ela se aproximava.

"*Minha esposa,*" Jaime se corrigiu. E desta vez foi a vez do queixo de Kieran cair.

Vestida como estava, Lael se sentiu uma tola.

Este não era o lugar para ela, este não era seu povo. Simplesmente ela se sentir dessa forma era prova suficiente para ver

que ela não pertencia aqui.

"Vai cair uma mosca na sua boca se você não fechá-la," ela sugeriu sentindo-se um pouco desconcertada pela atenção que estava recebendo — mais ainda pelo olhar que seu marido estava lhe dando.

"Perdoe a grosseria deste homem. Este é o meu capitão há muitos anos," explicou o marido.

"Kieran," anunciou o homem, e em seguida estendeu a mão e mostrou a palma da mão, como se ele desejasse que Lael lhe oferecesse algo — uma lembrança talvez?

Ela tinha ouvido que as *Sassenachs* às vezes ofereciam favores como símbolo de amizade durante as festividades. Talvez fosse isso que ele esperasse? Afinal, supostamente esta era uma celebração. Por falta de uma coisa melhor para dar ao homem, ela puxou uma fivela do cabelo dela e a colocou na sua mão.

Ele simplesmente olhou para o presente, olhou para ela, piscando como se ele a achasse uma tonta. De repente ele jogou sua cabeça para trás e deu uma gargalhada. Ele bateu em seu peito segurando sua fivela e Lael teve vontade de pegá-la de volta.

Pela primeira vez na vida ela se sentiu estranha, e ela reconsiderou o tratamento dado a esposa de Aidan, quando ela pela primeira vez veio para o vale. Isto não era a mesma coisa, ela percebeu, mas ela dificilmente podia imaginar um sentimento pior do que ser uma noiva no meio de estranhos em um lugar estranho.

Felizmente, seu marido acenou para ela e a fez se sentar, o que ela fez com a maior rapidez. Lágrimas brotaram em seus olhos, enquanto ela tomava o lugar vazio entre o marido e seu capitão.

Ela desejou que a sala inteira desviasse o olhar. Cada homem olhava para ela agora — provavelmente esperando para ela perder a

paciência como ela tinha perdido esta manhã. Ela não iria lhes dar esta satisfação!

Ela *poderia* se comportar como uma mulher deveria sempre que assim o desejasse. Ela não era um homem sob seu vestido, afinal.

Mesmo depois que eles estavam sentados o salão permaneceu completamente silencioso. Lael ouviu sussurros varrendo a mesa do *laird*.

Correndo com um cálice, Mairi — um rosto reconfortante — pousou-o na frente de Lael sorrindo e Ailis passando derramou um pouco de sidra.

Grata por um pouco de bebida para lavar sua humilhação e sua decepção, Lael pegou o cálice e bebeu profundamente. Felizmente, Ailis estava por perto e correu para encher o cálice de novo. Embora agora fosse tarde, ela desejava ter pedido para uma das empregadas da cozinha tê-la ajudado a vestir-se, pois claramente ela estava fazendo papel de boba. Ela não apreciava a maneira como ela estava se sentindo — humilde e fora da sua zona de conforto — particularmente porque ela não queria realmente se encaixar aqui — nada era como a casa dela.

Felizmente, agora que ela estava sentada e tinha sido esquecida, pelo menos pelos dois homens que estavam sentados mais próximos dela, o capitão do marido relatou longamente sobre suas viagens ao norte. *Ele tinha feito uma viagem rápida, renunciando a parar nas tavernas, todas exceto uma. E nela uma moça que atendia pelo nome de Delilah tinha mandado lembranças.* A esta lembrança seguiu-se um riso abafado.

Para seu crédito, o Açogueiro apenas deu uma leve tossida. Ela ouviu-o puxar uma respiração e segurá-la, como se ele estivesse tão tenso e pouco à vontade quanto Lael.

E assim foi. Além da refeição, não havia nada comemorativo sobre a noite e por que deveria haver? Nenhum menestrel cantava em honra da noiva e do noivo, não havia música ou brindes, e se havia algum riso, era à custa de Lael, porque ela não era nada além de uma *dún* Scoti no meio de asseclas da Escócia.

"Este é um lindo vestido," seu marido inclinou-se para sussurrar no ouvido dela. "É seu?"

Por alguma razão, a questão atingiu estranhamente Lael e ela virou-se para dar-lhe um olhar fulminante. "É claro. Eu o tirei da minha bota. Sempre chego para uma batalha com um vestido para usar na festa da vitória."

Ela pensou que o ouviu rir, mas ela não podia estar certa e logo depois ela sentiu sua respiração no lóbulo de sua orelha, e agora o som da voz dele parecia cheio de censura. "Eu só quis dizer... Gostaria de agradecer a jovem que o emprestou a você."

Lael lançou-lhe um olhar triste. "Meu palpite é que você nunca vai ter esta chance." Ela sorriu docemente, trazendo o cálice nervosamente para os lábios e tomando mais um gole. "Ai de mim, ouvi dizer que você a atirou na pira."

Ao lado dela seu marido cuspiu tudo o que estava na boca dele. Lael virou-se a tempo de vê-lo cuspir sobre o prato de alguns homens que estavam sentados nas mesas inferiores.

"*Cha deoch-slàint, i gun a tràghadh,*" ela disse, brindando a si mesma. *Não é saudável se o copo estiver vazio.* Mas esta foi a última vez que ela tentou falar. Ela sentou-se silenciosamente ao lado do marido e sentiu alívio apenas quando as atenções dos outros não estavam mais em cima da mesa do *laird*. Ela acolheu o conforto da sidra, uma bebida doce e enjoativa que fazia com que seus lábios doessem a cada gole. Felizmente, era quase tão inebriante quanto o *uisge* que eles faziam em Dubhtolargg e então ela continuou

bebendo e Ailis continuou servindo. Mas em vez de fazê-la feliz, a bebida a fazia ficar calada, zangada com ela mesma por esperar que alguma coisa pudesse ser diferente.

Ela ainda não tinha percebido o quanto ela ansiava por um verdadeiro casamento até este instante, quando agora era mais que evidente que tudo era uma farsa.

"Imagina o meu alívio em saber que as facas não são tudo o que você sabe fazer," o marido sussurrou ao lado dela. Ela podia ouvir o divertimento em seu tom de voz. "A refeição é uma adorável surpresa."

"Porque nós somos selvagens?" ela perguntou timidamente.

Ele pareceu estupefato com a pergunta. Claro que ele pensava o que o resto da Escócia pensava — que seus parentes eram nada mais do que um povo da montanha com cabecinhas nada refinadas e vazias.

"Bem," ela disse. "Eu garanto que *sou muito* melhor com minhas lâminas." E ela apunhalou um pedaço de carne de porco com um pequeno punhal — a única *faca* que ela tinha sido autorizada a tocar em dias. Ela levantou a carne diante seu rosto. "Devo lhe mostrar, meu *marido laird*?"

Confuso com a veemência no tom dela, Jaime franziu a testa ao ver o punhal que estava na mão dela. Não que ele esperasse que ela viesse para o lado dele tão rapidamente, mas quando ela tinha aparecido hoje à noite, cada pedaço dela parecendo uma noiva, ele tinha ousado ter esperança.

Então, qual era o propósito do vestido bonito? Ele queria perguntar a ela. Ela pretendia ostentar na cara dele tudo o que ela nunca lhe daria?

Até agora, ele tinha estado sentado ao lado dela, tentando em vão calar Kieran e desencadear uma conversa com sua noiva, mas

estava suficientemente claro que apesar do vestido e apesar de sua aquiescência, apesar de suas tentativas para lhe mostrar que ele pretendia dar todo o respeito devido a ela como sua esposa, ela não lhe dava nada além de desprezo. "Você tem o mau humor dos *dún Scoti*," ele disse.

Raposinha esperta que ela era, ela pegou a farpa lançada por ele, porque ela se levantou tão rapidamente que ele temeu que ela tivesse vontade de enfiar a adaga no meio do seu olho. Agora ele não podia recuar. Ele sabia instintivamente que não podia se colocar acima do seu olhar atento. Na verdade, ele não apreciava o pensamento de que ela pudesse minar sua autoridade na frente desses homens que tinham acabado de conhecê-lo e tinham sido colocados sob sua tutela. *Mas* ela estava claramente perturbada e ele moderou sua raiva, exercitando sua paciência.

"Eu *não* sou uma escocesa!" ela sibilou.

Todo mundo estava olhando agora. Jaime estava plenamente consciente de cada olhar em cima da mesa do *laird*. Ao seu lado, ele viu Kieran cobrindo a boca para esconder sua alegria, mas as bochechas da esposa dele estavam cheias de cor, e suas sobrancelhas colidiam ferozmente.

"*Agora você é escocesa*," Jaime falou com toda a paciência que ele pode reunir. "Eu sou um escocês, e você como minha esposa, vai dobrar o joelho a quem eu prometer minha lealdade," ele assegurou-lhe.

Ela sorriu em, seus olhos verdes espumavam com fúria. "Eu gostaria de ver você tentar me forçar."

A lâmina do punhal brilhava entre eles, minúsculo como era.

Com cada fibra do seu ser, Jaime pensou em tentar tirá-lo dela, mas ele percebeu que era precisamente o que ela esperava dele.

Ele estava irritado porque ela iria desafiá-lo na frente de seus homens — não menos que no salão — particularmente em um tempo tão incerto. Mas uma parte dele também percebeu a confusão. Ele sabia que se ele cedesse à sua fúria ele teria ela endurecer seu coração para sempre, mas ele não podia permitir ela se contradizer diante dos outros. Ele gentilmente a puxou pelo pulso, abraçando-a como se fosse lhe dar um beijo apaixonado.

"Eu *não vou* forçar você", ele disse no ouvido dela. "Você, minha amada esposa, fez um voto e eu quero ver você mantê-lo de sua própria vontade."

Uma centelha de emoção sem nome passou pelos olhos dela e, em seguida, desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. "Eu não fiz esses votos livremente, então porque devo mantê-los livremente?"

"Ah, mas você os fez, minha esposa. Você falou as palavras e..." ele apertou-lhe o pulso, obrigando-a a soltar o punhal... ninguém colocou uma adaga na sua garganta. "

O olhar do Lael fuzilava seu marido, e ela se recusava a desviar o olhar.

Ele não tinha colocado uma lâmina na *sua* garganta, mas ele praticamente tinha colocado na garganta de Broc — se não literalmente, no mínimo por procuração. Com que rapidez ele tinha esquecido o ultimato que havia dado a ela esta manhã.

Ainda segurando-a firmemente pelo pulso, ele inclinou-se, colocando seus lábios contra a bochecha dela. O calor dos lábios dele incendiou a carne dela. "Vou dar o devido valor à bebida e perdoar o insulto, mas se você me pedir para soltar o punhal mais uma vez, vou fazer isso de uma forma que você realmente não vai gostar *minha senhora*."

O olhar de Lael foi para baixo, onde o punhal esquentava a mão dela. Ela considerou colocá-lo em outro lugar, mas na verdade ela podia ter se comportado desta maneira por causa da influência da sidra, ela respirou fundo, lembrando-se que se ela fosse desafiá-lo aqui e agora ela não ganharia nada.

Finalmente ela deixou cair o punhal, lançando um olhar para Kieran por cima do ombro do marido. O homem a estava olhando, com a boca aberta — e eles chamavam seus parentes de cabeça oca. "Peço sua licença para sair," ela disse docemente. "Temos um convidado igualmente importante que preciso ver nas prisões".

"Não!" o marido dela grunhiu.

Lael colocou suas mãos sobre os quadris, levantando a voz, apesar dele não ter levantado a dele. "Você disse que eu podia!"

Seu olhar de fúria a esfaqueava tão agudamente como qualquer lâmina, mas ele abaixou a voz dele mais uma vez. "Eu disse que você poderia enviar um prato para o homem. Você *não* pode ir visitá-lo. Eu dei ordem aos guardas para mantê-la longe da prisão. Nosso acordo não inclui compartilhar minha esposa com um traidor da coroa."

Lael olhou para ele, enfurecida e com muita raiva. "Como você quiser, *meu laird*. Afinal, esta é a *sua* casa. E ela *nunca* será minha casa!"

Com isso dito, ela girou sobre seus calcanhares e correu do salão, não ousando girar para ver quem poderia estar olhando. Ela não queria que ninguém espionasse suas lágrimas — lágrimas que ela se recusava a deixar rolar, mas que, no entanto, picavam em seus olhos.

Querendo que seu marido fosse para o mundo dos mortos, ela subiu os degraus da torre correndo, mas se ele pensava que ela estaria esperando por ele na cama dele, ele estava muito enganado.

CAPÍTULO 18



Inchado e machucado, Cameron MacKinnon dormia pacificamente, mas Cailin mal tinha pregado os olhos. Depois de muitas horas ao seu lado na mesa, a vela estava quase no final. Sua luz bruxuleante jogava sombras no rosto dele, contorcendo-o terrivelmente. Preto e azul, era como ele estava, e já não mais aparecia à palidez da morte no seu rosto.

Ele tinha um sono mais calmo agora, depois que Lili tinha lhe dado um chá de casca de salgueiro branco e valeriana. A casca de salgueiro iria aliviar a dor dele, Lili disse, e valeriana o manteria descansando enquanto seu corpo estava se curando. As costelas estavam quebradas, seu braço direito também, mas a maior parte do sangue que eles tinham encontrado sobre ele, sobre suas roupas e no cavalo de Lael tinham vindo de outro lugar — o que não era muito bom com relação à Lael.

Com pensamentos terríveis sobre sua irmã, o clima em Dubhtolargg estava sombrio agora. Preocupação fincava novas linhas sobre cada face e a pobre Una, que agora estava sentada dormindo numa cadeira nas proximidades, nem precisava de mais rugas. No entanto, tal como estava, com neve golpeando o vale, não havia nenhuma chance de se saber qualquer outra notícia além das

que Cameron podia dar — ele ainda não tinha dito nenhuma palavra e Cailin estava cada vez mais preocupada por sua irmã mais velha. Ela também estava preocupada com Cameron embora ela mal o conhecesse.

Finalmente, o irmão dela tinha deixado de andar no corredor e tinha ido para a cama, junto com sua esposa. Mas se Lael estivesse morta, Cailin sabia que seu irmão nunca iria se perdoar. Mas não havia maneira de saber onde ela estava, ou como ela tinha se saído na batalha e nem mesmo *Cailleach* se aventuraria a sair do vale com este tempo terrível. Uma boa rajada de vento gelado podia congelar um homem em pedra e ninguém teria chance de encontrá-lo novamente até a primavera. Até lá, os lobos faziam uma festa e deixariam seus ossos limpos. Cailin sabia precisamente o que os lobos podiam fazer depois do último inverno, quando a neve derreteu e eles tinham descoberto o que restava de Rogan MacLaren.

Infelizmente, a neve tinha chegado mais cedo este ano.

Mais de um metro de neve cumprimentava a todos fora do *crannóg* e Una nem sequer ousou voltar à gruta da colina. Pela primeira vez em quase dez anos, a velha dormia debaixo do telhado de um *crannóg*, mantendo vigília ao lado de Cailin. Ela tinha adormecido há apenas uma hora. Cailin recusou-se, apesar de que ela foi forçada a manter seus olhos abertos com a ajuda dos dedos.

Cameron gemeu de repente, inquieto e agitado. "Não vá," ele disse, ainda dormindo, e Cailin chegou mais perto dele para ouvir melhor.

Ela tocou o rosto dele suavemente com uma mão, sentindo sua temperatura. "Cameron," ela sussurrou quando ele não disse mais nada. "Cameron MacKinnon." Ela acariciou seu rosto com ternura, tentando acordá-lo.

Una acordou. "Deixe-o!" Ela exigiu, e Cailin parou ao ouvir o som de sua voz. "Deixe o rapaz descansar."

"Mas eu o ouvi falar," Cailin disse em sua própria defesa.

"Bah!" Una, exclamou. "Você vai matá-lo se não deixar ele em paz. Este não é o momento para você sofrer por um rosto formoso."

Sentindo-se absolutamente desamparada e culpada — e um pouco ressentida porque Una pensou que ela só se preocupava com o rosto de Cameron MacKinnon, ela se sentou de volta para vê-lo descansar enquanto o vento assobiava e o *crannóg* gemia como uma anciã com gota em seus ossos.

"Eu ouvi a *bean sìth* ⁽²⁷⁾," Una sussurrou baixinho. Ela correu do quarto mais rapidamente do que qualquer mulher velha poderia e voltou com velas novas. Ela as colocou por todo o quarto e uma em cima da mesa de cabeceira ao lado de Cameron e depois acendeu todas elas tão rapidamente que Cailin podia jurar que ela tinha acendido todas de uma só vez.

"Pensamento positivo, criança," Una avisou enquanto a sala estava brilhando de tanta luz. "Não importa o que Lìli tenha dito, eu ouvi a *bean sìth* gemendo na nossa porta! E antes de ouvi-la gemer, eu a vi em sonho. Ela estava sentada lavando a capa da sua irmã em *Caoineag Pool*, onde as águas ficaram vermelhas."

Um calafrio terrível percorreu o corpo de Cailin, porque não precisava uma vidente para saber o que isso significava: quando o *bean sìth* chorava, o vento uivava, os gritos lúgubres anunciavam apenas a morte. "*Cailleach* salve-nos," ela sussurrou suavemente.

"Ah, criança, ela não pode fazer tal coisa," Una lamentou. "Só o destino pode intervir. Agora, por favor, deixe o rapaz descansar."

Grandes flocos de neve caíam de um céu machucado enquanto os últimos raios de sol apareciam através de nuvens geladas. Lael

fechou as persianas contra o frio crescente e olhou para o quarto austero.

O inverno tinha chegado muito cedo.

Mesmo se ela pudesse encontrar uma maneira de libertar-se agora, não havia nenhuma maneira dela atravessar o caminho da montanha. Até a primavera, o sul era o único caminho aberto, e nada tinha lá além de *Sassenachs* que amavam os escoceses.

No entanto, se eles pegassem a rota sul e desviassem por *Chreagach Mhor*, onde sua irmã Cat agora morava, ela podia refugiar-se lá até a primavera quando a neve começaria a derreter. E ainda assim era inútil elaborar tais planos, porque ela estava presa aqui, por causa dos votos. Apesar dela não querer se recordar do acordo feito, ela tinha muito pouca escolha. Seu irmão Aidan diria que a palavra de um homem ou de uma mulher era a lei em si. O preço de quebrá-la, ao menos uma vez, era perder a confiança de seus parentes. Nenhum homem ou mulher que se preze deixaria de honrar sua palavra.

Atravessando o quarto em direção a cama, ela murmurou um juramento para si mesmo, embora ainda estivesse irritada, embora ela não desejasse estar.

Seu marido, com todas as suas sutilezas, era um déspota covarde!

Pelo menos ela tinha um lugar para encontrar descanso de seu inimigo — escasso como era. Suspirando em abandono, ela voltou a se deitar na cama e ficou olhando uma faixa de luz solar rastejando ao longo do teto cinzento.

Ela desejava ter mantido o punhal, para nada mais do que simplesmente atirá-lo às sombras — mas o nariz do seu marido seria um destino melhor.

A cabeça dela estava confusa por causa da sidra, e ela estava deitada vendo as sombras bailando no quarto. E então, ela se lembrou da caixa debaixo da cama.

Curiosa para saber o que ela guardava, ela pulou da cama e ficou sobre seus joelhos, olhando para embaixo da cama.

Intrigada o suficiente para enfrentar as teias e as aranhas além das bolas de poeira que eram quase do tamanho do *keek stane* de Una, ela se enfiou por debaixo da cama...

Conscientes da ausência de Lael no salão, Jaime se virou e subiu as escadas, ansioso para falar com sua esposa.

Talvez a ocasião não fosse precisamente a de sua preferência, mas não importava onde este um ano os levaria, deveria haver um pouco de paz pelo bem de todos os envolvidos. Caso contrário, seria um longo inverno, e a discórdia deixaria todos cansados.

Fosse por despeito, ou caso ela realmente tivesse a intenção de impressioná-lo com suas habilidades como castelã, ele tinha sentido que ela sabia como administrar um espaço doméstico. Essa era a maneira de como ele pretendia pedir paz — dando-lhe um papel em sua casa que ela poderia abraçar. E talvez com o tempo ela pudesse se suavizar e encontrar uma maneira de abraçar o marido dela também?

Grato porque Kieran tinha chegado para ajudar a colocar ordem na fortaleza, a cabeça dele, no entanto, estava cheia com uma lista de serviços a serem feitos. Era uma pequena maravilha ver que Lael tinha sido capaz de amenizar o tempo. Se era possível, parecia que ela tinha nos últimos dois dias eliminado todos os anos ruins de sua vida.

Ele tinha dado a Luc autorização para permanecer no salão. Por tudo o que ele tinha passado, o rapaz parecia muito desgastado após ficar atrás de Lael o dia todo, de um lado para o outro. Na

verdade, ele tinha mentido para ela quando lhe contara que ele tinha dado ordens aos guardas para não permitir que ela fosse para os túneis abaixo da prisão, mas uma coisa era certamente verdade: ele não apreciava o pensamento de partilha, nem por um instante, e não queria sua esposa passando algum tempo com Broc Ceannfhionn.

Jaime nunca tinha sido um homem ciumento, mas havia algo sobre a amizade deles que parecia como um touro chifrando-o bem no intestino.

Ainda assim, parecia que ele lhe devia desculpas... *talvez...* e então, novamente, podia ser verdade que qualquer margem de manobra que ele lhe desse ela usaria para assediá-lo.

Linda raposinha matreira.

Apesar de achar que ela agora estava certa que era sua esposa, ambivalência era a sua mais nova companheira de cama.

Em sua pressa para alcançá-la, ele correu pelas escadas de dois em dois degraus e seu coração deu um salto quando ele abriu a porta, porque ele esperava encontrá-la no quarto meditando na cama do *laird*. Depois que David saiu de Keppenach, ele mandou preparar o quarto para sua noite de núpcias, apesar de ser uma união arranjada, ele não tinha a intenção de que sua primeira noite fosse superficial.

O quarto estava vazio.

Primeiro Jaime pensou que ela o tinha desobedecido e tinha ido até as prisões, apesar de seus pedidos, mas isso era simplesmente impossível. Ele tinha os olhos fixados nas escadas, ignorando a maior parte das palavras que Kieran dizia, na esperança de ver sua noiva. Ela não podia ter passado sem Jaime ver, disto ele estava certo.

Ele olhou ao redor da sala só para ter certeza, seu olhar indo direto para a banheira onde ela tinha se lavado, a água limpa que ele tinha mandado a serva trocar e as taças vazias com a jarra de *uisge* ao lado delas. Quente do fogo que ele tinha acendido mais cedo, a luz do quarto mantinha-se fraca, mas clara o suficiente para ver que ninguém estava lá.

Seu olhar foi para a janela, encontrando o vidro intacto e não havia sinal de arrombamento. Ele não achava que ela era tola o suficiente para ir para o lado de fora, e nem ela teria um verdadeiro propósito desde que, na verdade, ela podia sair a qualquer momento... embora não sem selar o destino de Broc. Ela era prisioneira apenas da sua palavra, mesmo que ele ainda não tivesse lhe dito nestes termos. Ele colocaria Luc para procurá-la com uma escolta, para sua própria proteção, porque ele não conhecia ainda dessas pessoas.

De repente percebendo onde ela poderia estar, ele se virou para ir em direção a próxima porta no corredor... Será que ela preferia passar sua primeira noite como esposa sozinha no escuro e no frio simplesmente para evitá-lo?

"Jovem rancorosa," ele murmurou por baixo de sua respiração e girou em direção à porta, com a intenção de colocar sua esposa precisamente onde ela pertencia.

(27) bean sith - também conhecida como banshee: espírito feminino no folclore gaélico; acreditavam que pelo choro, dava o presságio de uma morte na família.

CAPÍTULO 19



*Q*uase, quase...

A caixa, debaixo da cama, estava quase nas mãos de Lael. Ela esticou o braço tanto quanto podia e depois esticou seus dedos, fazendo-os crescerem.

"Doce mãe do inverno," ela sussurrou.

O quarto estava escuro agora, cheio de sombras — provavelmente cheio de *ghouls* ⁽²⁸⁾ e de *brollachans* também. Os dedos dela varreram as teias de aranha que teimosamente se prendiam a sua carne e ela tentava em vão afastá-las. Ela amaldiçoou suavemente a situação, mas pelo menos a cabeça dela estava um pouco menos confusa por causa da sidra.

A caixa era nada além de uma mancha preta no canto distante. Quase certamente devia ter sido colocada por uma criança — alguém suficientemente pequeno para caber sob a velha cama — talvez o filho de Lìli?

Ela sabia que Lìli tinha sido a senhora desta fortaleza e este quarto ao lado do quarto do laird seria ideal para uma criança pequena — um quarto um pouco modesto mais perfeito porque a criança ficaria perto de sua mãe além de ter janelas gradeadas para protegê-lo de uma queda — para não mencionar a cama em si que

era grande o suficiente para caber confortavelmente uma mulher adulta. Depois da morte de Stuart MacLaren, era quase certo que Rogan deveria ter deslocado Lili do quarto do *laird* e ela podia ter acabado aqui neste aposento. Mas esse pensamento deu-lhe um arrepio horrível, pois ela não tinha considerado a possibilidade de que Lili também tinha suportado a opressão desta prisão sombria.

Os trilhos da cama a pressionaram para baixo, e o fundo a impedia de ir mais longe. O vestido marfim escureceu com a sujeira do chão enquanto ela tentava ir para mais debaixo da cama com pouco sucesso. Ela já tinha tentado arrastar a cama. A cama não era tão grande, mas por algum motivo ela tinha sido pregada ao chão, como se alguém tivesse a intenção de mantê-la precisamente onde estava.

Finalmente, ela sentiu a caixa de madeira na ponta dos seus dedos, mas a porta do quarto abriu, e ela passou um instante aterrorizante debaixo da cama, imaginando quem poderia ser.

O quarto atrás dela permanecia silencioso como uma cripta.

"O que diabo você está fazendo?"

Apesar de aliviada pelo tom da voz de Jaime, a ira de Lael retornou.

Ela não *queria* dizer-lhe o que ela estava fazendo! Na verdade, ela se recusava a dizer. O que quer que estivesse dentro da caixa ela queria ser a primeira a ver — sozinha. Por que ela não conseguia entender precisamente, mas havia sobrado pouco para que ela pudesse chamar de seu. Isto devia ser seu segredo. E de qualquer forma, e se houvesse algo naquela caixa que ela pudesse usar para ajudá-la a escapar — uma chave para uma porta esquecida? Se houvesse um portal escondido em Keppenach?

Para seu espanto, ela não queria pensar *nele* como *Jaime* — nem sentir-se aliviada por ouvir a voz dele.

Ela esperou um momento para responder, irritada com seus pensamentos. "Estou me escondendo do meu marido *açougueiro!*" ela surtou. "Que outra coisa você acha que estou fazendo?"

Isso o estimulou a ir em direção a ela. Ele andou pela sala, lançando palavras de sua boca que ela não podia compreender, e então ele colocou as mãos sobre os tornozelos dela e começou a arrastá-la para fora, da parte debaixo da cama.

"Tire as mãos de cima de mim! Você não pode pôr as mãos em cima de mim sem a minha permissão!" Lael, gritou, lutando em vão para se manter debaixo da cama. Teias de aranha estavam presas em seu nariz quando ele a puxou sem muito esforço e a jogou por cima do ombro como um saco vazio.

"Se você se comportar como uma criança, é precisamente desta forma que eu vou tratá-la," ele disse.

Lael gritou em indignação enquanto ele a tirava do quarto e a levava em direção ao quarto do *laird*, e se de fato o quarto do *laird* não a tivesse feito recuperar o fôlego, ela teria continuado a gritar até que seus ouvidos sangrassem. Com um xingamento de nojo, ela limpou as teias que estavam em seu rosto enquanto ele fechava a porta e a jogava sobre a cama, sem cerimônia.

"Como minha esposa e senhora desta fortaleza, você vai dormir *aqui.*" Ele apontou para a cama e então se afastou dela e Lael teria pulado para a porta, exceto que ela não se sentiu ameaçada por ele. Surpresa com este fato e curiosa com o que estava acontecendo, e isso a manteve plantada deitada em cima da cama.

O quarto do *laird* não era nada igual a outro que ela já tinha visto.

A cama era enorme, drapejada com sedas verdes pálidas. A banheira estava aqui — ela lançou um olhar para o marido,

pensando que ele certamente devia ter uma obsessão com limpeza porque ela nunca tinha visto tanto sabão em toda a sua vida.

O braseiro estava aceso, enchendo a sala com ar quente o que a fez se esquecer do frio do inverno. E a janela... ela nunca tinha visto algo parecido, uma adorável pintura no vidro.

Seu marido a ignorou enquanto ele tirava sua túnica, arrastando-a pela cabeça dele. E se Lael não estivesse momentaneamente embalada pela beleza do aposento, o quarto agora ficaria esquecido, à vista do tórax exposto do seu marido. A fogueira lançava sombras sobre o seu corpo enquanto ele desamarrava sua camisa e a jogava para o lado. Ele não tinha a menor vergonha, em pé quase nu, e Lael susteve a respiração enquanto o via andando pelo quarto, os músculos sobressaindo em suas nádegas. Ele pegou na mesa uma jarra que ela achava que devia ser de sidra e derramou um pouco em um copo. Sem dizer uma palavra, ele bebeu o conteúdo da taça, jogando sua cabeça para trás e Lael admirou a cena, apesar dele ser seu inimigo.

Não, meu marido.

Ele era o homem mais bonito que ela já tinha conhecido em toda a sua vida. Nesta luz seu cabelo era de um cobre profundo, sua pele escura e seus ombros grossos, largos e musculosos. Apesar de ela ter visto mais de uma centena de homens sem roupa nas margens do lago, ela instintivamente virou o olhar dela quando ele revelou suas partes viris.

"Você vai me estuprar agora?" ela perguntou, seu tom cheio de censura enquanto ela conseguia gerenciar o som de sua voz.

Ele não olhava para ela, mas respondeu, "Não."

Lael não podia discernir se sua resposta a tinha aliviado ou se ela se sentia prejudicada. "Por que não?"

Ele olhou para ela e, em seguida, encheu a caneca mais uma vez, mas desta vez ele encheu para ela também — pelo menos, ela assumiu que era dela.

Ele não respondeu à sua pergunta e só então ela notou o suave e limpo lençol abaixo dela em cima da cama. Destinado para ela, ela presumiu. Outra adorável minúcia, embora ela não quisesse acreditar que o gesto tinha partido dele. Talvez Ailis, Kenna ou Mairi tinha trazido aqui para ela.

Além disso, ele não parecia interessado nela agora.

"Então... você é um daqueles homens que gosta dos favores de outros homens?"

Jaime lançou um olhar para ela, mas não permitiu que seu olhar se demorasse. "Não," ele respondeu certo de que ela o estava provocando. Ela não parecia querer fazer nada mais do que provocá-lo... embora se ele tivesse oportunidade ele certamente iria lhe mostrar uma coisa ou duas.

"Ah, então você deve me achar horrível?"

Preparando-se para a visão de vê-la deitada em cima de sua cama, ele ergueu sua taça e se virou atravessando a sala com a mão estendida para ela, olhando-a diretamente nos olhos quando ele respondeu, "Não."

"Você pode dizer outra coisa além de não?" ela perguntou com raiva.

Jaime pensou um momento e confessou, "Na verdade, nunca conheci uma jovem mais bonita."

Silêncio permeou o quarto.

Ela pegou a taça das mãos de Jaime e a segurou diante dela, suas sobrancelhas colidindo ferozmente. "Então você não vai me estuprar?"

Ele arqueou uma sobrancelha para ela. "Você está me pedindo para fazê-lo?"

O tom dela estava cheio de impertinência, mas sem nenhum rancor. "Ah, você é um idiota! Se eu estivesse pedindo, não seria estupro, concorda?"

Jaime deu-lhe um olhar demoníaco. "*Nunca* forcei uma mulher e *não* vou começar agora."

Ela olhou para o seu copo, mas não bebeu. "Entendo... Então você acha que pode me dobrar com bebida, então eu fico bêbada e você pode se espalhar nas minhas coxas?"

Jaime estremeceu. "Por Deus, eu não poderia conceber um pensamento mais desagradável," ele confessou.

A carranca dela se aprofundou e parecia que ela o reconsiderava por um momento, como se fosse um quebra-cabeça a ser decifrado. "Mas seu rei ordenou que você me engravidasse," ela achou por bem lembrá-lo. "Como você vai fazê-lo se você não me violentar?"

Ela estava perfeitamente séria, Jaime percebeu. Não havia nenhum sinal de malícia nos olhos verdes dela, e nesse instante, ele percebeu que sua esposa podia ser muita coisa, mas não era uma mentirosa. Na verdade, ele nunca tinha conhecido um homem ou uma mulher com tanta sinceridade. Ele honrava sua franqueza como a sua própria. "Alguns comandos são impróprios para se manter."

"Como tomar uma fortaleza que não pertence a você e derramar sangue de inocentes?"

Jaime bebeu seu *uisge*. Que raios o partissem, se ele não estava começando a gostar desta bebida inebriante. Ele tinha guardado o que restava do presente de David para compartilhar com Lael, porque David disse que o povo dela gostava muito de beber *uisge*. Mas ela ainda tinha que ver o que era, e ele não estava inclinado a dizer a ela. Como com todo o resto, ela devia descobrir por si

mesma. Os lábios dela ainda não tinham tocado a borda de seu copo. Ela olhou para ele como se ela nunca tivesse visto um homem sem roupa antes, e isto o agradou imensamente.

Saboreando a queimação persistente na sua garganta, ele ficou apreciando a sensação do calor que viajava em suas veias... mas não era somente por causa da bebida, ele percebeu. Uma parte era por causa da sua adorável esposa. Mas se ela não mudasse o assunto imediatamente do tópico de estupro e levasse seu olhar para longe, ela poderia muito rapidamente discernir sobre o que ele estava pensando. O pau dele mexeu-se simplesmente ao pensar em poder apreciar seu doce corpo. "Não fui eu quem invadiu Keppenach na calada da noite," ele lembrou a ela.

Ela estreitou os olhos para ele. "Mas você teria. E você poderia ter massacrado todos pelo caminho — é o que é dito de vós, eu sei."

Seu sangue tornou-se frio com o que ela tinha falado. Se houvesse algo que ela pudesse ter dito para estragar o momento era justamente *isto*. Ele respondeu-lhe com o silêncio, e o pau dele se enrugou na mesma hora.

Pelo menos já não havia qualquer perigo dele trair seu juramento, e por isso ele era grato. Ele tomou um último gole do *uisge*, na esperança de sedar-se para que ele conseguisse atravessar a noite, porque não havia nada que ele pudesse achar pior do que se deitar ao lado de uma mulher que ele queria; se deitar ao lado de uma mulher que ele não poderia ter.

Ela tinha que beber e queria que ela também bebesse. E por um instante ele desejou que Deus o fizesse um homem diferente, porque se houve alguma vez em toda a sua vida que ele desejasse poder colocar seu pau na boca de uma mulher simplesmente para calá-la, este era o momento certo. Ele virou as costas para ela quando ela abriu a boca para falar.

"Então... se você não me engravidar, você vai manter a sua palavra e vai me libertar?"

Jaime ficou tenso com o pensamento, mas sua resposta seria a mesma. "A palavra de um homem é tudo o que ele tem," ele lhe disse ao colocar sua taça sobre a mesa. "O preço para quebrar sua palavra uma única vez é perder a confiança dos seus homens."

Ele a ouviu sufocar — provavelmente com o seu *uísque* — e então, finalmente, ela ficou em silêncio. Esperando que ela tivesse respostas suficientes para colocá-la suavemente para descansar, ele apagou as velas, uma por uma, colocou carvão no braseiro uma última vez e, em seguida, ele se dirigiu para a cama, espiando o rosto dela.

Ela não tinha nenhuma malícia — nenhuma malícia.

Mas ele se sentia bem em fazê-la se sentir incomodada pelo fato de que ela estaria do outro lado da cama quando ele se aproximasse, e Jaime escondeu um sorriso.

Ainda embalando sua taça, Lael pulou da cama com a aproximação do marido.

Ela tinha que beber, e ela engoliu toda a bebida que estava em seu copo, grata ao ver que não era sidra.

Entretanto, o marido levantou a cobertura e jogou-se na cama, deslizou debaixo das cobertas e virou de costas para ela. Seus ombros nus estavam sendo acariciados pela luz dourada, e seu cabelo escuro caía em cima do travesseiro como uma juba de leão. Depois de um momento, sua respiração ficou mais lenta e ela pensou que talvez ele tivesse adormecido.

Tão facilmente?

Sem acreditar nisso, ela se dirigiu para a mesa perto da porta e ele ainda não se movia — para impedi-la, ou para perguntar para onde ela estava indo.

A porta permanecia fechada, embora não estivesse bloqueada. Ela podia facilmente abri-la e sair, mas seu quarto-prisão era frio e estéril, e não parecia que ela estava em perigo de ser maltratada pelo marido peculiar.

Ela colocou seu copo sobre a mesa e virou-se para ver se seus olhos estavam fechados, e ela ficou paralisada, olhando para o homem na cama.

Minha cama.

Meu marido.

Com o rosto descontraído, ela mal podia ver a linha fina e branca de sua cicatriz irregular acima de sua testa. Sua pele era morena, não era pálida — parecida com a do seu irmão. Na verdade, havia muito sobre ele que trazia a sua mente os traços de seus parentes. Alguns diziam que eles pareciam com os vikings, mas eles não eram vikings. Sim, alguns se casaram com homens do Norte, que tinham emprestado seus cabelos finos e pálidos e seus olhos azuis para a sua linhagem, mas, de longe, os traços que mais prevaleciam eram os cabelos escuros, olhos verdes brilhantes e a pele queimada.

Os olhos do marido não eram azuis, mas da cor do aço. Não importava eles estarem fechados agora ela nunca poderia esquecer a intensidade do seu olhar.

Ele não se mexeu.

Para seu total espanto ele *tinha* adormecido.

E apesar de que esta era a primeira noite deles, ele não tinha colocado nem um único dedo nela, nem tinha trancado a porta para evitar sua fuga, apesar dela sentir que ela não queria ir — para não ter que dormir no frio quarto ao lado.

Dando para a porta um último olhar, ela cautelosamente mudou-se em direção ao outro lado da cama e pegou o lençol na mão, inspecionando-o. Não era habitual para ela usar uma roupa de cama

como essa, linda e macia. Mas ele tinha pensado em dar-lhe meios para esconder sua nudez dele se ela quisesse. Isso *não* era algo que o cérebro dela compreendesse, dado tudo o que ela sabia do homem, mas ela estava começando a se perguntar qual parte era verdade. Ele dormia pacificamente como um bebê.

No entanto, ela não planeja se despir aqui na frente dele e fazê-lo saltar da cama, fingindo estar dormindo somente para pegá-la em um estado tão vulnerável. Não, hoje à noite ela iria dormir vestida. Ela subiu na cama, se lamentando por estar arruinando o vestido de casamento de Aveline. Ele na verdade a intrigava.

Ele realmente não desejava fazer sexo com ela?

Ela estava deitada olhando para o dossel acima, ouvindo a respiração suave e fácil de seu marido. Ele dormia tranquilamente, como um homem que não tivesse nenhum problema no mundo, apesar de ela não acreditar nem por um instante que sua consciência pudesse ser tão pura.

E mesmo assim, seus pecados *não* estavam somando enquanto suas boas ações se multiplicavam como coelhos.

Ela ficou deitada acordada durante muito tempo, esperando que seu marido se virasse e acariciasse pelo menos — um peito talvez — mas quando finalmente ele começou a roncar ela foi forçada a ceder.

"Tha thu rùn-dìomhair, mo duine." ela sussurrou.

Você é um mistério, meu marido.

CAPÍTULO 20



*A*nsioso e mal-humorado, Maddog saiu do salão antes das mesas serem desfeitas, e agora que todos tinham saído e os colchões tinham sido colocados no corredor para a longa noite, ele se tornou ainda mais descontente com a sua posição.

"Venha, Kenna. Ninguém vai ficar sabendo," ele implorou.

Ignorando-o a jovem correu para o depósito depois de ouvir dele o que ela precisava fazer — simplesmente pedir para o velho Bowyn para levar o saco com ele quando ele deixasse Keppenach de manhã. Bowyn nunca podia recusar nada para Kenna, e se ele levasse o saco onde estava o filho do ferreiro, Maddog poderia lidar mais facilmente com o ferreiro se o corpo fosse descoberto. Entretanto, Bowyn nunca colocaria Kenna em risco. Maddog estava certo de que o velhote gostava da jovem.

"*Por favor*, Kenna!"

Com seu cabelo escuro, brilhando sob o luar, ela teimosamente abanou a cabeça enquanto corria pelo jardim. "Eu te disse na última vez, Maddog, que eu nunca mais te ajudaria de novo! Eu não vou fazer parte dos seus pecados!"

"Ah, jovem, você diz não a um homem que uma vez lhe salvou da morte certa?"

Ela colocou as mãos nos ouvidos. "Eu não vou ouvir isso de novo," ela disse. "Foi *meu pai* quem me salvou naquele dia. Você foi o homem que teve a sorte de me trazer para casa — e verdade seja dita, você era a pessoa a quem Donnal menos confiava. Se ele mandou você para longe de Dunloppe, foi apenas porque você era seu parente então não me fale de favores ou dever."

"Você me magoa," disse Maddog, correndo atrás dela. "E Donnal MacLaren não era seu parente mais do que eu sou."

Esta afirmação chamou a atenção dela. Ela parou abruptamente e girou para enfrentá-lo. "O que você está dizendo?"

"O velho MacLaren não era seu pai," Maddog revelou, e quando a expressão dela permaneceu duvidosa, ele acrescentou, "que o diabo leve minha alma se eu não estou lhe dizendo a verdade, minha doce jovem."

"Eu não acredito que você ainda tenha alma para ser levada," ela respondeu, mas então ela simplesmente olhou para ele. Ele sabia que ela tinha ouvido os rumores, corroborando o que ele estava contando para ela, mas não havia ninguém vivo que soubesse a verdade, a não ser ele. Que ele tinha trazido para casa uma criança estranha que o velho Donnal supostamente criou sem nunca ter dado um abraço em Kenna e sem nunca ninguém ter questionado porque ele tinha trazido. Temendo qualquer rivalidade entre irmãos — até mesmo de uma moça plebéia com metade da sua idade — Dougal o filho de Donnal nunca tinha aceitado Kenna, deixando-a vagar como uma mendiga no meio de seus parentes. E os dois filhos de Dougal, Stuart e Rogan, tratavam-na da mesma maneira — nem eram bons ou maus com ela, mas eram indiferentes.

"Você não tem nem um pingote de sangue MacLaren em suas veias," ele disse, embora de uma maneira mais gentil, sabendo que ela estava pronta a dar carinho para qualquer um dos MacLaren.

"Embora eu saiba quem são os seus parentes, e eu posso te dizer se você me ajudar com esta tarefa infeliz. Foi um *acidente*, Kenna."

Os olhos dela estavam lívidos. Ela se sentiu ferida, mas ele sentiu sua resignação. "Por que você me deixou ficar sem saber de algo assim tanto tempo, Maddog?"

Maddog franziu os lábios. "O que poderia possivelmente mudar na sua vida?"

"Muito se a minha mãe e o meu pai ainda estiverem vivos."

"Ai, mas eles não estão vivos, minha criança." Isto não era uma mentira, mas ele não precisava lhe informar toda a verdade ainda — que ela tinha um irmão que podia estar interessado em saber que a irmã dele não tinha sido queimada quando o velho MacLaren disse que a tinha colocado na fogueira.

Ela colocou uma mão nos quadris e ele deu um sorriso ao ver isso, pois ele sabia que ele tinha ganhado. Era um gesto conciliatório, mas a garota não disse nada, ela simplesmente olhou para Maddog com aqueles olhos de aço-azul, parecendo muito com o Açougueiro para tranquilidade e paz de Maddog.

Era só uma questão de tempo até que *alguém* suspeitasse a verdade.

"Foi um acidente, Kenna," ele declarou em desespero. "O rapaz pulou em cima de mim enquanto eu estava limpando minha espada — no escuro! Com tudo o que aconteceu ultimamente, eu pensei que ele era um *deles* que tinha vindo acabar comigo. Eu não confio no Açougueiro, você também não deve minha querida. E se ele descobrir quem eu sou? Ele pode achar que sou uma ameaça. Eu empurrei minha espada antes que percebesse quem era. Infelizmente, era apenas o filho do pobre Afric."

"Seu temperamento será sua ruína algum dia," repreendeu Kenna. "Se você viver pela espada, Maddog, você vai morrer por

ela."

"Estou tentando, minha querida, você sabe que eu estou. Não é um fardo fácil para se perder num piscar de olhos." Ele acenou com a mão sobre a extensão da fortaleza. "Tudo isso devia ser meu."

Ela não concordou prontamente e Maddog escondeu seu aborrecimento. "Sabemos o que é ser ignorado pelo seu sangue. Dougal, Stuart, ou Rogan não se importou em cuidar de nenhum de nós dois. Ainda *sou* da família deles, e você não é. Mesmo assim, *eu* sempre tomei conta de você, quando mais ninguém mais se importava. Por isso você me deve algo, Kenna."

Fraco como o relacionamento entre eles era, ele ainda era a única família que ela já tinha conhecido. Ainda assim, ela hesitou.

"Se o rapaz sair com Bowyn às pessoas vão simplesmente dizer que ele fugiu. Mas se o encontrarem morto, eles vão me enforcar tão certo como eles penduraram os homens de Broc." De repente ele se lembrou de que tinha sido ele quem tinha ordenado os enforcamentos, mas rapidamente acrescentou, "se eu morrer não haverá ninguém para falar por Keppenach, e não resta mais ninguém que saiba a verdade sobre seu nascimento. Foi um *acidente*, Kenna!" ele persistiu. "Eu não queria matá-lo." Ele agora estava feliz, porque ela não tinha olhado para dentro do saco para ver que a garganta do garoto tinha sido quase decepada.

Ela suspirou e deu-lhe o mesmo beicinho adorável que tinha ganhado os corações dos habitantes de Keppenach desde seus dias de criança. Embora nem Stuart ou Rogan se importasse com ela, Kenna era amada pelo resto do clã. Maddog simplesmente muitas vezes tomou crédito por ela de muitas bênçãos quando ele podia.

Por outro lado, ele tinha trabalhado duro todo o dia da sua vida por cada pedaço de comida e ela lhe devia algo por ele não a ter

matado quando podia. Ele deveria tê-la matado, porque ela estava prestes a ser mais desafiante para ele do que deveria ser.

"Se eu te ajudar... você vai me dizer o nome do meu pai?"

Maddog assentiu enfaticamente. "Eu vou. Você sabe que eu vou."

"Muito bem," ela cedeu. "Eu vou pedir Bowyn para levar o saco, com uma condição: eu digo para ele que fui eu quem colocou o rapaz no saco." Ela mordiscou o lábio inferior, como se estivesse se esforçando para justificar o que devia ser feito. Ela olhou para Maddog incerta. "Foi um acidente, não foi?"

Maddog assentiu rapidamente.

"Eu vou implorar para ele enterrar o pobre Baird em uma colina embaixo de uma linda árvore."

Maddog assentiu com a cabeça novamente e fez uma cara de desesperado. Ele olhou para baixo para seus pés, mais para esconder o sorriso que ameaçava sair no seu rosto ao invés de fingir que ele estava arrasado com a morte da criança. "Sim, Baird teria gostado disso."

"E o que dizemos para o seu pobre pai?"

Maddog encolheu os ombros, porque o pai do rapaz nunca mais ouviria alguma coisa — nem de seu filho, nem de qualquer pessoa. Seus dias já tinham se acabado. Com um pouco de sorte, seus ossos apodreceriam no fundo do poço. "Da melhor maneira possível, eu suponho. Se fosse meu filho, eu gostaria de pensar que ele está em lugar mais seguro do que por baixo da mão assassina do Açougueiro."

Algo sobre o olhar nos olhos de Kenna disse-lhe que ela não concordava muito, mas ela cedeu. "Muito bem, mas esta é a última vez, Maddog. Não me peça esse tipo de coisa nunca mais. E se

depois disso você não me disser a verdade sobre o meu nascimento, eu vou contar para o Açougueiro o que você fez."

Maddog assentiu com a cabeça. "Tudo bem, minha doce jovem. É justo."

Com o acordo, ela girou sobre seus calcanhares e saiu e Maddog ficou observando-a sair, se perguntando se ele seria forçado a tirar a vida dela também.

Ninguém além de Maddog sabia exatamente quem ela era... e ele não estava nem um pouco preocupado em lhe contar.

PARA O ALÍVIO DE LAEL — ou para seu espanto — o marido levantou-se cedo, deixando-a dormir. Quando ela abriu os olhos era plena luz do lado de fora.

Ela se levantou da cama muito mais confusa do que quando ela tinha ido dormir, porque ele tinha concordado em libertá-la! Claramente, ele não se importava de ter uma esposa mais do que ela desejava ser uma.

Na luz da manhã, o quarto era mais surpreendente.

Enquanto o resto da fortaleza estava sujo e pobre, esta sala revelava todos os tesouros brilhantes de um rei mesquinho. Rogan MacLaren claramente tinha sido um malandro, e verdade fosse dita, metade do que ele possuía Lael não tinha nenhuma idéia o que era. Algo verde muito bonito adornava o chão, perto da cama. Ela levantou para examiná-lo e viu que cheirava a urina. "Ufa," ela sussurrou e colocou-o de volta no chão, passando seus dedos contra seu lindo vestido amassado. Agora ela podia imaginar para *o que* servia.

Porco tolo.

Uma grande tapeçaria representando a coroação de Kenneth MacAilpín adornava metade de uma parede. Imbuídos de detalhes que não eram aparentes na luz à noite, agora estava totalmente revelada à luz do dia. As cores eram ricas e cheias de realce — em vermelho e dourado. Os pontos tinham sido costurados por pessoas que conheciam seu ofício. Ela passou seus dedos sobre a representação da Pedra de Scone. Parecia precisamente com a que eles tinham escondida em sua caverna — pelo menos assim diziam, e assim parecia. Na mão de MacAilpín, tinha uma espada grande, mas infelizmente aqui os detalhes não estavam muito claros. Não era possível determinar se era a mesma espada que Broc Ceannfhionn tinha levado para sua sala. No entanto, a tapeçaria menosprezava tudo o que eles tinham pendurado nas paredes de Dubhtolargg. Eles eram muito mais práticos, forrando as paredes com as peles para aquecer os quartos. Na verdade tudo aqui era maior, mais ousado, mais brilhante e mais enfeitado.

Observando o tamanho da cama, ela agora percebeu de onde a coberta tinha vindo — aquela que tinha aparecido em sua cela na prisão — a que ela tinha dado para Broc. Ela suspeitava que ela também soubesse quem tinha trazido para ela: o único homem que tinha o direito para fazê-lo. Pouco a pouco suas boas ações estavam começando a superar seus pecados.

"*Não fui eu quem invadiu Keppenach,*" ele tinha dito ontem à noite. E isso era verdade. Foi Lael quem tinha feito, ao lado de Broc Ceannfhionn. E pelo o que ela podia ver, essas pessoas não tinham nenhum problema com seu novo *laird*. Então parecia que ela era mais vilã do que ele, porque na verdade, Rogan MacLaren foi empossado por Davi, e isso também tinha acontecido com o Açougueiro.

Broc também a chamou de escocesa, e simplesmente em virtude desse fato, ele era, de fato um traidor de sua coroa.

Lael era sua cúmplice, que tinha agido por medo.

Seu irmão estava certo; quanto mais ela pensava nisso, mais ela sabia que era verdade. Talvez Keppenach pertencesse a Broc Ceannfhionn, mas esta guerra não era uma que Lael deveria lutar. E agora sua penitência — talvez para toda a sua vida — era viver como mulher do Açougueiro — uma simples verdade de que ela não estava inteiramente certa como ela deveria perceber.

"Jaime," ela disse com uma careta, testando o nome em seus lábios. Soava como um nome gentil — se não gentil, pelo menos não dispunha de qualquer sentido cruel. A cada instante que passava ele a tratava com respeito.

Nunca conheci uma jovem mais bonita.

Até agora, ela podia sentir o rubor subir pelas bochechas com a lembrança de suas palavras.

Ele também não era horrível, ela era forçada a confessar. Nem mesmo sua cicatriz depreciava a sua boa aparência, e ela queria saber quantas mulheres ele tinha amado. Talvez houvesse alguém agora, e Lael não era a mulher que ele ansiava? Esse pensamento estranhamente a afligia. E mais... o pensamento a tinha deixado se sentindo estranhamente invejosa, apesar de ser ridículo porque ela mal conhecia o homem.

Um banquinho ficava contra a parede leste. Ela foi até lá, achando estranho, porque parecia que estava lá por algum motivo, mas não havia nenhuma porta, nem mesmo uma janela no mesmo nível. No entanto, ela espiou aqueles buracos estranhos que ela tinha notado na sala ao lado, então ela subiu numa escada pequena e colocou o olho na abertura maior. Tudo estava completamente obscurecido, mas porque era um pouco maior deste lado, ela enfiou

um dedo dentro e empurrou algo na outra extremidade. Então ela olhou através dele mais uma vez, surpresa de encontrar a abertura em cima da cama no quarto ao lado. A visão a fez parar.

Era onde ela tinha dormido a noite passada — e, ah! Ela tinha se banhado naquele quarto também — não uma, mas duas vezes. Não que ela não tivesse nadado nua com seus parentes, cem vezes ou mais, mas havia algo perturbador sobre o pensamento que alguém sem ela saber podia a ter espiado.

Ela lançou um olhar sobre o ombro para a sala opulenta e fechou o rosto com uma compreensão súbita. Alguém usava para espionar o quarto ao lado. Ela pulou trêmula sobre a depravação do homem que tinha habitado aqui antes — talvez todos os MacLaren tivessem sido depravados. Embora Lili nunca tenha falado nem uma palavra ruim sobre seu primeiro marido, seu pai, Dougal MacLaren tinha sido um dos que tinha se juntado a Padruig mac Caimbeul no ataque contra a vale, e que custou a vida do pai dela.

Ela arrastou a escada para longe da parede leste, pensando que, felizmente, não parecia que o buraco tinha sido usado recentemente. Talvez alguém — Lili talvez — tivesse preenchido o buraco para bloquear a vista? Ela ansiava abraçar sua cunhada e lhe dizer que sentia muito por ela ter suportado um homem como Rogan MacLaren.

Quanto ao *próprio marido* de Lael... Era improvável que ele soubesse sobre o buraco, e mesmo se ele soubesse, ele não teria se preocupado em vê-la sem roupa quando ele teve o direito de fazer isso ontem à noite. Na verdade, ele tinha ido dormir sem nem mesmo ter tentado beijá-la. Por acaso ele estava mentindo, e gostava de homens?

Sentindo-se ranzinza, Lael encontrou sua roupa. Elas estavam limpas e dobradas ao pé da cama e ela rapidamente tirou o bobo

vestido de casamento. O que a tinha feito pensar em usar uma roupa tão boba de qualquer maneira?

Isto era tudo uma palhaçada!

Ela vestiu suas roupas de sempre, seu colete de couro e sim, colocou até mesmo suas bainhas de armas agora vazias. E depois ela lavou o rosto com a água gelada que estava na banheira antes de trançar seu cabelo firmemente. Se ela tivesse tido um pouco de *woad* ⁽²⁹⁾ para usar, ela teria se pintado para a guerra, mas infelizmente, ela saiu do quarto sem pintura.

Ela encontrou Luc na porta, sentado calmamente em uma cadeira. "Bom dia, minha senhora," ele disse com uma saudação monótona quando ele saltou atrás dela.

Lael fez uma careta para o rapaz. Claramente desacostumado a uma mulher como Lael, o escudeiro levantou a fronte pálida enquanto examinava sua roupa, mas para seu crédito, ele não disse nada e Lael simplesmente ignorou-o e começou a descer as escadas.

Ele veio atrás dela. "O que vamos fazer hoje?" ele perguntou com muita emoção o que fez Lael sorrir.

Ela tinha dito que ela talvez fosse limpar a capela, mas isso teria que esperar até que ela encontrasse alguma maneira de deixar Luc para trás. Lael andou um pouco mais rápido. "Eu vou para a cozinha para que a minha barriga seja alimentada, e depois pretendo reunir as empregadas e terminar o que comecei — nada que seja do seu interesse."

"Estou com fome também," ele disse rapidamente, seu ritmo crescendo atrás dela.

Lael apertou a mandíbula um pouco mais apertada.

Diabhu! O rapaz estava tentando infernizá-la e ela estava se coçando para estrangulá-lo — isto estava muito claro.

Bem, se ele ia segui-la o dia todo como um cachorrinho irritante, ela pretendia colocá-lo para trabalhar. E desde que ela estava presa aqui até um futuro imprevisível, ela queria ter a certeza de que eles tinham suprimentos suficientes para durar todo o inverno. Ela não tinha intenção de perecer simplesmente porque essas pessoas não sabiam como usar até o último pedaço e fazê-lo para sua vantagem. Vivendo no Mounth, seus parentes eram forçados a encontrar uso para cada pedaço de pano, cada pedaço de comida e para cada galho. Ela sabia como esticar seus bens domésticos, simplesmente porque os comerciantes raramente iam até as colinas uma vez que seus parentes tinham pouco em termos de ouro e prata para comércio. Em Dubhtolargg, seus tesouros eram muito mais simples.

Ajudando-os a aprender a racionar seus bens era o mínimo que poderia fazer para os inocentes que permaneciam aqui em Keppenach — três em especial que ela estava conhecendo.

Ela soltou um suspiro sobre o crescente sentimento de culpa, pois se ela conhecesse o resto dos habitantes deste castelo, ela estava bastante certa de que ela viria a descobrir um pouco mais.

Mais do que ela gostava de confessar, e por mais que ela gostasse de Broc Ceannfhionn e desejasse vê-lo vencedor, ela certamente não tinha nada a ver com esta guerra mesquinha.

A marcha estava perto do fim.

No total, sete outros se foram assim que o sol desta manhã nasceu. Por uma questão de prudência, foi permitido a cada homem levar suprimentos suficientes para chegar ao seu destino, mas não mais do que isso.

Já nesta manhã Jaime tinha despachado homens para adquirir alguns itens que eles precisavam. Ele tinha acumulado uma pequena fortuna para gastar aqui. Mas até que os novos fornecimentos chegassem, eles deveriam usar o que eles tinham.

Lamentavelmente, não era muito. Mas agora ele estava ainda mais impressionado com a gestão de sua esposa na cozinha após descobrir como ela tinha conseguido arranjar os pratos para compartilhar ingredientes e utilizar até o último pedaço de alimento.

No entanto, no momento, ele estava querendo saber por que Lael estava saindo da fortaleza. O pobre Luc corria atrás dela, lutando para manter o ritmo. Ela passou pela muralha como uma tempestade, acenando sua mão para aqueles que estavam ociosos.

Esta manhã, o vento era suave, mas o frio era profundo e seus dedos estavam meio dormentes. No entanto, sua esposa apareceu semi-vestida tanto quanto ele podia dizer. Ela usava calças masculinas de couro. Um corpete sem mangas, com rendas que enfeitavam seu peito e cintura. Um manto de pele saía do pescoço dela e ela usava uma bainha de armas vazia na cintura, junto com uma braçadeira, que parecia ter outra bainha para outra das suas lâminas. Agora estava vazia, claro, mas ele bem podia imaginar a visão que ela deveria ter se estivesse completamente armada. Ela lhe trouxe à mente a imagem de Diana a Caçadora — a deusa romana, cujo rosto era tão lindo e radiante como a lua. Era essa pequena maravilha que os homens tinham pensado em enforçar, mas somente olhar para ela podia fazer um homem fraco ficar de joelhos.

A última das carroças passou. "Você aí! O que tem no saco?" Kieran perguntou ao lado de Jaime.

Sem qualquer cavalo para levar o carrinho, o homem carregava tudo nas costas. "Aveia, meu senhor. Nada além de aveia. Troquei um saco por dois porcos e sete galinhas. Desde que eu não podia de qualquer maneira mantê-los por mais tempo, pareceu apropriado deixá-los todos para trás." Sua voz tremeu. "Acho que era o justo a fazer, acredito."

"Seu *laird* aprovou a troca?" Kieran latiu.

"Não," respondeu o velho, sua voz murchando mesmo enquanto ele falava. Ele era quase tão velho e tão frágil quanto o carrinho e Jaime se questionou sobre a sabedoria em permitir que ele saísse com esta neve certo que ele retornaria de noite, e ainda assim ele não tinha nenhum desejo de manter alguém contra a sua vontade.

"Coloque no chão!" Kieran exigiu ao mesmo tempo.

Jaime acenou com uma mão, dispensando o carrinho e seu dono. "Não. Deixe-o ir. Isto não é nada além de um mísero saco de aveia." Ele olhou para o homem aterrorizado. "Bem, há alguém aqui que possa testemunhar a sua troca?"

O homem acenou com a cabeça, cambaleando de nervoso. Ele apontou com o queixo para algo ou alguém atrás dele e Jaime virou-se para espiar a jovem de cabelo cor de cobre que ele primeiro tinha visto limpando o corredor que dava para o salão.

"Posso testemunhar, *laird*," a garota disse sem fôlego.

"Obrigado," disse o velho acenando para a rapariga. "Obrigado," ele disse novamente, e sem esperar para ouvir mais, e passou o saco de volta por cima do ombro e mais uma vez começou a puxar o carrinho através da lama gelada.

Sob a luz do sol de novembro, a neve que tinha caído no dia anterior já tinha derretido e virado lama, deixando um resto de neve presa ao chão e que lá permanecia. Jaime esperava que o homem tivesse um lugar decente para ficar e que não fosse para tão longe. Ele queria ter pressionado ele para reconsiderar, mas o homem já estava a caminho, com muita pressa, arrastando um carrinho que deveria ter três vezes o seu tamanho.

Querendo saber onde o diabo que sua esposa tinha ido, Jaime virou-se para a jovem ao seu lado. "Qual é seu nome?"

"Kenna," ela respondeu timidamente.

Jaime deu uma sacudidela de cabeça, assustada por sua resposta, embora fosse um nome incomum. "Obrigado," ele disse. "Kenna..."

Ela inclinou a cabeça e deu-lhe um aceno e então se afastou antes que Jaime pudesse reunir seus pensamentos, ou até mesmo recuperar a língua dele.

Confuso pela segunda vez esta manhã, ele viu a moça ir, lembrando-se da última vez que ele tinha colocado os olhos em cima de sua irmã mais nova. Mesmo para uma criança de três anos, a beleza de Kenna era admirada, com aquelas covinhas minúscula aparecendo somente quando ela sorria. Ela tinha o cabelo da mesma cor que esta menina, mas novamente, aqueles cachos cobre não eram raros por estas bandas. O melhor que ele podia lembrar era os olhos cinza da sua irmã, com um toque de azul igual ao dele, mas ele não tinha pensado rápido o suficiente para perceber a cor dos olhos desta menina...

Na sua mente, ele viu a carcaça queimada de uma criança pequena em cima da terra, e ele se lembrava, ele quase podia sentir o cheiro de carne queimada. Eles tinham jogado seu corpo sobre a muralha sem qualquer consideração por sua condição de ser humano. Ela tinha terminado em um monte de corpos quase irreconhecíveis aos pés de Jaime e ele ainda podia se lembrar a fúria terrível que ele sentiu em seu peito — a raiva que o cegou para além de vingança. Ele montou no seu cavalo — um corcel negro com olhos quase tão negros quanto sua juba — e pegou uma tocha e arremessou. Primeiro, ele colocou fogo nos prédios que estavam fora da muralha, ordenando aos seus homens que jogassem flechas de fogo para dentro da muralha. Uma acertou o corpo enegrecido da irmã dele. Outra raspou sua sobrancelha. Com sangue pulsando sobre os olhos, obscurecendo a visão dele, ele continuou o ataque

contra os tetos de palha dentro da fortaleza, e então quando tudo estava queimado, ele se sentou e viu a fortaleza queimar até o solo.

Não era uma memória agradável.

Os gritos de quem tinham sido colocados vivos na pira funerária encheu a noite como o grito de mil *banshees*.

Ele piscou, olhando a garota desaparecer na cozinha, querendo saber sobre os feitos da megera de sua esposa.

(29) woad - tipo de planta; corante azul (produzido a partir da planta)

CAPÍTULO 21



"Eu não me lembro," Cameron disse para desespero de Aidan.

Ele desejou ouvir que sua irmã estava viva, que ela apenas tinha emprestado seu cavalo para Cameron levar uma mensagem para o vale. Ele desejou ouvir que talvez Cameron tivesse sido atacado na estrada por bandidos, mas não foi este o caso. Como Aidan temia, tinha havido uma batalha e ele ficou surpreso ao saber que sua irmã tinha se oferecido para romper as muralhas de Keppenach com um pequeno grupo de homens

Infelizmente, esta foi a última vez que Cameron a viu.

Aidan sentou-se, olhando para o chão, um sentimento amargo passando por seu estomago.

Lael nunca tinha se acovardado diante do perigo, especialmente quando ela acreditava que podia ajudar outra pessoa. Tendo em conta a idade de Cameron, Aidan bem podia imaginar que sua irmã tinha se oferecido simplesmente para manter o rapaz longe do perigo. Aparentemente, Broc também tinha se juntado ao grupo — mas a fim de que? O desaparecimento deles?

"A última coisa que ficamos sabendo é que eles tinham se aventurado para dentro da muralha, e nós ficamos esperando as flechas serem disparadas para podermos entrar."

"Quanto tempo?"

Cameron abanou a cabeça. "Trinta minutos ou mais."

"Ela deixou Loba com você?"

Cameron pareceu confuso com a pergunta.

"Seu cavalo," Cailin esclareceu. Sua irmã estava sentada atrás dele, girando os dedos dela. Aidan não perdeu os olhares que os dois trocavam.

"Este é um nome estranho para um cavalo," Cameron disse, sorrindo novamente para Cailin. "Mas não, ela deixou o cavalo amarrado a uma árvore no bosque. Estávamos perto da aldeia, de olho nos portões."

Aidan exalou um suspiro reprimido e deu a Cailin um olhar fulminante. "Vai ver se Lili já acordou," ele ordenou, simplesmente para tirá-la do quarto. A última coisa que ele pretendia lidar no momento era mais uma das suas irmãs deixando o vale. Que ele fosse amaldiçoado se ele permitisse. Simplesmente para evitar que ele ficasse tentado a estrangular Cameron onde ele estava deitado para se salvar do trabalho de matá-lo mais tarde se ele ousasse pensar em cortejar sua irmã de olhos sonhadores.

Antes de Cailin sair, ela virou-se para Cameron. "Não pense em desonrar minha irmã," ele avisou para o rapaz.

Os olhos inchados de Cameron apareceram a aumentar embora Aidan não pudesse ter certeza. "Eu jamais faria isso!"

Aidan se levantou com a intenção de deixar Cameron descansar. A irmã dele tinha ido para o quarto no instante que Cameron acordou, com seus olhos vermelhos por falta de sono. "Tenha certeza que não," ele reiterou e deixou o rapaz em paz para ele descansar, fechando a porta para desencorajar Cailin de retornar.

"MINHA SENHORA, *eu lhe imploro*, por favor, espere," Luc falou quando Lael começou a remexer os sacos de farinha que tinham sido deixados no armazém para apodrecer — isto depois de jogar fora alguns produtos perecíveis que já estavam podres. Ela sabia muito bem com que rapidez uma comida estragada podia virar veneno, mas ela não pretendia jogar fora uma boa comida quando não havia o bastante na despensa para sustentá-los durante o longo inverno. O pior que podia acontecer se eles comessem uma refeição ruim era que eles não iriam apreciar o sabor, mas havia muitas maneiras inteligentes para mascarar e melhorar o sabor. Ela traria os sacos mais antigos para a cozinha para serem usados em primeiro lugar.

Mas Luc parecia não perceber que ela estava tentando ajudar e Lael não se sentiu obrigada a lhe explicar. Durante toda a manhã, ela continuou a trabalhar ao lado de Mairi e Ailis, tentando restaurar ordem para suas refeições. Algum tempo depois, quando ela teimava em não escutar Luc, ele fugiu para dedurar para o *laird* o que ela estava fazendo.

Para sua total surpresa ele voltou sem dizer uma palavra, deixando Lael pensando o que demoníaco Jaime tinha lhe dito — claramente nada que o rapaz quisesse ouvir, pois ele passou o resto da manhã de cara amarrada enquanto olhava as pessoas trabalhando.

Da cozinha o quarteto mudou-se para os jardins e lá Kenna se juntou a eles, ajudando a escolher qualquer legume que ainda não tinha sido arruinado pela geada. Estes iriam direto para serem estocados, e o que não pudesse ser salvo ela colocaria nas refeições das próximas semanas.

Era melhor deixar alguns legumes — couve, nabos, alho-poró e repolho. Na verdade, o repolho ficava muito mais doce depois de ser tocado por uma boa geada e, de fato, ela nem precisava se

preocupar em cobri-los com palha. Se por acaso o inverno fosse rígido, ela daria boas vindas as flores do repolho na primavera e plantaria as sementes de novo. Não lhe ocorreu perguntar para si mesma por que ela deveria planejar com antecedência, porque além de suas facas, essa era sua maior paixão — encontrar maneiras inteligentes de usar o solo para receber as recompensas da mãe terra. E Lael era boa nisso — tanto que a esposa do irmão dela ainda não tinha tirado os deveres de castelã dela. Aidan sempre a elogiava, não apenas pelo trabalho duro e pelo amor que ela colocava em seus esforços, mas pela maneira que ela transformava os alimentos mais triviais em refeições deliciosas.

Ela tinha jeito com as pessoas também — descobrindo os meios para fazê-los se sentir uma parte da solução, em vez de parte do problema. Lael acreditava que este era o segredo da paz no meio da sua família e durante os longos e difíceis invernos. Todos deviam fazer a sua parte e sentir-se essencial para sua sobrevivência, porque eles eram verdadeiramente essenciais — cada homem, mulher e criança.

Ao longo de um único dia já ela podia ver a mudança em seu pequeno bando de desajustados, particularmente em Mairi. No início, a velha tinha sido gentil, mas cautelosa com Lael, com medo de perder qualquer autoridade que ela tinha alcançado durante todos os anos que trabalhava na fortaleza. Ailis também, à sua maneira, vivia com medo. A garota estava com medo de ser dispensada, assim eles teriam uma boca a menos para alimentar. Kenna, por outro lado, estava tranquila e obediente, assistindo a tudo e falando pouco. Das três, Kenna parecia a mais vulnerável e Lael esforçou-se para deixá-la a vontade.

No meio da manhã, ela viu Ailis pegar um pedaço de carne de porco e dar para um rapaz, e Lael sorriu e acenou fraternalmente

para a jovem.

Lael acreditava que as mulheres tinham o direito de amar quem elas desejassem. Ela acreditava que não era dever de uma mulher satisfazer um homem. As mulheres tinham o direito de dizer não. Ela não era nenhuma puritana — pelo menos ela não achava que era — mas para ela dizer "não" era sempre muito mais fácil do que dizer "sim."

Na verdade, ela ainda estava esperando para dizer, "sim" — especialmente desde ontem à noite quando o marido não se preocupou em lhe perguntar.

Ele não ligava para ela, estava bem claro.

Três vezes Luc fugiu para dedurar o que ela estava fazendo e três vezes ele voltou sem nenhuma palavra de seu marido. E agora, pela primeira vez na vida dela, ela começou a se perguntar se a escolha em permanecer celibatária tinha sido inteiramente dela própria. Talvez os homens não gostassem dela? Talvez, como seu irmão a tinha provocado muitas vezes, ela era demasiado assustadora?

Ela pensou nessa pergunta o restante da manhã e assim que os legumes foram colocados em ordem, ela foi atrás dos animais, para colocá-los nos abrigos da melhor forma que ela podia. Ela ficou surpresa ao descobrir que uma parcela considerável das dependências já estava reservada para o gado. Ela achou o alojamento dos homens, e verificou que quase todo mundo dentro dos portões do castelo agora tinha uma cama para dormir. Além do ferreiro, do padeiro e de alguns comerciantes, ninguém mais tinha habitações adequadas dentro das muralhas de Keppenach. As famílias que tinham fixado residência aqui o fizeram fora dos portões, e aparentemente poucos tinham permanecido.

Mas um olhar para o céu cinza disse-lhe que logo os ventos fortes do inverno chegariam, e assim que os ventos gelados

chegassem, ela estava determinada a estar totalmente preparada.

Era uma maravilha que essas pessoas tivessem sobrevivido uma vez que eles tinham tão pouco conhecimento do que era preciso para prosperar. Por mais que a vida no *Mounth* fosse dura, eles sempre pareciam ter muito.

Infelizmente, quanto mais ela via, mais ela se maravilhava de que alguém tinha se incomodado em lutar por esta decrépita pilha de pedras. Na verdade Keppenach estava em frangalhos e ela se perguntava por que o Rei David tinha se preocupado em enviar seu Açougueiro para o norte para salvar o que tinha restado. Seu *marido* devia dar pouco valor ao seu nome.

Servia bem para ele destruir o direito de primogenitura — não que Lael se importasse. Ela ficaria aqui durante um ano, a menos que ela gerasse um filho, e depois ela iria embora para sempre. E pelo que parecia, ela não conseguiria ter qualquer criança do Açougueiro.

Você não nasceu para ser mãe de qualquer maneira.

Mas ela pensou no seu sobrinho e na sua sobrinha e sentiu um forte senso de perda. Ridículo, ela pensou, porque ela podia facilmente casar-se com outra pessoa.

Quem?

Lael não *gostava* de ninguém.

Ela também não *gostava* de Jaime — pelo menos ela achava que não gostava — mas ela estava começando a amolecer um pouco com a idéia de dividir sua cama.

O que importava se ele não gostava dela?

E assim continuava a conversa na cabeça dela, até que ela pensou que podia estar enlouquecendo. Para combater seus pensamentos, ela trabalhou com mais afinco e ficou satisfeita ao descobrir que nem tudo em Keppenach era tão inadequado.

Ela ficou surpresa ao descobrir que eles tinham uma maneira engenhosa de colher a água da chuva e depois ela descobriu por que: o poço em si estava podre. A água não era potável, e então eles a usavam principalmente para banho e como base para fazer a sidra, que agora ela entendia porque a bebida era surpreendentemente intragável. Se a água do poço era a mesma água que passava pelos túneis abaixo da torre, ela compreendia bem porquê. Felizmente, ela sabia alguma coisa sobre este assunto, e então ela contratou um rapaz para recuperar o balde do poço para que ela pudesse inspecionar a água.

Ele viu que ela estava olhando para fora dos estábulos e ela olhou-o — não para ele precisamente, mas para o objeto em sua mão. Ela ansiava por sentir o aço frio que ocupava sua mão. A lâmina de seu machado brilhava sob a luz do sol da tarde. Ele estava praticando com seus amigos a atirar lâminas enquanto aguardava Lael, e ela se ofereceu para segurar sua lâmina.

Claro, que ele hesitou.

"Sou ou não sou a sua nova senhora?" ela perguntou para ele apenas uma vez.

O jovem concordou relutante, entregando-lhe o machado, e Lael mal pode conter o seu sorriso.

Cada gota de sangue em suas veias cantou quando ela tocou o punho de madeira e ela respirou com tranquilidade com o peso familiar descansando na palma da mão. Ela sorriu satisfeita para o seu companheiro de juventude e olhou para o alvo deles — um manequim fazendo às vezes de um soldado inglês. "O que vocês acham? Três tentativas. Quem chegar mais próximo do coração ganha?"

"Minha senhora," Luc queixou-se, aparecendo novamente atrás dela após ter conversado de novo com o seu *laird*.

Lael fez uma careta para ele. "Ah, agora! Vamos nos divertir, depois você pede desculpa para o seu *laird*," ela ordenou e então girou e lhe deu as costas.

Uma vez que seu *marido* não tinha vindo ver o que ela estava fazendo, então por que ela ia se importar se Luc fosse contar para ele? Na verdade, agora mesmo, ela certamente estava testando Jaime. Quando Luc sumiu pela sexta vez, ela riu alegremente com a visão da lâmina brilhante e a levantou alto em desafio. "Quem aqui acredita que é homem suficiente para ganhar de sua senhora nas lâminas?"

Quase acabando com sua lista para o armeiro, Jaime se sentou esperando para se encontrar com o ferreiro, que parecia estar atrasado apesar de sua convocação.

Era tudo o que ele podia fazer para impedir de ir espionar sua esposa. Qualquer desculpa servia, e ele usaria qualquer uma delas. Tanto quanto ele podia dizer, ela estava ocupada o dia todo com tarefas que davam prazer a ele. Não importava que seus esforços antecipassem alguns de seus próprios trabalhos, ele podia encontrar pouca falha na última fofoca que Luc tinha trazido para ele.

Como senhora dessa fortaleza quebrada, ela devia poder fazer o que quisesse desde que ela ficasse longe da prisão e longe dos portões. Na verdade, ela já ter se colocado como senhora de Keppenach era algo positivo para a união deles, apesar de que as bolas dele estavam um pouco azul esta manhã, por ele ter dormido inquieto ao lado de sua relutante noiva.

Ele tinha permanecido deitado até altas horas da madrugada, sem conseguir descansar, consciente da sua presença ao lado dele. O cheiro da sua pele estava gravado agora em seu cérebro e ele achou mais viciante do que *dwale*⁽³⁰⁾.

No instante em que ele espiou o brilho do céu ele saltou da cama para afastar-se da tentação. Mas ela não estava tornando nada mais fácil e agora espiando seu escudeiro na porta mais uma vez, ele bateu a mão com impaciência em cima da mesa. "E agora, Luc?"

O olhar no rosto do rapaz estava cheio de nervosismo. "Sei que você disse para deixá-la em paz, *laird*, mas agora ela está com um machado."

Jaime piscou com a revelação de Luc. "Um machado"?

"Sim, *laird*. Ela tem um machado."

Jaime teve uma visão imediata de Lael aterrorizando seus homens, e desde que ele tinha dado a todos eles um comando expresso para não prejudicar um único fio do lindo cabelo dela, ele sabia que eles se sentiriam pressionados. "Ela ameaçou alguém com ele?"

"Não."

"Bem, *o que* ela está fazendo com um machado?"

Seu escudeiro deu de ombros. "Praticando alvo com eles, parece".

"Praticando alvo?"

Luc deu-lhe um aceno dizendo que sim.

As pernas de Jaime o desafiaram embora ele ordenasse que elas não se movessem. Ele deu um suspiro, dizendo-se que se tratava de algo que ele *devia* testemunhar por si mesmo. Pelo menos por curiosidade, ele queria saber quão boa sua esposa era com as suas facas.

Luc liderou o caminho e Jaime o seguiu, estremeando sobre o brilho do sol da tarde. Ele seguiu o escudeiro até a parte atrás do estábulo onde uma pequena multidão curiosa estava reunida.

Lá estava *ela* com um machado na mão.

Ela não hesitou quando a multidão em torno dela ficou desanimada com a chegada dele. Ela nem olhou para ele. Ela jogou a arma sem mesmo avaliar a distância ou medir o ângulo. Ela simplesmente jogou. O machado assobiou através do ar, girando com precisão numa velocidade surpreendente e encontrou o alvo certo no *quintain* que estava na frente dela.

Todos menos Lael deram passos para trás quando Jaime se aproximou.

Nem seus próprios homens, que o conheciam bem o suficiente para saber que ele era justo e equitativo, recuaram em trepidação.

"Dois!" ela gritou com extrema alegria, levantando suas mãos vitoriosamente.

"O que diabo você está fazendo?" ele perguntou enquanto ela corria em direção ao *quintain* para recuperar o machado. Ela parou girando como um soldado de madeira para enfrentá-lo, com a cabeça erguida e sem qualquer medo.

Suas adoráveis sobrancelhas colidiram. "O que é que parece que estou fazendo?"

Jaime estava despreparado para o ato de finalmente confrontá-la, com as adoráveis maçãs do seu rosto cheias de cor. Seu cabelo que em algum momento tinha sido firmemente trançado estava bagunçado agora, seus cabelos de ébano desafiando-a.

"Não lhe dei permissão para tocar numa lâmina," ele disse, tentando não notar seu umbigo que estava aparecendo acima da calça que ela usava. Que Deus o ajudasse, ela era muito bonita para sua paz de espírito. O pau dele o desafiava agora também, subindo para saudá-la como um amiguinho traidor.

"Você também não proibiu," ela respondeu, dando-lhe um olhar que não era insolente, mas também demonstrando que ela não se sentia intimidada.

Jaime marchou passando por ela, indo em direção ao *quintain*. Ele pegou o machado que estava pregado no alvo, surpreso ao ver que a lâmina estava presa tão profundamente que ele teve que juntar todas as suas forças a fim de removê-lo. "Estou agora," ele disse assim que o machado ficou livre, e virou-se para enfrentá-la.

Ela levantou seu queixo desafiadoramente. "Por quê?"

"Eu poderia dar qualquer número de razões."

Sua testa se franziu. "Dê-me simplesmente uma que faça um pouco de sentido. Eu não te dei nenhum motivo para duvidar de minha palavra ou da minha sinceridade. Estou aqui, casada com você, depois de passar a maior parte do dia fazendo a sua casa ficar em ordem."

"Porque você é senhora de Keppenach," ele disse.

Ela franziu o nariz dela e então lhe deu um olhar que dizia que ela achava que ele era maluco. "Eu *disse* me dê *uma* razão com um pouco de sentido. Isso não faz sentido nenhum!"

O peso do machado na mão de Jaime agora pesava tanto quanto a pergunta dela, e ele admirou-se que ela o tivesse empunhado tão facilmente. Ela ficou com os braços apoiados nos quadris, esperando sua resposta e atrás dela estava uma multidão curiosa.

"Voltem ao trabalho — todos vocês!" Jaime gritou e depois se virou para se dirigir a sua adorável esposa, depois que a multidão se dispersou. "Isto não é razão suficiente para mim," ela assegurou. "Mas se você precisar de outra, prefiro que você se esforce no jardim."

"Entendo," ela disse batendo o pé com raiva.

Ele me prefere no jardim?

Lael pensou sobre sua resposta um instante, tentando determinar por que ela não tinha gostado, e então ela se virou para

ver que todos — incluindo Ailis, Kenna e Mairi — tinham ido embora. Só Luc permaneceu e ele estava bem nas costas do seu marido.

Covardes — todos eles!

Ela enfrentaria seu marido sozinho.

Pela pedra, ela não estava acostumada a alguém censurando suas ocupações. Seu irmão acreditava — assim como todo o seu povo — que as mulheres eram iguais aos homens em todos os sentidos da palavra. Catriona sua irmã podia construir uma casa, tão bem quanto qualquer homem, e não havia um único macho em toda Dubhtolargg que fosse melhor do que Lael com as lâminas.

"Porque é um trabalho para mulheres?" ela perguntou, irritada. Ela procurou no rosto dele a resposta da sua pergunta, ao invés de ouvir próximas palavras.

Ele olhou para o machado na mão e deu-lhe um olhar aguçado. "Não, mas isso também não," ele sugeriu.

"Sim, bem, passe para mim," Lael exigiu. "Vamos ver que mão o empunha melhor — a de um homem ou de uma mulher." Ela olhou para ele. "Se eu ganhar, você deve permitir que eu escreva para o meu irmão." O olhar dele caiu para o machado em sua mão, e para surpresa de Lael, ele parecia estar pensando em seu desafio. Ela acrescentou rapidamente, "Isto é apenas para que meus parentes fiquem sabendo que eu estou viva." Para ela, ela adicionou. "*Apenas casada.*"

CAPÍTULO 22



*J*aime precisamente não conseguiu ouvir as últimas palavras dela, mas ele leu seus lábios.

Então ela pensava nela mesma como morta, hein? Só que casada?

Ele avaliou sua esposa enquanto ela olhava para ele sem medo, desafiando-o, quando poucos se atreviam. Ele se virou para encontrar Luc de pé atrás dele, embora todos tivessem ido embora. Isso lhe convinha bastante bem, porque ele não queria que ninguém soubesse que ele ainda tinha que levar para cama sua espirituosa noiva.

Um sorriso lento, tortuoso transformou seus lábios. "E se eu ganhar?"

Ela ouviu sua pergunta com um sorriso presunçoso — e por algum motivo estranho, só fez com que Jaime ansiasse desesperadamente beijá-la. Ela encolheu indiferente seu ombro com músculos bem definidos, como se realmente não importasse. "O que você vai querer?"

Jaime olhou para o machado na mão. Uma arma era a última coisa que ela devia ter acesso, mas ele não podia vê-la a cada instante de cada dia e ele já havia determinado que ele não fosse

detê-la se ela optasse por ir embora. Ela tinha entendido o acordo bem o suficiente e se ela se importasse um pouco com a vida de Broc Ceannfhionn, então que assim fosse. O destino estava nas mãos dela. No entanto, em alguns aspectos, ela ainda era sua prisioneira, e se ele quisesse mantê-la por um longo período, Jaime percebeu instintivamente que ele deveria primeiro ganhar o respeito dela. E com o respeito dela, ele também deveria ganhar a confiança dela. Infelizmente, havia apenas uma maneira de fazer isso... que era confiar nela primeiro.

Então, é claro, havia a pequena questão dos *detalhes* do acordo que eles tinham feito... Um bebê só podia ser conseguido após seu acasalamento e desde que Jaime não tinha intenção de forçá-la agora ou nunca, ela não devia apenas consentir, mas ela devia vir até ele de livre e espontânea vontade.

Ele lançou um olhar sobre Luc, avisando-o sem palavras para não repetir nada do que ele falasse, e depois encontrou o olhar de sua esposa. "Muito bem," ele concordou. "Se você vencer, eu vou lhe dar permissão para enviar uma carta para seu irmão." Afinal, ela lhe pouparia o trabalho de redigir uma mensagem ele mesmo desde que ele já havia pensado em fazê-lo. "E se eu ganhar, você vai ter que me seduzir." Outro desafio perfeito para a ocasião. "Ou seja, você vai ter que se comportar como um verdadeiro homem faz para seduzir uma mulher..."

Lael piscou os olhos.

Claro que ela podia.

Será que ela podia?

Catriona sua irmã era muito melhor nesta matéria do que Lael, mas simplesmente porque Lael passava os dias acariciando facas, enquanto sua irmã gastava seu tempo cortejando homens isso certamente não queria dizer que ela não saberia *como fazê-lo*.

Quão difícil poderia ser, afinal?

Ela sabia exatamente *o que* colocar exatamente *onde* e ela estava bastante certa de que os homens estavam interessados em suas partes femininas. No entanto, ela não achava que chegaria a esse fim, porque ela não tinha intenção de perder aqui hoje. "Muito bem. Vamos selar nossa aposta," ela concordou sem hesitação.

Para sua surpresa, ele lhe deu o machado. "Damas em primeiro lugar," ele jogou o machado para ela como se fosse uma jóia, a lâmina brilhante girou pelo ar, chegando rapidamente no braço de Lael. Ela assistiu a lâmina voar com uma exuberância incomparável — segurar uma lâmina era a maior alegria que ela conhecia. Sim, porque ela sabia o que fazer com uma lâmina — qualquer lâmina, longa ou curta. Seu irmão jurou que ela tinha saído do ventre materno, empunhando uma faca na mão. Ela pegou firmemente na arma. Ela estava longe de ser uma arma excepcional, mas mesmo assim ela podia amá-la, mesmo com suas falhas. Ela virou a arma na mão, calibrando-a. E então, novamente, fechou os olhos para confirmar o peso no cérebro dela.

Do nada, parecia que mais uma vez eles tinham uma audiência. Gritos ecoavam, mesmo ao longo das muralhas e as pessoas do castelo entraram cautelosamente de volta no pátio para assistir seu *laird* e sua senhora duelarem.

Apesar de suas bochechas estarem queimando sobre o pensamento de alguém ter ouvido sua aposta com seu marido, Lael secretamente se deliciava com a oportunidade de colocar o Açougueiro no lugar dele.

Ela tinha pegado o machado habilmente, sem pestanejar, observou Jaime.

Com os olhos bem abertos, ela estendeu o braço como se estivesse indo em direção a um amante, colocando as curvas do

punho de madeira em sua mão. Uma vez que ela o ajeitou, ela girou a arma habilmente, como se estivesse vendo suas medidas. Ele viu o pequeno sorriso que aparecia bem em cima dos lábios de Lael, como o olhar de uma amante completamente saciada e uma centelha de ciúme se deflagrou no seu ser.

Mas o ciúme era algo que ele não queria alimentar, então ele ignorou e observou sua esposa com um crescente sentimento de admiração. Ela não era uma simples mulher. Na verdade, ela era uma princesa guerreira até as profundezas da sua alma, e ela ainda sabia como administrar sua casa.

Será que haveria um homem com mais sorte do que ele?

Indo mais profundo nos seus pensamentos, ele suspeitava que ela amasse da mesma forma que ela lutava — apaixonadamente e sem limites.

Mas essa não era uma luta justa, não importava quão capaz ela podia ser com suas lâminas. Jaime tinha escolhido como arma o machado. Ele tinha passado todos os dias da sua vida, desde a queda do Dunloppe praticando para acabar com seus inimigos. Apesar de ele ter sido nomeado o Açougueiro de Henry porque ele tinha sido enviado para matar os inimigos do rei inglês, essa não era a verdade. Esse nome foi dado a Jaime por causa de sua habilidade com o machado — por isso e porque ele empunhava com vigor e com precisão, e por isso ele tinha decapitado várias pessoas. Sua noiva podia não saber disso, e ele não sentiu nenhuma necessidade de revelar — não quando ele pretendia ganhar.

"Quais são seus termos?" ele perguntou sobriamente.

Os lábios dela se viraram numa curva tão adorável que ele sentiu seu coração pular fora do seu ritmo normal. Ela olhou o alvo. "Só uma chance. Ou no coração ou na cabeça." Ela balançou a lâmina

para testá-la. "Eu escolho o coração," ela disse e lançou-lhe um sorriso.

Jaime deu um olhar repentino para a multidão. Até Kieran tinha sido atraído para assistir a esta aposta, mas Jaime não deu à mínima. Seus olhos eram exclusivamente para sua linda esposa, que muito em breve, se ele estivesse em forma, iria se tornar-se sua mulher de verdade.

Ele teve uma breve visão dela montada nele e sentiu uma tensão renovada através de seus membros e um aperto na sua virilidade que implorava para ser libertada. Ele tentou esquecer isso, pois não queria ter distrações.

Ele olhou enquanto ela avaliava a distância, em seguida, desenhou uma linha com o calcanhar na lama. "A gente atira daqui."

Jaime sorriu conscientemente, antecipando a reação dela mesmo antes de ele dizer as palavras. "Você atira de lá. Eu atiro de dez passos além do seu traseiro."

Na verdade, de onde ele poderia admirá-la.

"Não!" ela se recusou e apagou a linha aos pés dela. Ela voltou dez passos, talvez até mesmo alguns passos mais e desenhou outra linha na terra, apontando. "Nós *dois* vamos atirar daqui."

Satisfeito, Jaime deu de ombros e ficou olhando para a posição dela para o arremesso. Novamente, ela mediu o alvo. Ela jogou seu braço para trás como se ela tivesse nascido com um machado e arremessou a lâmina no ar com tal tão vigor que ele quase pode ouvir o machado voando através do ar.

Precisamente ele caiu bem no centro do coração do *quintain*, incorporando a lâmina tão profundamente que ele podia ver o buraco que tinha sido feito mesmo de onde ele estava. Ela então se virou para ele, levantando uma sobrancelha, tentando em vão esconder o sorriso que se apropriou de seus lábios.

Se Jaime fosse um homem de oração, ele poderia ter caído ali de joelhos, prostrado diante de sua deusa pagã.

Ele deu um olhar para Luc, gesticulando para o machado e Luc correu para buscá-la sem dizer uma palavra. Agora a muralha estava quase cheia de novo... e os homens estavam assistindo de seus postos.

Ocorreu-lhe que se ele perdesse, ele perderia muito mais do que uma barganha com a sua esposa. Este não era verdadeiramente o tempo certo para jogos — não enquanto ele se esforçava para criar um bom lugar para morar no meio destes *Highlanders* desconexos.

Com os olhos apertados, Jaime avaliou o alvo. Sua cabeça era tão grande que somente o sacerdote trapalhão de David poderia errar o alvo. O coração tinha a marca de Lael, e mesmo se ele acertasse precisamente onde ela tinha acertado - bem no meio, não seria uma vitória maior do que acertar um alvo tão grande como aquela maldita cabeça. Ele não tinha escolha senão tentar acertar o coração... ou... o pescoço. Estava quase escondido, protegido por uma camada de preenchimento pesado, mas era grosso onde era visível — um alvo magro, mas não obstante um alvo.

Ele deu um longo olhar para sua esposa. "O que acontece, se a gente empatar?"

Ela levantou um ombro. "Então eu suponho que ninguém ganha," ela respondeu com um brilho novo nos olhos dela que dizia que não era isso que ela esperava que acontecesse.

Mulher arrogante.

Jaime deu-lhe um aceno de cabeça e pegou o machado da mão de Luc, resistindo à vontade de olhar para Kieran — principalmente porque foi Kieran, quem primeiro o chamou de Açougueiro.

Com o machado na mão, ele andou pela linha que Lael tinha traçado e ficou ali um instante, calculando a distância com um olho

experiente, e então, sem cerimônia ele levantou o braço para jogar.

"Espere! Você deve dizer em que parte você vai atirar," sua esposa lhe lembrou.

Jaime sorriu. "no meio do pescoço", ele gritou em voz alta o suficiente para que todos pudessem ouvi-lo. E antes que ela pudesse protestar ele lançou o machado. Ele girou para o lado e caiu justamente bem no meio do pescoço, com rapidez e eficiência. A lâmina furou o pescoço do *quintain* de madeira, lançando lascas para todos os lados. O barulho da madeira ressoou através da murada e a cabeça do *quintain* voou através do pátio e então rolou no meio do caminho para o portão

Kieran gritou uma viva.

Sua esposa não estava muito feliz. "Eu disse a cabeça ou o coração," ela falou com raiva.

"Nenhum desses dois lugares me daria uma vitória clara," Jaime argumentou e ele estava preparado para defender sua escolha, mas de repente chegaram três homens carregando um corpo para o pátio.

A garota que ele sabia se chamar Kenna correu através do pátio para encontrá-los, voando com a mão na boca.

Jaime e Lael compartilharam um olhar, antes dele ir até onde tinham colocado o homem sobre a terra. Apesar de inchado, Jaime, o reconheceu- imediatamente: era o ferreiro e ele estava morto.

CAPÍTULO 23



Eles tinham descoberto o corpo, meio congelado, no fundo do poço.

Jaime o inspecionou pessoalmente da cabeça até os pés. Além de um galo e um corte na parte de trás da cabeça, ainda havia outra marca em cima de sua testa e arranhões ao longo de seus braços, consistentes com uma queda para baixo. Mas essa não era a provável causa da morte dele. Ele morreu porque caiu no poço de nariz para baixo, e provavelmente se afogou enquanto estava inconsciente. No que Jaime podia ver, não havia sinais de ter acontecido um crime, mas ele se lembrou que o homem tinha vindo vê-lo na manhã do dia anterior pedindo-o para ajudar na busca de seu filho desaparecido. Até o presente momento o rapaz não tinha sido encontrado e ele questionou Maddog e alguns outros homens, e ficou sabendo que o rapaz estava acostumado a brincar perto do poço, subindo e descendo pelo eixo, apesar das repetidas advertências de seu pai.

Parece que alguém tinha dito ao ferreiro, que tinha visto seu filho perto do poço, e o pai preocupado foi até lá para investigar, mas não antes de engolir vários copos de cerveja. Suas roupas cheiravam a cerveja, um cheiro forte, apesar da longa imersão no poço.

Em toda a sua vida ele nunca sentiu um cheiro mais fedorento do que a água do poço. Cheirava como se mil homens tivessem urinado direto no poço.

Embora ele estivesse contente em saber que sua esposa já estava ciente do problema e que ela já estava se esforçando para limpá-lo, ele ficou emocionado com a perda de seu único ferreiro. Ele não conhecia Afric bem o suficiente para se sentir pessoalmente abatido com a morte do homem, mas ele se sentiu triste por aqueles que o tinham conhecido e se importavam com ele. A garota Kenna não tinha aceitado a morte dele muito bem. Quando a perguntaram se ela tinha visto o filho do homem, ela abanou a cabeça, cobriu a boca e fugiu.

Jaime odiava se sentir tão pequeno, mas ele gostou de saber que o homem pelo menos tinha primeiro se afogado na bebida e, posteriormente, no poço pútrido. Os portões não podiam esperar. A madeira podre nunca iria suportar um assalto, e agora que eles pareciam ter ganhado uma trégua do tempo, ele planejava consertar as portas imediatamente. Ainda mais agora que eles estavam com um homem a menos para defender o castelo e sem ferreiro ou armeiro.

Jaime ordenou outra fogueira, e naquela noite o castelo inteiro reuniu-se na muralha para ver Afric ir finalmente para o outro mundo. Jaime não acreditava em céu ou inferno, mas não importava o que ele acreditava. Era seu dever fornecer para seu povo, este lado da morte e Deus do outro.

Depois do funeral, Jaime estava cansado e pronto para cair na cama. Ele não mais manteria sua aposta com Lael e ele nem esperava que ela se lembrasse dela depois de um dia tão angustiante, mas o que ele encontrou ao abrir a porta deu-lhe um segundo fôlego.

NÃO IMPORTAVA como Lael visualizava a aposta, ela tinha perdido, apesar das probabilidades contra ele. Ela não esperava que ele fosse tão bom quanto ela.

Ele não era uma calamidade.

O pensamento passou por sua cabeça enquanto ela se colocava dentro da banheira. Na verdade, ela poderia ter escolhido muito pior, mesmo entre seus parentes: Willie, cujas bolas ficavam penduradas tão baixo que apareciam para fora do seu *breacan*, ou Brude, o desgraçado banguela — ambos já tinham pedido a mão dela em casamento para seu irmão. Lael não tinha levado o pedido em consideração, nem o irmão dela tinha. Mas ela pensou que seu destino era permanecer solteira para o resto de sua vida, tendo em conta as duas escolhas que ela tinha.

Ele podia ser qualquer coisa, mas o marido dela não era um ogro.

Talvez ela não pudesse dar-lhe o coração dela, mas dar seu corpo não seria nenhum fardo. Simplesmente saber que ele a queria a afetava em maneiras que ela nunca teria imaginado sentir. E agora... O pensamento dele tocando-lhe fez com que os seios dela queimassem e levou um calor diferente para as suas partes íntimas.

Engolindo com dificuldade, ela passou seus dedos por toda a sua barriga, maravilhando-se com estas novas e estranhas sensações, e ela se perguntou como ela tinha atingido esta idade sem experimentar uma dor tão deliciosa.

Seus dedos se enrolaram em seus pelos na sua área íntima, puxando-os suavemente quando a porta se abriu. Assustada pela intromissão, ela quase escorregou na banheira.

Mas lá estava ela, na banheira pelada e totalmente sem vergonha.

Jaime ficou com a respiração presa na sua garganta.

Alta e esbelta, seu corpo era gracioso e com os músculos do tamanho certo, nos lugares certos. A barriga dela era achatada e bem definida, e sua pele era dourada em todos os lugares do seu corpo, menos onde ela usava sua armadura: lá a pele permanecia branca leitosa. Seus mamilos eram escuros contra aquela pele impecável e estavam enrugados por causa do ar fresco da noite.

Ela estava excitada?

Seu corpo respondeu rapidamente, o pau dele subindo por causa dela.

Quando finalmente o olhar dele subiu para o rosto dela, ele encontrou seus olhos com medo... pela primeira vez desde que ele a tinha conhecido. Eles estavam mais verdes do que nunca, e brilhavam a luz da lareira, como gemas preciosas.

"Eu pensei que talvez você gostasse de tomar um banho," ela revelou, e ele percebeu que a porta do quarto estava aberta. Ele a fechou, feliz por ver que ninguém tinha seguido ele pelas escadas.

Pelo menos por agora, ela era somente para os olhos dele.

Ainda assim, por mais que ele tentasse, não conseguia encontrar voz para falar. Ele queria tranqüilizá-la e dizer para ela que se ela estava se oferecendo simplesmente porque pensava que devia, não precisa fazê-lo, mas as palavras ficaram presas, como se estivessem coladas na sua garganta.

Longos minutos se passaram sem uma palavra falada.

O fogo no braseiro tagarelava juntamente como os pensamentos de Lael, mas a sala permanecia tão silenciosa que ela podia ouvir o andar de um rato.

Nesses segundos ela se sentiu mais vulnerável do que nunca na vida dela, e não era um sentimento muito bom. Ela esperou ansiosamente para ver o que diria seu marido, mas ele apenas ficou parado lá, com uma carranca escura no seu rosto.

Ele podia não ter gostado do que tinha visto, ela pensou e seu coração quase parou de bater. "Não foi isto o que você pediu? Eu não te agrado?"

Ele arqueou uma sobrancelha. "Desde quando você se importa com o que me agrada?"

Lael deu de ombros, incapaz de responder a essa pergunta e não inteiramente certa que ela queria agora agradá-lo. Mas eles tinham feito um acordo, e ela mal podia manter sua palavra, se ele não fizesse a parte dele.

O quarto estava quente — ela tinha acendido o braseiro para aquecê-lo — mas o ar da noite fazia cócegas no peito dela e ela começou a massageá-los. A reação dele foi imediata e inconfundível. Mesmo de onde ela estava ela viu as pupilas dele dilatarem e sua respiração falhar. Ele estremeceu suavemente e fechou os olhos por um breve instante.

O que ele tinha dito? Que ela deveria seduzi-lo?

Será que ela poderia?

Lael não sabia o que precisamente isso implicava, mas ela entendia pelo olhar no rosto do marido que ele estava muito mais afetado por ela do que ele poderia confessar. Esse fato a encorajou.

Ela deixou suas mãos caírem ao seu lado e lhe deu um pequeno sorriso e, em seguida, saiu da banheira.

Um vapor rosa saía do banho... e de sua carne se reunindo ao ar fresco da noite. Jaime congelou onde ele estava.

Ela levantou uma mão, acenando-lhe. "Foi um longo dia, *marido*," ela falou suavemente e esta pequena palavra — marido —

parecia um sussurro nos seus ouvidos. Mesmo assim ele se recusou a se mover, pois não queria ter um tesouro desses hoje só para perdê-lo no dia seguinte.

"Lael... se você se entregar a mim agora, eu nunca vou poder deixar você ir embora," ele avisou, a garganta rouca de desejo.

Seus olhos verdes brilhavam pela luz de uma dúzia de velas. "A palavra de um homem é tudo o que ele é," ela lembrou a ele, lançando seu próprio credo na cara dele. E era verdade. Ele sentiu um suor frio sobre sua fronte quando ela veio na direção dele, deslizando-se como um espírito do vento. "Se eu mantiver a minha palavra, você deverá manter a sua. Venha e me deixe te lavar..."

"Você vai se arrepender deste dia," ele sussurrou e ordenou que os seus pés se movessem. Que se danasse se ela se importava o que aconteceria amanhã. Neste momento ela era seu desejo — uma sedução dos seus sonhos mais profundos.

Ele pegou a mão dela, permitindo-lhe levá-lo para o banho e depois ficou diante dela enquanto ela tirava sua túnica, submetendo-se à sua vontade.

Tudo o que ela queria fazer com ele, ele permitiria.

Segurando a respiração enquanto despia seu marido, Lael revelou todo o corpo dele para seus olhos famintos. Amanhã seria outro dia, ela pensou, mas esta noite — neste momento — ela sabia bem no fundo que ela não era compelida a fazer tudo sozinha.

Ou melhor... ela queria isso também.

Ela queria conhecer este homem como uma mulher conhecia um amante.

Ele não vacilou em sua aposta, simplesmente porque ela tinha nascido mulher. E mais ainda, ela tinha visto o orgulho em seus olhos de prata quando ela o tinha desafiado — bem como sua aprovação quando ela acertou seu alvo tão habilmente. Seus olhos

de aço escondiam muito pouco, e ele parecia não querer tentar esconder. Não havia nenhum mistério para ele e esse era provavelmente o motivo porque Luc sabia quando podia pressioná-lo e quando não podia.

Lael estava aprendendo também.

Sob o olhar dele, ela se sentia como uma deusa de um passado distante, uma linda noiva fada, cuja tentação ia além da resistência. Isso era como ele a fazia se sentir.

"Lael," ele sussurrou quando ela esticou sua mão em direção a ele, e o coração dela bateu mais forte. O sentimento de poder desenfreado que ela sentiu lhe deu um prazer maior do que simplesmente empunhar uma espada. Os músculos em seus braços estavam flexionados, mas ele não se moveu para impedi-la e ela rapidamente apertou sua mão, caindo de joelhos e maravilhando-se sobre as sensações que passavam através de seu próprio corpo — sua excitação levantou os cabelos da nuca dela — uma brisa fresca acariciava-lhe entre as pernas.

Ele não se fazia de cúmplice dela, simplesmente ficou ali apertando e desapertando os punhos, encarando o alto de sua cabeça, e com um puxão final, ela puxou para baixo sua calça e engasgou-se no que foi revelado a ela — uma espada diferente de qualquer outra que ela já tinha visto.

O olhar dela levantou-se para encontrar o sorriso dele que tinha pulado de seus próprios lábios... um sorriso perverso que fez sua carne doer e seus mamilos queimarem.

Ela se levantou, sem medo e levou-o para o banho, persuadindo-o a sentar-se para que ela pudesse lavá-lo da cabeça aos pés, surpreendendo-se com a sua ousadia.

Jaime não se enganava com virgens simplórias, nem ele se achava preparado para satisfazer suas necessidades. Nem ele

apreciava o pensamento de pagar favores. Assim, fazia muito tempo desde que ele tinha estado com uma mulher. Depois de tanto tempo, ele sentiu certo alívio no conhecimento de que sua esposa não era nem inocente, nem puta. Ela era uma moça forte que sabia que sua mente e sua coragem era metade seu fascínio.

Ela forçou a cabeça dele para trás e ele permitiu, e sentiu prazer nas recompensas da sua aposta. Mas enquanto os dedos dela se afundavam na água para pegar o sabão, e ela começou a lavar sua coxa, movendo-se mais alto, ele se sentiu compelido a avisá-la. Sua voz parecia estranha para os seus próprios ouvidos. "Não tente me provocar, Lael. Se você quiser terminar nosso acordo, melhor você fazê-lo agora..."

Ele encontrou o olhar dela e por um instante, o tempo parou. Seus olhos verdes eram como pedras preciosas brilhantes, cheias de segredos. "Eu não deixo de pagar as *minhas dívidas*," ela sussurrou e então sorriu, e Jaime ficou perdido de vez...

Como com a confiança que ela segurava suas lâminas, os dedos dela buscaram e prenderam seu pau endurecido, envolvendo docemente sua carne inchada e ele saiu do banho como uma besta dormente, atirando água por todo o chão.

"Eu te avisei," ele disse para ela quando ele a levantou de repente em seus braços para levá-la para a cama. Ao inferno com banhos e carícias provocantes!

Ele queria mais.

Saboreando a sensação da mulher em seus braços, ele a levou para a cama, e quando ela não protestou, ele caiu em cima dela como uma besta voraz, beijando e lambendo sua carne molhada, onde quer que ele pudesse atingir. Ele beijou seus lábios, suas mãos acariciando-lhe do peito à barriga.

Para seu imenso prazer, ela respondeu a seus beijos com doces murmúrios que fez com que seu sangue fervesse em suas veias.

Lael não podia mais impedi-lo, não podia mais fazê-lo parar. Cada toque de sua boca era como uma chama em sua carne febril. Ela ficou lá, desfrutando de todas as sensações que ele despertava nela. E enquanto seu marido se deleitava em cima de seu corpo, ela decidiu que não importava o que mais podia acontecer... esta tinha sido a aposta mais agradável que ela já tinha perdido. Com um suspiro de prazer, ela desfraldou seu corpo para seus beijos, submetendo-se à sua vontade.

CAPÍTULO 24



Uma luz suave se infiltrava através do vidro da janela em estilo romano, lançando um lindo arco-íris de luz em cima do muro. Mas a manhã veio muito rápida para o gosto de Jaime. Duas vezes ele soltou sua semente dentro do ventre de Lael, orando a Deus por uma criança — uma garota tão bela quanto à mãe, e com um espírito tão ousado como a loba que estava na cama com ele. Ele pensou que com certeza ele devia ter marcas nas costas por causa do fervor do amor de Lael, e este pensamento o fez sorrir, porque afinal ele estava certo sobre ela. Ele duvidava que havia alguma coisa que a mulher que estava na cama dele não pudesse fazer para ele.

Jaime gostava da coragem dela.

Lael se agitou ao lado dele e ele abraçou sua cintura, trazendo-a para mais perto dele, querendo sugar seu peito mais uma vez, ainda bêbado de desejo. Os lábios dele encontraram sua protuberância com rapidez, e ele colocou sua boca preguiçosamente sobre sua preciosidade, amando-a com sua língua e seus lábios, apreciando a forma de sua carne doce e enrugada contra sua língua.

Ele sentiu que ela tinha aberto os olhos.

"Outra vez?" ela perguntou grogue de sono. Mas não era uma queixa. O som de sua voz era como o de uma amante totalmente saciada, apesar do fato de Jaime suspeitar que ela não tivesse tido o prazer que ele sabia que podia dar a ela. Por muito tempo ele ficou sem uma mulher e ele tinha sido muito precipitado para gozar — particularmente quando ela encontrou sua luxúria na mesma medida.

Ele sorriu. "Se puder manter sua parte do acordo, vou aproveitar todas as oportunidades para que você me dê um filho," ele lhe disse com sinceridade.

Ela riu baixinho e ele se enrolou no corpo dela, pronto para beijar sua boca... e de repente congelou, quando viu sangue sobre o lençol. Assustado com a visão, ele ficou calado por um instante.

"Você era virgem?"

Ela respondeu a questão com naturalidade. "Eu sou."

"Não. Você *era*," ele esclareceu. "Inferno!" Ele se levantou da cama, desgostoso com a perspectiva, quando ele deveria estar exultante. Acima de tudo o seu pensamento era que ele tinha feito amor com ela tão facilmente. Ela não tinha nem gritado quando ele tinha violado sua virgindade. Ela tinha ficado molhada, a luz estava baixa e ele não tinha nem pensado em procurar o porquê depois que David por diversas vezes alegou que seu povo amava tão livremente — uma perspectiva que não o tinha emocionado, mas também não tinha lhe incomodado — não tanto quanto ver agora que não era verdade.

Ela era uma virgem!

"Sua mãe nunca lhe ensinou sobre os homens?"

O sorriso dela se transformou em uma carranca e suas adoráveis sobrancelhas colidiram. "Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos."

E sua irmã mais velha?"

Ela se sentou na cama. "*Eu sou* a irmã mais velha".

"Inferno!" ele disse de novo e foi atrás de sua túnica que estava ao lado da banheira. "Por que você me seduziu?"

Ela parecia genuinamente confusa. "Porque você fez uma aposta comigo."

Por um momento, Jaime ficou frustrado com a sua resposta, principalmente porque era verdade. No entanto, se ele soubesse, ele teria tomado muito mais cuidado. Ele teria tomado o cuidado em ter a certeza de que ela teria gostado da sua primeira noite.

Ela era virgem, maldito pau ansioso!

Ele encolheu os ombros e colocou suas calças às pressas e então se virou para enfrentar sua esposa. Ela parecia completamente e belamente confusa. O cabelo dela da cor do ébano caía lindamente por seus ombros nus e ela sentou-se diante dele, completamente sem vergonha da sua nudez. Apenas há alguns minutos atrás, ele tinha o sabor de sua carne em seus lábios, quente e doce e esta lembrança fez seu pau endurecer como uma rocha. Era de se admirar que ele achasse que ela era casta? Ela não se comportou como uma virgem devia se comportar.

E AINDA ASSIM ELA era virgem, e ela merecia muito mais do que ele lhe tinha dado. Ele saiu do quarto com a intenção de encontrar alguma maneira de fazer a coisa certa.

Lael coçou sua cabeça quando a porta se fechou atrás de seu marido.

Ela não entendeu o que tinha acontecido. Ele pareceu, zangado e desanimado, mas ela não podia determinar precisamente por que.

Ela olhou a mancha de sangue em cima da cama e pensou que com certeza não podia ser *isso*. Ele certamente não podia ser sensível sobre a visão de sangue? Isso simplesmente não era possível — não o demônio do Açougueiro.

Mas então... Ela já não conseguia pensar nele dessa forma. Ele tinha sido gentil com ela na noite passada, amando-a completamente, e ele tinha acordado com um sorriso de bêbado na cara dele que fez o coração dela quase saltar da garganta dela.

Ela se levantou da cama e mal teve tempo de se vestir, quando uma batida soou na porta.

Era Luc. Suas bochechas estavam rosa e Lael não conseguia determinar o motivo. Ela imaginou que ele estava mortificado por alguma coisa, mas nada com relação à vida dela. "Essa luz fraca," ela reclamou. "Você não pode esperar para começar a bisbilhotar?"

"Meu *laird* Jaime enviou-me aqui para escrever uma carta para o seu irmão," ele disse, ignorando sua pergunta, e Lael ficou ainda mais confusa. *Não* foi esta a aposta entre eles. Era o que ele tinha prometido dar-lhe se *ela* ganhasse, mas ela tinha *perdido*. E ele queria dar a ela assim mesmo? Pela pedra maldita, ela sabia como escrever uma carta por conta própria, mas ele claramente não esperava que ela soubesse. Ela supôs que ele devia achá-la uma idiota, e mesmo assim ela pensou que não poderia ficar de mau humor com esse fato.

Abrindo a porta para deixar o rapaz de cara cor de rosa entrar, ela disse, "Venha, menino bobo, mas então cale a boca e escreva somente o que eu mandar."

Ele assentiu obedientemente e entrou enquanto Lael fechava a porta atrás dele.

Vestido com pouca roupa para o clima, Jaime deixou a torre e se dirigiu para a muralha, caminhando para a pequena capela que

abrigava a entrada de suas prisões.

O vento batia em seu rosto, e ele sentiu como se a própria mão de Deus fosse algemá-lo pela ofensa à sua noiva.

Ela podia ser muitas coisas, mas Lael era virgem.

Ela se deu voluntariamente a ele em troca da vida e da liberdade de Broc Ceannfhionn. O peso deste conhecimento era como uma corda no seu pescoço. O enchia tanto de esperança quanto de medo, porque se ela já tivesse dado seu coração para Broc então Jaime estava condenado a viver na sombra de outro homem. Mas ele não podia acreditar que ela tinha dado, porque nenhuma mulher poderia tê-lo amado como ela tinha se, na verdade, ela ansiava por outro homem. Por Deus, se o que ele suspeitava fosse verdade, ele jurava adorar o chão sobre o qual ela pisava, porque uma mulher como Lael aparecia apenas uma vez na vida de um homem.

Eu preciso saber.

Ele entrou na capela e caminhou pela nave. Construída na forma de uma cruz, o interior tinha visto dias muito melhores. Se alguma vez tinha havido qualquer banco, agora eles tinham ido embora, provavelmente usados como lenha durante um inverno frio e amargo. Não lhe pareceu que os MacLaren tinham sido excessivamente piedosos. Na verdade, era perfeitamente possível que a igreja tivesse sido construída para esconder o portal, que ficava aninhado habilmente na perpendicular à estrutura principal, meio escondido por uma tapeçaria desgastada que agora estava em frangalhos, sobre o chão.

Era isso, ou o portal tinha sido construído pelo inquilino anterior... o *laird* MacEanraig, cujo único filho vivo agora estava sentado na cadeia de Jaime.

Ele encontrou o gigante loiro corpulento envolvido na manta de pele que ele tinha dado a Lael. "Esse frio é suficiente para congelar

o mingau de uma bruxa," observou Jaime.

"Sim, mas pelo menos as paredes não estão chorando mais," Broc respondeu.

Jaime avaliou o escocês, olhando para a sua aparência e o estado lastimável da cela onde ele estava. Ele planejava remediar isso. Inimigo ou não, nenhum homem precisava ser torturado. Ele acreditava muito mais em tirar sua cabeça, se ele estivesse inclinado, mas ele não estava. Ele mandou os guardas saírem, e em seguida falou:

"Vou te perguntar só mais uma vez," Jaime suplicou. "O que você é da Lael?"

"Você está acordado?"

Cameron MacKinnon ficou ereto na cama com a visão dos olhos verdes brilhantes de Cailin, espreitando-o da porta. Ele olhou nervosamente para ver se tinha alguém atrás dela. "Onde está o seu *bhràthair*?" ele perguntou rapidamente.

Entrando no quarto como um teimoso raio de sol da manhã, ela carregava uma cuba de água nas mãos dela. Cameron tentou em vão pentear seu cabelo com três dedos, mas eles se emaranhavam no meio de seus cachos pegajosos.

"Não se preocupe," ela respondeu. "Meu irmão está ocupado com a sua filha. Ele não vai nos perturbar esta manhã." Ela sorriu. "Eu vim para te dar um banho," ela revelou.

Calor explodiu nas bochechas de Cameron. "Ah, não!" ele protestou, mas seu corpo reagindo contra a sua vontade.

Droga, ele não queria ser morto logo depois de ter regressado da beira do abismo. Ele teve uma visão súbita de Aidan *dún* Scoti entrando no quarto enquanto o pau dele estava nas mãos da linda jovem. Ele quase desmaiou sobre esta visão — embora ele não

soubesse o que era responsável pelo seu coração bater tão dolorosamente.

O objeto de sua afeição sorriu docemente e seu coração bateu ainda mais forte. "Você não deveria estar aqui, verdade?" ele se preocupou.

Ela franziu o nariz enquanto pensou que ele era maluco. "Você tem mais sangue na cabeça do que em suas veias." Ela lhe deu um olhar reprovador. "Parece-me que você não quer ficar limpo?"

"Só a minha cabeça?" ele perguntou e em seguida corou ainda mais ferozmente, esperando que a jovem não percebesse que ele tinha mais do que uma — uma em cima dos ombros, e uma embaixo que teimosamente estava dura neste instante. Ele misturou as cobertas para esconder tudo abaixo da sua cintura e em seguida a mandou voltar até a porta para ter a certeza de que ela estava bem aberta, *se caso* seu irmão resolvesse aparecer.

"Suas feridas também devem ser limpas," ela disse com um sorriso gentil quando ela colocou a cuba em cima da mesa de cabeceira. Então ela fez como ele tinha pedido, voltou para a porta para abri-la ainda mais, ao mesmo tempo lançando olhares para Cameron.

O coração de Cameron começou a dançar quando ela se virou mais uma vez, voltando até a cama, e a emoção o deixou tonto. Ela fez uma pausa e por um instante, apenas ficou olhando para ele, e Cameron forçou seus pensamentos em outra veia. "Peço desculpa pela sua irmã," ele disse nervosamente. "Ela é uma moça corajosa."

Cailin assentiu com a cabeça, o olhar dela caindo para os seus pés, parecendo de repente perturbada, e tudo o que Cameron podia pensar era que ele tinha conseguido frustrar seu sorriso doce e meigo — que idiota ele era!

"Se eu conheço Lael," ele acrescentou, para o bem dela, "ela vai colocar todos eles a sete palmos na terra mais cedo do que eles possam colocá-la. Ela é feroz."

"Sim," foi tudo o que Cailin disse.

Una olhou para Cailin com um olhar grave, e com um pouco de desaprovação e virou o olho bom para Cameron, encolhendo seu pau com apenas um simples olhar. "Humph!" ela disse. "Se houvesse menos neve no chão, eu colocaria seu rabo do lado de fora da porta simplesmente por causa dos seus pensamentos." E para Cailin ela acrescentou. "Vá embora, criança. Eu posso cuidar muito bem de tudo sem você."

Cameron segurou a língua, embora ele não concordasse com o que Una tinha falado para Cailin. Não havia nada infantil sobre a garota que tinha começado a ocupar todos os pensamentos dele. Mas, na verdade, ele queria que ela saísse porque ele se sentia estranhamente tímido na presença dela.

"Eu quero ficar," Cailin afirmou.

A velha abanou a cabeça. "Não, você não vai ficar ou eu vou contar para o Aidan. Me desobedeça e veja o que eu faço! "

"Ah!" a garota protestou e girou de onde estava. "Você acha que eu nunca vi um homem antes," ela disse para a velha, e em seguida para alívio de Cameron ela saiu porta afora, mas não antes de dar um último olhar para trás.

A pele dele se arrepiou sobre a carícia imaginária.

Assim que ela saiu, a mulher caminhou até a porta e a fechou, encurralando-o sozinho no quarto. As paredes pareciam estar encolhendo de repente sobre ele. Ela voltou-se para a cuba, enfiou uma mão velha enrugada na água e pegou uma esponja, advertindo-o, "a maneira que você está agindo rapaz, vai fazer com

que você não chegue em casa vivo, muito menos ganhe uma bela esposa."

Espiando por cima da porta fechada, Cameron sentiu uma súbita esperança, apesar do fato de que ele realmente não tinha considerado arranjar uma *esposa tão atraente*.

Mas agora a semente tinha sido plantada...

Una arrancou seu cobertor, descobrindo-lhe para seus olhos velhos sagazes, no entanto, ele se sentiu não menos exposto do que após sua admoestação — embora ela de alguma forma conhecesse seus pensamentos privados.

Ele tinha visto Cailin duas vezes — a primeira vez quando ele e Broc chegaram a Dubhtolargg para falar com o *dún* Scoti, e depois novamente quando eles retornaram para implorar o auxílio do irmão dela. Ambas às vezes ele sentiu uma ligação com Cailin e Cailin certamente parecia gostar dele também. Ele agora tinha vinte e dois anos e estava mais do que pronto para ter uma noiva, mas nenhuma das jovens que ele conhecia em sua cidade o atraía. Nem ele sentia qualquer sentimento de admiração por qualquer uma delas... como ele sentia por Cailin.

Ele pensava nela e seu pau endurecia. Una lançou um olhar fechado para ele. No entanto, Cameron estranhamente se sentia à vontade com a velha, mesmo com sua aparência antiga e um olho faltando. "Então... como eu devo agir sobre isso?" ele perguntou curiosamente, e ela respondeu com um sorriso astuto.

"Em primeiro lugar," ela disse. "Você precisará conquistar seu teimoso irmão. E isto, meu rapaz, é como você vai fazê-lo..."

CAPÍTULO 25



Sentado no chão da pequena sala adjacente ao seu quarto, Lael estava na companhia de Mairi, Ailis e Kenna, vasculhando o que restava no baú de Aveline.

Com a ajuda de suas damas, ela planejava ajustar todos os vestidos de Aveline. E desde que a pobre jovem não tinha mais nenhum uso para qualquer um dos seus pertences, ela pegou alguns para si mesma e deu alguns outros para Mairi, Ailis e Kenna.

Tão distraída como Kenna parecia estar, ela mal deu um sorriso ao receber o presente, mas Ailis e Mairi ficaram fora de si de tanta alegria. Elas disseram que nenhuma das duas tinha um vestido apropriado. E por falar nisso, nem Lael tinha, mas ela se sentiu muito menos desprovida de roupas do que qualquer uma de suas damas. Na verdade ela não tinha nenhuma idéia porque ela não gostava um pouquinho de cada roupa, mas em algum lugar do seu cérebro, era importante para ela que ela começasse a se comportar como a senhora da fortaleza.

E só para agradar, ela deu para cada uma delas uma bugiganga ou duas porque a principio ela não queria parecer gananciosa com posses que não pertenciam a ela, e ela também não entendia o propósito de alguns objetos que ela encontrou no baú de Aveline.

Por exemplo, em meio a seus pertences, Lael encontrou um esquisito e pequeno objeto de cobre, cheio de pequenos braços. Ela segurou-o, para examiná-lo.

"Eu vi isso uma vez," disse Mairi. Esticou a mão para ajustar o objeto, puxando-o para baixo e estendeu para Lael o pequeno dispositivo. "Este é para limpar a cera do ouvido."

Lael franziu a testa, virando o dispositivo e procurando inspecioná-lo. Ela tinha jeito para essas coisas, mas ela não tinha abundância de cera nos ouvidos. Nunca tinha ocorrido a ela que alguém mais pudesse ter.

"Este aqui é para limpar a sujeira de sob as unhas," Mairi adicionou, estendendo outro braço.

Lael olhou para baixo para suas unhas curtas. Havia pouco espaço para sujeira debaixo delas, muito menos uma agulha de cobre. Ela fez uma careta e descartou a ferramenta no chão.

"Esta parte," Mairi disse, levantando-a e recolhendo os dois braços. "É para a remoção de pêlos do queixo." E então ela começou a se beliscar no queixo com o estranho dispositivo. Lael olhou mais de perto o queixo de Mairi, olhando para ver se entendia o que a mulher estava falando e encontrou alguns pelos pretos minúsculos que ela não tinha observado anteriormente. Ela passou uma mão sobre o seu próprio queixo e se olhou no espelho de Aveline, que ela havia abandonado sobre o peitoril. Claramente, havia muito que ela não sabia sobre como ser uma dama, e pareceu-lhe uma quantidade enorme de trabalho.

Ailis disse para Mairi, "Ouvi dizer que para remover o pelo permanentemente, é melhor misturar ovos de formigas, *orpiment* ⁽³¹⁾, hera e *vin aigre*."

"Vinho azedo"? Mairi perguntou. "Bêbados cabeludos." E ela riu. Kenna fez uma careta de nojo. "Quem faria uma coisa dessas?"

Ailis assentiu com a cabeça para o grupo, o objeto em sua mão. "A própria lady Aveline. Ela poderia esfregar vigorosamente qualquer coisa em qualquer lugar, sem se importar com qualquer pessoa..." Um ligeiro rubor subiu por suas bochechas. "*Em outro lugar.*"

"Onde?" Kenna perguntou.

Lael fez uma careta. "*Lá?*"

Ailis assentiu com a cabeça mais uma vez.

"Somente uma maldita *Sassenach!*" Mairi jurou.

"Vocês devem tê-la conhecido muito bem," Kenna sugeriu com uma pitada de sorriso.

Todas as três se viraram para Kenna, espiando suas covinhas e percebendo o que ela quis dizer. As quatro explodiram numa gargalhada. E assim que as risadas diminuíram, Mairi ousou perguntar para Lael, "como foi sua primeira noite?"

O olhar de Lael caiu para o objeto e lá permaneceu. "Bem," ela disse, suas bochechas queimando seu rosto. Ela nunca tinha sido particularmente tímida; então, por que agora? Na verdade, tinha sido mais do que bem, mas havia alguns assuntos que a confundiam. Mesmo assim ela ainda não estava preparada para compartilhar com ninguém, nem mesmo com suas novas amigas.

"Bem, na verdade," Ailis disse com um sorriso. "Garanto que você vai conseguir domar o Açougueiro." E então ela deu uma cotovelada em Kenna. "Melhor você começar a usar sua astúcia, enquanto você ainda tem chance, moça, para que não você não se torne em uma mulher velha sem cama."

Kenna encolheu os ombros. Ela lançou um olhar tímido para Lael. "Eu tenho uma cama," a jovem insistiu, então retornou para seus pensamentos, a julgar pela expressão sisuda em seu rosto.

Lael também de repente estava atormentada.

Compartilhando histórias, elas trabalharam as quatro juntas a maior parte do dia, dentro da casa agora que a neve tinha recomeçado. Elas podiam ouvir o vento chicoteando e os lamentos do vento do lado de fora e Lael, se perguntou, não pela primeira vez, onde as três empregadas deitavam sua cabeça à noite.

Ela olhou para Kenna, com uma expressão carrancuda e pensou onde a jovem mantinha sua cama. Ela tinha descoberto o suficiente para saber que tanto Mairi quanto Ailis compartilhavam as suas com vários amantes, mas Kenna sempre ficava calada durante essas conversas. Talvez Lael devesse oferecer o uso deste quarto onde elas estavam agora, mas primeiro era melhor solicitar a seu marido, desde que, na verdade, esta não era a casa dela — não por muito tempo.

Apesar de ontem à noite, a casa dela estava no Mounth, com seus parentes — ou seja, se o irmão dela a recebesse de volta.

Ela pensou em Cailin e Keane e o sorriso saiu do seu rosto. Ela pensou em Sorcha e seu coração quase explodiu de saudade. Ela pensou em Aidan e seu rosto ficou tão fechado quanto o de Kenna.

No entanto, no meio da tarde, elas já tinham visto tudo o que estava na arca cheia de vestidos. Mairi pediu para ela experimentar um. Lael escolheu um vestido de lã verde e colocou-o para ver se cabia. Com imenso alívio, ela viu que sim. Com uma renda que passeava pelo chão, ela ficou satisfeita e olhou para cima com um sorriso.

"Você está encantadora," Ailis declarou, batendo palmas com suas mãos.

"Sim," disse Kenna, acenando, e Lael ficou radiante — não por causa do vestido, mas por causa de suas novas amigas. Ela não se lembrava de uma vez em sua vida quando ela se permitiu ser tão livre com outras mulheres. Ela tinha passado quase toda a sua vida

preocupada com o bem-estar de sua família que era sua responsabilidade. Como resultado, ela tinha sido muito mais mãe dos seus irmãos do que ela tinha percebido, mantendo-se totalmente esquecida dela mesmo. O irmão dela tinha sido sempre seu melhor amigo e ele sozinho preencheu o vazio de sua mãe e de seu pai. Isso provavelmente foi parte da razão por que ela tinha ficado tão relutante em abraçar a bela esposa de Aidan — simplesmente porque ela tinha acreditado que ela era uma ameaça. Na verdade, ela estava com ciúmes de Lili por um tempo, até que ela viu como Lili e seu irmão eram felizes.

Lael tinha aprendido muito desde então, e não importava o que podia acontecer desta vez em Keppenach, ela estava começando a se conhecer de uma forma que ela não se conhecia antes. Havia mais vida do que facas e preocupação e preparação para uma guerra.

Há muito mais para se viver do que para se vingar.

Ela tentou se imaginar em casa e tentou pensar com quem ela poderia dividir sua cama, e todas às vezes o rosto do marido teimosamente aparecia diante dela.

Então, ela pensou em Broc Ceannfhionn lá em baixo na cela fria, molhada e ela lembrou-se que ela devia a ele uma chance de ficar longe deste lugar. Ela temia que ele não fosse durar o inverno se ficasse lá em baixo... Ela também sabia que seu marido tinha dito a verdade: Jaime nunca iria liberá-lo, a menos que ela gerasse um filho para ele, e isso era algo que Lael não podia fazer se ela planejava ir embora. E aí morava o dilema: ela já estava percebendo que seu marido não era um flagelo que uma vez ela tinha acreditado que fosse, mas ele era, por mais que ele alegasse o contrário, um inglês do pé a cabeça. Ele e David eram dois bonecos da coroa

inglesa. O irmão dela nunca a perdoaria se ela perdesse seu coração para um inimigo dos seus parentes.

Era uma coisa ela fazer a sua parte aqui, mas era outra ela amar um homem que não podia ser fiel ao seu sangue.

Sangue e família são tudo o que importa.

Mas... Ela agora se esforçava para pensar em Jaime como o Açougueiro e já nem sequer podia invocar o epíteto de seus lábios. Talvez em parte por causa de ontem à noite, ele era meramente Jaime agora... e ela temia que quanto mais tempo ela permanecesse em Keppenach, seria mais difícil manter o marido fora do único lugar onde ele nunca poderia ter entrado... *no coração dela.*

Pouco a pouco, Lael distribuiu todos os pertences mais valiosos com as pessoas do castelo, adornando as paredes do quarto ao lado do quarto do *laird*, mas não importava o que ela fazia o vento gemia como o *bean sìth* ao longo dos corredores. Ela preencheu os locais vazios com tochas, prometendo-se a ensinar as mulheres como fazer velas melhores na primavera.

Vestida com o mesmo vestido verde que ela tinha vestido esta manhã, ela se envolveu em sua capa de pele e desceu as escadas. Aparentemente, Jaime estava preocupado, pois ela não o tinha visto vez desde que ele tinha deixado a cama esta manhã.

Na parte de baixo, no grande salão, ela encontrou tochas em chamas em cada candelabro. Homens empurravam suas cadeiras, embora a maioria já estivesse sentada, para não perder a refeição da noite. Um músico estava sentado em um canto. A música que ele tocava era suave e melodiosa, e Lael quase podia acreditar que isto não era uma fortaleza que ficava na parte norte do domínio de David. Parecia muito com Dubhtolargg no auge do inverno, confortavelmente aninhada contra o peito de *Cailleach*.

Já sentado na mesa do *laird*, os olhos do marido seguiram-na descendo as escadas, mas tudo isso era uma farsa, ela se lembrou. A verdade era bem menos esperançosa — uma noção de que o destino parecia conspirar contra ela a cada momento, e quando ela se sentou no banco ao lado do marido, ela viu o que estava no prato dela. A princípio, ela pensou que talvez ela tivesse escolhido o lugar errado e ela se levantou para sair, apenas para ver a mão do marido sobre o braço dela, implorando-lhe para ficar.

Lael olhou para ele, piscando de surpresa.

"Meu presente de noivado para você... era da minha mãe," ele revelou.

Atordoada, Lael sentou-se novamente e virou para examinar o bellissimo punhal. Nem de perto era tão delicado como os que ela tinha usado antes, ele tinha três corações entrelaçadas e no centro dos corações um *thistle* ⁽³²⁾ florescendo. O artesanato era intrincado e carinhosamente detalhado. Mas mesmo deslumbrante como era, a lâmina estava finamente afiada. Nas mãos certas, podia abrir a garganta de um homem ou cortar a cabeça dele.

O coração dela se apertou um pouco. "Para mim?"

O marido assentiu com a cabeça e foi muito mais o que ele não disse que roubou um pedacinho do seu coração, porque ele demonstrava confiança... uma confiança que ele nunca deveria dar a ela, porque ela ainda não a tinha ganhado, nem queria ganhar.

Os dedos de Lael se estenderam para acariciar o punho da lâmina. As gravuras sob as saliências para se colocar os dedos eram como jóias perfeitas. O punho era suavemente curvo, a ponta afiada, mas serrilhada e a borda afiada como qualquer uma de suas lâminas. "Obrigada," ela disse quase se engasgando com gratidão.

Ele se inclinou para sussurrar. "Você me deu um presente perfeito," ele disse. "Esse é o único meio de te agradecer."

Lael encontrou seu olhar, sentindo-se um pouco como uma corça em uma caçada.

Jaime sorriu calorosamente, genuinamente, e seu coração batia com força. "Obrigada," ela disse de novo e realmente quis dizer isso. Em toda a sua vida, ninguém nunca tinha dado a ela um presente tão perfeito. Era muito, muito mais significativo para ela do que qualquer jóia ou vestido bobo.

Cailleach, Cailleach misericordioso... Ela sentiu um pouco como se quisesse chorar — algo que ela nunca tinha feito *nunca*.

"Agrada-me saber que você gostou."

Lael assentiu com a cabeça e lançou seu olhar sobre o pequeno punhal.

Riso soou pelo corredor, e ao contrário da vez anterior, desta vez não parecia como se alguém estivesse rindo às suas custas, parecia mais a cadência do riso em sua casa... uma sensação quente de camaradagem entre pessoas amorosas.

Mas isso não fazia *nenhum* sentido... Essas pessoas eram todas estranhas.

Ela prestou mais atenção e viu algumas pessoas no corredor agora se comportando de uma maneira um pouco mais familiar — os homens de Jaime sentavam-se juntos aos de MacLaren todos conversando uns com os outros. Brincando. Rindo. Roubando pedaços de carne do prato do vizinho.

Mairi, Ailis e Kenna usavam seus vestidos novos, colocando as comidas na mesa com sorrisos renovados que eram muito mais brilhantes do que a lâmina nova de Lael. Em apenas alguns dias o marido dela tinha de alguma forma conseguido isso, transformando a fria e cinza fortaleza num lugar com aparência de uma casa... e muito mais.

Ela temia que ele estivesse minando sua determinação de ir embora.

Neste ritmo, ela podia não ter mais vontade de ir embora.

E então ela sentiu que tinha na mão um pequeno problema, e era bem vindo e indesejável ao mesmo tempo.

Depois de ontem à noite, lhe dava prazer de senti-lo lá. Um calor invadiu suas bochechas nas lembranças da perseguição carnal da noite. Mas era demasiado familiar — um toque suave do amante. Ela o ouviu rir e sua determinação de ir embora ficou mais firme.

Quanto mais cedo, melhor.

"Enviei Kieran para o Mounth," ele disse sobre os ombros dela.

Seu melhor homem.

Ele não precisou dizer o porquê. Ela entendeu que ele tinha enviado Kieran para entregar a mensagem de Lael. Ela levou um pedaço de carne a boca, sentindo a lâmina afiada contra sua língua. Embora ela soubesse que seu irmão ficaria feliz por saber que ela não estava morta, ela não podia olhar para Jaime por medo de que ele conseguisse ler a mente dela.

"Ele não vai conseguir chegar," ela assegurou e queria ter a esperança de que isso fosse verdade, porque se ele conseguisse alcançar Dubhtolargg, ela não queria imaginar o que seu irmão poderia fazer com ele. Ela tinha lhe dado uma mensagem que apenas Aidan poderia decifrar, e ela conhecia seu irmão bem o suficiente para saber que ele iria despertar o próprio *Sluag* para trazê-la de volta para casa.

Havia um sorriso na voz do seu marido. "Garanto-te que, se alguém puder, esta pessoa é Kieran."

Um nó se formou na barriga de Lael, que tinha pouco a ver com a refeição azeda, colocada no seu prato.

"Isso não lhe agrada, Lael?"

Lael olhou para Jaime, encontrando seu olhar. Ela assentiu com a cabeça. "Sim," ela assegurou. "Agrada-me muito." E pela terceira vez em uma única noite, ela se viu agradecendo ao homem que tinha poupado a vida dela.

(31) Orpiment - é um mineral do sulfureto do arsênico de cor laranja-amarelado

(32) Thistle - é a flor nacional da Escócia; são plantas caracterizadas por folhas com espinhos afiados nas margens, em sua maioria pertencentes à família das Asteraceae.

CAPÍTULO 26



Após uma semana se convalescendo, Cameron foi até o salão. Ele fez de tudo para nunca ficar a sós com Cailin, embora seus pensamentos estivessem sempre com ela, dia e noite. Ele encontrava-se obcecado, incapaz de se ver deixando Dubhtolargg sem ela.

Na verdade ele se sentia feliz agora porque ele estava preso aqui por causa do inverno, e ele esperava e rezava para que Aidan *dún* Scoti fosse tão caloroso com ele quanto ele era com a sua noiva escocesa.

Cameron sabia que essas pessoas se colocavam a parte e não tinham amor pelos escoceses ou seu rei, mas ele mesmo era um homem sem lar e nunca verdadeiramente tinha se sentido parte do clã MacKinnon. Sim, o clã MacKinnon era bastante obsequioso. Ele tinha aceitado o clã MacEanraig como seus parentes, mas Cameron sentia distância da parte deles. Agora, parecia que ele nunca mais poderia ver seu primo de novo, e ele se perguntava por que deveria voltar...

A esposa de Broc e seus filhos estavam em *Chreagach Mhor*. Mas eles não eram a família de Cameron, e não havia nada que Cameron

pudesse fazer para ajudá-los quando ele sabia que cada um dos MacKinnon faria de tudo pelos entes queridos de Broc.

Quanto a Broc, ele mal podia acreditar que seu primo não estava vivo. Isso o deixava mais triste do que palavras podiam exprimir. Ele sentia tristeza por Lael — e pela família dela também — mas era de seu primo que ele lamentava acima de tudo, com pesar e um sorriso de tormento que somente Cailin era capaz de expiar. Ela serviu-lhe um gole de *uisge* para afastar o frio, mas seu sorriso bonito o aquecia muito mais.

Seus ferimentos estavam curando rapidamente, embora o coração dele estivesse definhando, porque Broc era a única verdadeira família que ele já tinha conhecido. Eles tinham passado por tantas coisas juntos, e mesmo quando Cameron uma vez pensou em trair o clã, Broc o tinha salvado dele mesmo. Na verdade, ele teria dado sua vida por Broc, e daria agora mesmo, *se ele tivesse a chance*.

Mais uma semana passou, e numa manhã cinzenta e ele não tinha idéia que iria ter a chance de provar seu valor — não somente para Broc, mas para a mulher com quem ele queria se casar.

Contra todas as probabilidades, um mensageiro entrou no vale — um guerreiro de cabelos dourados que parecia um inglês na vestimenta, mas um escocês até o último osso. Ele entrou com a pose de um escocês, vestindo uma túnica estilo inglês e camuflado em uma pele pesada. Sua barba estava congelada e havia neve pendurada nos pêlos do seu nariz. Com os dedos quase congelados, ele entregou uma carta para Aidan e teve permissão para aquecer os dedos na lareira enquanto aguardava sua resposta.

O rosto do chefe dos *dún* Scoti se escureceu numa carranca assustadora. Sua sobrancelha levantou e seus olhos verdes atiraram um olhar sobre o guerreiro corpulento que Cameron tinha vindo a

conhecer como Lachlann. Aidan deu a seu capitão um aceno ameaçador na direção da porta e Lachlann mudou-se para barrar a saída. Outros dois guardas seguiram seu comando, flanqueando-o em ambos os lados.

O salão silenciou-se como uma cripta. Cailin ficou atrás de Cameron, colocando seus dedos delicados em seu ombro agarrando-o tão desesperadamente que Cameron quase soltou um grito de dor.

O estranho pareceu entender o que estava acontecendo sem nenhuma palavra ser dita, mas apesar disso, ele não se moveu de onde estava, e continuou a aquecer suas mãos na lareira.

Aidan foi até onde estava o homem. Ele enrolou o pergaminho e segurou seu punho. "Minha irmã está viva?" ele perguntou diretamente ao homem.

O estrangeiro assentiu com a cabeça.

"E Broc Ceannfhionn?"

"Vivo também."

Cameron se levantou, de onde ele estava sentado na mesa, e tanto o *dún* Scoti quanto o estranho olharam para ele.

Cailin segurou-o pelo cotovelo, puxando-o de volta.

O nível de fúria no olhar do *dún* Scoti devia ter deixado o homem ficar em chamas bem onde ele estava, porque quase incendiou o rosto de Cameron. Aidan virou-se, mais uma vez, para enfrentar o desconhecido. "Isto é verdade? Mesmo?" ele exigiu saber, batendo o pergaminho contra a palma da mão. "Minha irmã foi forçada a se casar e ir para a cama com o demônio do Açougueiro?"

O estranho virou-se mais uma vez para Cameron, depois de volta para Aidan, e disse, "Você pode colocar assim."

Quando ela estava fora de seus aposentos, Lael estava sempre certa de seu caminho. Era somente quando ela ia para seu refúgio na torre que ela se sentia totalmente dilacerada. Aqui, ela era

esposa do seu marido, respondendo imoralmente a cada toque dele, ansiando desesperadamente por seu beijo.

Na sua segunda noite Jaime veio preparado para cortejá-la, depois de dar-lhe de presente a adaga de sua mãe. E apesar dela esperar que ele fosse se aproveitar dela depois que acabasse a refeição, ele não o fez. Ele permitiu que ela continuasse com a faca e ela colocou-a na sua cintura.

Mas naquela noite, depois do jantar, ele veio até o quarto, com outro presente e foi então que ela percebeu como seu coração vencido estava em perigo.

Ele entregou-lhe um pano dobrado com as cores do seu clã agora esquecido, que tinham todas as cores da terra — ricos marrons, pretos e verdes terrosos com segmentos prateados que combinavam com a cor dos seus olhos.

"Nunca pensei em começar de novo," ele confessou enquanto colocava um gole da bebida do barril que David tinha deixado para trás. Então ele contou para ela sobre a queda de Dunloppe, e como o fogo iluminou o céu na hora do crepúsculo por milhas.

Ele abriu seu coração, e Lael ficou sem palavras.

"Encantador," ela disse do pano e colocou-o, ainda dobrado, em cima da cama.

A cena que ele tinha descrito se rivalizava com os horrores da traição feita para seu pai em sua casa — não precisamente a mesma cena, mas seu avô, também, tinha sido traído por aqueles em quem confiava. Agora havia pouco do seu legado, e a terra, ele disse, tinha começado a recuperar seu devido valor. Ele tinha retornado apenas uma vez para encontrar as pedras enegrecidas infestadas com videiras e pouco restava das paredes da fortificação. Depois disso, ele virou as costas para tudo o que deveria ter sido dele através dos

parentes de sua mãe, abraçando uma vida que ele considerava mais digna.

Ele bebeu um momento em silêncio e então acrescentou, "Depois de tudo que foi dito e feito, parece que tranquei meu orgulho na mesma caixa onde eu armazenei a manta da minha família."

Lael acariciou o tecido empoeirado com uma mão trêmula, considerando que a juventude já tinha passado — um jovem deslocado com uma fúria terrível em sua alma.

Ela compartilhou com ele e ela confessou... o desejo irresistível de vingar a família que tinha perdido. Mas Lael tinha o amor dos seus parentes, e se ela lutasse por alguma coisa, era para proteger aqueles a quem ela amava.

"Eu disse a mim mesmo que era o melhor — que meus parentes eram nada mais do que ladrões sem ter lealdade a ninguém, que era melhor eu escolher um lado."

"E então você escolheu a Inglaterra e Henry?"

"Minha lealdade é para David," ele revelou.

Ouvindo-o falar, Lael encarou o xadrez de Dunloppe, se perguntando se havia alguma diferença, afinal de contas.

"Não fique tão triste, Lael. Donnal MacLaren pode ter sido o dispositivo, mas no final, corações inconstantes — o meu incluído — destruíram o meu clã. Suponho que eu deva ter atribuído este traço ignóbil para todos os escoceses. Afinal de contas, fui eu quem pôs aquelas paredes em chama naquela noite."

Ele pôs o copo dele na mesa — ela o ouviu tinindo — e se aproximou da cama.

"Mas você, minha amada esposa... você se arrisca por aquilo em que você acredita..." Ele plantou um beijo suave sobre os seus ombros, e Lael engoliu seco.

"Na verdade, eu nunca tive qualquer causa para amar meus parentes... até você aparecer. David me escolheu como *laird* de Keppenach, ele disse, porque eu sou escocês — e que era chegada à hora de eu aprender a ser um. Agora eu entendo algo que não entendia... Sinto uma chama em meu peito e queima mais do que Keppenach... minha querida noiva."

A cabeça de Lael pendeu para trás com seu toque e sua mente nadou com pensamentos que ela não devia pensar. Seu corpo ansiava por coisas que ela não deveria querer...

"Mas eu *não* sou escocesa," ela advertiu-o, virando-se para a cama, para a manta xadrez que ele havia dado para ela, colocando-a em seu braço.

"Ah, mas você agora é," ele argumentou, as suas palavras parecendo um sussurro.

Mas simplesmente não era verdade. Ela poderia ter-lhe dado o corpo dela, mas isso não significava que ela poderia abandonar tudo o que ela sabia...

Era uma coisa que seu marido parecia inclinado a esquecer.

Mesmo que ele retornasse às suas raízes, ela não era como ele. Ela não era uma escocesa e ela não podia ficar aqui. Não se tratava dos seus amigos ou seus parentes, e ao contrário de seu marido, sua família sempre tinha sido seu pilar. Agora, mais do que nunca, ela percebeu como ela tinha agido errado ao deixá-los — por todas as razões que ele tinha elucidado tão claramente. Só o pensamento de seus parentes desaparecendo, seu sangue desaparecendo da face da terra, como aconteceu com ele... Fez a barriga dela doer.

De fato, corações inconstantes eram destruidores de famílias.

Seus parentes não teriam sobrevivido tanto tempo no *Mounth* se eles tivessem virado as costas a tudo o que eles acreditavam — tudo o que procuravam manter. Eles tinham um propósito único lá no vale

— salvaguardar a Pedra de Scone — e ela tinha virados seus olhos para outra causa.

Ah, ela *devia* encontrar um caminho para casa... embora ela mal conseguisse pensar claramente com o marido tão perto dela, inclinando-se tão perto, puxando as saias dela e beijando seus lábios...

Sem uma vontade própria, o corpo dela traiu-a mais uma vez, se pressionando em seus braços até as mãos dele irem para a parte de trás do seu pescoço.

Ela se amoleceu perto dele, colocando-se totalmente em suas mãos, beijando-o de volta com todo o abandono que ela podia, divertindo-se com a sensação de suas mãos enquanto ele acariciava seu corpo.

Ele deitou-a gentilmente na cama, sussurrando em sua boca. "Tenho mais presentes para te dar." E então ele levantou o vestido dela, caiu de joelhos e colocou sua língua lá entre as pernas dela. Lael instantaneamente se sentiu perdida.

Incapaz de suportar, ela o puxou, e de alguma forma, em meio aos beijos, eles tiraram suas roupas enquanto eles se dirigiram para o meio da cama, seu marido tão nu quanto ela e deitado prostrado em cima de suas costas.

Com um sorriso e um brilho perverso nos olhos, ele a levantou em cima dele, orientando suas longas pernas para ambos os lados. Seu coração pulou quando ela percebeu o que ele pretendia fazer. Abaixo dela, seu pau estava duro e quente, e ela abaixou-se em cima dele, recebendo-o totalmente com seu corpo.

Seu sussurro fez seu coração viajar. "Me cavalgue, minha princesa e bela guerreira..."

O jeito que ele olhou para ela a fez se sentir como a mais desejada das mulheres.

Envolta em luz dourada, ela estendeu a mão para agarrar uma faixa de seda da cama. Ela deslizou o diáfano material verde sobre o pescoço, e depois com um sorriso, ela fez exatamente o que o marido ordenou. Segurando as rédeas de seda firmemente nas mãos dela, ela cavalgou.

CAPÍTULO 27



Assim como Lael, parecia que a mãe do inverno não conseguia se decidir: um dia a neve caía, noutro o sol brilhava intensamente, deixando tudo uma bagunça encharcada, desleixada. Como os corvos voavam, eles não estavam muito longe de Dubhtolargg, mas eles podiam também estar num mundo diferente, porque Lael nunca tinha conhecido uma temporada tão caprichosa.

Semanas depois, ela ainda se sentia confortável com seu vestido de lã e seu manto — o que era uma coisa boa, porque ela tinha decidido que uma fuga só era possível através dos túneis e se fosse possível libertar Broc Ceannfhionn.

Infelizmente, havia apenas uma coisa que seu marido achou por bem sempre lhe negar — repetidamente — ela não podia visitar as prisões.

Por outro lado, parecia que ele se aventurava para baixo, para as prisões uma ou duas vezes por dia — e pelo o que ela tinha ouvido falar, era para torturar Broc até a morte. Seu marido podia parecer um homem diferente, mas ela nunca iria se permitir esquecer que partilhava a cama com o Açogueiro.

Cada vez mais, tornava-se mais difícil ela se lembrar dessa simples verdade.

Um dia enquanto ela estava agachada atrás do altar da capela-mor para assistir as idas e vindas das pessoas, Jaime passou carregando um saco.

Às vezes Lael imaginava que ele estava carregando as cabeças dos homens que de alguma forma o desafiavam, mas ela não podia mais pensar nele desta maneira assim como ela não podia invocar seu nome antigo.

Ela tentou segui-lo para baixo, abrindo a porta atrás dele, para que os guardas pensassem que ela o estava acompanhando, mas eles rapidamente a barraram, não importando quantas vezes ela declarasse para eles que podiam deixá-la passar.

Daí em diante, todas as vezes que ela tentava se infiltrar pelos túneis ela ia embora apertando bem sua mandíbula para não gritar de frustração.

Os homens de Jaime eram inflexíveis, e leais somente a sua palavra, mas felizmente, os de MacLaren não eram, e ainda havia alguns que guardavam os túneis abaixo. Instintivamente, ela sabia que a melhor maneira para fugir era por baixo.

Ela *devia* encontrar uma maneira de falar com Broc Ceannfhionn!

Não importava o que ela fizesse agora, ela estava prestes a quebrar o coração dela própria, mas ela não podia evitar. Assim como todos os dias o sol reaparecia, ela estava segura de que *Cailleach* sorria para ela, dando sua bênção para ela ir embora. E ela estava igualmente certa de que se ela permanecesse aqui em Keppenach o inverno inteiro ela iria ser condenada para sempre. Sua vontade de deixar Jaime morreria.

Três semanas passaram desde que Kieran tinha ido para o *Mounth* e ele ainda não tinha voltado. Como estava pensando o pior, o marido despachou mais dois homens para pesquisar o que tinha acontecido com ele. O terreno era rochoso e perigoso, mas Lael não

era uma *Sassenach* e se alguém podia se enveredar pelo vale durante o inverno através das rotas traiçoeiras, esta pessoa certamente era ela. No entanto, ela suspeitava que o único problema que Kieran tinha encontrado tinha sido a espada do seu irmão. Aidan não acreditaria que ela teria voluntariamente casado com o Açougueiro e abandonado seus deveres para com seus parentes. As palavras que ela tinha pedido para Luc escrever eram facilmente reconhecíveis como as suas próprias:

Para Aidan, senhor de Dubhtolargg, ancestral de Kenneth MacAilpín, tua irmã te saúda.

Anime-se. Estou bem, e para o bem do bom povo da Escócia, tenho o prazer de divulgar que por minha vontade, decidi me casar com o novo e legítimo herdeiro de Keppenach, para servir como sua amada esposa, conforme prescrito para mim pelo meu amado rei David mac Maíl Chaluim, o Righ Art, o Rei de todos os Highlanders, Chefe dos Chefes e ancestral de Kenneth MacAilpín. Assim, favor me enviar uma palavra para o laird MacKinnon. Broc Ceannfhionn voluntariamente descansou sua espada indigna. Ele deve retornar ao seu povo após o curso de um ano e um dia. Isso eu juro. Sinceramente.

SUBSCRITO E SELADO no dia 27 de Novembro por mim, Lael, filha do lobo, ancestral de Kenneth MacAilpín e fiel serva de Dubhtolargg.

Aidan não acreditaria em uma palavra.

Até agora ela não podia acreditar nela mesma — considerando que ela estava deitada voluntariamente debaixo de um homem que uma vez foi seu inimigo.

Já não assustada com a possibilidade de percorrer o caminho da montanha, ela estava determinada agora a encontrar uma maneira

de escapar antes que a neve permanecesse para sempre — antes que o coração dela tivesse chance de seduzir a mente dela.

Mas por agora, estava na hora do jantar e ela sabia que as mulheres estariam esperando suas ordens, então ela deixou a igreja e correu em direção à cozinha, parando no jardim o tempo suficiente para usar seu presente de noivado.

Vendo alguns molhes de couve congelada, ela usou seu punhal para cortar as folhas e então carregou a recompensa para a cozinha, pensando que talvez ela pudesse ensinar as jovens que a fazer um belo caldo.

Aidan colocou o homem que se chamava Kieran preso com algemas ao lado do seu cavalo. Por Deus, se esse *Sassenach* podia chegar até *Am Monadh Ruadh* no inverno, ele podia ser capaz de sair com trinta homens bem capacitados. Com essa convicção, ele reuniu seus guerreiros — todos os disponíveis em Dubhtolargg.

Amado rei. Herdeiro legítimo. Rei de todos os Highlanders — bah!

Ele não acreditou em uma palavra da doce e enjoativa carta. Broc Ceannfhionn descansar sua espada? Não nesta vida com certeza! O gigante loiro estava determinado a ter o seu direito de primogenitura retornado ao seu herdeiro legal — seus filhos, e não para o demônio do açougueiro de Henry. Na verdade, ele tinha diante de Aidan, feito de tudo para influenciar sua irmã para a sua causa.

E Lael, ela não aceitaria este destino por nada neste mundo. Ele conhecia sua irmã melhor do que ninguém e sabia que ela nunca cederia voluntariamente — nem mesmo para Aidan, a prova disso era clara.

Ela abertamente desafiou-o.

No entanto... todas as suas terríveis advertências foram esquecidas no momento, não importando o que ele tinha dito a ela naquela noite antes dela deixá-lo, esta era a casa de Lael e ela era seu sangue.

Ele pretendia trazê-la de volta.

Com tanto em jogo, havia pouco que pudesse despertar Aidan para ir para a guerra, mas isto era a única coisa pela qual ele não podia se afastar — maldita Lael e sua natureza desafiadora, pois ela os tinha trazido a este fim. Se algo corresse errado, o vale inteiro estaria em risco.

Para seu crédito, o mensageiro do Açougueiro segurou sua língua. Avaliando-os com astutos olhos negros, o homem andava com suas mãos atadas atrás das costas, mantendo o ritmo apesar dele estar mancando. Mas se acontecesse dele escorregar e cair haveria um *Sassenach* a menos para se preocupar.

As montanhas eram implacáveis, e os penhascos eram precipícios escorregadios e brancos. Eles passaram por poucas árvores com um vento implacável.

Trinta homens fortes, camuflados em peles e pintados na cor pastel de seus antepassados, Aidan e seus homens cuidadosamente se dirigiram pelo caminho ao longo do terreno gelado.

Ao seu lado, Cameron MacKinnon andava envolvido numa manta feita por sua irmã Cailin. Ferido como o rapaz ainda devia estar, ele tinha insistido em vir, e Aidan, permitiu reconhecendo que Cameron precisava provar seu valor — não simplesmente para Aidan, mas para seu primo e talvez para ele mesmo. Aidan reconheceu as ondas de esperança no seu rosto depois que Kieran anunciou que Broc Ceannfhionn ainda estava vivo.

Apenas um guerreiro saudável não os acompanhava, porque Aidan se recusou a permitir que ele viesse. Ele tinha deixado seu

irmão, zangado, mas vivo, e perfeitamente capaz de liderar o clã caso algo acontecesse com ele. No momento, Keane podia não compreender sua decisão, embora se Aidan morresse, ele certamente entenderia.

Infelizmente, o clã estava muito mais vulnerável agora do que tinha sido quase duzentos e cinquenta anos antes, e por causa disso ele planejava estrangular sua truculenta irmã — logo após que ele lhe apertasse seus olhos até fora de suas órbitas. Pelos pecados de *Sluag*, ele pensou que ela estava morta. E agora que ele sabia que ela estava viva, ele queria levá-la de volta — com bebê na sua barriga ou não.

Enquanto Mairi e Ailis terminavam na cozinha, e todos os homens estavam preocupados achando um lugar para se deitar no corredor, Kenna apressou-se para a capela tendo a certeza de que ninguém a espiava. Felizmente, o orgulho masculino mantinha-se como seu grande aliado, porque eles estavam muito mais preocupados em achar o melhor lugar para dormir do que achar a melhor maneira para ficar entre as coxas de Kenna. Mairi e Ailis, as duas eram cúmplices dela, permitindo-lhe sair, e por isso ela sempre estava agradecida a elas, porque ela sabia que se eles conseguissem o que queriam, nenhum deles se lembraria de Kenna.

Não foi sempre assim.

Quando Stuart MacLaren era *laird* e Lili era a senhora de Keppenach, Kenna era babá do filho deles, Kellen. Lili permitia que ela dormisse no quarto da criança. Na época a torre parecia menor e havia muito poucos quartos — poucos ocupados. Agora, com todo mundo trancado dentro de Keppenach, não havia simplesmente nenhum espaço vago. A capela era o único lugar para dormir, pois era quase tão evitada como os vales das fadas. Ninguém aqui sabia nada sobre a fé cristã — nem eles se lembravam dos velhos

costumes. A capela era como uma tumba, escura e abandonada desde seus primórdios.

Alma, que tinha vivido na aldeia até ela ter sido queimada, uma vez contou-lhe sobre o antigo *laird*, que tinha levantado Keppenach desde a sua antiga fundação romana. MacEanraig era o nome dele. Com cabelos da cor do ouro, com olhos azuis como o céu, ele e sua jovem noiva MacLaren tinham sido bons e gentis para todos. Ovelhas e cabras corriam livres e sem discórdia. Todos compartilhavam bondade. Jovens se casavam com homens musculosos que roubavam seus corações e o mundo era verde e ouro e azul.

Agora era tudo preto e cinza, a cor da cinza e da fumaça.

Donnal MacLaren — o velhote que ela tinha acreditado ser seu pai — assassinou MacEanraig — para se casar com sua filha, ele tinha alegado, embora não fosse verdade. Ele era um homem ganancioso que queria tudo o que ele podia tomar para si. Quando a esposa o deserdou por causa de uma traição, ele a matou e tomou o lugar de MacEanraig, o mesmo que ele tinha feito com o *laird* de Dunloppe, só que naquele tempo tudo terminava em chamas. Pelos deuses — novos e antigos — ela nunca realmente quis acreditar que Donnal era seu pai. Ele era tão velho que ela tinha certeza de que sua semente já estava murcha e já tinha virado pó. Mas, no entanto, ela sabia que era filha de Dunloppe, de quem exatamente ela não tinha idéia. Podia ser de uma criada ou filha do *laird*...

MAIS DE UMA VEZ, ela tinha pensado em confrontar o Açougueiro, mas como ela podia fazer uma coisa dessas? Ela o temia. Afinal, por todos os seus sorrisos, o Açougueiro tinha traído seu próprio povo e colocado de lado seu direito de primogenitura, deixando seus

próprios campos ficar em ruínas a fim de perseguir seu dever para o seu rei inglês.

Como era seu hábito, Kenna deslizou uma mão para dentro do seu corpete e agarrou a corrente da mãe dela que mantinha pendente no seu pescoço, a única prova tangível que tinha sobrado de uma vida que ela não sabia qual era. Apenas por isso — esta fina jóia — ela pensou que a mãe dela devia ter sido uma lady, mas ela ainda não se atrevia a pensar uma coisa dessas.

Ela simpatizava com Broc Ceannfhionn, com a sua necessidade inerente de retornar às suas raízes, para procurar respostas e reconstruir o que tinha sido perdido. E mesmo que o Açougueiro não compartilhasse seus anseios familiares, ela devia confessar que, apesar de tudo o que foi dito sobre o homem, ela tinha antecipado ansiosamente sua chegada. Na verdade, ela se lamentou no instante em que foi contar para Maddog sobre os ruídos provenientes da capela. Foi por causa dela, que os homens de MacKinnon foram enforcados e Lael e o gigante loiro quase tinham sido também.

Mas não importava.

Esta é a maneira que era agora.

Lael era diferente de qualquer outra mulher que Kenna já tinha conhecido. Ela era forte, mas era boa e gentil. O Açougueiro também não era nada como ela tinha imaginado, ela esperava e rezava que sua administração fosse mostrar que seu governo era tão bom quanto o MacEanraig antes dele. E uma vez que ela encontrasse coragem, ela iria abordar o assunto com Lael, e talvez Lael conversasse com o laird novo?

Entretanto, ela tinha mais do que suficiente cobertores para o frio, se não fosse muito tempo antes de ela ser forçada a encontrar um lugar quente para dormir.

Maddog chegou e ficou na frente dela, enquanto ela se dirigia para o jardim que ela tinha plantado com Lìli MacLaren.

"Você!"

"Doce jovem, vim ver como você está."

Kenna deixou o colar com o pendente cair de seus dedos para a palma da mão e depois contra o peito dela. "Muito melhor do que o pobre Broc Ceannfhionn." E Afric e Baird, embora ela não se atrevesse a incitar-lhe ainda mais uma vez que Maddog era tão mutável como o tempo. Ainda assim, ele quase não podia conter sua ira. "Eu não sabia que você tinha matado o pobre Afric, também, Maddog! Se eu soubesse, jamais teria concordado em te ajudar."

O brilho nos seus olhos era um que ela conhecia, e a fez dar um passo cauteloso para trás. "Eu não fiz tal coisa," ele jurou com uma mão escondida debaixo de seu manto.

Kenna deu mais um passo para trás, preparada para correr.

"Afric estava chateado. Ele caiu naquele poço. Quantas vezes você viu o homem tropeçando bêbado? E quantas vezes ele subiu na sua cama, e você teve que arrancá-lo para fora?"

Ajustando seu manto para ocultar seus arrepios, Kenna olhou para ele. "Apenas uma vez. Ele pensou que eu era Ailis."

Maddog a ridicularizou rudemente. "Ah, ele pensou?"

"Apenas uma vez," Kenna persistiu, "Antes de eu mudar meu colchão de lugar."

Ele balançou a cabeça. "Ah moça, o que faz você crer que porque você oculta o seu colchão nessa capela vazia ninguém vai encontrar você? A razão pela qual todos a deixam ficar sozinha é unicamente por minha causa. Será que você sabe disso?"

Kenna se arrepiou. De novo ele estava fazendo a mesma coisa, fazendo-a sentir como se ela lhe devesse algo que ela tivesse na vida — e que não era muito. Ela tinha tido um lar muito melhor na

aldeia, mas isso foi antes e agora era diferente. Tudo que ela tinha no momento eram um colchão no chão de uma capela fria, um vestido novo e um colar com um pingente, que ela ganhou de sua mãe de quem ela não se lembrava.

Em breve, ela precisava encontrar um homem para sustentá-la, mas até o fim ela esperava que Deus lhe desse algo mais. Ela não queria viver da maneira que Ailis e Mairi viviam, saltando de um colchão para outro. Pobre Ailis vivia comendo casca de zimbro e bagas para não engravidar, e Mairi era simplesmente velha para conceber uma criança. Mas isso não era vida para viver. Kenna teria deixado Keppenach com todos os outros se ela tivesse para onde ir. Ela tinha ficado por que... bem, ela tinha esperança de que ela pudesse saber alguma coisa sobre a mãe dela — ou pelo menos, encontrar alguma conexão com o passado dela. Agora ela desejava ter suplicado a Bowyn para pedir seus parentes para levá-la. O doce velho era o único homem aqui em Keppenach que nunca tinha tentado entrar debaixo das suas saias. O pensamento dele abrindo o saco a fez ficar triste.

Maddog olhou para o colchão dela, meio escondido em um canto da capela. "Eu sei que tem sido muito difícil, garota. Mas se você me der um tempo, eu vou ajudar você a melhorar a sua vida."

"Como é possível? Você não tem nada no seu nome, Maddog — igual a mim!"

"Sim, mas tenho algo de valor... para vender... e eu tenho um plano."

Ela se virou para enfrentá-lo, ajustando seu capote, curiosa. "Mesmo que assim fosse, por que eu ajudaria você?"

Ele encolheu os ombros.

Por mais tentador que fosse pensar em uma cama quente, algo que viesse de Maddog sempre teria o cheiro da desonra. Ela se virou

para ir, totalmente com a intenção de contar ao *laird* — ou pelo menos para a sua nova senhora porque ela sentia em seu coração que Lael iria defendê-la. Essa não era realmente uma boa maneira de se viver!

Maddog a segurou pela capa, com a mão cruel de um anjo da morte. "Espero que você não vá me acusar agora. Você jurou por Bowyn, melhor você não se esquecer."

Por um momento, ela pensou em gritar, mas dois novos guardas apareceram na nave. Kenna encolheu os ombros enquanto os dois guardas iam embora. Ela segurou a língua dela, vendo como Maddog compartilhou um olhar profundo com ela. Ela percebeu então que não importava que eles tivessem se entregado, ele ainda podia fazer pressão sobre muitos que tinham permanecido. Eles fariam o que ele mandasse, simplesmente porque eles o temiam.

Se ela fosse mais esperta, ela teria medo dele também.

"Se você contar, vou dizer que foi você quem matou aquele pobre rapaz."

"Mas isso não é verdade!"

Maddog encolheu os ombros. "Você jurou por Bowyn," ele disse novamente, e deu uma pausa. Ela *tinha* jurado por Bowyn, na cara do Açougueiro. Se Maddog fosse responder por esse crime, então, ela também iria.

Com medo das conseqüências, ela voltou para procurar a cama dela. "Vá embora e me deixe em paz," ela implorou. "Eu não preciso ou quero a sua ajuda!"

"Você não é nada além de uma bruxa ingrata" Maddog gritou, mas ele se virou para deixá-la de qualquer maneira. "Você está por conta própria," ele advertiu.

Pela primeira vez na vida de Kenna não pareceu que era inteiramente verdade. Ela sentiu uma mudança no horizonte — uma

mudança que a incluía de alguma forma.

Maddog resmungou enquanto ia embora, e ela esperou até que ele se fosse, em seguida, procurou a cama dela, escondida no canto por uma pilha de escombros, rezando agora pela luz do dia.

A prisão da torre era de longe o lugar mais improvável para uma reunião de cúpula, mas aqui eles estavam, no entanto. Broc sentado em uma cadeira ao lado de uma pequena mesa. Um tapete simples sob seus pés e um braseiro bem iluminado aquecendo a cela. Uma pilha de cobertores estava em cima do seu colchão e o Açougueiro estava sentado de frente para ele do outro lado das grades. Pouco a pouco a cela tinha se transformado em um ninho bem equipado, bastava ignorar as paredes e o piso de pedra, embora Broc tivesse passado momentos horríveis nela.

"APROVEITANDO O *UISGEE*?"

"*Uisge*," Broc o corrigiu. "Não fale como o idiota do *Èireannach* (33). Sim, está gostoso." Ele pôs sua caneca em cima da mesa.

O Açougueiro abanou a cabeça. "Você deve saber que eu não posso devolver Keppenach para você, embora eu possa pressionar o rei por Dunloppe?"

"Uma fortaleza arruinada pelo o que deveria ter sido meu?"

"A terra é boa, mas, no entanto, você não tem escolha. David *nunca* lhe dará Keppenach. No que diz respeito a ele, você continua sendo um traidor da coroa. Ele não vai recompensar seus esforços — não importa o quanto você acredite estar certo — porque ele teria que renunciar a sua coroa."

Broc ergueu sua taça, tomando um gole de *uisge*, grato pelo calor que descia na garganta dele. Ele ouvia pacientemente, escutava incerto sem saber o que dizer ou fazer. Estas visitas

continuavam, e ele tinha vindo a conhecer e confiar no homem sentado diante dele.

A madeira no braseiro crepitava, cuspidando cinzas.

"Quanto a mim, eu não tenho nenhuma afinidade verdadeira com Keppenach, nem com Dunloppe, mas tenho desejo de reconstruir meu legado, igual a você."

Broc assentiu com a cabeça. Uma boa mulher poderia fazer isso para um homem. Sua esposa Elizabet e seus filhos eram as razões pelas quais ele se preocupava em melhorar sua própria situação. "Lael?" ele perguntou, avaliando o homem com olhos azuis afiados.

O Açougueiro levou um momento para responder, mas então ele finalmente assentiu com a cabeça.

Broc sorriu. "Ela é astuta," ele garantiu. "Ela vai lhe dar azia muito mais cedo do que ela vai aquecer o seu coração."

O Açougueiro riu baixo. "Isso eu sei."

"E ainda assim você quer mantê-la como sua noiva?"

"Eu quero."

"Você é um homem de sorte," Broc disse. "Por Deus, se meu coração estivesse livre, eu a amaria como você a amas."

"Verdade?"

Broc instintivamente compreendeu por que ele tinha perguntado. "Tenho uma bela moça lá em casa," ele confessou. "Uma formosa *Sassenach*... que sempre vai me mostrar que há esperança mesmo para um homem horrível como eu."

O Açougueiro riu sem rodeios.

Assim como Broc.

"Você é um bom amigo," disse seu captor.

"Você também é — tirando algumas cabeças que você removeu. Felizmente uma delas não foi a minha, então acho melhor fazermos as pazes agora."

"Enquanto isto não cair nas minhas costas," respondeu o Açougueiro.

Broc riu. "Bem Sim... acho melhor dar para você minha espada, e não vai ser entre seus ombros, *Sassenach*."

Havia um inesperado brilho nos olhos do Açougueiro. "Nós compartilhamos isso em comum," ele revelou.

Com esse assunto resolvido, Broc continuou. "Com relação à Keppenach, eu digo o que eu acho que é verdade e se você acredita que David mac Maíl Chaluim vai considerar o seu pedido, eu aceito Dunloppe no lugar de Keppenach. É muito mais do que eu tenho agora — uma casa de campo pelas boas graças de MacKinnon. "

"Se te dá algum conforto, Dunloppe está apenas metade em ruínas."

Broc assentiu com a cabeça. "Assim é." Ele olhou para seu copo, e em seguida, o olhar dele passou pelo comprimento e pela largura dos túneis.

"*Nisso* eu não posso te ajudar," acrescentou o Açougueiro, parecendo ler os pensamentos dele. "David espera que você permaneça preso até que tenha sido respeitado o termo do nosso acordo. Se eu te libertar antes disso — eu o conheço bem — ele não *vai* sentir que você pagou sua dívida e ele não *vai* considerar o nosso pedido. Ele não premia seus inimigos, mas eu posso lhe dizer agora... o homem dá para quem merece. Dando oportunidade, ele é um líder digno e um homem de honra. Se você servir o seu tempo aqui, Broc, ele ficará mais do que disposto a concordar em dar a minha herança, Dunloppe, para você."

Broc percebeu que o homem estava falando a verdade. Desde o instante em que eles se conheceram ele não tinha tratado Broc com desdém, mesmo quando ele estava pendurado na extremidade de uma corda.

Na verdade, se não fosse o Açougueiro, ele estaria morto agora e teria sido colocado sobre uma pira ardente, juntamente com o resto de seus soldados. "E sobre a espada?" ele se atreveu a perguntar.

O Açougueiro balançou a cabeça dele. "Eu não vi nem o cabelo dela, mas vou continuar a procurar. Se o que você diz é verdade, é meu dever devolvê-la ao meu rei." Ele fez uma pausa. "E ainda assim... se você encontrar uma maneira de recuperá-la por conta própria... Posso lhe assegurar que seria mais um incentivo para David ouvir sua reivindicação... se você pudesse presenteá-lo por conta própria"

Incrédulo, Broc se levantou de sua cadeira e se aproximou das grades, colocando sua mão e segurando-a firmemente. "Você estaria disposto a olhar para o outro lado"?

O Açougueiro inclinou-se, e então olhou para baixo para o chão entre seus joelhos. Broc poderia dizer que ele estava medindo suas palavras. Ele olhou novamente, lançando um olhar para os guardas, que ele tinha colocado alguns metros de distância, então mais uma vez olhou para Broc. "David afirma que me escolheu para esta missão, porque eu sou um escocês. Ele disse que era hora de eu aprender a ser um. Confesso que eu não entendi o que ele quis dizer quando falou essas palavras. Passei a totalidade da minha vida, abstenho-me do legado da minha mãe e querendo ser fiel a um pai que eu não conhecia, mas que outros falavam com o maior respeito. Na verdade, eu não posso reivindicar nenhum amor por qualquer um dos meus parentes, mas eu nasci escocês e vivi como um escocês até David me escolher para ser seu homem de confiança. Mas eu não sabia o quanto eu precisava de uma casa até eu me casar com Lael, e agora eu sei. Até agora há uma coisa que eu nunca entendi sobre regra de David, mas agora eu entendo. Com tempo você deve fazer uma escolha para o bem do povo, e não para o bem de um rei.

Isso é o que significa ser um escocês. Isso é o que David faz freqüentemente. Ele tem feito muito para trazer inimizade para si mesmo, mas também tem feito muito para promover o ganho de seu povo escolhido."

Broc engoliu ao ouvir palavras sinceras do Açougueiro, e apesar disso, ele não concordava com ele, as palavras o tinham feito se sentir humilhado por ter colocado o orgulho sobre beneficência. Homens morriam para retornar o que era seu por direito de primogenitura, quando todo o tempo, ele tinha um lugar no meio de seus parentes que o amavam. Talvez David não merecesse a reputação que ele tinha recebido? Talvez sua relutância em levantar sua espada fosse menos uma prova de seu medo do que uma prova de sua força?

"Muito bem," Broc cedeu. "Vou ficar aqui o tempo combinado e vou receber com gratidão Dunloppe em vez de Keppenach."

Para ilustrar o seu compromisso, Broc deslizou sua mão entre as barras e o Açougueiro levantou-se para abraçá-lo.

"Eu não fui abençoado com um irmão," o Açougueiro disse, "embora doravante é assim que eu vou te chamar." Eles apertaram as mãos. "Você é um bom homem Broc Ceannfhionn."

Broc deu-lhe um sorriso torto, enquanto suas mãos ainda estavam unidas. "Irmão Jaime," ele suplicou. "Você me arranja alguma coisa além de manjar branco? Acho que meu apetite voltou."

Jaime deu um sorriso. "Por Deus, homem! Você vai comer a minha despensa toda antes que o inverno acabe!"

O sorriso de Broc se alargou. "Sim, mas se você me permitir enviar uma palavra para o MacKinnon. Ele vai encher sua despensa e então você vai poder encher a minha barriga."

Ele disse isso como uma brincadeira, mas a verdade estava misturada no meio de suas palavras.

Jaime deu-lhe um aceno. "Considere feito, mas por agora, deixe-me voltar para minha esposa, para que ela descubra precisamente onde eu gasto meu tempo. Serve-me bem o suficiente deixá-la acreditar que você está sofrendo aqui embaixo," ele disse com uma piscadela.

A mão de Broc serpenteava para fora para prendê-lo pelo ombro. "Ame bem e a ame muito," ele suplicou. "Ela é uma boa moça."

"Eu vou, meu amigo. Eu vou."

Broc apertou-lhe suavemente. "Vá e faça um bebê para que eu possa ir para minha casa com minha esposa antes das minhas bolas ficarem azuis."

Jaime riu. "Pelo menos vai ficar azul por causa do frio."

"Ouço suas palavras, *Sassenach*. Você será um perfeito escocês apesar de tudo."

Os dois homens compartilharam outra risada e então Jaime saiu e Broc voltou para o seu *uisge*, pensando na estranha reviravolta do destino.

Se tudo corresse como deveria, ele poderia voltar para a sua formosa Elizabet antes das neves entrincheirarem eles totalmente. Ele orou a Deus para que Lael estivesse tão satisfeita com Jaime como seu marido estava com ela, e que sua união rapidamente gerasse uma criança com pulmões tão poderosos quanto os dela.

Pensando na conversa que tinha tido com Broc, Jaime subiu as escadas para o seu quarto. Ele ficou surpreso ao descobrir que sua esposa já estava lá, sentada sobre a cama, destrançando seus cabelos.

"Jaime?" ela disse assustada com sua alegria.

Foi a primeira vez que ela tinha falado o nome dele, e deu-lhe uma explosão de prazer desenfreado. Ele entrou no aposento, fechando a porta atrás dele, olhando para ela como um jovem

obcecado. Na luz suave, ela era uma deusa de cabelos negros, com suaves bochechas rosadas e olhos que brilhavam com a luz da lareira. Ondas de ébano macio caíam sobre seus ombros.

"Eu nunca te agradei pelo meu presente," Lael disse com um sorriso na voz dela.

"Seu sorriso é um presente," Jaime assegurou a ela e Lael se levantou da cama, os pés se movendo por sua própria vontade. Antes que ela pudesse pensar melhor sobre isso, ela colocou a mão delicadamente sobre os seus ombros e ele congelou com seu toque.

Por mais que ela tentasse, ela não conseguia parar de pensar no modo como ele tinha olhado para ela enquanto lhe presenteava com o punhal de sua mãe — tão cheia de antecipação que fazia seu coração bater mais rápido.

Nunca na vida ela tinha recebido um presente que personalizava tanta confiança. Juntamente com a ternura de sua primeira noite — e todas as noites desde então — tudo o que ela pensou é que o que ela sabia parecia errado.

Na verdade, havia pouca chance para um Açougueiro e uma filha do seu povo, mas aqui, no seu quarto da torre, com ninguém para julgá-los, era muito mais fácil vê-lo como alguém que não era quem ele realmente era: seu captor, na verdade.

E ainda assim...

Ele se virou para enfrentá-la, seu olhar cheio de incertezas.

Lael moveu um dedo pelo seu rosto, passando a mão suavemente pela sua cicatriz, como se quisesse curá-lo com o seu toque.

"Você vai me deixar, Lael?"

Ela deu-lhe um pequeno sorriso triste. Era impossível dizer o que podia ser a sua própria vontade. O olhar dela implorou-lhe para entender. Ela respondeu com uma pergunta. "Você vai me libertar?"

Seu olhar prata penetrou-lhe à sua própria alma. "Não," ele sussurrou, respondendo com honestidade.

SEM SEREM CONVIDADOS os dedos dele se mudaram para a trança que ela ainda tinha que desfazer, desembaraçando-a e penteando com seus dedos suavemente. E então, porque não havia nada mais a ser dito, ele mudou as mãos para trás da nuca dela e deu-lhe um terno beijo.

Mas afinal... Eu tenho amor por você. "Ach ged a bha... tá grá agam duit," ela sussurrou em sua boca. Ele respondeu com um pequeno tremor quando ele passou a língua entre os lábios dela. Caindo facilmente em seu abraço, Lael orou para que ele não perguntasse o que isso significava.

(33) Èireannach - pessoa nascida na Irlanda, do sexo masculino ou feminino

CAPÍTULO 28



*R*ecordando a estranha caixa debaixo da cama no quarto adjacente, Lael subiu as escadas, cheia de curiosidade.

Com o presente de seu marido em uma mão e um candelabro de ferro na outra, ela deu um sorriso, pensando que lhe dava grande prazer sentir o aço frio na mão — quase tanto quanto foi o prazer ao ouvir seu marido dizer a palavra "sim".

Ao quebrar seu jejum simplesmente pediu-lhe se ela podia colocar suas criadas no quarto adjacente, e ele concordou.

Sua irmã Cat jurou uma vez que homens eram bastante fáceis de agradar, e certamente ela tinha razão. Quanto mais Lael abraçava o marido dela, mais ansiosamente ele satisfazia todos os seus desejos — qualquer um menos libertá-la e deixá-la visitar as prisões. Essas foram as duas coisas que ela não conseguia abordar sem mudar o humor dele.

Ah, bem, até que a oportunidade chegasse para ela ir embora, seria uma lição para todos se ela simplesmente aceitasse tudo com um sorriso. Afinal, ela dificilmente desejava recordar a maneira que ela se lembrava da pobre Aveline de Teviotdale — sempre melancólica, hostil e infeliz desde o primeiro dia em que ela a tinha conhecido. Na verdade, ela não precisava abraçar a tristeza. Um

pássaro engaiolado sempre pode cantar uma bela canção, mas se você abrir a porta da gaiola, ele vai abrir suas asas e voar para longe; assim também aconteceria com ela. Broc *devia* retornar ao seu povo e ela também.

Não importava quais sentimentos Lael pudesse estar sentindo pelo homem que agora era seu marido, isso não era um conto fadas. Vidas estavam em perigo, não apenas a sua própria. Ela não podia esquecer Broc Ceannfhionn e continuar como se fosse uma noivinha virgem, assim como ela não podia ignorar os anseios e desejos do seu corpo traidor.

E mesmo... se ela tivesse sabido o que levava uma mulher para a cama de um homem, ela podia não ter sido tão teimosa e podia ter permanecido fora dela. Agora, finalmente ela entendia todos os risinhos de suas amigas.

Quanto a Mairi, Ailis e Kenna... Ela ainda não tinha contado sobre o quarto da torre, mas ela esperava que elas ficassem tão felizes quanto ela estava. Uma vez que o quarto ficasse vazio para as jovens, elas poderiam usá-lo como quisessem — como moradia talvez? Mas primeiro ela tinha a intenção de pegar a caixa e depois então preencher os buracos na parede. Não agradava nada a ela saber que qualquer um podia espiar o quarto.

Ela pensou qual dos *lairds* MacLaren deveria ter colocado esses buracos, e qual deles teria tido o mau gosto de usá-los — talvez todos eles — ela embainhou o punhal em seu cinto e, em seguida, abriu a porta e foi direto para a cama, ficando de joelhos para olhar por baixo dela.

Lá estava a caixa, precisamente onde ela a tinha deixado, no canto mais distante, sombreada em mistério. A barriga dela vibrou.

O que mais poderia ser do que os segredos de alguém?

Sentindo-se tonta com a antecipação do que ela poderia encontrar, ela empurrou uma barra de ferro para debaixo da cama, e com ela, golpeou a caixa suavemente até que ela ficasse numa posição para ser arrastada para fora, e em seguida, deixando a barra no chão, ela deslizou a caixa para fora, levantou-a e colocou-a em cima da cama, ao lado dela.

Por um longo instante, ela simplesmente admirou a própria caixa. Era exótica. Feita de algum tipo de madeira de lei, era esculpida e pintada nas laterais com leões, veados e lobos. A expectativa vibrou mais uma vez na barriga dela quando ela levou sua mão para a tampa, embora após abri-la e olhar, ela tenha ficado muito decepcionada com os mistérios que ela detinha.

Estava cheia de pedras pequenas e um dente de uma criança, juntamente com diversos enfeites — uma moeda de cobre, tendo na frente à imagem de um rei, rodeado pelas palavras *Pillemus Rex*. No outro lado da moeda tinha uma cruz, e ela pode ver a palavra *em Lewes*.

A moeda era uma curiosidade, porque elas não eram usadas em Dubhtolargg. Lá tudo era compartilhado. Se um telhado precisava de conserto, eles arrumavam em conjunto. Ela não entendia a necessidade de se acumular moedas de metal. Era melhor gastar o tempo com outra coisa. E o metal podia se tornar excelentes ferramentas.

Mas, novamente, não era a vida dela, e essa era outra razão pela qual ela deveria deixar para lá. Este era um lugar onde os cofres tinham sido construídos para proteger peças de metal brilhantes que pretendiam evocar o poder do seu proprietário.

Desgostosa, ela jogou a moeda na caixa, e o olhar dela caiu sobre dois pequenos pergaminhos laminados.

Com o coração aos pulos, ela desenrolou e encontrou o que parecia ser uma *King's list* ⁽³⁴⁾ — algo que ela não via desde que era uma criança. Una mantinha uma lista na sua gruta, mas como não tinha nenhuma influência sobre suas vidas, Lael não se importava muito com ela. Sorcha era muito mais apaixonada pelos livros de Una — muito menos práticos do que uma faca, não importava o que Una alegasse.

Esperando encontrar nada mais que valesse a pena, ela desenrolou um segundo pergaminho e começou a ler em voz alta.

Para Dougal MacLaren, herdeiro de Keppenach, Dunloppe e outras mansões menores, seu pai lhe cumprimenta.

Aqui e agora eu lhe entrego uma criança que atende pelo nome de Kenna. Ela vai lhe ser entregue por meio de Maddog, seu irmão bastardo. Como uma vez eu senti afeição pela mãe da criança, desejo que você a mantenha em segurança até meu retorno. E se eu falhar, você sendo meu único herdeiro e também seus filhos que vierem, rogo a vós, a tratar esta criança como parente, dando-lhe tudo que lhe é devido como uma filha do meu sangue.

Subscrito e selado neste dia 11 de setembro por mim, Donnal MacLaren, ancestral de Domnal mac Ailpín, irmão de Kenneth e laird de Keppenach, Dunloppe e outras mansões menores.

Lael deixou uma extremidade de o pergaminho cair, permitindo-lhe se enrolar por conta própria, Kenna... era filha de Donnal McClaren. Isso a faria... uma irmã bastarda de Dougal, tia de Stuart e Rogan MacLaren, apesar da sua tenra idade...

Mas o que era muito mais intrigante era o fato de Kenna ter vivido em Dunloppe. Será que ela poderia ter qualquer relação com o marido dela?

Atordoada, ela recolocou o pergaminho na caixa.

"O que é que você tem aí?" uma voz de homem perguntou.

Assustada de seu devaneio, Lael rapidamente fechou a tampa. "Nada além de bugigangas," ela respondeu, olhando para encontrar Maddog espiando da porta. Era a primeira vez que ele falava com ela desde que tinha tentado enforcá-la, e pela primeira vez, ela percebeu que Luc já não a estava seguindo e ela franziu a testa, tentando encontrá-lo.

"Quinquilharias?"

"Sim." Ela virou a caixa, recolhendo um punhado de dentes e seixos para mostrar-lhe, incerta porque ela manteria o restante escondido da vista dele. O conteúdo da caixa, sem dúvida, seria de interesse para ele, e ainda assim... algo a reteve de revelar para ele o que ela tinha achado.

Ele pareceu perder o interesse na caixa de repente. "De qualquer modo... *minha senhora*." O título claramente não vinha facilmente para ele. "Eu vim falar com você se se você puder."

Lael se levantou da cama. "Claro," ela disse, mas não queria deixá-lo sozinho no quarto, então ela abandonou a caixa e passou por ele no corredor.

Como ela sabia que ele faria, ele a seguiu. "Lamento por todos os problemas que eu causei."

Lael inclinou a cabeça, incapaz de não demonstrar impertinência na voz dela. "Você quer dizer por você ter tentado me enforcar?"

Ele encontrou seu olhar diretamente. "Sim."

Ela estava sendo rude, ela percebeu. Desde o primeiro dia, Maddog tinha pouco falado com ela. Ele a deixou por sua conta, e no final, ele não tinha feito nada mais do que ela teria feito se fosse o contrário. "Suponho que no seu lugar eu teria feito o mesmo," ela disse e começou a descer as escadas, com a intenção de que ele a seguisse.

Pelo menos eles tinham muito em comum, então ela devia perdoar o idiota mal-educado por fazer tudo o que ele podia para proteger seus parentes — especialmente depois de ter lido o pergaminho. Afinal, certamente parecia que ele tinha muito mais a perder do que a maioria.

Lá embaixo ela ouvia as criadas preparando o salão para o jantar. O caos ecoava pelas escadas. Lael estava ciente de que Maddog estava atrás dela, e então ela parou segurando o corrimão. Não era muito provável que ele pudesse pensar em empurrá-la pelas escadas abaixo, mas ela percebeu que este pensamento dela não era exagerado, ainda mais vindo de uma criança que tinha visto tanta traição em sua vida. Não era uma tarefa fácil superar a causa da morte do seu pai. Mas não era como se esse homem já não tivesse tentado matá-la no passado. Ela olhou para baixo para ver se alguém estava por perto para ver ou para ouvi-los.

"Tenho os meios para fazer as pazes," ele se ofereceu surpreendendo. "Uma certa espada..."

A cabeça de Lael se levantou ainda mais. Seu olhar encontrou o dele, percebendo o que ele queria dizer. "Uma espada?" ela perguntou com seu interesse despertado rapidamente.

Ele assentiu. "Eu sei que você deseja ir embora e eu posso ajudar, mas temos que ir de uma vez. Tenho homens que concordaram em nos ajudar, embora a cada dia que passa o Açougueiro substitua um homem meu. No momento, ele solicitou sua própria equipe para ajudar a reparar os portões, mas uma vez que o portão fique pronto, ficaremos todos presos aqui até a próxima primavera."

Lael olhou para ele bruscamente, tentando determinar se ele estava falando a verdade.

"Diga-me que espada é essa que você está falando?" Ela perguntou, testando-o.

Ele olhou para baixo para as escadas, nervoso, para ver se alguém podia ouvi-los. "A espada dos reis," ele sussurrou. "Eu iria devolvê-la para Broc Ceannfhionn assim que vocês dois fossem libertados..."

"Por quê?" ela perguntou.

Seus olhos escuros brilharam. "Por um preço, claro."

É claro. Pelo amor desse objeto de metal brilhante.

Lael não compreendia, embora realmente não importasse. O que importava agora era que ela teria a chance de libertar o amigo da prisão.

E então...

E então ela podia ir para casa.

"Quando?"

"Agora."

"Não! Agora estamos nos preparando para a refeição da noite."

"Esta é uma boa hora," ele argumentou. "Se formos, deve ser agora enquanto meu homem está no posto. O Açougueiro supervisiona os reparos do portão e ninguém vai sentir sua falta até chegar a hora da refeição da noite."

Os pés de Lael se recusavam a se mover e ela sentiu raiva em ver que ainda havia alguns que podiam trair seu marido *laird*. "Você pode me trazer as minhas facas?"

Ele balançou a cabeça. "Não, mas a espada é sua." Ele inclinou a cabeça e levantou uma sobrancelha. "A não ser que você ame mais o seu marido Açougueiro do que ama seus parentes?"

Lael deu-lhe um olhar de raiva. "Espere aqui," ela exigiu. "Vou pegar minha capa."

Enquanto ainda havia tempo antes da hora de jantar, Kenna foi rapidamente recuperar a sua roupa de cama. Mairi tinha lhe dado licença para dormir dentro da cozinha, e agora que Maddog tinha descoberto o seu mais novo esconderijo, ela não desejava tê-lo atormentado-a novamente. Ela não tinha nenhuma idéia sobre o que deveria fazer sobre o garoto morto e seu pai, mas ela não precisava mais ter problemas com as desonestidades de Maddog.

De uma maneira ou outra, ela queria se libertar do jugo de Maddog. Instintivamente, ela entendia que ele iria destruir tudo e qualquer um que ficasse contra ele, pois não importava quem ele dizia ser, ele era um mentiroso e um ladrão — e pior, ele era um assassino também.

Ouvindo vozes, ela deixou cair à roupa e se escondeu debaixo do altar da capela-mor, segurando sua respiração para ver quem era.

Maddog. O patife. Mas ele não estava sozinho.

Ele estava com Lael.

Kenna franziu a testa enquanto os dois corriam pela nave, atravessando-a e então se desviaram para a parte norte, em direção ao portal oculto. Lael estava camuflada em peles e carregava um saco pequeno na mão dela.

"Você tem certeza de que seu amigo vai nos ver?"

"Não tenha medo, minha senhora," disse Maddog, liderando o caminho. "Ele pegou o dinheiro, sabendo que eu viria."

O resto Kenna não pode ouvir. Ela exalou uma respiração quando os dois abriram o portal e em seguida desapareceram nos túneis das masmorras.

Por um longo momento, Kenna mastigou seu lábio, pensando que, talvez, Lael fosse apenas meramente visitar seu amigo na prisão. Ela tinha um saco na mão. Talvez ela fosse dar as sobras da cozinha para Broc Ceannfhionn?

Maddog teria que arrastar Kenna, chutando e gritando se ele quisesse levá-la a qualquer lugar, mas Lael não estava sendo obrigada a segui-lo — não por força — então ela voltou a se preocupar com suas coisas para transportá-las para a despensa da cozinha, até que ela tivesse a chance de encontrar um lugar melhor, ao mesmo tempo pensando sobre as razões da visita secreta de Lael as masmorras.

Se ela estivesse usando Maddog para ver seu amigo não era da conta de Kenna. Lael não precisava dos conselhos de Kenna, afinal. O homem tinha quase enforcado Lael uma vez; ela devia saber que não podia confiar nele. Kenna ficou mais calma com esse fato, fechou os olhos, e uma vez na cozinha, ela começou a trabalhar esperando sua nova senhora retornar como ela achava que aconteceria.

(34) Kings List - lista de reis Picts; são documentos com as datas em que os reis reinaram. As diversas listas que ainda existem discordam no nome dos lugares bem como nos nomes dos reis e a duração de seus reinados.

CAPÍTULO 29



Surpreendido pela maneira como estava à cela de Broc, Lael parou e ficou olhando.

Enquanto ela o imaginava tremendo no frio, ele estava no máximo conforto, com tapeçarias para aquecer suas paredes e tapetes espalhados sob seus pés. Sua cama estava carregada de cobertores, mais até do que ela tinha, e ele tinha um fogo quentinho ao lado de uma mesa e uma cadeira para salvá-lo de ter que comer como um cão sobre o chão.

E o animal morto estava longe.

Havia apenas um homem que podia ter autorizado tudo isso — seu querido marido. Como Jaime podia ter permitido que ela acreditasse que Broc estava aqui na prisão sofrendo? Ele a tinha feito acreditar que a única salvação de Broc era Lael vender seu corpo para ele. *Diabhul*, ela tinha se trocado pela vida de um homem, e até certo ponto ela tinha procurado Jaime noite após noite na esperança de conseguir engravidar e então Broc Ceannfhionn poderia ser libertado do seu inferno.

Mentirosa, uma voz gritou dentro da sua cabeça.

Você se deitou com ele porque quis.

Algumas vezes, isso podia ser verdade, mas ela *tinha* acreditado que a vida de Broc estava em perigo. Ou ela *nunca* teria concordado em se casar com o demônio do Açougueiro!

Confusão vasculhava seus pensamentos.

"O que você está dizendo? Você não vem conosco?"

O guarda que os tinha cumprimentado entregou as chaves de cela de Broc para Lael. Broc olhou para as chaves e balançou a cabeça.

"Por quê?" Lael perguntou. Ela tinha o direito de saber. O que fazia um homem querer ficar numa jaula como um animal?

"Nós não temos muito tempo," suplicou a guarda.

Lael recusou-se a acreditar em uma palavra que Broc estava falando para ela.

Que homem iria escolher permanecer em uma cela quando ele podia ser livre? Até ela estava compelida a ir agora que a porta da gaiola dela estava aberta, porque, na verdade, ela não tinha voluntariamente escolhido este caminho. Ela tinha sido *forçada*, e ela certamente não era uma marionete! Ela tinha uma mente própria e se recusava a ser obrigada a fazer algo que ela não quisesse fazer. Ela brincava com as chaves com raiva, tentando inseri-la na fechadura, para obrigá-lo a deixar a cela.

Broc alcançou as grades e tomou as chaves das mãos dela.

"O que é que você está fazendo?"

Broc olhou para Maddog. "Eu não confio neste homem, e você também não deveria."

"Ele tem a espada, Broc," argumentou Lael. "O que quer que ele tenha feito, ele concordou em devolvê-la, por um preço. E ficaremos livres para ir embora!"

"Não. Eu mudei de idéia," Maddog disse, colocando um punhal na garganta de Lael. Ele puxou-a para longe das grades, sua lâmina

afiada pressionada contra sua pele.

Engolindo suavemente porque ele tinha colocado a lâmina muito perto da sua garganta, Lael lhe permitiu arrastá-la para longe das grades.

Assim, finalmente, Broc enfiou a chave na porta da cela.

"Uh uh," sustentou Maddog. Ela podia sentir que ele balançava a cabeça enquanto a arrastava de volta para o túnel escuro. Sua barba fétida se esfregava na bochecha dela. O ineficaz guarda corria à frente deles. "Fique na cela até que a gente esteja bem longe ou vou cortar a adorável garganta dela tão depressa que você vai escorregar no sangue dela enquanto saímos por aquela porta."

Broc puxou sua mão para longe das chaves. "Muito bem, eu vou com vocês," ele disse. "Eu pago o preço que você quiser se você libertá-la."

"Não," Maddog se recusou. "Eu posso vender a espada para outra pessoa — o rei por acaso?" Ele riu e a lâmina de seu punhal cortou a pele de Lael. Ela podia sentir seu próprio sangue escorrendo gota a gota pela sua pele. Ela não tinha nenhuma das suas facas, mas ela tinha o punhal que seu marido tinha lhe dado, colocada na sua cintura, escondida debaixo de seu manto. Se ela pudesse alcançá-lo agora...

"O Açougueiro jamais vai deixar você sair," Broc disse.

"Olhe e veja. A bruxa *dún* Scoti é todo o seguro que eu preciso."

Ele riu novamente enquanto arrastava Lael através do túnel, ao mesmo tempo avisando Broc aos gritos para não segui-los.

Ela não tinha nenhuma idéia como ele tinha obtido vantagem tão rapidamente. Eles saíram na floresta, onde dois homens esperavam por eles. Outro homem estava com o rosto deitado no chão, sangue saindo de algum ferimento.

"Meu marido vai encontrar você", ela jurou, sem parar para considerar se ela realmente esperava que isso acontecesse.

"Ele não conhece esta terra, mas nós conhecemos," Maddog assegurou para ela.

E eles tinham cavalos. A visão deles embrulhou sua barriga. "Vá," Maddog mandou.

Cercada como ela estava Lael foi forçada a obedecer. Ela subiu num cavalo cinza... enquanto um dos guardas segurou as rédeas para impedir que ela caísse. Em seguida, Maddog subiu atrás dela e colocou sua lâmina mais uma vez sob o queixo dela.

"Vamos," ele ordenou a seus homens.

Com os portões quase concluídos, Jaime procurou sua esposa, na esperança de roubar um beijo. Ainda havia muito trabalho a ser feito antes que a noite chegasse, mas temendo que a noite fosse longa, ele não queria ficar tanto tempo sem a companhia de sua esposa.

Ele perguntou primeiro nas cozinhas, onde Lael passava grande parte de seu tempo com as criadas. Ninguém tinha visto ela já fazia algum tempo, e ele demorou-se na soleira da porta, para ver as mulheres trabalharem, olhando para a jovem Kenna à distância. Ela estava fatiando um repolho um pouco nervosamente, e Jaime ficou preocupado pensando que ela poderia cortar seus dedos. Seu olhar continuou retornando a ele e então rapidamente ela parou de olhar para ele, como se temesse alguma coisa. Ele pensou que talvez fosse assim que as pessoas o tratariam por algum tempo, até que elas percebessem que ele não era o monstro que achavam que ele fosse.

Por sua vez, Kenna era uma jovem linda, e era muito fácil olhar para ela e acreditar que ela poderia ser sua irmã, porque havia vários traços em comum que ambos compartilhavam. Os olhos dela eram azuis e cheios de tormento.

Mas a Kenna que ele amava e tinha conhecido, esta estava morta — ela tinha sido assassinada por um homem em quem seu avô confiava — um homem, que ele sabia que uma vez tinha tido amizade com sua própria mãe. Na verdade, se ele bem se lembrava, foi Donnal MacLaren, que apresentou sua mãe para o homem com quem ela se casou após o pai de Jaime tê-la deixado com uma criança por nascer.

Esta Kenna usava um vestido diferente do que ela tinha usado no primeiro dia que ele a tinha visto e ele sabia que Lael tinha dado vestidos novos para as três criadas. E então lembrando que sua esposa tinha solicitado o uso do quarto adjacente ao deles, ele achou que soubesse onde ela deveria estar e deixou as criadas para continuar sua busca.

Primeiro ele espiou no quarto do *laird*, e encontrou-o vazio, então foi dar uma olhada no quarto ao lado. Mas ele também era vazio, exceto por uma estranha caixa em cima da cama.

Curioso sobre a caixa, Jaime foi até ela e abriu.

Estava cheia de curiosidades — dentes, pedras, pergaminhos. Ele levantou um pergaminho e desenrolou para encontrar nada além de rabiscos de uma criança. Salvo uma única palavra, talvez um nome — Kellen — o resto eram rabiscos incompreensíveis, embora claramente o rapaz estivesse tentando escrever uma carta. Ele colocou a carta da criança na caixa e quase foi embora, mas algo o fez ver o outro pergaminho. Ele levantou-o e desenrolou, lendo as palavras: *herdeiro de Keppenach, envio-te uma criança, Kenna...*

Sua respiração quase parou, e ele começou a ler a carta na íntegra:

Para Dougal MacLaren, herdeiro de Keppenach, Dunloppe e outras mansões menores, seu pai lhe cumprimenta.

Aqui e agora eu lhe entrego uma criança que atende pelo nome de Kenna. Ela vai lhe ser entregue por meio de Maddog, seu irmão bastardo. Como uma vez eu senti afeição pela mãe da criança, desejo que você a mantenha em segurança até meu retorno. E se eu falhar, você sendo meu único herdeiro e também seus filhos que vierem, rogo a vós, a tratar esta criança como parente, dando-lhe tudo que lhe é devido como uma filha do meu sangue.

Subscrito e selado neste dia 11 de setembro por mim, Donnal MacLaren, ancestral de Domnal mac Ailpín, irmão de Kenneth e laird de Keppenach, Dunloppe e outras mansões menores.

"Kenna," ele sussurrou, e quase como se ele tivesse invocado por ela, ela apareceu na porta, brincando com um pingente em uma corrente sobre o pescoço dela.

"Meu *laird*?"

O olhar de Jaime foi direto para o pingente, e seu coração quase pulou para fora do seu peito. Ele cruzou a sala e arrancou o colar de seu pescoço.

"Meu *laird*!" ela protestou. "Era da minha mãe!"

"Não é possível!" Jaime sussurrou. Ele tinha visto seu corpo carbonizado jogado no chão. *Uma criança. Queimada. Membros torcidos.* Os dedos dele voaram para sua têmpora, duvidando de sua sanidade. Isto poderia ser um sonho?

Ele olhou para a menina de pé diante dele. Seus olhos eram azuis de aço. O nariz dela... era parecido com o da irmã que ele se lembrava, mas ela era uma mulher crescida. A imagem do pingente na palma da sua mão estava fixada diante de seus olhos.

Três corações entrelaçadas e no centro um *thistle* florescendo — o símbolo de sua casa — uma casa que tinha sido abandonada por seu último filho restante.

Jaime abanou a cabeça, olhando nos olhos da sua irmã. "Eu conheço você," ele disse com os olhos ardendo. Ele engoliu seco.

"Sim, meu *laird*," ela disse, claramente confundindo-o. "Falei por Bowyn quando você o deixou ir. E por isto eu lhe agradeço, mas fora isso nós nunca nos falamos. Até agora. Eu vim até o senhor porque eu vi minha senhora indo para os túneis com um homem em quem ela não deveria confiar; eu o conheço muito bem."

Jaime abanou a cabeça, tentando limpar o cérebro enevoado e entender o que ela estava dizendo. Ele queria tanto abraçá-la e nunca deixá-la ir. "Você viu Lael descer até as prisões?"

Sua irmã estava viva. E não apenas viva, ela era uma mulher crescida, linda como uma rosa.

Ele queria saber tudo — quem a tinha trazido aqui? Como ela veio? Ela se lembrava de alguma coisa de quando ela era pequena? A última vez que Jaime tinha colocado os olhos nela, ela era apenas uma criança.

Kenna assentiu com a cabeça. "Sim, meu *laird*. Eu devia ter lhe contado quando você perguntou por ela na cozinha, embora eu não quisesse lhe causar qualquer aflição. Minha senhora prometeu vir e me mostrar como fazer um caldo, mas ela ainda não voltou."

Lael tinha ido aos túneis das masmorras.

Kenna estava viva.

Confuso a resposta inicial de Jaime foi raiva porque sua esposa o tinha desafiado, mesmo depois que ele tinha se atrevido a confiar nela. "Quem a levou até lá?"

"Maddog, meu *laird*."

"Maddog"?

Será que a garota percebia que ela estava falando contra seu próprio sangue?

A cabeça de Jaime voava em pensamentos. Que torcida do destino, porque a jovem em pé diante dele — depois de muitos anos — era sua irmã, a filha do homem que tinha roubado o seu patrimônio e que Jaime tinha queimado vivo por sua traição.

Será que Maddog sabia?

Não importava qual fosse a verdade, Maddog tinha auxiliado Lael a desobedecê-lo. Sua súbita explosão de fúria foi abrandada apenas pelo olhar de medo no rosto de Kenna. Mas ele, de repente, sentiu que algo estava terrivelmente errado.

Ele confiou o ferreiro para Maddog.

O ferreiro agora estava morto.

Ele olhou nos olhos azuis da irmã dele e sabia que era verdade; Lael estava em perigo.

Agora não era a hora certa para reuniões. Mais tarde ele contaria para Kenna a verdade. Iria dizer-lhe tudo. Mas agora não havia tempo. Ele pressionou o pingente nas mãos de Kenna e passou por ela, deixando-a sozinha no quarto e correndo escada abaixo.

CAPÍTULO 30



Embora os homens de MacKinnon se esforçassem para esconder sua fumaça, Aidan viu a fogueira muito antes de MacKinnon perceber que ele tinha chegado.

Não importava que Aidan tivesse chegado com apenas trinta homens, ele podia ter dispensado metade de seus homens e ainda assim ter abatido pelo menos um terço dos guerreiros, antes que alguém percebesse o que estava acontecendo. Mas Aidan aproximou-se com as mãos estendidas, longe de seu arco e de sua espada. Seus homens seguiam seu comendo, todos eles passando com as mãos levantadas no meio de um exército de mais de quatrocentos homens. Mesmo assim, Aidan sabia que eles faziam uma visão assustadora, pintados em pastel e envoltos em peles, parecendo como seus antepassados deveriam ter sido, fantasmas do passado da Escócia.

MacKinnon emergiu de sua tenda para recebê-los e atrás dele vinham mais homens que Aidan reconhecia, incluindo Gavin Mac Brodie, que tinha se casado com sua irmã Cat. Atrás de Gavin vinham seus dois irmãos, ambos sem retirar, nem por um instante, suas mãos dos punhos de suas armas assim que eles perceberam a quem iriam enfrentar.

"Salve, amigo, bem conhecido," MacKinnon disse em saudação.

Aidan desceu de sua égua. "Bem conhecido," ele concordou. "Mas eu não vim em paz, MacKinnon. Eu vim para libertar minha irmã Lael."

"E nós viemos por Broc," MacKinnon revelou. "Tardiamente, mas ainda assim aqui estamos, no entanto."

Aidan olhou o homem com repreensão. "Broc Ceannfhionn alegou que você lutaria ao lado dele, e você o deixou enfrentar o inimigo sozinho — junto com minha irmã."

O chefe teve a coragem de acenar, mas ele não estava concordando com Aidan. Eles tinham se encontrado uma vez antes e Aidan o tinha em alta consideração, mas ele estava irritado por eles terem compelido sua irmã a lutar sob falsos pretextos.

"Não podia ajudar," disse Gavin, dando um passo à frente. Com olhos azuis sagazes, o marido de sua irmã olhou para Aidan. "Eles estavam esperando por mim, e eu não podia deixá-los, enquanto minha mulher estivesse em trabalho de parto."

O coração de Aidan deu um salto. Traindo a si mesmo, sua mão voou no peito dele. "Minha irmã Cat lhe deu um bebê?"

Gavin acenou com a cabeça. "Um filho. O nome dele é Conall."

Aidan olhou para Gavin mac Brodie. "O nome de meu pai," ele disse, sufocado ao saber da notícia. Ele desejou ter uma cadeira. "E Cat — como ela está?"

Gavin sorriu. "Muito bem, na verdade, *bràthair-cèile*." *Cunhado*.

"Tão manhosa como sempre," Leith irmão de Gavin adicionou com um sorriso. "E o bebê tem os pulmões de um selvagem!"

"Filhos bastardos!" Aidan, exclamou, mas sem qualquer calor de suas palavras. Ele bateu no ombro de Gavin, momentaneamente distraído no que se referia a sua irmã Lael. *Ele agora tinha um sobrinho — um menino. Um filho de Cat!*

"Se não fosse pela criança, Cat teria insistido em vir junto," jurou Gavin. "Graças a Deus, para o rapaz! Assim sendo, tivemos que sair antes do nascer do sol para que Cat não despertasse e mudasse de opinião."

Aidan sorriu. Esta era a irmã dele, de verdade. Todos eles eram filhos do lobo, e ele nada tinha feito para mudar o temperamento de seus irmãos.

"Quanto a Lael," MacKinnon disse. "Eu lamento, Aidan, mas faremos tudo o que pudermos para devolvê-la para o seu vale."

Aidan assentiu com a cabeça e então bateu no ombro de MacKinnon também. Ele acenou para seus homens desmontarem. Ele acenou para Lachlann trazer o homem Kieran para frente em seu cavalo. Mãos atadas, o homem olhou no olho de cada um deles, um por um.

"Você tem homens mais do que o suficiente," Aidan tranquilizou MacKinnon ignorando a ira do Sassenach. "Mas temos o capitão do Açougueiro".

Forçada a andar na frente de Maddog que tinha uma faca em suas costas, Lael aguardava a hora para ela atacar.

Se houvesse uma mulher errada para sentir raiva, ela era essa mulher.

Eles cavalgaram ainda mais para dentro da floresta até ao pé de uma colina, parando para os cavalos beberem água em uma pequena lagoa do *Am Monadh Ruadh*.

Subindo de Inverness ⁽³⁵⁾ para o norte, Aberdeen (36) a leste e Dundee ⁽³⁷⁾ ao sul, os planaltos estavam sempre cobertos com neve mesmo em julho e agosto. Mas agora, eles estavam majestosos. Moldado por avalanches, tempestades e inundações, o excesso aprofundava os vales e penhascos enevoados e poderiam ser um inimigo amargo, se um homem tentasse domar a terra. Lael sabia

exatamente como fazer isso, mas ela duvidava que esses Sassernachs vadios soubessem o que isso significava. Vestida como ela estava, como uma senhora, ela pensou que talvez tivessem esquecido quem ela era.

Sou uma filha da velha Albion ⁽³⁸⁾, *uma irmã do vento e uma filha da floresta*, ela lembrou-se.

Rindo, Maddog empurrou-a para fora do cavalo assim que eles chegaram perto de uma parada. Lael quase foi pisoteada pelos cascos de seu cavalo, mas ela deu um pulo e rolou no chão para evitar. No entanto, ela bateu seu cotovelo em uma pedra e fechou os olhos por causa da dor excruciante.

Pela pedra sagrada e maldita, ela planejava ver Maddog morto antes que o dia acabasse!

Ela não disse nem uma palavra. Ela os deixou rir juntos enquanto estava deitada lá, rangendo os dentes de dor, e então ela se sentou, tentando massagear seu cotovelo.

Se apenas ela pudesse alcançar sua faca.

O olhar dela caiu para encontrar a faca revelada e ela rapidamente se deitou de volta para mantê-la fora da visão deles. Seu manto preso na sua sela e Maddog a empurrou, rindo. "Vadia incompetente," ele disse.

"Por que você não a deixa aqui?" um dos guardas perguntou.

"Por que. Se aquele maldito Açogueiro pensa em vir atrás de nós, eu vou cortar a garganta dela enquanto ele assiste."

"Ele pode não se importar."

"Droga, eu vi a maneira que ele olha para ela."

Lael franziu a testa. *Que maneira?* Ela não podia dizer. Ela tinha passado muito tempo brava com ele e tentando fugir. E então, mais tarde, ela estava com medo de olhar muito de perto para que ela não perdesse a vontade de ir embora.

Reposicionando-se para que a faca não ficasse visível, sentou-se, balançando seus pulsos. Pobres idiotas. Eles não percebiam como era fácil para ela se libertar do frágil sistema de retenção deles? Claramente, eles nem sabiam o suficiente de como amarrar as mãos de uma pessoa nas costas.

Mas, novamente, eles a estavam tratando como uma mulher, apesar do fato de que ela tinha matado mais de seus homens na primeira noite do que qualquer um dos seus companheiros. Enquanto os dois continuavam falando, ela continuou a contorcer os pulsos, afrouxando a corda cada vez mais. As cordas irritavam a carne dela, mas ela não se importava. Ela tinha sofrido muito pior dor com o cajado de Una. A velha sempre costumava a lhe bater na cabeça com ele. Ela sentia saudade da bruxa velha.

Pouco a pouco, ela soltou as amarras sem eles notarem, tendo o imenso prazer de tocar na ponta da lâmina de seu punhal mordendo sua coxa. O punhal era simplesmente um lembrete de que ela estava prestes a virar a mesa, e estes três tolos iriam lastimar este dia.

(35) Inverness - cidade na Escócia

(36) Aberdeen - cidade portuária no nordeste da Escócia

(37) Dundee - cidade na Escócia

(38) Albion - nome antigo dado a Bretanha pelos romanos

CAPÍTULO 31



De onde Lael estava sentada, ela ainda podia ver a torre de Keppenach, apesar de a colina engolir uma parte da muralha. Eles não tinham ido muito longe, mas em breve estariam fora do alcance de Jaime.

No entanto, seus captores claramente a subestimaram.

Um estava mijando perto de uma árvore. O outro removeu um cantil de sua sela e ficou bebendo do recipiente até que ele ficou completamente vazio. Ele apertou o frasco até a última gota e depois ele o encheu com água do riacho.

Maddog, por sua vez, tinha sido atraído pelo brilho prata sob a forma da espada que se encontrava presa em sua sela. Ele deslizou seu prêmio para fora para admirá-la sob o sol que se punha. Lael reconheceu a espada da *Righ Art*, com sua lâmina inscrita. Ele virou a espada do rei na sua mão e ela brilhou furiosamente. Sem dúvida se alguém estivesse procurando por eles poderia ver o brilho e enviar homens na mesma hora.

Que homens tolos.

Seu povo não teria sobrevivido tanto tempo no *Mounth* sem saber como se defender. Isto seria um jogo de criança, ela decidiu, e era melhor não demorar. Ela não tinha amor por derramamento de

sangue, apesar de sua afinidade com facas. Cada alma era sagrada, mesmo aquelas ligadas aos tolos. Que *Sluag* tivesse piedade por eles na próxima vida, porque agora ela não o teria.

Enquanto eles estavam ocupados sendo estúpidos, a ponta de seu punhal apareceu — e ela agradeceu a Deus pelo presente de seu marido — e serrou rapidamente uma das argolas. Percebendo que havia muito tempo, ela libertou as mãos dela e ficou de pé, xingando o vestido bobo que ficava balançando sobre os tornozelos dela. Eles ainda não tinham ouvido sua aproximação por causa do som do mijo e dos risos. Maddog, ele mesmo, ficou olhando a espada do rei, como se estivesse em transe, passando seus dedos gordurosos sobre a inscrição.

"*Cnuic ' is uillt ' is Ailpeinich,*" ele disse em voz alta.

Enquanto Lael ia em direção ao guarda ajoelhado perto do riacho, ela deslizou o punhal, e em seguida sem dizer uma palavra, mas com uma oração silenciosa de agradecimento para os olhos misericordiosos de *Cailleach*, ela cortou a garganta do homem enquanto ele ainda estava olhando para o riacho. Ela viu o pescoço dele se abrir no reflexo da água e seus olhos se abriram ainda mais. Ela era com a lâmina, ele não devia ter sofrido e então ela roubou seu machado e enfiou o corpo dele dentro de uma moita.

"Ei!" gritou o homem que estava mijando.

Essa foi a última palavra que ele jamais iria dizer. Lael arremessou o machado, bem no meio do peito dele. Suas próximas palavras vieram com um gorgolejo de sangue.

Finalmente, ela se virou para enfrentar Maddog.

Alertado pelos sons de seus homens morrendo, ele se virou para enfrentá-la, brandindo sua espada magnífica como se ele soubesse o que estava fazendo. Ele sorriu. "Ah, Lael... cadela *dún Scoti*! Que apropriado vai ser eu batizar a espada dos reis com o seu sangue."

Por um instante, ela pensou em provocá-lo com os documentos que ela havia encontrado — pena que ele nunca iria vê-los — mas a crueldade não era seu o caminho. Ainda assim, ela sorriu. “Ah, Maddog. Não é fácil levar a sério um homem, enquanto seu pau está balançando na brisa.”

Ele olhou para baixo para verificar debaixo de seu kilt e esse era todo o tempo que Lael precisava. Quando ele olhou para cima seu punhal já estava bem no meio dos seus olhos.

O olhar de surpresa no rosto dele teria sido divertido, se Lael pudesse encontrar um pouco de humor na morte de um homem. O simples fato de que tinha sido tão fácil, e ela tinha derrubado todos os três sem derramar um pinga de suor, apenas a deixou mais enjoada.

Maddog ainda estava segurando a espada do rei, mas ela escorregou de suas mãos e caiu no chão. E então seu corpo lentamente a seguiu, seus lábios ainda formando um *OH!* de surpresa. Assim que seu corpo caiu no chão, Lael foi até ele e chutou a espada para longe do corpo dele, depois ela arrancou seu punhal para fora de sua cabeça.

"Isso é meu", ela disse para ele, embora ele não mais pudesse ouvi-la. "Um presente do meu marido." E então ela pegou a espada do rei do chão que estava ao lado dele e deixou os três tolos para apodrecerem onde eles estavam. Os lobos poderiam tê-los, pois ela tinha outros assuntos para enfrentar!

Xingando sob sua respiração, ela escolheu o cavalo de Maddog, achando que ele devia ter escolhido o melhor de todos para si mesmo, e além do mais, nele já tinha um lugar para colocar a espada. Ela colocou a espada da *Righ Art* presa na sela, pensando em uma coisa só: o marido dela.

Por todos os deuses, ele responderia pelos termos do seu acordo. Lael estava furiosa — mais por causa dela mesmo por ter aceitado suas exigências tão facilmente. Ela tinha sido um pouco devassa, gemendo, todas as noites, com o seu toque. E enquanto isso Broc Ceannfhionn estava quentinho, conspirando com seu marido para inchar a barriga dela com um bebê.

A espada pertencia a ela agora, para fazer o que ela quisesse. Ela a tinha ganhado por mérito e não ia deixar qualquer homem tentar se aproveitar dela — incluindo Broc Ceannfhionn. Ela ia fazer Broc Ceannfhionn penar para conseguir sair da prisão e levar seu corpo gordo para sua esposa e para sua casa onde ele pertencia, nem que fosse a última coisa que ela fizesse na vida. Ela não arriscou sua vida — e a do seu clã — simplesmente para deixá-lo sentado de pernas cruzadas, assando os dedos dos pés no braseiro da cela.

O irmão dela a tinha renegado. Ela quase foi enforcada. Ela tinha passado muito tempo presa, e então ela voluntariamente abriu as pernas para um *Sassenach* filha da puta — e pior, ela tinha *gostado!* O pior de tudo é que ela suspeitava que *amasse* o demônio do *Açougueiro!*

Foi o suficiente para azedar sua barriga — especialmente porque ela queria matá-lo agora, apenas para fazer troça da sua rendição. Submissão não vinha facilmente para Lael. Nem ela desejava considerar o fato de que agora ela seria forçada a deixá-lo para sempre. Como ela poderia ousar voltar para um homem cujo dever era seu rei e não o seu povo? Não foi assim que Lael tinha sido criada. Seu povo se importava um com o outro, recusando forasteiros com a finalidade de defender os seus. A terra era a soberana, e por esse motivo seu irmão jamais se intitularia rei de seu clã.

Lael estava montando no cavalo de Maddog quando ela ouviu uma voz que ela reconheceu e na mesma hora congelou.

"Brincando com suas facas, Lael? Quantas vezes eu te avisei para ter cuidado com as suas lâminas para não mutilar alguém ou algo pior?"

Sua garganta se apertou dolorosamente, ela virou-se para enfrentar o homem que tinha falado, morta de medo que ela tivesse apenas imaginado. "Aidan!" ela gritou.

Mas ele não era nenhum espectro. Seu irmão estava sentado, alto e orgulhoso, em sua égua branca, seu cabelo preto, assim como o dela, se derramando sobre os ombros cheios de peles. Seu rosto familiar estava pintado com *woad*. Atrás dele estavam cinquenta homens ou mais.

Os olhos verdes brilhantes de Aidan suspeitosamente brilhavam quando ele desceu de sua sela e Lael correu com os braços estendidos para cumprimentá-lo.

Na hora do crepúsculo, eles estavam no meio do reparo do portão.

Das muralhas, Jaime espiava as cabeças dos quase quinhentos homens como pontos contra um horizonte salpicado de neve. Eles estavam totalmente vulneráveis. Ele tinha achado que MacKinnon não viria até a primavera, mas ele tinha achado errado. Qualquer número de soldados poderia atravessar os portões... e ele tinha um punhado de arqueiros para detê-los. E agora que o pior tinha sido realizado e MacKinnon finalmente tinha chegado, ele já não tinha sua esposa para negociar...

MAS ELE TINHA BROCC CEANNFHIONN.

E isto lhe deu alguma esperança.

Ele ordenou que o gigante loiro fosse trazido para as muralhas, metade com a intenção de entregar Keppenach e a guarnição para Broc Ceannfhionn para que ele pudesse ficar no lugar de sua esposa desaparecida.

Para o inferno com aspirações! Ao inferno em guardar a parte norte para David! Agora nada importava, a não ser uma jovem com cabelo preto e olhos verdes brilhantes.

Jaime estava vinculado por juramento em permanecer e lutar e sujeito as leis do homem para soltar Lael. Mesmo se ela tivesse seguido o acordo deles, a própria lei desta terra lhe fornecia os meios lícitos para escapar de um casamento indesejado — por ordem ou não do rei. Lael, mais do que a maioria das mulheres, era uma lady com vontade própria, e ela não o queria. Isto estava claro.

Depois de tudo que foi dito e feito, na primeira oportunidade ela fugiu — voluntariamente. E apesar de Broc ter se recusado a ir junto, ela não hesitou em fugir. Esse simples fato tinha massacrado o coração de Jaime, embora ele não pudesse culpar a jovem, porque ela tinha sido forçada a esta união desde o início. Ninguém tinha lhe dado uma escolha, e assim que ela teve uma, ela optou por deixá-lo.

Mas *ele a amava*, isso Jaime sabia muito bem.

Loucamente. Irrracionalmente. Incondicionalmente.

Era a única explicação para a dor gigantesca que estava arrasando seu peito. Ele daria tudo para tê-la em seus braços. *Tudo*. Seu maldito rei e seu país também!

E ainda assim o dilema que ele enfrentava agora não tinha nada a ver em arrastar sua esposa de volta contra a sua vontade. Maddog tinha colocado uma faca contra sua garganta, desenhando sangue no chão. Broc viu o sangue deslizando pela garganta dela. Então ele deixou-os ir e então se libertou de sua cela, e ao invés de ir atrás deles sozinho, veio correndo para a torre para buscar Jaime. Agora,

Jaime tinha que escolher... ficar e lutar por Keppenach, como lhe foi ordenado fazer... ou salvar sua esposa.

Naquele instante, ele tomou uma decisão.

"Venha comigo," ele falou para Broc.

Lael pegou a espada de Ian MacKinnon. "Não, você não vai ficar com ela! Eu não preciso de ninguém para tomar conta dela por mim. Eu mesma tomo conta!" ela insistiu, e então foi em direção ao cavalo que ela tinha confiscado de Maddog.

Aidan apenas encolheu os ombros quando MacKinnon deu-lhe um olhar interrogativo.

"Agora eu entendo de quem Cat puxou seu temperamento," Gavin Mac Brodie comentou. Ele fez uma careta retorcida.

Aidan riu. Assim como os irmãos de Brodie.

Só Cameron MacKinnon não estava se divertindo. "A espada pertence à Broc," ele disse.

Aidan deu ao rapaz um olhar duvidoso e um aceno na direção da irmã furiosa. "Você acha que pode tirá-la dela?"

Cameron olhou para Lael, que estava preparando seu cavalo. O único sangue que tinha nela era uma marca longa e fina ao longo do seu pescoço e uma mancha na saia dela, onde ela tinha limpado a lâmina. Ela tinha derrubado os três homens com pouco esforço. Eles viram a cena quando ela empurrou a lâmina na testa de Maddog, limpando-a na saia dela. Cameron a viu colocando a espada do rei em sua bainha e olhou de volta para os homens com seus olhos verdes em chama.

Cameron balançou a cabeça em resposta à pergunta do Aidan.

Todos os homens explodiram em risos.

"*Haud yer wheesht!*" Lael comandou, lançando um olhar para trás, e os montes e os vales ficaram em silêncio. Parecia que as bocas dos quinhentos homens se calaram ao invés de encarar a ira

da moça de cabelos negros. Ela montou em seu cavalo. "*Montem em seus cavalos,*" ela ordenou a todos. "Temos assuntos a tratar"!

Quatro homens partiram dos portões de Keppenach — Jaime na dianteira e Broc Ceannfhionn entre dois guardas. No momento, os portões não podiam ficar protegidos, mas esse era o menor dos problemas de Jaime. Com três homens e aquele que deveria ser seu prisioneiro, ele ia enfrentar quinhentos homens.

Em silêncio, eles cavalgavam com as mãos em suas armas. Mas quando eles chegaram perto, Jaime sentiu uma inesperada sensação de alívio. Uma mulher cavalgava a frente do exército de MacKinnon — mas não era uma mulher qualquer.

Lael.

Camuflada em suas peles e equipada com lâminas que cintilavam como jóias sob o sol poente, ela sentava-se orgulhosamente em cima de um cavalo cinza, aguardando a abordagem de Jaime como as antigas rainhas pagãs.

Lael estava viva.

De alguma forma livre dos seus algozes.

Tudo o que pudesse acontecer agora, Jaime estaria em paz por saber que sua esposa não estava mais em perigo.

Por trás de Lael, cavalgava o *laird* MacKinnon com a sua bandeira escocesa balançando num vento cortante. Flanqueando-a em ambos os lados estavam Piers de Montgomerie e os homens de mac Brodie. Por trás de todos eles, a bandeira dos MacLean voava alta, e ao lado dela, seu o irmão andava sem qualquer bandeira. Jaime reconheceu-o, só porque ele podia ser gêmeo de Lael. Além de Montgomerie, que era dono da terra graças a David, os *lairds* que estavam na frente dele tinham sangue nobre e tão antigo como os *aurochs* que uma vez habitaram esta terra. Destemido, ele se aproximou com seu mísero grupo de quatro.

"*Tha i cho co-olcach,*" Broc disse sob sua respiração. *Ela está zangada.*

De algum lugar na sua memória, Jaime compreendeu as palavras em gaélico, e ele podia espiar no rosto dela. Os olhos dela lanceavam o dele como punhais.

Você é um maldito escocês. Agora você se recorda como ser um.

Tha e na Albannach gu a shàilean, sua mãe costumava dizer. *Ele era um escocês até o último dos seus ossos.* Agora era à hora de provar.

Sua esposa estava magnífica — uma jóia brilhante sob o crepúsculo. A respiração do mundo tinha parado no momento que Jaime viu sua noiva assustadora. Ele tinha uma escolha... abraçar tudo o que ela era, tudo o que ele também era... e abraçar estes homens como parentes.

Isso é como ele iria servir a seu rei e a si próprio.

"Cuir claidheamh ann do truaille!" Jaime exigiu de sua esposa. "Tha èigh sìth!" Guarde sua espada! Eu declaro a paz!

Se ela ficou surpreendida pelo seu comando na língua dos escoceses ela não demonstrou. O olhar dela foi direto para Broc Ceannfhionn.

"Paz!" ela zombou. "Por que meios?" Ela o desafiou, voltando seu olhar ardente para ele. "Com o retorno dos prisioneiros para as suas prisões? Não, *meu marido laird.*" As palavras dela eram cheias de escárnio. Ela empurrou sua espada para o alto — a espada que Broc tinha falado para ele — um tesouro da Escócia que poucos homens já tinham visto.

"Eu segurar a espada da *Rìgh Art,*" ela proclamou. "Eu a troco por Broc Ceannfhionn!"

Brilhando sob os últimos raios de sol, ela segurou a espada dos reis para o alto, a lâmina consagrada de Kenneth MacAilpín. Mas

Jaime não acreditava em profecias. Nem ele acreditava que uma pedra sentada debaixo do rabo do rei, ou um brilhante metal poderia sufocar uma nação rebelde. Só os corações dos homens poderiam fazer uma coisa dessas.

Jaime olhou para Broc e deu-lhe um aceno. O gigante loiro hesitou um instante, como se ele quisesse ter certeza, e então ele estimulou sua montaria para frente, passando por Jaime, na direção do seu povo.

"Você pode ficar com a espada," Jaime falou para sua esposa, seu olhar inflexível direto para Lael. "Só volte para mim minha esposa!"

Um murmúrio explodiu no ar de dezembro.

Como se compreendesse de uma vez que não era mais uma disputa entre nações, mas uma entre marido e mulher, toda a comitiva de Lael, se afastou como um manto rasgado dos ombros de uma rainha.

Lael olhou surpresa, claramente confusa.

As palavras de Jaime pairavam como flocos de geada no ar.

Mesmo quando ela começou a entender, Lael achou que não podia ter esperança. Até seu irmão foi para trás com seu cavalo, deixando-a sozinha na linha da frente.

O coração dela martelava em seus ouvidos... quando ela se virou para ver Broc Ceannfhionn atravessar as linhas, o coração dela batendo mais forte. Seu marido não fez nenhuma tentativa de detê-lo. O gigante loiro simplesmente cavalgava no meio deles, deixando o marido mais vulnerável do que ele jamais poderia estar.

Ela estava rodeada por cerca de quinhentos homens, e Jaime parecia pequeno e indefeso contra a multidão. Sua espada permaneceu embainhada. Ele estava sentado em seu corcel negro, com dois homens, um de cada lado. Nem espadas eles tinham, e o

portão atrás deles estava bem aberto. Ela podia espionar as pessoas de Keppenach, observando-os. Mas os olhos do marido estavam apenas fixados nela... *nela e ninguém mais...* E os olhos de todos os outros também, ela percebeu de repente, então ela virou para olhar para seus parentes.

Seu irmão acenou com a cabeça apenas uma vez, e o coração dela deu uma sacudidela.

Ah, tão facilmente, ele ia deixar Broc ficar livre?

Broc olhou para ela enquanto se movia para perto dos seus homens, seus olhos azuis falando alto, e uma vez que ele se aproximou bem perto de Lael, ele disse, "Dê ao homem essa maldita espada. Eu não a quero."

"Não!" Lael argumentou e içou a espada teimosamente no ar. "Você *deve* escolher!" ela gritou para o *laird* de Keppenach — o homem que tomou esta terra pela força. Agora que ele sabia o que ela segurava, ele tinha o dever de devolver a espada ao seu rei odioso. Mas ela não podia ficar com um homem cujo dever e lealdade não eram para a sua família. No final, se um homem não lutava por aqueles que ele amava... por quem diabos ele estava lutando? "A espada dos reis *ou* eu?" Lael persistiu, levantando o queixo dela, endurecendo o coração dela contra sua escolha.

Só a cara do marido partiu o coração dela — orgulhoso e bonito. Ele não fez nenhum movimento para pegar a espada. E só então ela reconheceu o que ele estava usando.

Ele udava a manta xadrez do clã da mãe dele. Sua respiração parou. Seu coração acelerou. Seus olhos brilhavam.

Ele falou. "Meu amor é minha esposa e minha esposa é meu amor", ele declarou para todos ouvirem. E então ele ordenou para ela, "devolva a espada para Broc Ceannfhionn. Não tenho a pretensão de reivindicá-la para o meu rei!"

Atordoada, Lael derrubou a espada — uma jóia da Escócia que retirou as palavras da sua boca. O olhar dela viajou pelo comprimento do *claidheamh-mor*, a grande espada que uma vez tinha sido erguida pelos reis da Escócia. Ela jogou-a no chão cheio de neve e desmontou da égua.

O marido dela fez o mesmo. Sem palavras, ele pulou de sua sela e subiu o morro correndo, sua capa ondulando magnificamente atrás dele.

Eles se alcançaram, juntos em um abraço, lágrimas transbordando nos olhos de Lael. Ela levantou seu olhar marejado para o marido e disse para todos ouvirem, "*Tha mo ghion ort!*"

Eu te amo de todo coração!

"Diga que você vai ficar," ele implorou.

"Toda a minha vida," ela prometeu, e prontamente virou o rosto e vomitou pelo dos seus pés...

EPÍLOGO

Ela estava grávida — *novamente*.

Jaime percebeu isso antes de Lael.

Soltando a filha de um ano em um braço, sua esposa estava por perto, ouvindo Catriona ensinar sua irmã Kenna como tecer palha corretamente para um telhado, quando ela de repente parou e vomitou aos pés de sua irmã Catriona.

"Lael!" Catriona exclamou, mas então ela se inclinou para a irmã com um olhar de preocupação. "Você está doente?"

Ao lado dele, Aidan deu um olhar para Jaime, enquanto sua filha de três anos e o filho de Catriona que tinha quase a mesma idade, os dois gritaram com prazer por causa do vômito. Os dois jovens primos carimbaram seus pés com alegria, como se fosse a coisa mais engraçada que eles já tinham visto.

Lili, também, parecia compreender o que significava. A esposa de Aidan olhou em volta por cima do ombro, lançando um olhar significativo para Jaime.

"Ah!" Aidan queixou-se. "Você em breve vai ter um *Sassenach* pirralho, rastejando por todo o meu vale."

Jaime deu um sorriso para seu cunhado. Embora houvesse uma pequena verdade nas palavras dele, porque ele ainda via Jaime em

parte como um *Sassenach* forasteiro, Jaime percebeu que ele na verdade não queria ofender. Ele acariciou o ombro do irmão de sua mulher, como se para consolá-lo. "Não tenha medo, meu amigo. Todos eles terão suas raparigas, se depender de mim."

Broc deu-lhe uma cotovelada nas costelas. "Sim? E quando foi a última vez que você teve voz ativa, *Sassenach*?"

Aqueles que estavam perto riram e Jaime apenas balançou a cabeça dele enquanto ele voltava a admirar o trabalho de um dia duro, juntamente com os sete chefes dos clãs nobres — o *dún* Scoti, que não precisava nenhum outro nome, o MacLean, Montgomerie, Brodie, o MacKinnon e o último dos clãs McNaught e MacEanraig.

Há mais de três meses, os clãs vinham trabalhando incansavelmente para juntos reconstruírem Dunloppe melhor do que era antes. Enquanto nem todos os clãs tinham jurado fidelidade a David mac Maíl Chaluim, cada um tinha prometido honrar o sangue antes de terra e a terra perante o rei, e agora para eles era um laço de sangue.

Gavin mac Brodie que tinha casado com Catriona, a filha de MacLean se casou com Leith mac Brodie, Broc estava casado com uma prima da esposa de Montgomerie e conhecida carinhosamente por Mad Meghan, que antes era uma Brodie. E agora, a julgar pelos olhares amorosos que Cameron MacKinnon lançava para a irmã mais nova de Lael, Cailin, Cameron logo estaria de joelhos... se de alguma forma ele pudesse conseguir convencer um Aidan duvidoso de que ele era digno desta honra.

Ao longo da parede norte, o rapaz continuou a trabalhar ao lado de Keane, enquanto o jovem filho de Lili entregava-lhe pedras, seu corpo se esticando por causa do esforço. O resto dos homens tinha ido para casa, para ficar com suas esposas, enquanto as crianças embriagavam-se nos campos com a fragrância das urzes.

Por milhas através de toda a charneca as urzes pintavam a paisagem com uma cor roxa gloriosa, menos num pequeno pedaço branco perto da torre da masmorra. Como a lenda, a urze branca era extraordinariamente rara e alguns alegavam que as flores brancas cresciam apenas onde o sangue não tinha afetado a terra há alguns anos. Outros argumentavam que os raminhos só cresciam onde as fadas deitavam para repousar. Seja qual fosse o caso, Broc tinha certeza que era um bom presságio, e Jaime tomou isso como um sinal de que a terra tinha sido renovada.

A vida era boa, a difícil paz tinha triunfado.

Dunloppe agora pertencia a Broc Ceannfhionn — assinado, selado e entregue por um emissário, mais cedo no dia de hoje, pela graça de David mac Maíl Chaluim.

PARA JAIME, havia certa catarse neste evento, porque diante dele, a poucos passos de distância, sentava-se a irmã que ele acreditava estar morta.

No dia que ele voltou com sua esposa — um homem casado e muito feliz — ele tinha revelado a jovem o que ele sabia. Ela tinha chorado, apesar dela ter alegado que de alguma forma ela sabia, embora não ousasse ter esperança. A vida dela até Jaime encontrá-la tinha sido difícil, e ela ainda tinha cicatrizes dos abusos que tinha sofrido. No entanto, com o amor dele e de Lael, todos os dias ele via Kenna florescer na mulher que era para ela ser.

Kenna encontrou seu olhar por um instante e seus olhos azuis cintilaram com alegria. Ele se perguntou se ela também se sentia renovada por ele ter passado Dunloppe para Broc.

Aqui, há dezesseis anos passados, ele a deixou para morrer. Agora ela tinha dezenove anos com uma beleza tão rara como a urze

branca. Suas tranças de cobre onduladas brilhavam sob o sol da tarde e sua pele era beijada pelo sol. Ela, como Dunloppe, crescia mais magnífica a cada dia que passava.

Quanto a Dunloppe... Jaime virou-se para admirá-lo.

Erguendo-se como uma fênix do pó da terra, a torre de Dunloppe era construída de madeira, mas o muro, uma vez concluído, iria ser totalmente de pedra.

Mas isso já não era o seu legado. Embora ele mantivesse o nome do pai, ele agora se intitulava como o Senhor de Keppenach, herdeiro do falecido, mas não tão grande Duncan McNaught. Ele agora era conhecido como James Steorling McNaught, enquanto sua irmã Kenna abandonou o nome MacLaren inteiramente e era saudado como apenas McNaught. E sua linda e teimosa esposa não usava *nenhum* dos nomes além do seu nome de nascimento: Lael — *simplesmente Lael*.

Com um sorriso persistente, ele viu a filha de Aidan Ria seguir atrás de sua tia indomável.

Mais uma vez, de onde ela estava sentada trabalhando sua palha, sua irmã olhou para ele e sorriu docemente, buscando sua aprovação, e Jaime sentiu um sentido de família, de estar junto e ser amado. Ele jurou neste instante que ainda ia ver Kenna muito feliz e bem casada, com uma família própria. E quando sua esposa encontrou seu olhar, ele quase caiu de joelhos na frente dela, porque com a espirituosa noiva *dún* Scoti ele tinha encontrado sua religião.

Juntos eles construiriam um legado para seus herdeiros.

"Dunloppe é tudo o que eu esperava e muito mais," disse Broc, com uma nota de temor na voz. De pé com os ombros queimados do sol, os dois homens estavam maravilhados com o trabalho que tinham conseguido juntos. "Eu não sei como te agradecer, Jaime."

Jaime sorriu. Lançou um olhar amoroso sobre sua bela esposa, imaginando sua barriga inchando com seus filhos e os beijos que ele logo iria derramar sobre ela. A filha que ela segurava em seus braços era a sua própria imagem, com cabelo preto e olhos verdes que brilhavam como jóias. E agora ela lhe daria outra jóia preciosa: *menino ou menina?* Ele meditou. "Você já me agradeceu," ele disse a seu amigo. "Você me trouxe a minha mulher."

DICIONÁRIO GAÉLICO

Fornecido para um melhor conhecimento sobre a cultura Celta. (As palavras em gaélico aparecem no livro original escrito na língua inglesa e algumas palavras nesta edição em português.)

Am Monadh Ruadh: Cairngorms, literalmente as colinas vermelhas, distinguindo-as da ***Am Monadh Liath***, as Colinas cinzentas.

Aurochs: gado selvagem, atualmente extinto

Bean sith (banshee): demônio ou diabo (feminino) da morte (personagem folclórico irlandês)

Ben: nome dado na Escócia a uma montanha alta ou o pico de uma montanha

Breacan: abreviação de breacan-um-feileadh, ou grande kilt

Brollachans: fantasma

Corries: montanhas, ou colinas

Crannóg: uma antiga habitação de madeira usada como casa, construída sobre a água de um lago ou pântano na Escócia

Dwale: bebida feita de beladona, muitas vezes usada como anestesia

Keek stane: uma pedra mágica ou uma bola de cristal

Loch: lago

Quintain: equipamento para treinamento usado para justas, muitas vezes no formato de uma pessoa

Reiver: invasor na fronteira Escócia-Inglaterra

Scotia: Escócia, também conhecida como Alba

Sluag: Deus do submundo

Targe: escudo circular usado para defesa

The Mounth: cadeia de montanhas no extremo sul de Strathdee no nordeste da Escócia

Trews: calças de tartan (tartan: um pano de lã tecido com listras de diferentes cores e larguras, usado principalmente pelos Highlanders escoceses, cada clã, tendo sua própria manta distintiva.)

Uisge-beatha: uísque, literalmente significa água da vida

Vin aigre: vinagre ou vinho azedo

Woad: corante azul extraído da planta woad

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby fizeram parte de inúmeras listas de best-sellers, incluindo a dos jornais The New York Times e USA Today. Mais conhecida por escrever histórias carregadas com emoção e humor e preenchidas por personagens imperfeitos, seus romances têm conquistado elogios de leitores e de

críticos. Ela mora com o marido, dois cães e dois gatos temperamentais na parte norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:

 @tanyaannecrosby

 tanyaannecrosby

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com